ARILDA INES MIRANDA RIBEIRO

A educação feminina

DURANTE O SÉCULO XIX

O COLÉGIO FLORENCE DE CAMPINAS 1863 -1889

CMU
PUBLICAÇÕES
2ª edição

A educação Feminina

DURANTE O SÉCULO XIX

UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

REITOR
JOSÉ TADEU JORGE

COORDENADOR-GERAL DA UNIVERSIDADE
FERNANDO FERREIRA COSTA

COORDENADOR DA COCEN
JORGE RUBEN BITON TAPIA

CENTRO DE MEMÓRIA-UNICAMP

DIRETORA
OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON

DIRETOR ASSOCIADO
MARCOS S. QUEIROZ

COORDENADORA DE PUBLICAÇÕES
ZULA GARCIA GIGLIO

COORDENADOR EDITORIAL
CARLOS ROBERTO LAMARI

CONSELHO CIENTÍFICO
ANDRÉ MUNHOZ DE ARGOLLO FERRÃO – ANTÔNIO AUGUSTO FERREIRA – AMARILDO BATISTA CARNICEL – FERNANDO ANTÔNIO ABRAHÃO – HELOÍSA HELENA VIEIRA DA ROCHA – LEILA MEZAN ALGRANTI – MARCOS DE SOUZA QUEIROZ – MARCOS TOGNON – MIRDZA CRISTINE SICHMANN – OLGA RODRIGUES DE MORAES VON SIMSON – PAULO FRANCHETTI – ROSANA BAENINGER – ROSAELENA SCARPELINE – SÉRGIO EDUARDO MONTES CASTANHO – SÉRGIO SABOYA ARRUDA – SÔNIA FARDIM – ZULA GARCIA GIGLIO

ARILDA INES MIRANDA RIBEIRO

A educação feminina
DURANTE O SÉCULO XIX

O COLÉGIO FLORENCE DE CAMPINAS 1863 -1889

COLEÇÃO CAMPINIANA
4
CAMPINAS
CMU PUBLICAÇÕES
2ª edição
2006

Copyright@by Arilda Ines Miranda Ribeiro, 1996 Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Centro de Memória - UNICAMP

R354e

Ribeiro, Arilda Inês Miranda.
A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889 / Arilda Inês Miranda Ribeiro. – 2. ed. – Campinas, SP: UNICAMP/ CMU, 2006.
p. : il. – (Coleção Campiniana; 4).

1. Educação feminina – Campinas (SP) – Séc. XIX. 2. Professores - Campinas (SP) – Séc. XIX. 3. Alemanha – Migração – Aspectos sociológicos - Séc. XIX. I. Título.

CDD – 376.98161

ISBN 85-85562-28-5

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação feminina – Campinas (SP) – Séc. XIX	376.98161
2. Professores – Campinas (SP) – Séc. XIX	370.98161
3. Alemanha – Migração – Aspectos sociológicos – Séc. XIX	325.3

Ilustração da capa: *Montagem com imagens de Carolina Krug Florence, Hércules Florence e desenho do Colégio Florence com vista de uma plantação de café, feita por Hércules Florence* (Coleções Hércules Florence e Cyrilo Hércules Florence).

Capa
LAM
Produção Editorial
Arte Escrita
Coordenação Editorial
CMU–Publicações

A cultura como o amor, é a única coisa que só cresce na medida em que vai sendo compartilhada
(Javier Perez de Cuellar)

Ao meu pai Ary Escobar Ribeiro e minha mãe Eliza Miranda Ribeiro

Dedico esse trabalho

Agradecimentos

Ao prof. dr. José Luís Sanfelice, pela confiança e amizade, não poupando esforço, dedicação e sobretudo palavras de encorajamento na orientação desse trabalho.

À profa. dra. Gilberta M. S. Jannuzzi, amiga e ex-orientadora por sua preocupação, valiosas sugestões e o entusiasmo contagiante pela História da Educação.

Ao pessoal de casa: aos manos Elisa, Cida e Geraldinho, aos cunhados Gigi, Marião e Denise e aos "subras" Clayton (Zé), Letícia, Julinha e Giovanna pela paciência e o estímulo durante todo o processo de elaboração.

Um abraço especialmente carinhoso a Ana Maria da Costa Santos Menin, amiga e companheira de casa, viagens e trabalho, leitora e revisora dos primeiros textos, por ter acreditado que valeria dar mais um passo, seguir em frente, não recuar...

As queridas e sempre amigas Angela M. C. Araújo, Carol, Dorinha, Lili, Rég, Cristina, Conceição, Flora e ao Luís Paulo, aqueles que acompanharam e compartilharam angústias e ansiedades típicas de quem faz tese.

Agradeço especialmente a Leila E. Florence de Moraes, por me acolher em sua casa em S. Paulo, ceder inúmeras manhãs e tardes na coleta e tradução criteriosa da farta documentação de sua família. Pela amizade que nasceu do respeito e admiração à sua pessoa.

À profa. dra. Maria do Rosário M. Magnani, pela correção criteriosa e crítica ao trabalho e a Ana Maria Félix, pela arte fotográfica da Coleção C. H. Florence.

Aos colegas, professores e funcionários da unicamp especialmente a Sandra, Sueli, Marina e "à turma" da Nadir (Unicamp) e da UNESP - Campus Presidente Prudente, à Sueli e Nair.

Ao Centro de Memória da Unicamp, através do prof. dr. Roberto do Amaral Lapa, historiador cuidadoso sobre a cidade de Campinas. Agradeço a seus funcionários, em especial a Beth e Eliane, bibliotecárias e ao Carlos Roberto Lamari, empreendedor desse trabalho.

Ao Núcleo de Estudos de Gênero Pagú, UNICAMP pelo incentivo. Ao Arquivo Edgar Leuenroth, pelos microfilmes dos jornais e a utilização de suas leitoras. Também a Sra. Maria Luisa, do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

Agradeço ao CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - que me auxiliou financeiramente durante o doutoramento e ao FAEP - Fundo de Assistência ao Ensino e a Pesquisa, da Unicamp, com os recursos financeiros disponíveis.

Agradecimentos à Segunda Edição:

O ressurgimento de um livro em uma nova publicação não é tarefa fácil, sobretudo em uma universidade pública brasileira, onde os recursos são sempre escassos.

Esse trabalho deveu-se ao incentivo de algumas pessoas que foram inseridas recentemente na minha vida, a elas o meu agradecimento sincero:

Ao pessoal de casa incluo Sílvia e Camila e ao querido Matheus, meu sobrinho-neto-afilhado. Uma especial lembrança ao seu avô Gigi (*in memorian*).

À Carol Cavalcanti, que trouxe significados novos para a minha vida e a deixou mais leve. Sempre estamos juntas em propósitos parecidos diante da história, do cinema e da educação. Saiba que é muito bom tê-la por perto.

As queridas amigas Eneida de Paula e Cecília Festa, companhias do meu cotidiano em Campinas, que me fazem dar muitas risadas, brincar e ser feliz.

Aos grandes amigos da cidade de Presidente Prudente, companheiros das horas boas e más.

À memória do Professor Lapa, a quem agradeço a inserção desse trabalho na *Coleção Campiniana*. Saudades das suas cartas à máquina.

À Professora Olga Rodrigues de Moraes Von Simson, minha interlocutora no pós-doutoramento no Centro de Memória no ano de 2004. Minha admiração e respeito pelo trabalho que tens realizado na área de Memória e História Oral.

Ao Carlos Lamari, meu editor, que assim como eu, acreditou nessa empreitada do relançamento de um livro sobre aspectos da Memória Histórica da Educação Campineira.

Finalmente gostaria de agradecer a Família Florence pelo elo que foi firmado entre nós. Iniciado pela amizade por Leila Florence de Moraes, seguido pelas conversas de incentivo de Dona Elvira Florence e pela empatia imediata às idéias de Antonio Francisco, legítimo Florence, apaixonado pela história de sua família e pelo desejo de dar visibilidade aos feitos do fantástico Hércules Florence.

A todos que contribuíram para essa nova edição, muito obrigada!

Guilherme A. Florence
Stella Florence
Odila Mota Florence
Filipe Florence Rios
Maria Angélica de Souza M. Florence
Hércules Machado Florence
Amador B. Lobo Florence
Antonio Francisco Alvares Florence
Francisco Henrique Plateo D'Alvares Florence Filho
Maria Laura Florence
José Carvalho Florence
Henrique Plateo Florence
Francisco Florence Neto
Silvia Florence Franco

Sumário

INTRODUÇÃO 11
ANTECEDENTES HISTÓRICOS DO COLÉGIO FLORENCE 17
Imigração Alemã: influências educacionais e culturais 22
A lavoura de café como fator de desenvolvimento da cidade de Campinas 30
A fundação do Colégio Florence 39
COLÉGIO FLORENCE: ASPECTOS FORMAIS E INFORMAIS DA EDUCAÇÃO 55
Os primeiros colégios em Campinas 64
A pedagogia adotada no Colégio Florence 67
Programas de disciplinas 90
Considerações preliminares 103
O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO FLORENCE 111
Professores do Colégio Florence 114
Padre Vieira 116
Theodoro Jahn 116
Emílio Henking 117
Campos da Paz 118
Francisco Caldeira 119
Rangel Pestana 119
Julio Ribeiro 121
Miguel Alves Feitosa 123
João Kopke 125
Elnilio Giorgetti 131
Hércules Florence 133
Amador Bueno Machado Florence 136
Henrique Florence 137
Augusta e Isabel Florence 137
Paulo, Guilherme, Jorge e Ataliba 139
Anna Krug Kupfer e suas filhas 141
Armelina Lamaneres 142
Leonor Gomes 143
Outros professores 143
Novas considerações preliminares 145
Remuneração dos docentes 147
Os criados 148
AS DISCENTES DO COLÉGIO FLORENCE 153
Procedência das alunas 156
Dificuldades com professoras e alunas 163
Despesas do Colégio com alunas 168
Relacionamento das alunas na instituição 173
Alunas notórias 176
Maria Monteiro 181
Atividades artísticas e culturais 185
A MUDANÇA DO COLÉGIO FLORENCE PARA JUNDIAÍ E SEUS DESDOBRAMENTOS POSTERIORES 193
A transferência do Colégio Florence para Jundiaí 197
Falecimento de Carolina Florence 203
Desdobramento do Colégio Florence 204
O ressurgimento do Colégio Florence na Capital 205
CONSIDERAÇÕES FINAIS 209
BIBLIOGRAFIA 219
CONSIDERAÇÕES Prof. Dr. José R. A. Lapa (in memoriam) 231

Introdução

O presente trabalho surgiu dos resultados apresentados na minha dissertação de mestrado, defendida em 1987, *A Educação da Mulher no Brasil-Colônia*. Esta tratava de resgatar a gênese do processo educativo feminino brasileiro.

A conclusão daquela pesquisa, no que se refere à Educação formal feminina, indicou que apenas algumas mulheres das famílias abastadas tiveram acesso à instrução e, sempre limitadas nos espaços dos conventos que as alfabetizavam apenas para obterem o acesso aos livros de rezas.

Dessa forma, ao perceber que no período do Brasil - Colônia não se impunham as condições necessárias à implementação da Educação para as mulheres, resolvi dar continuidade à pesquisa no período do II Império Brasileiro, visto que no I Império o país possuía características muito semelhantes àquelas analisadas no período anterior.

Delimitado o período histórico, escolhi o local da pesquisa. Nesse sentido, a cidade de Campinas foi privilegiada, considerando o fato de que foi, no período analisado, uma das regiões culturalmente mais desenvolvida do país.

A opção pelo estudo da Educação Feminina no Colégio Florence definiu-se através do critério que envolvia o tempo de permanência durante o Império Brasileiro. Sendo um dos primeiros a ser fundado no II Império, ao contrário dos seus contemporâneos, permaneceu vinte e cinco anos em Campinas.

Na Província de São Paulo, a partir de 1860, há notícias da criação de diversos colégios secundários destinados à educação feminina: todos fundados por particulares. A literatura educacional entretanto, continua com a ausência de estudos que evidenciam a importância que os mesmos exerceram na historiografia educacional brasileira.

Ao analisar o Colégio Florence, analisei a vida de sua fundadora, Carolina Florence, pois os colégios particulares possuíam, implícitamente, a pedagogia de seus fundadores.

Este trabalho pretende ser relevante na medida em que resgata a história de uma instituição destinada às mulheres da Província de São Paulo e, dessa forma, busca recuperar aspectos relativos à educação feminina.

Por se tratar, o Colégio Florence, de uma instituição particular e muito antiga, o resgate da documentação foi, quase na sua totalidade, realizada por persistência e sorte em encontrar a documentação preservada.

As leis protegeram a ausência de documentação pois, os estabelecimentos de ensino, fundados pela iniciativa privada, eram dispensados de enviarem relatórios sobre a situação dos mesmos.

Com dificuldades em encontrar dados nos documentos relativos aos aspectos legais, restaram como fontes alternativas os jornais publicados na época. *A Gazeta de Campinas* e *O Diário de Campinas* foram pesquisados minuciosamente em microfilmes, observando-se o cotidiano das publicações. Todas as indicações referentes a temas como: Educação, Mulheres, Carolina e o Colégio Florence durante o período de 1870 a 1892 foram transcritas, catalogadas e finalmente doadas ao Centro de Memória da Unicamp.

Na análise, as diversas seções (editorial, noticiários, particulares, anúncios) foram vistas ponderadamente, isto porque os jornais não eram absolutamente "isentos" e "neutros" na maneira como publicavam as notícias. Estavam essas, de alguma maneira, associadas à postura política adotada pelos jornais. Por outro lado, as notícias trazem "pistas" que indicam outras interpretações ligadas ao contexto social da época podendo evidenciar o seu imaginário coletivo.

Como afirma Schwartz, que também utilizou a imprensa para observar as representações do negro nos jornais do século XIX, *"a partir de um só artigo é possível apreender dimensões diversas, diferentes imagens que nos falam sobre a condição negra nesse momento"*. (SCHWARTZ, 1987, p. 14). O mesmo pode se dar com relação à educação das mulheres. A comparação, possível de ser feita entre alguns periódicos, constitui-se na forma de

evidenciá-los como segmentos da sociedade que produziam, refletiam e representavam.

As cartas e diários têm um papel fundamental neste trabalho. Eles complementam as notícias encontradas nos jornais e nos livros de historiadores sobre o período.

A intimidade que essa documentação contém, possibilita o resgate da riqueza das representações sobre o que ocorria no cotidiano do II Império. As impressões, às vezes, falam muito mais do que os documentos oficiais, pois trazem embutido o descomprometimento com a esfera pública. São assim, portanto, fiéis a significados afetivos e à pura expressão subjetiva do que ocorria na época.

Se por um lado o conteúdo enaltece os chamados atributos femininos, como a suavidade, a dependência, a fraqueza e a passividade, de outro denota um discurso diferenciado em relação à mulher. *"Quando a louvação de um autor masculino se refere a ações femininas, muitas vezes trazem implícitas as idéias de que existem algumas mulheres diferentes do que consideram que a mulher deva ser"*. (*Fundação Carlos Chagas,* 1987, p. 41).

Importante também a ressaltar é que, através dos jornais, das cartas e dos diários, tem-se a possibilidade de reunir as mesmas informações a respeito de um fato, dentro da esfera pública e privada. O interessante, nesse caso, é somar as informações das diferentes fontes e cruzá-las a fim de obter resultados satisfatórios. Na medida do possível, já que é um exercício bastante complexo, tentou-se a sua realização neste trabalho. De qualquer forma, a riqueza dessas fontes primárias por si só constitui a maior contribuição que esta pesquisa resgatou. Através delas, o leitor poderá "viajar" pelo tempo e vislumbrar situações relativas ao século passado.

Nesse sentido, mantive as citações na sua grafia original para reforçar as diferenças gramaticais que também constituem um resgate histórico.

O acesso às cartas e diários, assim como notas fiscais, livros de contabilidade do colégio, etc., foi conseguido por intermédio dos descendentes dos fundadores da instituição, especificamente através da sra. Leila Evangelina Florence de Moraes, bisneta de Hércules e Carolina Florence.

O trabalho, em pauta, foi realizado em sua residência,

na capital, em visitas periódicas. De posse de um gravador, as cartas eram lidas, traduzidas pela sra. Florence de Moraes e selecionadas para a transcrição. Privilegiei nas cartas e diários as mesmas questões relativas aos jornais: mulheres, educação, Carolina e o Colégio Florence.

As fitas de um total de 150 cartas gravadas foram transcritas em Campinas, catalogadas, e também doadas ao Centro de Memória da Unicamp, para pesquisas posteriores. Junto às cartas, anexei toda a documentação sobre a cidade de Campinas e o Colégio Florence, entre eles, os almanaques.

Este texto, resultado final das pesquisas, está organizado em 5 capítulos.

No primeiro capítulo, há um resgate dos antecedentes históricos do Colégio Florence. Para tanto, retomei à origem da fundadora da instituição, sua teia de relações afetivas e profissionais. Introduzi o contexto histórico da cidade de Campinas, bem como a formação e o entrelaçamento das famílias. Tratei também da fundação do Colégio Florence.

No segundo, trabalhei os aspectos formais e informais da educação feminina no Colégio Florence de Campinas. Foi necessário resgatar a concepção da educação feminina durante o período do II Império e uma síntese dos primeiros colégios em Campinas. Procurei também resgatar a pedagogia adotada na instituição, através das influências de Carolina Florence e outros docentes. Introduzi os programas das disciplinas e das festividades realizadas anualmente, bem como articulei uma reflexão em torno dessas atividades.

No terceiro capítulo, relacionei os professores que mais se destacaram na instituição, suas atividades e os reflexos posteriores, do Colégio Florence, nas suas carreiras de educadores. Cito a participação dos familiares de Carolina Florence e a importância de suas atuações. Encerro o capítulo, tratando do pagamento dos salários dos professores.

No quarto capítulo, procurei recuperar a procedência das alunas que frequentaram o Colégio Florence e as dificuldades que viviam: doenças, afastamentos, despesas que a instituição enfrentava, entre outros. Citei também as alunas que tiveram notoriedade e as atividades culturais e artísticas desenvolvidas por elas.

No quinto e último capítulo, tratei dos motivos da retirada do Colégio Florence da cidade de Campinas para a cidade de jundiaí, o falecimento de Carolina Florence e os desdobramentos posteriores do Colégio Florence.

Finalmente, escrevi as considerações que julguei procedentes.

Antecedentes históricos do Colégio Florence

Ó meu Deus, esclarecei meu espírito, elevai minha alma, mostrai o verdadeiro caminho de sabedoria e bondade. (...) (Oração rezada no Colégio Florence. Carta de Carolina Florence Mayer)

O Colégio Florence foi fundado em Campinas em 3 de novembro de 1863, por uma imigrante alemã de nome Carolina Krug Florence.

Por ser de origem teuta e ter qualificativos profissionais que a diferenciavam da maior parte daqueles, que como ela, fundaram instituições destinadas à instrução, achei que registrar sua origem seria um fator positivo para a compreensão do Colégio Florence. (FLORENCE, 1974).

Assim, acredito ser importante recuperar sua trajetória educacional na Alemanha, a fim de que sirva de subsídio para a compreensão de sua experiência pedagógica, bem como do êxito da instituição por ela criada.

Os dados a respeito de sua vida foram coletados por descendentes e registrados no Álbum que a Prefeitura Municipal de Campinas confeccionou em função da comemoração aos 200 anos de fundação da cidade. Apresento-os, a fim de preservar as informações.

Carolina Krug (Caroline Mary Catherine) nasceu em 21 de março de 1828 no sul da Alemanha, numa cidade denominada Cassel, próxima a Floresta Negra. Filha de um fabricante de mosaicos artesanais de madeira, João Henrique Krug e Elizabeth Debus Krug, iniciou seus estudos com a idade de seis anos em uma escola dirigida por três irmãs. Freqüentou também a Escola Ruppel até os quatorze anos e fez com essa idade a primeira comunhão. (Florence, 1974)

Concluídos os estudos médios, Carolina Krug freqüentou curso superior dirigido por um Pastor de nome Jatho, dedicando-se principalmente às disciplinas: História Universal e Literatura. Nessa época, em seu interesse pelo estudo, sobressaía a vontade de dar continuidade ao que aprendera até en-

Foto: Ana Maria Félix (Coleção Cyrillo Hércules Florence)

A educadora Carolina Krug Florence

tão. No entanto, Cassel não oferecia condições suficientes para seu desenvolvimento pedagógico. Assim, seus pais resolveram enviá-la à Suíça, ao Instituto de Madame Niederer, esposa de um antigo colaborador e amigo de Pestalozzi, já considerado, na época, um grande pedagogo moderno.

É interessante observar que seu deslocamento para outra região implicava em atitude de coragem e persistência, considerando que a viagem era muito difícil, devido aos meios primitivos de transporte, mesmo na Alemanha. Outro fato que chama a atenção se refere ao desprendimento dos pais em confiar a travessia de uma filha, mulher, muito jovem ainda, para tão longe e sozinha.

Todo o trajeto foi feito em diligência, exceto uma pequena parte, de Frankfurt sobre-o-Meno até Manhein, um dos poucos pontos que naquele momento possuía estrada de ferro. Hospedou-se em várias cidades onde seus pais tinham conhecidos, até que finalmente chegou ao Instituto de Madame Niederer. Este situava-se num dos arredores de Genebra, chamado La Servette.

Neste estabelecimento, Carolina Krug teve a oportunidade de conhecer melhor o método de Pestalozzi e também vivenciá -lo na prática. Pela descrição de uma de suas antigas colegas de internato, percebe-se que havia respeito e dedicação tanto da diretora do Instituto em relação às alunas, como destas entre si. Em uma carta enviada por uma amiga que estudou com Carolina naquele estabelecimento é possível verificar o grau de afetividade e reconhecimento pelo trabalho pedagógico realizado por Madame Niederer:

> Carolina ...
> Agradeço toda a bondade e toda a amizade que você manifestou durante minha última estadia junto a Madame Niederer. Aqueles dias que tive a felicidade de passar com ela deram-me um novo impulso, para seguir com coragem a cadeira de educadora. *Tenho novamente sido testemunha de sua bondade a todas as suas alunas, do interesse que dedica a cada uma delas, dos cuidados que ela toma para bem dirigir a educação destas* (grifo meu). (Carta de Suzete Kaesseler para Carolina Florence, em francês, Coleção Cyrillo Hercules Florence. Genebra, 9/1/1847).

A preocupação com a educação transcendia os ensinamentos de conteúdos nas disciplinas. Havia por parte da direção deste estabelecimento o desejo de que as educandas aprendessem a se comportar na sociedade e a respeitar o outro como companheiro de conhecimentos. Infelizmente Madame Niederer, que tinha confiado à Carolina Krug a redação de sua correspondência particular, cedeu a Madame Broglua et Flaction seu instituto, na primavera de 1847. O instituto mudou-se para uma casa situada perto de um lago, chamado Deux Paquis. Após a sua retirada desse instituto, Carolina manteve com esta senhora, que se ocupava exclusivamente do ensino, correspondência por alguns anos. Na troca destas missivas é possível verificar que a jovem aluna teve êxitos nos estudos, preparando-se para a sua carreira de docente.

Em carta de Madame Flaction enviada à mãe de Carolina Krug, ainda quando esta residia no instituto, é possível verificar o desenvolvimento que Carolina Krug obteve tanto nas disciplinas lecionadas como na formação do seu caráter:

> M. Elizabeth Krug,
> ... eu fico feliz em poder vos dizer madame que Caroline fez grandes progressos naquilo que estuda, e principalmente na língua francesa, desenho etc. Nós só podemos lhe dar, para além das qualidades sólidas de seu cárater, a segurança que sobretudo entre nós ela está perfeitamente preparada de completar com sucesso (...) a vocação para a qual ela se prepara. (Carta de M. Fraction para Elizabeth Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence. Genebra, 21/8/1847).

Nessa carta, a educadora coloca para a mãe da aluna seu desejo de que Carolina Krug partisse para Colônia ou Prússia, para lá iniciar sua carreira.

Entretanto, a ligação com a família trouxe-a de volta à cidade natal de Cassel, em 1848. Durante algum tempo trabalhou como professora em uma casa de família, na propriedade campestre de Holstein. Deu aula para moças durante um ano e ao fim deste aconselhou aos pais de suas alunas que as matriculassem em um colégio onde, em companhia de outras colegas, encontrariam mais estímulo para o estudo. Esse conselho foi aceito e as meninas entraram no colégio em Altona,

cuja diretora, Mlle. Biernatriski, achou-as tão adiantadas que indagou sobre a pessoa que as ensinava. Informada a esse respeito, a diretora ofereceu um lugar a Carolina Krug, que lecionou nesse Instituto durante três anos.

As observações sobre o que tinha aprendido e o que ensinava era dividido com as antigas companheiras de internato. Através da correspondência com Berth, por exemplo, podemos observar que as matérias que as alunas do Instituto aprendiam eram tidas como avançadas, em uma época em que as mulheres conquistavam lentamente o direito de assimilar conhecimentos científicos. Assim, Berth menciona que continuava a tomar, com grande interesse as lições que Carolina conhecia tão bem, como astronomia com M. Wartalltmann ou as comédias que M. Perret as fazia interpretar. (Carta de Berth I para Carolina Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence. Genebra, 19/3/1848).

Ainda em 1850, Carolina Krug continuava mantendo correspondência com M. Broillat. Nessa época, sua antiga diretora do Instituto Suíço, agora casada (o sobrenome foi substituído por Breittonager) lhe escrevia sobre o papel de educadora, da necessidade do aprimoramento intelectual e fundamentalmente sobre as potencialidades de sua antiga discípula, elogiando-a no domínio do francês:

> Cara Caroline,
> ... estou bem contente minha cara criança, por você se encontrar bem no estabelecimento Biernatriski. A vida é tão difícil para todos nos tempos em que vivemos que é preciso contentar-se com o seu trabalho. Entretanto minha cara pequena não negligencie de sonhar com o futuro e não se descuide dos conhecimentos. Veja, não se é sempre jovem e as forças se esvaem muito rápido na carreira de professor. Eu vos asseguro: você é melhor professora para ensinar nossa língua (o francês) que a maior parte dos nossos compatriotas. Nós temos é que escrever muitos trabalhos e sobretudo ler bons autores, é assim que se forma o estilo. (Carta de M. Broillat para Carolina Krug, em francês, Coleção Cyrillo Hércules Florence. Genebra, 27/7/1850).

Quando M. Biernatriski resolveu retirar-se do magistério, ofereceu a Carolina Krug o seu Instituto. Essa ponderou

o convite e recusou-o por se achar ainda muito jovem para assumir esse cargo, ao que a diretora lhe respondeu: *Isso é um defeito que se vai remediando com o tempo.*

Nessa mesma ocasião, os pais de Carolina desejavam reunir-se ao filho mais velho, Jorge Krug estabelecido como farmacêutico no Brasil, na cidade de Campinas desde 1846, e que nessa época já havia adquirido fortuna razoável na América, participando da vida social e política campineira. Ele exerceu, por muito tempo, em toda a Província de São Paulo, o cargo de Vice-Cônsul da Suíça. Maçon (grau 33), de tendência liberal, ajudou a fundar estabelecimentos de ensino na cidade de Campinas. Entre eles, o Colégio Culto à Ciência para o sexo masculino, a Escola Alemã para filhos e filhas de descendentes germânicos e o Colégio Florence, para o sexo feminino. Assim como sua irmã Carolina, Jorge Krug dedicava-se com afinco às causas da educação. (*A Província de S. Paulo,* 3/1875).

Imigração alemã: Influências educacionais e culturais

Em conseqüência dos fortes laços familiares, Carolina Krug se juntou ao restante da família e embarcaram para o Brasil em setembro de 1852. Saindo de Hamburgo em um navio à vela, pois nesse tempo não havia ainda navios a vapor para o Brasil. Levaram dois meses na travessia.

Aliás, muitos alemães emigram para o Brasil nessa época. A causa dessa emigração se deve a diversos fatores. Muitos abandonam a cultura germânica em plena mudança para a industrialização, outros por causa dessa mudança. Boa parte da emigração germânica é composta de citadinos. Era uma forma de prevenir ou modificar situações econômicas indesejáveis pois, com a industrialização, havia o medo da proletarização.

O pai de Carolina, João Henrique Krug, por exemplo, pertencia à classe média. Era artífice, possuía um estabelecimento que produzia mosaicos de madeira, trabalho muito apreciado na Alemanha, *sendo que muitos assoalhos, em vários castelos, são ainda admirados como verdadeiro primor de arte.* (grifos meus). (FLORENCE, 1974).

Seria, porém, como cita Willens, um erro considerar questões econômicas ou administrativas como únicos motivos de emigração, pois *freqüentemente não eram os mais pobres que emigravam, e a emigração continuava mesmo quando a situação do país já se havia tornado favorável, mais favorável às vezes, do que a situação do país de emigração.* (WILLENS, 1980, p. 34).

No caso dos Krug, além do desejo de encontrar uma terra propícia à implantação de suas realizações no campo profissional, havia a vontade de unirem-se ao filho e irmão mais velho, que certamente lhes contava das oportunidades que surgiam no novo continente, principalmente em Campinas, onde o desenvolvimento parecia mais acentuado[1].

Tschudi, viajante que esteve no Brasil na década de 60, descreveria as razões da mudança dos Krug para o Brasil por razões políticas:

> Em Campinas, hospedei-me na casa do farmacêutico dr. Georg Krug, pois esta cidade, de grande movimento e indiscútivel importância, uma das maiores da Província, não possuía sequer um hotel. O pai do sr. Krug emigrara da Alemanha, devido à triste situação política do Ducado eleitoral de Hessen-Kassel, onde exercia, na cidade de Kassel, a profissão de marceneiro, que lhe dera grande fama, como artífice hábil e competente. Cometera, entretanto, o grave crime de abrigar idéias demasiado liberais, o que lhe valeu ser forçado a abandonar a pátria, ele e sua família. Veio para o Brasil e fixou residência em Campinas. Seu filho mais velho estabeleceu-se com uma farmácia e o mais jovem exercia, com muita habilidade, a profissão paterna. (TSCHUDI, 1954, p. 58).

O relato que se segue abaixo deixa claro que essa família, diferentemente dos imigrantes contratados pelo regime de parceria, recebeu uma acolhida condizente com a classe a que pertenciam. Os amigos de Jorge Krug foram-lhes muito hospitaleiros:

> Chegando ao Rio de Janeiro, os viajantes deixaram o veleiro, seguindo para Santos em um vapôr costeiro de nacionalidade brasileira, depois de se terem demorado alguns dias em casa de uma família, à qual tinham sido recomendados. Nes-

> se pôrto foram recebidos pela família Batista, amiga do filho mais velho Jorge Krug, onde os recém chegados tiveram a ocasião de conhecer e apreciar uma grande e sincera hospitalidade, virtude característica dos brasileiros, hospitalidade da qual gozaram durante 15 dias, no fim dos quais, tendo chegado a condução de Campinas, os viajantes seguiram para essa cidade, todos a cavalo, com exceção da mãe de Carolina, já idosa, que fêz a viagem de bangué. Em São Paulo a família parou, a fim de descansar em casa do sr. Gérard, amigo de Jorge Krug. Justo três meses depois da partida de Hamburgo, tendo a viagem de mar durado 9 semanas, aos 18 de Dezembro de 1852 a família Krug chegava a Campinas. O trajeto de Santos durara 4 dias. Uma légua antes de chegarem na cidade, vieram-lhe ao encontro vários cavaleiros. Eram amigos de Jorge Krug o qual privado durante tantos anos de seus velhos pais e dos seus irmãos, vinha agora ao encontro destes... (FLORENCE, 1974).

Além de Carolina Krug, vieram com os pais seus irmãos: Francisco, Guilherme, Henrique Krug e Anna Krug (posteriomente Anna Kupfer).

Francisco Krug, como seu pai, aprendera a arte da marcenaria e trazia, além da experiência na arte do entalhe na madeira, conhecimentos políticos, econômicos e sociais que o tornaram figura de destaque na sociedade campineira. No decorrer do trabalho, retomarei a sua atuação nos diversos setores da sociedade mencionada.

Sua irmã, Anna Krug, também era professora. Não se sabe ao certo seu grau de especialização. Entretanto, em seu diário, relata que teve aulas com uma preceptora alemã na cidade de Limeira e que nessa mesma época ensinava às crianças:

> Frau Gê era muito boa senhora, tinha a fim de aumentar a renda de seu marido, fundado um internato, uma pensão onde parte das filhas do país como também estranhos recebiam instrução. Éramos internacionais. *Durante o dia ensinava o ABC aos pequenos, porém a noite era a minha vez.* (grifo meu). E ainda hoje lembro com alegria nas belas horas nas quais Frau Gê ensinava com prazer. Muitas vezes durava até meia noite, mas não nos causava cansaço. Línguas estrangeiras me davam muito prazer. Frau Gê sabia ligar a isso História e Geografia e hoje estou muito agradecida por isso. Aqui quero apenas lembrar o quanto considero importante o estudo de línguas estranhas. Não é apenas o traduzir das palavras, não. É porque com isso você adquire facilmente grande parte cultural dos valores de respectivo povo. (KUPFER, s.d.).

Mais tarde ela conheceu o dr. Otto Kupfer, amigo de seu irmão, com quem casou-se e viveu parte da sua vida na cidade de Campinas e na Alemanha. Deu aulas por um período no Colégio Florence, assim como suas duas filhas[2]. É possível observar que todos os Krug emigraram com um certo grau de erudição, profissões definidas, podendo ser considerados representantes da classe média alemã. Nesse caso, de acordo com Willens:

> O imigrante citadino representa classes sociais bem diversas. Não apenas proletários, mas também pequenos e médios burgueses que fogem à proletarização iminente, representantes da burguesia intelectualizada e liberal que se envolvem em lutas políticas; enfim, quase todas as classes sociais, ainda que em proporções desiguais, fornecem seus contigentes e imigrantes, contribuindo assim para a heterogeneidade cultural daqueles que tencionaram radicar-se no Brasil. (WILLENS, 1980, p. 31).

Outro fato que os distinguia dos nacionais, além da questão erudita ou a qualificação profissional diz respeito à forma como esses emigrantes encaravam a escravidão no Brasil. Quando se estabeleceram em Campinas, no final de 1852, todo o trabalho manual era realizado por escravos, fato que foi relatado nos seguintes termos:

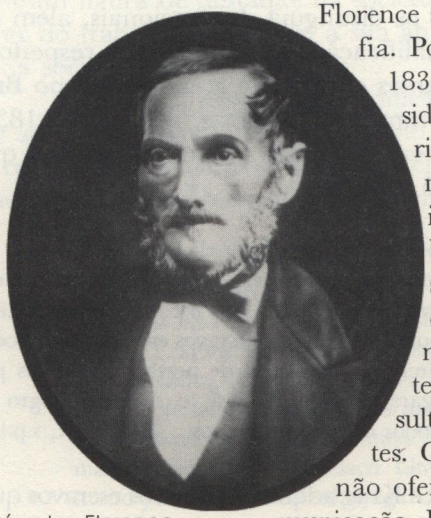
> Os criados brancos não existiam naquela época no Brasil. As famílias (dos colonos) tinham necessidades de suas filhas em suas casas. *Embora a contra-gosto dos meus* (grifo meu) teve meu irmão de comprar um casal de escravos em Itú e sem poder conhecer certas circunstâncias mais de perto. Estas duas pobres criaturas chegaram, o marido José, cozinheiro, negro de boa índole como todos os outros escravos... (KUPFER, s.p.).

Posteriormente, os Krug adquiriram outros escravos que, com o passar do tempo e da oferta de criados brancos, foram

vendidos ou alforriados, provavelmente em função do aumento de oferta de trabalhadores livres. Nos jornais *A Gazeta de Campinas* e no *Diário de Campinas* encontrei menções a esses atos, na década de 80, tanto por parte dos Krug como da família dos Florences[3]. É também nessa mesma época que surgem anúncios de moças alemãs à procura de emprego doméstico[4].

Estabelecidos em Campinas e procurando amoldar-se à Cultura Brasileira sem deixar de manter a Germânica, a família Krug foi adaptando-se paulatinamente. Dois anos mais tarde, em 1854, Carolina Krug casou-se com Hércules Florence, também amigo de seu irmão mais velho.

Hércules Florence era francês, nascido em Nice em 1804. Inteligente e culto, foi o primeiro estrangeiro a fixar residência em Campinas. (DUARTE, p. 140). Participante da Expedição do Barão de Langsdorf, do Tietê ao Amazonas, entre 1825 a 1829, escreveu um livro sobre a viagem, além de farta documentação iconográfica, reproduzindo aspectos da selva brasileira[5]. Foi também responsável por inventos importantes, como a Zoofonia "estudo sobre o canto dos animais"[6], a Poligrafia, o papel inimitável (para cédulas monetárias e notas de bancos - inventos relativos à impressão) e o principal de todos: *a fotografia.* Ainda hoje é desconhecido por muitos o fato de Hércules Florence ser o inventor da fotografia. Porém consta que fez em 1832, dois anos após estar residindo em Campinas, experiências pioneiras com a câmara escura e a fixação de imagens, cuja glória coube, em 1839 a Daguerre, seu compatriota. Isso porque Hércules Florence não deu divulgação em tempo oportuno dos seus resultados obtidos seis anos antes. Campinas, naquela época, não oferecia meios fáceis de comunicação. E assim:



Coleção Hércules Florence

Hércules Florence

> tendo conhecimento dos resultados das experiências de Daguerre, encerrou suas atividades nesse campo. No entanto, a palavra *fotografia* lhe pertence. Obteve-a com a colaboração de Joaquim Correa de Mello, o Joaquinzinho da Botica como era conhecido. Ao aconselhá-lo a formar a palavra, utilizou-se de elementos do grego e a usar nitrato de prata em suas experiências. (*Correio Popular,* 9/11/1978)[7].

Casou-se em primeiras núpcias com Maria Angélica Machado Florence em 4 de janeiro de 1830, logo após seu retorno da expedição Langsdorf. À convite do sogro, Francisco Alvares Machado Vasconcellos, homem público de influência em Campinas, estabeleceu-se nessa cidade.

Com sua primeira esposa viveu vinte anos e teve treze filhos[8]. Muitos infelizmente faleceram, sendo que o que ocupou papel de maior destaque, tanto na política como na educação, foi Amador Bueno Machado Florence. Professor e homem público, participou da fundação do Colégio destinado à educação de meninos, o "Culto à Ciência" e foi presidente da Câmara Municipal de Campinas durante o período do Império. (SILVEIRA, 1968, p. 143).

Hércules Florence, para além de suas qualidades de desenhista, escritor, inventor, também era comerciante e fazendeiro em Campinas. Proprietário da Fazenda *Soledade* e posteriormente de outra de bom porte, foi, juntamente com outros fazendeiros de café, um dos primeiros a introduzir a vinda para Campinas dos primeiros colonos, através do sistema de parceria.

Não bastasse sua atuação no campo econômico e social, participou também das questões políticas através da sua tipografia ou *autografia,* a primeira instalada em Campinas. (MARIANO, p. 21). Com ela, coube-lhe imprimir e dirigir o órgão da Revolução de 1842, encabeçada em território paulista, pelo brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar:

> ... folha de duração efêmera, quatro ou cinco números se tanto, preparada e distribuída em Sorocaba e imediações, em meio aos curtos, mas febricitantes episódios do levante, que Caxias abafou em São Paulo e Minas. O jornal da revolução denominava-se *O Paulista.* (SILVEIRA, 1968, p. 143).

Dezesseis anos depois, Hércules Florence vendeu a tipografia aos irmãos João e Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, e nela se imprimiu o primeiro jornal, a *Aurora Campineira*, no ano de 1858.

Em 1854, com cinqüenta anos de idade, viúvo há quatro anos e morando nos arredores da cidade de Campinas com seus filhos, alguns ainda pequenos, Hércules Florence sentiu-se atraído pela possibilidade de casar-se novamente com uma jovem de vinte e quatro anos, culta e disposta a criar seus filhos dentro de uma educação fundamentada nas modernas teorias pedagógicas européias. Era Carolina Krug, que também oferecia uma certa ascensão social à sua família, como ele mesmo relataria a sua mãe, em carta de apresentação de sua nova esposa:

> Minha mãe,
> Eu vos escrevi uma vez que eu me casaria novamente, mas que não deveria ser logo. No dia quatro de janeiro do ano corrente eu me casei com Mlle. Caroline Krug, irmã de meu amigo Jorge Krug, farmacêutico estabelecido há oito anos em Campinas. Ela chegou de Cassel, com seu pai sua mãe e seus irmãos e irmã, e eu fui absorvido por suas qualidades, seu talento e suas maneiras distintas. Tendo feito sua educação durante três anos em um Instituto de jovens moças em Genebra, ela adquiriu um perfeito conhecimento de Francês. Ela sabe a história, a geografia, os elementos de matemática, a pintura e a música. Todas as ocupações de seu sexo. Ela saiu do instituto e foi ser professora em Altona, na Suíça-Holstein. *Seu objetivo era de se ocupar do ensino e soube aproveitar disso em alto grau.* (grifo meu). (Carta de Hércules Florence para sua mãe residente em Nice, em francês. Campinas, 10/6/1854).

Com relação à situação dos seus filhos perante a sociedade campineira, Hércules reconhece que o casamento com Carolina Krug favoreceu a ascensão que esses tiveram, após o casamento:

> Meus filhos são tão bons para mim e minha esposa e minha escolha parece ter sido feliz. Eles tem verdadeira afeição por sua segunda mãe. A condição dela na sociedade os fez ganhar, pois antes eles viviam no abandono, quase sem relacionamento social e hoje a minha casa é freqüentada por toda a boa gente da sociedade da cidade. (Carta de Hércules Florence para sua mãe residente em Nice. Em francês. Campinas, 10/6/1854.)

O casamento de um homem maduro, de mentalidade e temperamento incomuns, com uma mulher dotada de muitos qualificativos resultou em uma relação de igualdade entre os parceiros, ao contrário do que se via nos laços matrimoniais estabelecidos na família patriarcal brasileira.

Dentro do patriarcalismo, como é sabido, o homem é o senhor de todos os bens. A fazenda e os escravos lhe pertencem, assim como a esposa e os filhos. Dessa forma, a mulher lhe deve submissão e obrigações[9].

Na família alemã, entretanto, sobretudo a urbana, a posição da mulher é elevada. *Em outras palavras, o tratamento dos dois sexos é, em todos os sentidos, mais homogêneo na Alemanha do que no Brasil.* (WILLENS, 1980, p. 306).

Assim, a união de Hércules Florence com Carolina Krug resultou muito mais numa ligação de respeito e companheirismo, do que um sexo subjugando o outro, coisa que comumente ocorria no Império Brasileiro.

Não havia receio por parte do esposo pela emancipação de sua mulher, estimulando a propagação de seus conhecimentos científicos, uma vez que o próprio Hércules Florence impulsionava as novas ciências, através de seus inventos.

Na carta que Carolina Krug Florence envia a sua sogra, mãe de Hércules Florence, solicitando as bênçãos pelas núpcias, o companheirismo evidencia-se, na forma como ela percebia sua relação com o marido e enteados:

> Mãe,
> Peço a permissão de vos nomear por esse nome tão doce do qual eu conheço melhor ainda o valor depois do casamento com meu bem amado Florence. *Aceitando sua mão eu não somente ganhei o melhor e o mais desinteressado dos amigos* (grifo meu), mas também eu encontrei nos seus filhos uma afeição que acolhe de muito minha alegria. (Carta de Carolina Florence para a Mãe de Hércules Florence, em Nice. Campinas, 12/6/1854).

Após o casamento, Hércules Florence continuou a vi-

ver na fazenda Soledade com sua nova esposa e os filhos do primeiro casamento. Um ano depois, sentindo necessidade de rever a mãe, parte para a Europa deixando Carolina com a responsabilidade da propriedade e a guarda das crianças. Uma atitude, que acredito só ser possível, devido ao fato de haver um perfeito entrosamento entre o casal. (*Almanaque...*, 1914, p. 51).

Viveram nesse local durante oito anos e tiveram sete filhos: cinco homens e duas mulheres. Nesse sentido, é interessante observar que além do cuidado com os filhos do primeiro casamento de Hércules, Carolina Florence gerou seus próprios filhos, vivendo assim intensamente o papel de mãe de uma imensa prole.

A lavoura de café como fator de desenvolvimento da cidade de Campinas

Em 1863, a família resolveu mudar-se para a cidade. Essa mudança estava relacionada, de certa forma, com fatores sociais e econômicos. Sociais, porque com o crescimento dos filhos, Carolina Florence sentia que a instrução lhes era indispensável; econômica, porque o cultivo do café exigia de Hércules Florence, assim como de outros fazendeiros, o deslocamento para a cidade em função das diversas atividades urbanas exigidas por essa cultura, desde as transações da comercialização do produto, até o trato com bancos, transporte, etc.

Campinas, nessa época, estava começando a modificar-se e a cidade começava a progredir. Como já foi dito, a região sofre transformações profundas em decorrência da cultura do café, que substituiu a cana de açúcar na primeira metade do século XIX, e em pouco tempo tornou-se a base dos rendimentos da população agrária paulista.

De acordo com Wilson Cano, *A produção paulista de café até o início da década de 1870, representava apenas 16% do total brasileiro, a partir desse momento, ingressava num período de vigorosa expansão, perfazendo, em 1875, cerca de um quarto da produção nacional saltando, dez anos depois, para 40%.* (1977, p. 31).

Aliás, segundo Caio Prado Jr. não era somente Campinas que teria seu progresso marcado. A segunda metade do século XIX vai se constituir num dos momentos de maiores transformações da economia brasileira e o decênio 1870-1880 será marcado por sensível prosperidade nacional. (PRADO Jr., 1949, p. 178). *É de Campinas, portanto, que se alastrará pelo Oeste Paulista.* (CANO, 1977, p. 31).

Como sede desse avanço, a cidade tem necessidade de implantar benfeitorias. Viotti afirma, nesse sentido, que:

> À medida que os fazendeiros mudaram-se para os grandes centros, cresceu a tendência em promover melhoramentos urbanos. Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e a manufatura. O processo foi favorecido pelo interesse que o capital estrangeiro teria nesses tipos de empreendimentos urbanizadores. (COSTA, 1977, p. 197).

Não era somente o café que trazia o desenvolvimento e transformações para a região, apesar de ser este o elemento fundamental. A vinda dos imigrantes também contribuiu para as mudanças, principalmente as de cunho cultural.

O viajante Tschudi[10], quando esteve em Campinas, por volta de 1860, concluiu que a imigração alemã exerceu influência favorável sobre a população nacional:

> Diversas pessoas importantes de Campinas e em Rio Claro referiram-se, com inteira sinceridade, à benéfica influência que o elemento germânico exercia na região, lamentando ao mesmo tempo que os desastrados manejos com o sistema de parceria tivessem feito cessar a corrente imigratória na Província. (TSCHUDI, 1954, p. 159).

Também menciona que certos ofícios, certas indústrias, foram introduzidos por imigrantes alemães, durante o Regime de Parceria. As pequenas indústrias caseiras e agrícolas, como a de laticínios, o cultivo de legumes, a apicultura, etc. revelaram-se tão úteis para os colonos, como para os habitantes da

cidade. *Antes da chegada desses "parceiristas", as donas de casa não sabiam onde obter manteiga, verduras, leite, mel, uma vez que não possuíam hortas próprias e vacas. Agora, os colonos levam esses produtos às suas casas.* (TSCHUDI, 1954, p. 159).

Diria o autor ainda que tanto os colonos como os imigrantes livres despertaram vida nova na população, criaram indústrias, aumentaram o movimento comercial, melhoraram o padrão de vida, situações estas que influíram na vida intelectual.

Oberacker, profundo conhecedor da influência germânica no Brasil diz em sua obra que:

> A colonização teuta diferia da portuguesa, principalmente em que ela jamais teve finalidade meramente econômica. Mesmo nos povoados germânicos, mais primitivos, logo surgiam, no mínimo, comunidades religiosas, organizações escolares, jornais, bibliotecas, sociedades múltiplas, como de ginástica, desportivas, de música e de canto. (OBERACKER, 1985, p. 265).

Além daqueles engajados nas profissões liberais (farmacêuticos, médicos, dentistas, agrimensores, arquitetos), em número considerável, havia também os dos setores de artesanato, indústria e comércio. Oberacker enfatiza que:

> No interior da província, os meeiros germânicos liberados e que muitas vezes dispunham de conhecimentos nos ofícios, fixaram-se em número tão considerável nas pequenas cidades de Campinas, Rio Claro, Jundiaí e Piracicaba, na época ainda de pouca importância, que, em algumas delas até se falava de bairros alemães. Pelo ano de 1873, por exemplo, existiam comprovadamente em Campinas aproximadamente quarenta alemães mestres-de-ofício, trabalhando por conta própria e trinta estabelecimentos fabris e comerciais nas mãos dos teutos. (idem, p. 290).

Hércules Florence tinha noção da influência que os alemães traziam à região. Além da própria esposa e parentes, seus amigos eram também, muitos deles, de origem teuta. Também ele era emigrante (Francês).

As transformações, portanto, que ocorriam na cidade

de Campinas eram favorecidas pelo advento do café e da influência da imigração. Hércules Florence percebia que aquele era um momento de grandes modificações na estrutura da cidade. Sabia que mudanças estavam ocorrendo rapidamente, tanto que, em 1871, ao responder a uma carta de seu filho Arnaldo que se encontrava residindo e estudando em Mônaco, evidenciava sua concepção em relação ao desenvolvimento no Oeste Paulista[11].

Seu filho pergunta-lhe como encontraria trabalho com bons rendimentos, no Brasil, um estudante disposto a vir para a nova terra. Hércules Florence faz uma análise bastante criteriosa e séria em suas informações e que dão um retrato do que poderia ser a realidade daqueles tempos.

> Arnaldo,
> Eu penso que desde que venha para cá, encontrará trabalho. As companhias se formam para caminhos de Itú, Sorocaba, Rio Claro e Limeira. As cias. de bondes de Santos e São Paulo já existem e nelas se pode ganhar dinheiro. Algumas usinas se estabelecem tais como aquelas de M. Bierrenbach e S. Paiz e de meu cunhado Francisco Krug. Uma fábrica de tecidos de algodão montadas com máquinas estabelecidas em Itú. A Indústria poderá se desenvolver, porém a agricultura não tem ar de prosperar, *porém é ela a única que pode fazer a indústria avançar.* (grifo meu). Uma grande crise se aproxima. É a sessação da escravatura. Já os escravos e as terras perdem os seus valores. Se pretende que as terras vão ser subsidiadas pela força das coisas, em que os proprietários trabalharão eles mesmos. O Brasil é desacreditado na Europa. Não se envia mais colonos. Nos faltam braços, mas há a esperança sob a bondade do clima e das terras que afiram sobre a emigração espontânea. Para isso é preciso tempo. Quanto ao que você me disse sobre o carvão da terra, não creia em nada disso, que tais riquezas existem a flor da terra, e não darão facilmente, pois tudo aquilo que é novo tem necessidade de se criar estradas, agentes... e aqui isso não se cria rapidamente. *É na mesma que se dá a instrucção. Se faz grande alarde e não se avança nada.* (grifo meu). Eu te direi o que me disse um dos três fabricantes de Campinas: Diga a esse jovem estudante se ele está pronto a trabalhar que não lhe faltem as mãos, que ele venha, senão que fique na França. Eu te digo que um simples operário ganha 3.500 a 4.000 réis por dia, um contra-mestre 5.000 a 6.000 mil réis, um serven-

> te de máquina de 5 a 6 réis, um inspetor 6 a 8 réis, mas este deve se prover de montaria para ir ver os trabalhos no sítio, etc. Esses preços são magníficos... (Carta de Hércules Florence para seu filho Arnaldo, França. Campinas, 19/8/1871).

A lucidez que Hércules Florence possuía com relação à questão do trabalho e às transformações ocasionadas pela extinção da escravatura foram responsáveis por sua participação na vinda de colonos estrangeiros para a região.

Com o fim do tráfico e a abundância de terras para a plantação do café, os fazendeiros começaram a trazer colonos de outros países em regime de parceria. Aliás, essa prática de convidar, através de cartas, conhecidos residentes em outros países para trabalhar no Brasil foi uma constante na família Florence. Em 1885, período próximo da Abolição da Escravatura, Candida Florence, filha do primeiro casamento de Hércules, escreve para um parente estudante no exterior sobre as possibilidades de trabalho, assim como seu pai fizera quatorze anos antes:

> Vocês hão de ter lido nos jornais a marcha que vai tomando a política brasileira com a emancipação que acelera todos os dias. As terras tem caído imensamente de valor. A meu ver seria melhor ocasião de virem para cá. Milhares de famílias alemãs agricultoras que teriam um lindo futuro se os governos se entendessem para a felicidade dos povos, pois para mim apesar de não ter viajado creio que não teria um país em toda a América que mais vantagens oferecessem aos imigrantes, se não fossem o malfeito egoísmo que planta sua raiz em toda parte. (Carta de Candida Florence a Paulo Florence, Itália, 1885).

A primeira tentativa de trabalho livre paulista foi do Senador Vergueiro com a vinda de colonos portugueses, porém com as revoltas políticas na Província de São Paulo[12], esses colonos abandonaram as fazendas e dispersaram-se. Em 1852 novo contrato, agora vinculado ao governo provincial, sendo que em 31 de julho de 1854 comunicava tê-lo cumprido integralmente.

José Bonifácio do Amaral, o Barão de Indaiatuba, foi um dos primeiros a introduzir colonos alemães em Campinas. Entretanto, *ao providenciar a transferência de alguns colonos*

que tinham vindo pelo contrato de Souza Queiroz, para a sua fazenda, julgou necessário introduzir uma cláusula pela qual os colonos se obrigavam a conservar os cafezais sempre limpos. (COSTA, 1977, p. 159). Isso exigia a capinação da plantação cinco vezes ou mais, durante os dois primeiros anos do plantio. É certo que um sistema nessas condições tenderia ao fracasso. Os colonos começaram a revoltar-se, e o descontentamento deu-se em ambas as partes. Nos jornais da época encontrei notícias de colonos alemães cometendo suicídios, enforcamentos em árvores, ou perambulando bêbados pelas ruas da cidade. Apesar do tom pejorativo utilizado pelos jornalistas, nota-se que alguns desses alemães assim procediam por se encontrarem em situações limite devido ao endividamento.

> O regime de parceria, que em princípio, tudo levava a crer, seria a solução ideal para o problema da mão-de-obra nas regiões de economia cafeeira, fracassava na sua realização prática. A ambigüidade dos contratos, as injustiças e abusos cometidos de parte a parte, minavam o sistema de parceria cujas bases já eram por si só frágeis. (COSTA, 1977, p. 171).

Os motivos do fracasso desse sistema somam-se a um grande conjunto de causas. Além de o colono alemão não ter a mesma experiência do escravo na cultura do café, colhendo-o muitas vezes ainda verde e com isso acarretando enorme prejuízo à lavoura, havia o desconforto de se sentirem enganados. Eram iludidos em seu país de origem por homens de má fé, que prometeram que o governo lhes daria terras produtivas quando aqui chegassem. Na realidade, ao chegarem ao Brasil, descobriam o engodo e ficavam expostos a intempéries na nova terra.

Além disso, havia o problema da mentalidade do senhor patriarcal herdada desde os tempos da descoberta do Brasil. Dono de tudo que lhe rodeava, acostumara a viver no regime escravocrata. Para ele era difícil mudar a concepção do trabalhador escravo para o trabalhador livre. Viotti da Costa exemplifica a dificuldade da compreensão desses latifundiários quando: *Um velho proprietário, diz ele, cuja nobreza desde a juventude foi sova e troncos, não pode tolerar o trabalho livre, pode no máximo inventar um extropiado sistema de parceria.* (COSTA, 1977, p. 172).

Entretanto, como já foi mencionado em páginas anteriores, Hércules Florence foi, assim como outros fazendeiros (Floriano de Camargo Penteado, Luciano Teixeira Nogueira, Benedito Antonio de Camargo, além do próprio Barão de Indaiatuba) responsável pela vinda dos primeiros colonos pelo sistema de parceria em Campinas. Contrariamente ao que ocorreu com seus pares, o sistema de parceria empregado em sua propriedade trouxe resultados satisfatórios para ambas as partes: parceiro-colono-emigrante e parceiro-proprietário.

A explicação para tal situação se encontra no fato de que Hércules Florence possuía uma mentalidade diferente do fazendeiro escravocrata, além da sua formação e caráter expressarem uma concepção de mundo avançada para a época, como já tive a oportunidade de explicitar.

Tschudi, que visitou no início dos anos 60, várias fazendas, que estabeleceram o Regime de Parceria e fiscalizava como se davam as relações entre os parceiros, deixou um registro interessante sobre Hércules Florence e os imigrantes que trabalhavam em sua fazenda:

> A légua e meia de Laranjal, encontra-se a fazenda Soledade, pertencente ao sr. Herculano (sic) Florence, onde pernoitei. Aí só havia duas famílias de colonos suíços, ambas do cantão de Glaurus. Os homens ficaram conversando comigo até as 11 horas da noite, relatando-me suas vidas na Pátria e na emigração. Estas duas famílias foram as mais trabalhadoras de quantos suiços encontrei na Província de S. Paulo. Os resultados que obtiveram foram os melhores que vi. A princípio tinham estado um tanto desconfiados, mas quando se convenceram da sinceridade do fazendeiro, da lisura de suas contas e da possibilidade de se livrarem das dívidas por uma atividade inteligente e contínua, começaram a trabalhar sem descanso. (TSCHUDI, 1954, p. 165).

O viajante suíço comenta ainda que foi nessa fazenda que encontrou a possibilidade dos colonos conseguirem acumular capital suficiente para adquirirem suas propriedades, com a confiança nas aplicações realizadas por Hércules Florence:

> Poucas semanas antes da minha visita, um dos colonos adquiria uma propriedade no valor de 2 contos e 925 mil réis,

> tendo pago mais de dois terços a vista e esperava pagar o restante com o produto da safra do ano corrente. O outro, que pretendia voltar para sua pátria, depositava seu dinheiro com o fazendeiro. Devo ainda acrescentar que este cafezal não era um dos melhores, porque exposto às geadas, que muito prejudicam as safras. O fazendeiro dava-lhes casa e pasto para o gado e tratava-os com muita correção. Se o Sistema de Parceria fosse aplicado em toda a parte como aí, não deixaria de ser um grande benefício tanto para os fazendeiros como para os colonos. (TSCHUDI, 1954, p. 166).

De acordo com Viotti da Costa, somente na fazenda de Hércules o sistema de parceria apresentou êxito com a vinda de colonos alemães:

> Pela documentação consultada pode-se observar que em geral uma família cuidava de 1.000 a 3.000 pés no máximo. *A única exceção que encontramos e que destoa flagrantemente dessa média é a colônia de Hércules Florence* (grifo meu) considerada aliás modelo, onde dezenove indivíduos componentes de duas famílias tinham a seu cargo 14.000 pés de café, o que correspondia a cerca de sete mil pés para cada um. Uma das famílias colhera 1.850 alqueires de café, o que lhes produzira à razão de três arrobas, e pelo sistema de parceria um lucro líquido de 308 arrobas e um terço, num valor de 725$959, segundo informa Hércules Florence em carta datada de Campinas a 9 de outubro de 1859. Outro colono conseguira 289 arrobas e meia, num valor de 706$960. A média entretanto, como vimos, era muito inferior a esta, daí a péssima situação da maioria dos colonos. (COSTA, 1977, p. 174.)

Por muito tempo, a produção do café, nos têrmos em que realizava seus contratos de Parceria, lhe deu rendimentos suficientes para a manutenção da família e o contrato com os colonos persistiu. Tanto que em 1871 ao escrever ao seu cunhado Otto Kupfer, que residia na Alemanha, relata a administração de sua lavoura, o lucro e o êxito dela advindo. Também é possível verificar que uma boa parte do que a família Florence ganhava com a lavoura de café era empregada na educação dos filhos na Europa. Na correspondência, Hércules Florence se queixa das dívidas que contraiu por conta desses gastos e a preocupação neste sentido revela que a situação eco-

nômica não o enquadrava no grupo dos grandes fazendeiros, latifundiários de café:

> Caro Otto,
> Quanto a mim, eu vou cada seis a oito dias ao sítio para fazer o benefício do café. Eu já enviei duas mil e oitocentas arrobas a Santos e me restam duas mil arrobas que totalizam setecentas arrobas a mais que aquilo que eu tirava. Eu devia onze contos e ainda devo seis, que espero pagar com o café. Eu não tinha jamais contraído essa dívida se eu não tivesse enviado Arnaldo e Paulo a Europa contra a minha vontade, porque isso estava acima de minhas forças. (Carta de Hércules Florence ao seu cunhado Otto Kupfer, na Alemanha. Campinas, 25/5/1871).

Como se vê, a importância que a família atribuía aos estudos, colocava-a, às vezes, em situações difíceis. O dinheiro ganho com as atividades tanto do café, como futuramente do Colégio Florence eram destinados principalmente à educação dos filhos. Em carta ao pai, Arnaldo Florence, que, estudante em Mônaco, ganhou cinco prêmios em um ano por sua aplicação, narraria a importância dos seus estudos, não só para a família, como para o bem dos seus semelhantes. Evidencia tambem a relação de afetividade com o pai e o respeito pela família:

> Meu querido pai
> Eu me acho bem recompensado do meu trabalho, não somente por ter obtido os melhores prêmios de minha classe, mas tambem pelo prazer que eu sei que você terá vendo que eu graças a Deus, posto que fosse tão longe de minha terra e de minha família, acho-me contente e disposto e o melhor que pode fazer um estudante. Eu tenho dois motivos principais que me animam e me enchem de ardor para acabar logo os meus estudos. Primeiro é a saudade do Brasil e a vontade de voltar o mais cedo possível, outro é a convicção que estudando eu faço a vontade de minha cara família e a minha também. Quão suave nos parece o trabalho e tão rude que seja quando ele é animado pelo desejo de sermos úteis aos nossos semelhantes e ao contentar de alguma maneira dos cuidados e sacrifícios que eles se impõem por nós. (Carta de Arnaldo Florence para seu pai Hércules Florence. Mônaco, 1/8/1864).

> Arnaldo, entretanto, como já dito, faleceu antes de retornar ao Brasil.

Nesse sentido, retomo o fato de que a família, ao se mudar para a cidade, sentindo a necessidade de instrução, e contando com a experiência pedagógica de Carolina Krug Florence, dispôs-se à fundação de um colégio destinado a educação de meninas.

A fundação do Colégio Florence

Carolina Krug Florence, como já anunciei, era uma educadora instruída num dos melhores institutos suíços da moderna pedagogia de Pestalozzi. Sua vontade de criar um estabelecimento no Brasil, nos moldes do que ela vivenciou na Europa a acompanhava desde os tempos em que veio para a América juntamente com seus pais. Passados nove anos do casamento com Hércules Florence, tempo necessário ao nascimento e crescimento de seus filhos, o casal Florence deixa o campo e muda-se para a cidade. Esta mudança favorecerá a fundação do colégio, em decorrência de fatores relacionados a questões privadas e questões públicas. Na esfera privada, a necessidade se estabelece em função do desejo de fazer com que os filhos estudassem e que ela, enquanto educadora, viesse a desempenhar seu papel profissional. Na esfera pública, Campinas inicia um novo ciclo de desenvolvimento cultural. As atenções para o ensino estavam implícitas nas discussões dos políticos "liberais". O irmão mais velho de Carolina, Jorge Krug, fazia parte do grupo que se preocupava com essas questões, estimulando sua opção pela abertura de um estabelecimento de ensino. Em se tratando de uma mulher para desempenhar o cargo de direção de uma instituição educacional, esta deveria ser destinada a mulheres. Assim, contando com a solidariedade do marido, Hércules Florence, e o apoio político e material do irmão mais velho, Carolina Krug Florence funda a 3 de novembro de 1863 o *Colégio Florence.*

Localizado em um prédio cedido por seu irmão Jorge Krug, na Rua das Flores, nº 24 e 26 (atualmente Rua José Paulino,

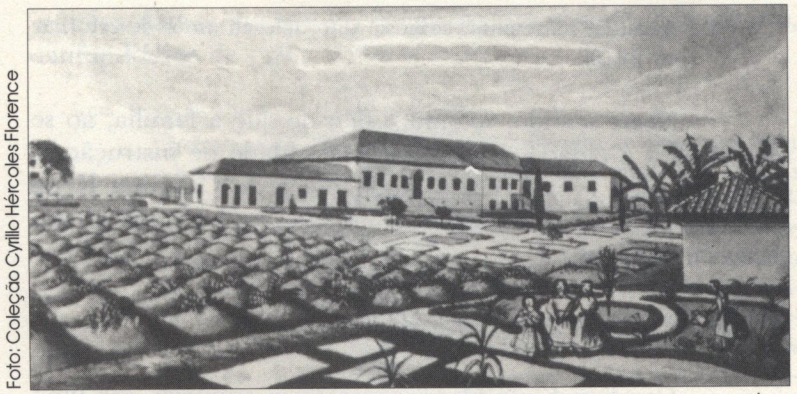


Foto: Coleção Cyrillo Hércoles Florence

Desenho do Colégio Florence, com vista de uma plantação de café, feita por Hércules Florence

na quadra em que se localiza a Cia. de Telecomunicações de São Paulo) o estabelecimento começou de uma forma bem modesta, com apenas sete alunas, que eram entre outras Amélia Duarte e Ana Carolina Machado. (FLORENCE, 1974, s.p.)

Essa data de fundação apresenta-se como a mais correta, considerando o fato de que em duas fontes por mim utilizada há menção de que ele teria sido criado no ano de 1865. (RODRIGUES, 1962, p. 176) e (*Gazeta de Campinas,* 19/12/1872). Faz-se necessário explicitar que o estabelecimento tem suas atividades iniciadas precariamente em 1863, possivelmente em esquema experimental, e que a data de 1865 seria o marco de uma instituição mais sólida, com o prédio já pronto, conforme o desenho que Hércules Florence fez por ocasião do ano da inauguração do Colégio Florence. O prédio era muito grande, começando na rua das Flores, com fundos para a Rua do Teatro e, nas laterais, com outras duas ruas (atualmente Bernardino de Campos e Benjamin Constant).

No início, Carolina Florence teve muitas dificuldades para manter o funcionamento da instituição. Os problemas eram de toda ordem: falta de docentes capacitados e de alunas que permanecessem na escola regularmente durante o ano, a mentalidade da época sobre as questões de Educação feminina, etc.

As elites contavam com preceptoras estrangeiras contratadas para ensinarem nas fazendas. Exemplo disso é o caso de

Ina Von Binzer, educadora alemã que trabalhou em diversas fazendas durante a segunda metade do século XIX. Deixou um depoimento interessante e raro sobre a vida dos brasileiros pertencentes a estas classes. (BINZER, 1982).

Carolina Florence, por sua vez, foi estruturando a educação no colégio, nos moldes que havia presenciado na Europa. Realizou viagens à Alemanha e a outros países contratando, lá, professoras, além dos melhores que existiam em Campinas.[13]

Outros colégios, que fizeram tentativas de implementar uma educação mais completa, nos moldes do Florence, já existiram no Brasil bem antes de Carolina Florence fundar o seu em Campinas.

Na Corte, em 1834, Nísia Floresta funda o Colégio Augusto para a educação de meninas.

> Nessa experiência educacional, Nísia Floresta empregou novos métodos de ensino (...) Além disso, a seriedade da pedagoga Nísia Floresta ressalta de sua crítica ao ambiente instrucional do Rio de Janeiro da época: Ela se opunha à comercialização do ensino por indivíduos incompetentes que com freqüência abriam escolas de bela aparência, de pouca substância em seu interior. (FLORESTA, 1989, p. X).

Na época, os pais, como já foi dito, se preocupavam muito mais em dar às suas filhas uma educação completa, mais de "dona de casa" propriamente, do que escrita e leitura. Compreende-se assim, porque cultivavam o gosto artístico através do trabalho de bordados finos, da música, do canto e da dança; formavam o espírito de apreço ao lar. (RODRIGUES, 1962, p. 165).

Entretanto, na segunda metade do século XIX, os tempos eram outros. Campinas crescia, e as idéias da difusão do saber, do conhecimento erudito já encontravam ressonância entre alguns pais de família. E os colégios que surgiam, em regime de internato, começavam a ser vistos como locais de segurança para suas filhas.

Além disso, Carolina Florence ainda tinha a vantagem de ser de origem germânica, propondo por isso um tipo de educação muito apreciada na época. (RODRIGUES, 1962, p. 168).

O Colégio deveria ser responsável não apenas pela

difusão dos conhecimentos ditos pedagógicos, mas também pela educação da aluna. Existia, na época, uma diferença básica entre Colégios e Escolas, nem sempre possível de ser identificada. O primeiro significava um internato que oferecia uma educação mais aperfeiçoada, muitas vezes chamado de *Primário Superior.* Wanda Borges, ao citar o Colégio do Patrocínio de Itu, por exemplo, classifica-o como de nível primário superior. (BORGES, 1980, p. 107).

As alunas, moravam nesses internatos, saindo apenas na Semana Santa, nas chamadas férias de São João, no mês de Junho, e depois dos exames finais em dezembro. O retorno para o início das aulas se dava após o dia 15 de janeiro. Havia três formas de freqüência a esses estabelecimentos: as alunas que entravam em regime de internato, as semi-internas e as externas. Estas últimas geralmente residiam na cidade, preferindo desfrutar o repouso na casa dos pais. Naturalmente, os valores das matrículas variavam de acordo com a forma de permanência no colégio. As aulas de música e piano eram cobradas separadamente. (Anúncio no jornal *Gazeta de Campinas,* 19/7/1872).

No decorrer desse trabalho tentarei explicitar melhor as características internas do Colégio Florence.

Quanto às escolas, estas eram apenas locais de instrução, sempre em regime de externato. Em termos de Educação Pública, por exemplo, o governo e as províncias limitaram-se a criar apenas escolas primárias. O colégio Pedro II, os liceus provinciais e alguns seminários espalhados pelo país, eram os únicos estabelecimentos de nível secundário que existiriam durante o Império.

No que diz respeito às leis referentes ao Ensino durante o Império, a garantia à Educação parece que permanecia apenas no discurso. O artigo 32, por exemplo, da Constituição Nacional de 1824 que *garantia a todos os cidadãos a educação primária pública,* referia-se apenas aos filhos dos homens livres.

Em 1826, ao redigirem os pormenores dessa lei em relação aos mestres, os deputados solicitaram às mulheres que quisessem ser professoras, os ditos predicativos femininos:

> Haverão (sic) escolas de primeiras letras, que se chamarão pedagogias, em todas as cidades vilas e lugarejos mais populosos

> do Império. (...) Serão nomeadas mestras de meninas e admitidas a exame, na forma já indicada, para cidades, vilas,e lugarejos mais populosos, em que o presidente da província, em conselho, julgar necessário êste estabelecimento, aquelas senhoras, que por sua honestidade, prudência e conhecimentos se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o de coser e bordar. (Annaes do Parlamento Brasileiro, Câmara dos Deputados, Sessões de 1826 a 1834. SAFFIOTI, p. 192).

Essa lei, ao mesmo tempo em que garantia às mulheres o direito à educação, foi usada sintomaticamente como instrumento de discriminação. Estabelecia estudos distintos para cada sexo, sendo que as mulheres teriam o seu primário limitado às quatro operações no ensino de matemática, excluindo a geometria.

Em se tratando de salários, isso representava menos para as professoras, pois o critério de diferenciação dos valores se baseava no conhecimento de geometria. Também foi essa mesma lei que restringiu o sexo feminino ao nível das "pedagogias" que se limitavam aos quatro anos de estudos primários. Aos meninos se reservava o privilégio de ascenderem aos liceus, ginásios e academias.

Em um país onde as províncias mal davam conta do ensino primário, o ensino secundário ficou a cargo da iniciativa dos particulares. O ensino secundário ministrado do Colégio Pedro II, localizado na Corte do Rio de Janeiro era apenas para os alunos do sexo masculino. Dessa forma, as meninas continuaram excluídas do ensino secundário oficial, tendo somente acesso a ele nesse século.

A lei nº 34 de 1846, da Província de São Paulo, autorizava a abertura de escolas particulares, impondo apenas as condições do ensino das matérias previstas para as aulas públicas e que o requerente apresentasse documentos legais em que comprovasse bons costumes e, *no caso estrangeiro, deveria pronunciar corretamente a língua nacional e provar que tinha conhecimento da gramática da mesma* (grifo meu). (Leis da Província 16/3/1846 RODRIGUES, 1962, p.170).

Entretanto, os colégios particulares que não fossem católicos, deveriam cumprir algumas exigências para que pudessem funcionar regularmente. A lei sancionada pela refor-

ma de 1851 (sic) exigia que esses colégios estivessem localizados a menos de um quarto de léguas de uma igreja e que tivessem um professor de Religião do Estado, para dar aulas de Doutrina Cristã. (idem, p. 171).

Carolina Florence, seguiu à risca essa regulamentação. O colégio Florence, situado na Rua das Flores, ficava a três quadras da Matriz de N. S. da Conceição de Campinas, em terreno que posteriormente seu irmão Jorge Krug deixou-lhe como herança. (Escritura de Compra e venda em nome de Jorge Henrique Guilherme Krug, em poder da Família Florence. 18/8/1872).

Para a disciplina de Doutrina Cristã, em 1867 o colégio dispunha do Padre Vieira (posteriormente Bispo do Ceará) e do Padre Lima que, em 1874, viria a ser o Inspetor de Instrução Pública de Jundiaí. Além desses padres, era a própria diretora quem dava aulas de História Sagrada, constando no Relatório de 1869 a observação do relator de que a mesma também dava aulas de Religião Protestante, *mas apesar disso é a primeira a dar exemplo de respeito a religião do Estado* (grifo meu). (Relatório de Luiz Silvério Alves Cruz... 14/10/1869).

Infelizmente, como já foi mencionado, em 1868, foi criada a lei nº 54 que estabelecia em seu artigo 15 *que o ensino primário ou superior podia ser livremente exercido por particulares "dispensando as escolas privadas de enviarem seus relatórios"* (grifo meu). (RODRIGUES, 1962, p. 185). Assim o relatório do Colégio Florence deixou de ser enviado para o Inspetor de Instrução Pública, escasseando os dados daí em diante.

Foi através da imprensa que pude constatar um problema vivenciado pelo Colégio Florence nos primórdios de sua fundação: a insalubridade do terreno e da região em que fora instalado.

Em 1875, a Rua das Flores (atual José Paulino) era muito diferente do que se apresenta hoje. A abertura oficial com esse nome foi em 1855, segundo Benedito Otávio. Não era propriamente uma rua, mas sim um caminho ou picada, acima do famoso brejo da Ponte. Margeava a gleba do Jurumbeval (futuro Largo Correa de Mello) alongando-se da Rua do Picador (Mal. Deodoro) até a Rua das Casinhas (General Osório). Mas por que chamava-se Rua das Flores?

De acordo com Julio Mariano a resposta explica a insalubridade do local onde foi assentado o terreno do Colégio Florence:

> Amplo campo baldio e em grande parte alagadiço, a porção de terreno no qual com intervalo de anos construiram a Escola Correia de Mello no alto, e o segundo grande mercado municipal, na baixada, o mato que por ali se alastrava era em maioria jurumbeva e rosinha silvestre. Daí juntar-se o apelido de Jurumbeval e todo o largo denominar-se Rua das Flores. (MARIANO,1979, p. 11).

Pois bem, o fato de o colégio ter sido instalado nesse local insalubre, colocava em risco a saúde de todos que o freqüentavam. Por várias vezes, a direção da escola solicitou das autoridades competentes providências no sentido de sanear o local. Com as chuvas e o forte calor, o brejo exalava *miasmas* fétidos. Os pais das alunas que ali estudavam colocavam notas nos jornais protestando por esse estado calamitoso. Em 1875, os jornalistas noticiaram um desagravo contra aquela situação, informando a população sobre o descaso da Câmara Municipal:

> Nós e os nossos colegas da imprensa temos, por vezes, chamado a atenção da illustríssima camara sobre este ponto, designando os lugares que reclamam prompta limpeza, afim de evitar as consequências que podem sobrevir. São elles: o córrego que atravessa ao longo da praça do mercado e o brejo do Serafim no ponto em que desembocam as ruas da Cadêa e Theatro junto ao quintal do Collegio Florence, franqueado de ha muito ao despejo publico. As matérias ahi aglomeradas constituem um fluxo de emnações pestíferas que muito prejudicam a saúde dos moradores circunsvizinhos, facto este já, segundo nos informa, assignalado por alguns casos de febres. E, agora que vamos entrar para a estação chuvosa, pondere a edilidade nos malles que podem resultar da conservação desses lugares em semelhantes estados. Acresce a tudo isto, para maior gravidade, que são aquelles pontos centraes circundados a poucos passos de um delles o mais vasto e concorrido estabelecimento de educaçao. (*O Diário de Campinas*, 26/9/1875).

Após um ano de reivindicações, parece que as autoridades resolveram transformar o brejo em um local não apenas

salubre, mas incrementado de obras que o tornaram valorizado. O desenvolvimento urbano trouxe o gás para a iluminação das ruas e essas transformações tornaram o Colégio Florence um estabelecimento mais acreditado. Hércules Florence - na época responsável pela instituição durante um período de ausência de Carolina Florence, em viagem a Europa - dizia em carta à esposa das vantagens que a mesma receberia com as mudanças que estavam acontecendo na cidade. Observe também que a relação de propriedade difere do contexto da época, quando o esposo relata os benefícios que *ela*, Carolina Florence obterá:

> Lina,
> Continua-se a construir em Campinas. Comprou-se os terrenos do brejo atrás do colégio e se vai construir casas. *Você vai ter para seu colégio uma mudança que aumentará o valor de sua propriedade em seis contos de réis* (grifo meu). A Camara municipal já começou os trabalhos de aterro do brejo e começou a pavimentar a rua do teatro (Ernesto Kulmann-nota minha), que passa diante do fundo do seu quintal. Eu devo pavimentar a calçada. Já começou-se a pavimentação da rua do Caracol e a iluminação à gáz. (...) Tenho já um pedreiro, Antonio Exel. Com isso a propriedade tornou-se sólida e o terreno mais firme. A Câmara também vai construir um grande mercado sobre a praça do brejo. Se você desejar construir boxes ou magazines na frente do mercado dobrará o capital" (Carta de Hércules Florence, para Carolina Florence na Alemanha. Campinas, 16/9/1876.)

Atrelado ao fato de que o Colégio recebia melhoramentos que o tornavam mais asséptico em relação a seu aspecto físico e geográfico, é também nessa época que a instituição começa a tomar impulso na questão educativa, propriamente dita. Carolina Florence, depois de treze anos de fundação do Colégio, ausentava-se do país em busca de novos métodos e de reformulação do quadro docente, através da contratação de novas professoras, alemãs fundamentalmente, francesas e inglesas. A estabilidade financeira se mantinha dentro dos padrões suportáveis. Hércules Florence administrava e dirigia o Colégio, juntamente com outras professoras antigas e confiáveis. A contabilidade era realizada por ele, através de livros-caixas. Enquanto a diretora estava ausente, a divisão de tarefas envolvia também outros membros da família. Em carta para a irmã de Carolina, Anna Kupfer, residente na Alemanha, Hércules Florence citava D. Helena Becheuser Krug, esposa do irmão mais novo de Carolina, Francisco Krug, como colaboradora nessas atividades:

> Minha cunhada,
> Foi acertado eu ficar com o collégio porque estou fazendo as cobranças que pouco entrariam se não houvesse quem cuidasse disso. Temos agora 34 meninas e por ora vai tudo bem. D. Meta tem bem jeito, d. Zerbst e *Mana Helena* visita-nos a cada dois dias. Se eu estiver vivo irei a Europa em 1877. (Carta de Hércules Florence para Anna Kupfer 18/7/1876).

Além do Colégio Florence, outras instituições de Ensino já se encontravam instaladas em Campinas na década de 1870. As transformações não se davam apenas em benfeitorias de saneamento, iluminação, ou relativas a chegada da Estrada de Ferro, em função do café. A população carecia de instrução e da criação de escolas. Apesar de o governo provincial oferecer apenas algumas cadeiras no ensino primário, havia, por parte dos particulares, iniciativas que faziam com que o ensino em Campinas se tornasse modelo a ser seguido na Província. Em 1876, o editorial do Diário de Campinas reporta-se à importância da Educação como mola propulsora das alterações que o país necessitava realizar, e cita os diversos estabelecimentos existentes:

> A absoluta necessidade da instrucção é hoje felizmente, uma cousa que todos reconhecem. As estatísticas nos provam que nos paizes onde predomina a ignorância na grande classe média, essa classe que mais tem contribuído para o progresso deste século, nestes paizes é onde se realisão os maiores crimes e onde, a par da tyrania politica, desenvolve todas as suas opressões a theocracia. (...) No Brasil, não chegam a instrucção ao ponto desejado, mas ha batalhadoras infatigaveis nessa cruzada em prol da luz. Todos já estão intimamente convencidos que é a intrucção o meio único de o paiz em estado de receber as reformas necessárias para que elle possa ocupar o lugar que lhe compete entre as demais nações. (...) Isso vem aqui, a propósito dos belíssimos resultados obtidos em todos os colégios e escolas desta cidade, já nas do sexo feminino, já nas do sexo

masculino. E já não são poucos os estabelecimentos onde se mistura o pão do espírito à mocidade que representa o futuro. Temos de memória estes: Collegios Culto à Ciência, Internacional, Perseverança, *Florence,* (grifo meu), Externato Culto às Letras, e as escolas dirigidas pelos profs. Malachias Guirlanda, João Bahia, e as escholas sustentadas pela Sociedade Alemã de Instrucção e Cultura e pela Loja Independência. (*O Diário de Campinas,* 24/12/1876.)

Das escolas e colégios citados nesse editorial sobre a Educação em Campinas, três delas merecem ser mencionadas a título de ilustração para este trabalho: *O Colégio Perseverança, o Culto à Ciência e a Escola Alemã.*

O primeiro deles - *Perseverança,* também chamado *Cesarino,* porque é o primeiro que surge nos documentos com a denominação *Colégio* - é destinado à educação de meninas. Fundado em data anterior ao Florence, possivelmente em 1860, de acordo com a *Monografia Histórica de Campinas,* provavelmente funcionou em Campinas até o ano de 1885, pois a partir daí não há referências a este estabelecimento nos jornais e almanaques.

Assim como o Florence, funcionava em regime de internato, sendo que as suas pretensões eram sempre mais modestas. Tinha um número reduzido de alunas, um corpo docente menor e poucas disciplinas no programa de ensino.

> Aos seus elevados dotes moraes, deve principalmente o colégio *Perseverança,* os benéficos resultados que tem produzido em favor da classe pobre da cidade. Muitas meninas orphans pobres, têm recebido ali naquele collegio, ha mais de vinte anos educação, ensino, e os meios de subsistência, formando-se ao influxo d'aquelle excelente regimem, virtuosissimas mães de famílias. (*A Gazeta de Campinas,* 7/4/1883).

Merece menção nesse trabalho também, o Colégio Culto à Ciência. Entre seus fundadores, destaca-se o irmão mais velho de Carolina Florence, Jorge Krug. Na diretoria da *Associação Culto à Ciência,* entidade responsável pela administração e captação dos recursos para a manutenção do Colégio, trabalhou Jorge Krug como guardador de livros durante muito tempo, sem solicitar remuneração por tal serviço. Ao

pedir demissão do cargo anos depois, os estatutos dessa sociedade tiveram que ser alterados, pois não havia quem quisesse substituir tamanho altruísmo. No falecimento deste farmacêutico, Campos Salles traçou em linhas gerais a contribuição à Educação desse imigrante, durante 29 anos:

> A instrução publica merecia-lhe a mais alta consideração, e não se poupava a sacrifícios, quando se tratava de semelhante assumpto, confundido os seus melhores desejos com os dos nacionais, e achando-se sempre entre os primeiros servidores de tão santa causa: o que sobre sua qualidade de estrangeiro, realçava-lhe sobremodo os bons serviços e a dedicação provadíssima em tal sentido. Também era um dos seus sustentácullos de uma das escholas allemãs que funccionavam nesta cidade. Exerceu por muitos anos o cargo de vice-consul da Suíça para toda a Província. (*A Gazeta de Campinas,* 7/3/1875).

Outro membro da família dos Florences que teve atuação de destaque no Colégio Culto à Ciência como professor de Latim e que seria um dos seus diretores, foi o filho mais velho do primeiro casamento de Hércules Florence: Amador Bueno Machado Florence.

Quanto a Escola Alemã, esta foi fundada na mesma época que o Colégio Florence. Felizmente existe ainda hoje, com o nome de Colégio Rio Branco, no distrito de Barão Geraldo, em Campinas. Também aí houve a contribuição de Jorge Krug. De acordo com o diário de Anna Krug Kupfer, a fundação desse colégio deu-se em função do esforço da colônia alemã radicada no município de Campinas e unida por diversos interesses, entre eles o educacional:

> Em 30 de dezembro de 1862 sessaram as relações diplomáticas entre o Brasil e a Inglaterra e o povo estava indignado com o caso Christie. Os alemães considerando a situação brasileira, ofereceu-se um batalhão para formar em defesa dos interesses brasileiros. Como também para sufocar um levante dos escravos que dizia-se estava no começo. O delegado de polícia, o dr. Pinto, concordou com o oferecimento de Antonio Exel e prometeu arranjar armas também. Exel foi nomeado comandante dos primeiros vinte homens, todos casados, enquanto o dr. Otto Kupfer estava encarregado dos

negócios civis. Isso já em 1863. Em 19 de abril de 1863, o governo de S. Paulo mandou agradecer a assistência oferecida pelos alemães e assim dissolvia-se o grupo militar. Em seu lugar fundou-se o Clube dos Alemães de Campinas, cuja iniciativa era a fundação de uma escola com biblioteca. Como também um clube de atiradores. A primeira diretoria era formada pelos Dr. Otto Kupfer, *Jorge Krug,* Hubert Armbrust. Em 15 de julho de 1863 abriu-se a escola num comodo cedido por Jorge Krug, com 29 crianças, sendo seu primeiro diretor Franz Veiz, com provento anual de 500 mil réis. A escola foi reconhecida pelo governo de S. Paulo. Após a aquisição do terreno para a escola, foi o título do club modificado em *Escola alemã* e *cub de leitura* isso em 1874, onde milhares de crianças até hoje tiveram boa instrução e Educação. Após a morte de Veiz, estava na direção da escola o sr. Hussen-Bacher. e de 1873 até 1879 presidiu o instituto o sr. Theodoro Yahn. (KUPFER, s.d., s.p.)

Como foi possível constatar, as famílias Krug e Florence influenciaram no desenvolvimento da Educação de Campinas. A contribuição cultural delas e a mentalidade voltada para as mudanças, acompanhando sempre o que de novo acontecia no velho mundo, foram introduzidas em várias instituições. No entanto, para esse trabalho, procurei resgatar as influências que faziam parte da criação e desenvolvimento do Colégio Florence.

No próximo capítulo, procuro analisar como se dava a educação nessa instituição: seus métodos pedagógicos, disciplinas e programas, além das concepções sobre a mulher, propagadas pela imprensa.

Notas

1- Era muito comum naquela época a família trocar correspondências com notícias sobre as condições favoráveis do novo continente. Infelizmente não consegui traduzir, para esse trabalho, as correspondências de Jorge Krug. Escritas em alemão gótico, era necessário um projeto para o financiamento desse trabalho, que inclui em média, setenta cartas. Espero que no futuro a pesquisa sobre este material, que se encontra inédito com os descendentes dos Florences, seja realizada. No entanto, constatam-se os questionamentos sobre a nova terra em cartas de Hércules Florence para seu filho Arnaldo, anos depois, sobre a facilidade de encontrar trabalho na cidade de Campinas.

2- Leila Evangelina Florence de Moraes, bisneta de Carolina Florence e historiadora da família que me colocou em contato com a documentação da Família Florence, reconstituiu a trajetória de Anna Kupfer da seguinte forma: ela foi com a família para Campinas, estudou em Limeira com uma família alemã (Os Gunther), casou-se e morou em Piracicaba, Campinas e com os filhos jovens voltou para a Alemanha. Em seu diário, Anna Kupfer diria: "Nossas filhas cresceram e nosso desejo de lhes dar o desenvolvimento completo de nossa nacionalidade só poderia ser completo se nós voltássemos para a Alemanha. Eu considero impossível educar os filhos sob as diversas influências estranhas em país estrangeiro". Dezessete anos depois voltaram ao Brasil, ficando aqui 3 anos, quando retomaram para a Alemanha definitivamente. Suas filhas estudaram e lecionaram no Colégio Florence. (Diário de Anna Kupfer, - Coleção Cyrillo Hércules Florence).

3- *O sr. Amador Florence passou carta de liberdade a seu escravo Barnabé, com a condição de lhe prestar serviço por mais dous anos.* (*A Gazeta de Campinas* 22/5/1884).

4- *Precisa-se de uma criadinha alemã para serviço doméstico. É casa de pouca família; para informações na rua do Bom Jesus, n.10* (*A Gazeta de Campinas,* 23/10/1873). Ver também Jornal *A Gazeta de Campinas,* de 25/3/1871, onde uma criada alemã se oferece para serviços domésticos com boa instrução.

5- Expedição sob os auspícios do Czar Alexandre I, o naturalista e Cônsul Geral da Rússia, Barão de Langsdorf organizou uma expedição que deveria ir por terra pêlo antigo caminho dos bandeirantes, hoje via Anhanguera. Alterada a rota, prefiriu o Barão de Langsdorf a via fluvial, a partir de Porto Feliz, no ano de 1825. Tinha a expedição, além de Hércules Florence, o astrônomo Rubtsov, o botânico Riedel e o desenhista Taunay. A expedição malogrou com a morte no Rio Guaporé, do primeiro desenhista Adriano Taunay, por afogamento, mas principal-

mente em conseqüência da insanidade mental de seu chefe, Hércules Florence deixou o manuscrito da longa viagem que terminou em Belém do Pará, sob o título "Esboço da viagem feita pelo sr. Langsdorf no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829", escrito em francês e traduzido duas vezes, a primeira pelo Visconde Taunay, e a segunda pelo bisneto de Hércules, Francisco Álvares Machado e Vasconcelos Florence. Ambas as traduções têm o título de *Viagem fluvial da Tietê ao Amazonas*

Em junho de 1992, foi editado pelo professor da Sorbonne, Mario Carelli e pela editora Gallimard o livro *A La Decoubérte De La Amazonie,* Hércules reproduziu aspectos da selva brasileira, além de farta documentação iconográfica.

6- *A Zoophonia,* livro lançado em julho de 1993, em Campinas, pelo ornitólogo Jacques Vielliard, trata dos documentos de Hércules Florence sobre a identificação, classificação de sons dos animais e trazem idéias modernas de metodologia científica para o estudo de espécies animais. Os documentos permaneceram esquecidos por mais de 100 anos nos porões do Arquivo de Ciências da Rússia, em Moscou. Vielliard, professor do Departamento de Zoologia da Unicamp, relata que no século passado, enquanto os estudiosos se limitavam às descrições morfológicas das espécies, Florence escrevia sobre a importância de se estudar também o comportamento dos bichos em seu *habitat.* Mais que isso, ele criou um método de descrição em partituras musicais do canto das aves que ganharia o reconhecimento científico apenas na década de 60, com o surgimento de modernos equipamentos de registro e estudo do som. Também existe o artigo de Alfredo Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay) *Zoofonia,* 1876.

7- Em seu livro, KOSSOY, (1977) registra os resultados positivos da repetição que promoveu, das experiências fotográficas de Hércules Florence nos EUA, nos laboratórios do Rochester Institute of Technology em 1976. Nos manuscritos em poder da família Florence em Campinas, Hércules anotaria a gênese de seu invento: *Neste ano de 1832, no dia 15 de agosto, estando a passear na minha varanda, vem-me a idéia de que talvez se pudesse fixar as imagens na câmara escura, por meio de um corpo que mude de cor pela ação da luz. Esta idéia é minha porque o menor indício nunca tocou antes o meu espírito. Vou ter com o sr. Joaquim Correia de Melo, boticário de meu sogro, homem instruído, que me diz existir o nitrato de prata.*

8- Hércules teve com Maria Angelica Machado e Vasconcellos os seguintes filhos: 1. Amador; 2. Celestina; 3. Adelaide; 4. Francisco; 5. falecido no parto; 6. Francisco; 7. Candida; 8. Antonio Hércules; 9. Arnaldo; 10. Angelica; 11. Arnaldo; 12. Paulo; 13. Ataliba. Sendo que Paulo e Arnaldo, que foram estudar na Europa, não regressaram ao Brasil, falecendo em terras estrangeiras. SILVEIRA 1968, p. 143

9- Na sua origem, a palavra *Famulus* quer dizer escravo doméstico e a familia é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem. A familia patriarcal acrescentou à submissão dos escravos, a esposa e os filhos, e a monogamia ficou sendo apenas feminina: *ao homem se concebeu o direito de ser infiel na vida conjugal, sancionado pelo costume, (exemplo disso é o código napoleônico, que outorga essa infidelidade, desde que ele não traga a concubina ao domicílio conjugal) e esse direito se exerceu cada vez mais, à medida que se processou a evolução da sociedade.* (RIBEIRO, 1987, p. 38).

10- O Barão João Tiago Tschudi, diplomata suíço, ministro da Republica Helvética no Brasil, foi nomeado em 1860, pelo governo da Confederação Helvética, ministro plenipotenciário no Brasil, cabendo-lhe em missão especial, estudar os problemas de imigração Suíça no Império. Escreveu *Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo,* durante o tempo em que esteve no Brasil, resultando esta obra em importante documento para estudos sobre o sistema de parceria e essas localidades.

11- Arnaldo Florence era o 11° filho de Hércules Florence com sua primeira esposa, d. Maria Angelica Machado e Vasconcellos. Foi estudar em Mônaco, juntamente com o seu irmão Paulo. Gostava muito do Brasil e pretendia voltar assim que terminasse os estudos. Infelizmente ambos faleceram antes. *A Gazeta de Campinas,* 3/3/1872.

12- Em 1842, comandados por Tobias d'Aguiar se ergueram em atividades bélicas os paulistas contra a prepotência do governo imperial, no que a Província de Minas Gerais, veio logo a seguir.

13- Carolina Florence, pelo que se pode constatar na documentação encontrada, contratava docentes do sexo feminino na Europa, em diferentes países: inglesas, francesas etc. No Brasil, ela contrataria, além de educadoras, docentes do sexo masculino.

Colégio Florence: aspectos formais e informais da educação

> *Até hoje nenhuma descoberta mathemática, nenhuma teoria metaphisica se conhece devido ao bello sexo. Na Grécia, onde os discípulos aifluíram às grandes escolas de philosophia, onde Pytágoras contava um grande número de mulheres, d'entre os seus adeptos, nenhum só systhema philosóphico apparece devido á intelligência da mulher.*
> (*Dr. Silva Rego Diário de Campinas*, 30/11/1875).

É sabido que o ensino secundário feminino durante o Segundo Império permanece como algo ainda visto com pouco interesse pelo governo monárquico.

O ensino secundário público era dirigido aos discentes do sexo masculino e restringia-se ao sistema de ensino parcelado, ou seja, a educação ministrada por aulas avulsas, em disciplinas com conteúdos que não tinham por objetivo um ensino integralizante. Oficialmente, essa educação ocorria basicamente no *Colégio Pedro II,* localizado na Corte no Rio de Janeiro. Além desse, o mais famoso, existiam alguns seminários espalhados pelo Brasil. Eram, entretanto, em número diminuto.

Criado apenas com o objetivo de preparar jovens rapazes para o ingresso no ensino superior, portanto de caráter propedêutico, possuíam esses colégios um programa fragmentado e multifacetado. (HAIDAR, 1972).

Assim, a educação secundária, de uma forma geral, restringia-se aos colégios particulares, pois eram esses que educariam os filhos das classes mais abastadas.

Nos jornais da época, era comum encontrarem-se notícias dos resultados de aprovação dos alunos que cursavam os colégios masculinos, ao final do ano letivo. Em Campinas, entre os colégios secundários, predominantemente propedêuticos, estavam o *Culto à Ciência* e o *Colégio Internacional,* instituições fundadas por associações.

Com relação às mulheres, entretanto, não era facultado o acesso às Academias de Ensino Superior.

Apesar das transformações que ocorriam no terreno das idéias, em função das correntes de pensamento européias, em se tratando da educação para o sexo feminino, o ideal era a preparação para a permanência no espaço privado.

Havia, no entanto, resistências a esse modelo. Muitas mulheres não satisfeitas com o que era estabelecido pela sociedade da época se rebelavam e procuravam formas de alcançar o espaço público, destinado até então ao sexo masculino. Durante a segunda metade do século XIX, é possível perceber tentativas de brasileiras no sentido de *burlar* essa concepção, arraigada pelo sistema patriarcal da mulher reclusa no lar. Algumas mulheres pertencentes à elite imperial partiam para outros países em busca de educação superior.

Ocorre, contudo, que essa prática já fora bastante usual em épocas anteriores. No período denominado por historiadores de *Brasil-Colônia,* algumas senhoras estudaram em outros países, como é o caso de d. Teresa Margarida da Silva e Horta, que compôs a primeira obra da história da Literatura Colonial Brasileira[14]. O que acontecia agora, é que essas senhoras interessadas em freqüentarem os cursos superiores começaram a pleitear o direito a ter esses estudos aqui mesmo, no Brasil. Mediante a influência de pais e de atestados de bons costumes, solicitavam à direção dos cursos suas permanências, mesmo que o fizessem acompanhadas de criadas como prova de acatarem as regras da vigilância e controle masculino.

Em 1879, Elisa Elvira Bernard conseguiu ser aprovada plenamente em Odontologia (na época, denominada *arte dentária),* mediante requerimento solicitando exame de proficiência prática, visto que freqüentou o curso e por achar-se apta à prova que permitia legalizar seu ofício:

> Elvira Elisa Bernard requereu à faculdade de medicina do Rio de Janeiro pedindo ser admitida a exame de dentista. A faculdade resolveu, officiando ao governo em data de 23 do corrente, citando o avizo deste ministério de 21 de março proximo findo, em que manda pôr em execução immediatamente nesta faculdade a disposição 24 do decreto nº 7247 de 10 de abril ultimo, o qual *permite* de que tratam os § 16,17,18 e 19 e *aos indivíduos do sexo feminino* (grifo meu), e não havendo ainda curso de dentista, por isso mesmo que não estão em vigor as disposições do mesmo decreto, que lhe são relativas, nem ha nelle disposição alguma que prohiba os exames de dentista, que se faziam e continuam a fazer nesta faculdade, rogo a v. exc. se digne declarar-me se o governo imperial, mandando pôr em execução imediatamente aquela disposição, que teve em mente permitir tal exame e também as pessoas do sexo feminino, afim de que possa resolver. (*A Gazeta de Campinas,* 29/7/1879).

Também na Bahia, em 1887, Rita Lobato Velho, conquistou um título de Doutora em Medicina. (*A Gazeta de Campinas,* 31/10/1887). Contudo, no cômputo geral, poucas foram as mulheres que freqüentaram Academias de Ensino Superior durante o período do Império Brasileiro. Embora muitos acreditassem que não havia necessidade de se dar às mulheres uma educação formal mais aperfeiçoada, havia, na época, precursores de um discurso que privilegiavam o ensino feminino. Por exemplo, o caso dos intelectuais que escreviam artigos nos jornais da cidade de Campinas, durante o período em que o Colégio Florence permaneceu na cidade.

Jorge Miranda, jornalista conceituado, redigiu em 1873 um artigo no Jornal *A Gazeta de Campinas* a favor da instrução feminina. Enfatizava a diferenciação biológica dos sexos como empecilho para a equiparação de conhecimentos entre homens e mulheres. A estrutura orgânica da mulher a impedia de obter instrução semelhante. Porém ressaltava a necessidade de elas freqüentarem os bancos escolares, desde que os conhecimentos adquiridos servissem apenas para o aperfeiçoamento maternal. (*A Gazeta de Campinas,* 6 e 17/4/1873).

Dois anos após seus escritos pautados fundamentalmente no Positivismo, Dr. Silva Rego reiterava a necessidade de conhecimentos e ilustração ao sexo feminino, porém dentro dos mesmos moldes propostos por Jorge Miranda. Em editorial longo, destacado, editado durante vários dias, o Jornal *Diário de Campinas* publica sua tese de que as diferenças orgânicas, de acordo com as teorias positivistas, influíam preponderantemente sobre a maneira de pensar e sentir das mulheres. A explicação da fragilidade feminina decorria de questões das diferenças orgânicas:

> o sistema nervoso (da mulher) muito mais delicado, é envolvido por um tecido cellular mais humido e frouxo... é assim que vemos, a doçura, a indulgencia e a submissão, serem as virtudes essenciais desse bello e primoroso filho de Deus: sempre e sempre a intenção do Creador se revelando na organização, nos instinctos, pensamentos, e sentimentos da mulher. (*Diário de Campinas,* 30/11/1875).

O Dr. Silva Rego colocava através da biologia, os limites que impediam as mulheres de se igualarem aos seus companheiros do sexo oposto: *Ficou evidentemente provado, nos parece, que a mulher por sua organização, não pode atingir o mesmo sucesso que o homem, na cultura das sciências e artes onde certa perseverança, contenção do espírito e uma imaginação sustentada, representam o principal papel* (grifo meu). (idem). É interessante observar que no seu discurso existe a necessidade de citar a supremacia masculina como dote *natural:*

> Até hoje nenhuma descoberta mathemática, nenhuma teoria metaphisica se conhece devido ao bello sexo. Na Grécia, onde os discípulos femininos affluíam de um modo extraordinário às grandes escolas de philosophia, onde Pytágoras contava um grande número de mulheres, d'entre os seus adeptos, *nenhum só systhema phiplosophico appareceu devido á intelligencia da mulher.* (grifo meu). (*Diário de Campinas,* 30 nov. 1875).

Finalmente, o Dr. Silva Rego encerrava seu artigo enfatizando que apesar de a fragilidade orgânica feminina impossibilitar a igualdade de chances no plano intelectual, a necessidade da instrução formal às meninas era condição fundamental para que elas pudessem ministrar aos filhos uma educação mais condizente com a filosofia que a época solicitava:

> Não se segue, porém, dahí, que a mulher não deva ser educada e illustrada, não por certo; ao contrário, nós a queremos instruída e até mesmo sábia se for possível, *mas os seus dotes intellectuais não lhe devem fazer esquecer se sua verdadeira missão* (grifo meu) para querer occupar o lugar que só ao homem é destinado, e que ella não póde convir, nem ella póde, vantajosamente, exercel-o, pela sua própria organização. E esta a verdade. (idem).

No entanto, não eram apenas os homens cultos que disseminavam, nos meios de comunicação da época, o ideal da educação feminina no sentido de auxiliar na tarefa doméstica. A mentalidade do período, como era de se supor, era partilhada também pelas próprias mulheres. Em artigo de 1876, Damiana Pestana, campineira erudita, esposa de Rangel Pestana, que mais tarde abriria também, juntamente com o marido, um colégio destinado ao sexo feminino em São Paulo, defendia que a educação feminina deveria ser ponderada, destinada à formação para a vida doméstica, junto aos filhos e ao marido. (*A Gazeta de Campinas,* 19/1/1876).

A situação das mulheres na Europa no mesmo período, encontrava - se em circunstâncias mais propícias, pois muitas já começavam a conquistar empregos que lhes possibilitavam destacar-se na esfera pública. Eram atividades que permitiam aperfeiçoamento educacional e uma certa erudição. Em 1876, o jornal *A Gazeta de Campinas* registrava a estatística de profissionais do sexo feminino em Londres, que de uma maneira ou de outra, tinham contato permanente com a literatura livresca:

> *As mulheres no reinado da rainha Vitória.* (grifo meu). Tal é o título de uma obra que acaba de publicar-se em Londres. Refere-se o livro que existem n'aquella capital 1.077 mulheres que exercem o mister de livreiro, 7.557 de encadernador, 7.140 de typógrapho e 7.410 de vendedor de jornais e 1.350 bibliotecárias. A Inglaterra conta com 245 escriptoras. (*A Gazeta de Campinas,* jul. 1876).

No Brasil, entretanto, pelas próprias condições que lhe foram peculiares, demoraria ainda muito tempo para que a mulher pudesse ascender definitivamente à esfera pública e produzir conhecimentos nas mesmas condições do sexo masculino.

Mesmo os artigos estrangeiros que evidenciavam pouco a pouco a igualdade de condições para competir no mercado de trabalho, eram vistos por muitos com sarcasmo. O comentário, por exemplo, sobre o fato de as mulheres galgarem postos ditos masculinos, produzia um tom jocoso e de repulsa:

> A universidade de Londres, diz um jornal estrangeiro, pediu ao governo auctorização para conferir grau às mulheres em

todas as faculdades. É justa a petição. As mulheres têm aptidão natural para todos os cargos. A mais estúpida exerce *a medicina* quando cura os corações feridos.
É *advogada* quando pede penas para seu marido.
Juiza quando sentencia sem appelação as peralvilhas. *Philosopha* quando tem uma duzia de noivos sem preferir nenhum. *Militar* quando demonstra o seu genio estratégico, illudindo os paes e depois o marido.
Em breve as teremos na política, e não longe virá o tempo em que se leia em qualquer lugar público:
A sra. ministra da marinha não poderá comparecer alguns dias na secretaria. Hontem á noite deu á luz a um robusto menino. (*A Gazeta de Campinas,* 10/3/1876).

Havia, porém, alguns que defendiam arduamente que o saber formal lhes era absolutamente desnecessário. Como argumento, lançavam mão de exemplos reveladores sobre o quanto as mulheres precisavam saber a respeito da missão a elas atribuída: o mister maternal. Num comentário contrário a educação positivista relativa às mulheres, encontrei um artigo que os criticava:

> Parece-me que, enquanto às meninas, é fazer-lhes grave danno rechear-lhes muito cedo à cabeça com a semente da sciência. Desejava-se hoje as raparigas saibam muito, e logo as acusam de positivistas, de pouco ingenuas, de pouco moças, em uma palavra, entretanto, não é isso culpa sua, se não de suas mães de quem as educa por um systhema que consiste em fazel-as estudar todo o dia umas cousas após outras sem reservar alguns instantes para desenvolver sentimentos do coração. É necessário antes de tudo, procurar desenvolver nas meninas o sentimento do bello e do bom; com a boneca aprende de antemão os deveres da maternidade, e pode-se dizer que este brinquedo é o seu primeiro amor; com a boneca ella diverte-se e instrue-se a um tempo, pois aprende a contar e coser-lhe saias e vestidos, e educal-a, deitando-a, levantando-a, passeiando com ella, etc., repetindo enfim com a boneca tudo que vê fazer com as crianças... (*O Diário de Campinas,* 24/12/1880).

Apesar das transformações para a entrada das mulheres na esfera pública ocorrerem muito lentamente, a realidade começava a evidenciar pequenas aberturas para o trabalho feminino

em espaços reservados ao sexo oposto. É o caso do emprego de D. Julia Lopes. Contratada pelo jornal *A Gazeta de Campinas,* para escrever artigos relativos a temas destinados às mulheres e a estrutura doméstica, tratava ela de assuntos tais como: moda, novidades do mundo feminino europeu, tratos com criados, casa, filhos etc. (*A Gazeta de Campinas,* fev./mar. 1884). Com sua saída da cidade de Campinas, rumo à Corte no Rio de Janeiro, o jornal anunciou a necessidade de contratar outra mulher como correspondente desta seção. (idem, 8/7/1886) .

Também, nesse mesmo ano, o jornal anuncia em várias datas, durante as festividades realizadas no Bosque, shows com a aeronauta Maria Leopoldina. A atividade consitia na descida de um balão que era visto pelos habitantes de Campinas como espetáculo de finais de semana. (*A Gazeta de Campinas,* 9/7/1886). Essas realizações, a meu ver, revelam que as mulheres iniciavam a busca de profissões bem mais interessantes do que as do lar.

Assim, começavam elas a invadir paulatinamente o espaço público, realizavam atividades que antes eram exclusivas dos homens. O discurso positivista, que estimulava uma educação formal limitada, não podia controlar as mudanças que decorriam do surgimento de uma nova mentalidade. O momento era de mudanças, de transformações tanto na Europa como em outros países, e o Brasil recebia essas influências através das diferentes visões que eram propagadas por aqueles que aqui aportavam.

As vilas transformaram-se em cidades, e o interior de São Paulo, por causa do desenvolvimento ocasionado pela cultura do café. A lavoura de cana dos tempos coloniais tornou as mulheres reclusas. Os registros dos viajantes que as apontaram como seres estranhos, escondidos pelos quartos, espiando através de frestas começavam a mudar: observam que elas passavam a adquirir um pouco de cultura, de erudição. Entretanto, isso ocorria apenas com as mulheres de elite e com limites. O risco da emancipação feminina freava as mudanças culturais.

A tradição ibérica, transposta de Portugal para o Brasil, considerava as mulheres como seres ignorantes e inferiores, pertencendo assim o sexo feminino ao *imbecilitus Sexus* (expressão que corresponde aos inferiores natos: crianças, doen-

tes e incompetentes). Essa tradição decorre em parte das influências mouras, em função dos oito séculos de permanência dos árabes naquele país. O valor social da mulher entre esses povos sempre esteve diretamente ligado à limitação do seu espaço ao mundo doméstico. (RIBEIRO, 1987, p. 53). Resguardada, a mulher branca de elite não participaria, no período colonial, da vida social, limitando-se seu espaço geográfico da casa à Igreja. Muitos viajantes observaram com atenção essas reclusões[15].

Dessa forma, os conhecimentos eram, na maioria das vezes, superficiais. Aprendiam-se línguas, principalmente a francesa que era utilizada em bailes e saraus, alguns rudimentos de leitura e escrita, contas de aritmética elementar e sempre que possível, o manejo de algum instrumento musical. Na maioria das vezes, o piano[16].

Para as mulheres de condições mais baixas, então, só restava o ensino primário: *no que tange às meninas pobres, do povo essa educação podia ser resumida em duas palavras: primeiras letras e prendas domésticas.* (MANOEL, 1988, p. 111). Aliás, na verdade, nem como donas de casa as mulheres empobrecidas tinham, muitas vezes, condições de se reconhecerem. A prostituição era a possibilidade de vida que elas anteviam. Hércules Florence escrevia em seu diário, em 1828, que:

> as moças filhas de pais pobres nem sequer pensam em casamento. Não lhes passa pela cabeça a possibilidade de arranjarem um marido sem o engodo do dote, e como ignoram os meios de uma mulher poder viver do trabalho honesto e perseverante são facilmente arrastadas à vida licenciosa. (PRIORE, 1989, p. 30).

De acordo com Mary Del Priore, Hércules Florence acabara de captar uma evidência antiga e renitente da vida colonial: as complexas tramas de relacionamento humano tão facilmente confundidas com indisciplina sexual. Assim, sem instrução, o concubinato também permaneceu vigente entre as mulheres empobrecidas, durante muitos anos no Brasil.

As moças de famílias abastadas que desejassem uma educação mais aprimorada deveriam optar por colégios particulares. A contradição nesse caso se dá pelo fato de que, se por

um lado a mulher, devido à concepção de sua educação restrita, não ascendia ao ensino superior e portanto também não tinha a necessidade de conviver com o fantasma da aprovação nas Academias, por outro, essa proibição permitia mais liberdade para que os colégios secundários femininos pudessem realizar um plano de estudos inovador. Sem o limite dos preparatórios, essas instituições, que não tinham o caráter de propedêuticas, progrediram muito mais, no que diz respeito à implantação de novas teorias e novas práticas pedagógicas. Captavam e estavam abertas às novidades educacionais trazidas de outros países mais desenvolvidos. Tinham, portanto, um intuito verdadeiramente educativo, sem os fins de concorrência na apresentação de resultados positivos em relação à aprovação nos exames de ingresso nas Academias de Ensino Superior[17].

Na década de 70, surgia no Império um período denominado por Roque Maciel Spencer de Barros de *Ilustração Brasileira.* Esse termo refere-se a um amplo movimento em que as idéias poderiam reverter o processo do fracasso educativo em geral. *A nossa ilustração guardou a crença absoluta no poder das idéias, a confiança total nas ciências e a certeza de que a educação intelectual é o único caminho legítimo para melhorar os homens.* (BARROS, 1959, p. 22 e 3). As atenções, então, voltavam-se com maior intensidade para os problemas educacionais, principalmente com os republicanistas. Também esta crença propiciaria, de certa forma, o desenvolvimento das instituições particulares.

Na Província de São Paulo, privilegiada economicamente por causa da cultura do café, vemos fazendeiros na cidade de Campinas se reunirem com o propósito de arrecadarem fundos para a criação de instituições secundárias. Independentemente de opções políticas, liberais, republicanos, conservadores, escravocratas e abolicionistas, criaram a *Associação Propagadora de Instrução Culto à Ciência.* O objetivo era a arrecadação de fundos para a criação de um colégio secundário que a princípio, ricos e pobres freqüentariam (O colégio cobrava uma mensalidade, mas havia, pelo estatuto, um número limitado de estudantes subvencionados por essa instituição). Entretanto, a frequência restringir-se-ia apenas à clientela masculina. Às mulheres, bastava a educação em nível pri-

mário. Quem quisesse fazê-las estudar em profundidade teria que arcar com o ônus individualmente. Aliás fazia parte da mentalidade da época acreditar que ter filhas representava um problema educativo, como relata *O caipira* em um de seus comentários no jornal *O Correio paulistano,* em 1870: *Não sendo amigo da educação fradesca de Itú, dou graças a Deus por não me ter dado filhas a minha Eva para não me ver em apuros com a educação dellas, como vejo muitos amigos meus...* (*O Correio Paulistano,* 1/6/1870, p. 2).

Os primeiros colégios em Campinas

Os primeiros colégios, tanto para homens como para mulheres começaram a surgir em Campinas nos idos dos anos 60. Seguindo a descrição de Lourenço Rodrigues (1952), até 1860 o município campineiro apresentava apenas escolas particulares e públicas. A partir daí, começam a surgir os primeiros internatos que se denominavam Colégios.

O primeiro colégio, *Cezarino* ou *Perseverança* como já foi dito em páginas anteriores, inicia sua trajetória em 1860. O segundo intitulava-se *Colégio S. J. Baptista.* Contava com diversos professores e uma média de 30 alunos. Sua data de fundação é imprecisa. Lourenço Rodrigues acredita ser por volta de 1862. Localizava-se na fazenda Laranjal, hoje estação de Joaquim Egydio, e destinava-se à educação masculina. (idem, 1952, p. 397).

Não encontrei muitas informações sobre essa instituição. No relatório que Hércules Florence enviou ao Inspetor de Instrução pública da Província de São Paulo, quando o mesmo solicitou informações sobre outras instituições em Campinas, o próprio Hércules Florence tem dificuldade em dar maiores esclarecimentos:

> Quanto aos collegios e escolas de Campinas, eu declarava que só conhecia o Collegio de meninas da família do Sr. Antonio Ferreira Cezarino; a Escola Allemã, e a Escola do Sr. Malachias Guirlandi, sem que eu pudesse dar mais esclarecimentos. (Relatório de 24 dezembro de 1867 para o Inspetor de Instrução Pública da Província de São Paulo, Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Felizmente, a ausência de documentos oficiais é substituída pelas informações que os almanaques da cidade de Campinas publicavam no início dos anos 70. A credibilidade dos almanaques foi constatada por uma publicação estrangeira, conforme noticiava o jornal *A Gazeta de Campinas:*

> *Almanaque de Campinas - Credibilidade* - O novo mundo, interessante periódico adornado de gravuras, que se publica em New York, a maior cidade dos Estados Unidos, diz o seguinte sobre o almanaque de Campinas: O almanaque de Campinas é uma publicação que dá muito crédito não só a indústria de seu edictor; o sr. José Maria Lisboa, mas também a da cidade de que o livro serve de *Guia* (*A Gazeta de Campinas,* 7/4/1872).

O mesmo almanaque trazia dados importantes sobre o desenvolvimento de Campinas. Em 1872 a cidade possuía oito dentistas, dez médicos, sete hotéis, dezoito açougues, dois tipógrafos e vinte e cinco advogados.

Se Campinas já era uma cidade desenvolvida, como atesta o almanaque de 1872 porque o governo central não exigiu os mapas sobre a situação das escolas e colégios particulares do município?

Provavelmente retomaremos ao fato de que a descentralização provocada pelo Ato Adicional desobrigou às províncias de adotarem tal medida, visto que cada uma redigia as normas que lhe parecessem cabíveis. Destinando verbas diminutas ao ensino, pouco poderiam exigir da iniciativa particular, que tomava para si a propagação do Ensino. Na cidade de Campinas ficou patente o desinteresse oficial perante o ensino particular:

> A desoficialização do ensino campineiro na década de 60 não apresenta grande controle e fiscalização. Apesar da legislação provincial refletir teoricamente as idéias da Reforma Couto Ferraz (1854) quanto à fiscalização e controle desse ramo de instrução, *na prática o ensino particular se mantém livre da supervisão do poder público em virtude da inoperância de fiscalização* (grifo meu) e da crença de que a total liberdade de abrir escolas favorecia a expansão do ensino particular. (FERREIRA, 1982, p. 176).

A falta de controle e fiscalização sendo praticada seguidamente, acabou por instituir a liberdade de ensino nas províncias, enquanto que, na Corte, isto iria acontecer apenas em 1879, com a Reforma promovida por Leôncio de Carvalho. (HAIDAR, 1972, p. 177);

Assim, o município campineiro além de estabelecer legalmente o que entendia por *descentralização* neste ramo do serviço público, evidenciou também o princípio de liberdade contido nas idéias que permeavam a época e favoreceu o precário ensino às demais camadas, até então desfavorecidas pelo não atendimento de suas reivindicações por parte do poder central. (FERREIRA, 1982, p. 439).

Proporcionar ensino gratuito às classes desfavorecidas, criar suas próprias escolas sem prestar contas à Monarquia era um dos principais posicionamentos de combate ao governo vigente que a ala radical dos liberais campineiros praticava. A cidade de Campinas, aliás, era considerada reduto dos liberais. Ficou registrado na história o *Combate da Venda Grande,* levante que contou com fazendeiros da região que se encontravam insatisfeitos com o governo central e se insurgiram. O nome *Venda Grande* provém do local onde os soldados da guarda nacional monárquica os cercaram e os prenderam. Amador Bueno Machado Florence, professor do Colégio Florence e filho de Hércules, do primeiro casamento, escreveria em 14 crônicas no jornal *A Gazeta de Campinas* sobre essa rebelião. (GUIMARÃES, 1978, p. 47).

Essa mesma ala liberal, formada e ativa desde 1868, através do jornal *Opinião Liberal* une o liberalismo com a causa da democracia. Entre eles, se destacam Rangel Pestana, Luís Monteiro etc. Em 1870, se tornariam republicanos responsáveis por mudanças substanciais na política brasileira. Em suas metas, fixadas pelo partido liberal estabelecido em 1869, estariam temas relevantes, como a descentralização, o ensino livre, uma política eletiva, a extinção da guarda nacional etc. (FAORO, 1976, p. 447 e 448).

Os republicanos e liberais, muitos maçons, fundariam escolas gratuitas para as camadas de baixo poder aquisitivo. As *Aulas noturnas da Loja Maçônica Independência,* as aulas do *Asyllo de Orfãs,* etc[18].

Alguns fazendeiros, inclusive, começaram a fornecer escolas para seus escravos, como é o caso do Capitão Bento Dias de Almeida Prado.

> A escola começou com 20 alumnos, sendo 15 ingenuos e 5 adultos captivos, havendo aulas durante o dia e, pelo que alli se observa, os resultados produzidos até hoje são os mais satisfatórios pois os alumnos lêem, escrevem, e contam já com alguma presteza. (*A Gazeta de Campinas,* 25/2/1883).

É de posse desse contexto da Cidade de Campinas, que é possível tentar compreender a fundação do Colégio Florence na época.

Encontrando terreno propício à instrução feminina, Carolina Florence contou com a ajuda do irmão Jorge Krug e do esposo.

A pedagogia adotada no Colégio Florence

Carolina Florence provavelmente sofreu influências da mesma pedagogia na qual estudou em Altona, no Instituto de Madame Broglua e que seguia Pestalozzi, amigo do esposo dessa diretora. A documentação oficial encontrada até aqui não me fornece subsídios suficientes que evidenciem com clareza essa afirmação. Há alguns indícios, entretanto, que podem me levar a essa conclusão: são as cartas, os jornais e registros de diretores de outros colégios campineiros de sua época que seguiam orientação semelhante.

Em cartas de alunos, de pais, de professores, é possível vislumbrar procedimentos que colocam a família, por exemplo, como centro da educação. A relação que se criava no colégio, entre os diversos membros que o compunham, era de respeito mútuo e de um trabalho visando a cooperação entre todos.

> Ima. Sra. d. Carolina.
> Já se passaram quatro meses que separei-me de minha exma. preceptora e apesar das justas saudades e vivas recordações que guardo de minha amiga, malgrado meu, é essa a primeira carta que lhe escrevo. Nela só lhe envio minha profunda gratidão à reminiscência saudosa do tempo de estudo que

> passei em sua amável companhia quando recebia junto da esmerada educação o mais fraterno e incansável cuidado. (...) Envio minhas saudades a todas as meninas e professoras e as vossas dignas filhas e muitos respeitos ao sr. Giorgetti. Meus pais e irmãos visitarão a minha respeitável directora. Assina com toda estima e consideração Palmira Correa. (Carta de São José do Rio Pardo, 23/4/1885).

No anúncio que Carolina Florence colocou no jornal *A Gazeta de Campinas,* aparecia sua preocupação em desenvolver princípios morais: *O ensino e a Educação da mocidade tem-se tornado nos dias de hoje uma questão do mais incontestável interesse e que merece todo o nosso esmero, visto que n'ella repousam o "progresso moral"* (grifo meu) *e a felicidade de nós todos.* (*A Gazeta de Campinas,* 19/9/1872).

Pestalozzi acreditava ser muito importante a convivência entre alunos e professores, realizada através das atividades: *a vida em comum de mestres e alunos é a finalidade social.* (LUZURIAGA, 1980, p. 175).

É interessante observar que a vida em comum entre professores e alunos no Colégio Florence se objetivava nas atividades do cotidiano. Ao contrário dos colégios religiosos existentes no período, em que as alunas tinham, na maioria das vezes, apenas freiras a ensiná-las, nessa instituição o contato com mestres do sexo masculino favorecia uma educação mais voltada para a realidade social a que estavam inseridas.

Se os pais, como já foi dito, tinham receio de uma educação mista, uma co-educação, no momento em que essas alunas conviviam com os professores do colégio, aprendiam a se relacionar com os mesmo e, portanto, adquiriam também uma educação pautada no convívio das diferenças de sexo.

O trabalho desenvolvido entre professores e alunas se dava em diversos momentos: quando escreviam e tocavam músicas ou realizavam traduções em parceria. Nas conferências para a sociedade campinense, os professores as faziam colocando as alunas como auxiliares na tarefa da interpretação dos dados, sob a forma de perguntas e respostas.

Em uma carta de uma aluna que Carolina Florence adotou, e que posteriomente transformou-se em professora da instituição, é possível perceber o interesse das alunas na apreen-

são do conhecimento e, fundalmentalmente, como elas tinham afeição pelo mestre:

> O collégio está enchendo cada vez mais com meninas. Algumas meninas começaram o italiano com o dr. Kopke ed. Augusta permitiu a mim de começar também, mas não sei se a senhora achará bom eu ter começado. Dr. Kopke é muito bom. *Ele toma muito interesse nas meninas e por isso nós fazemos tudo para agradá-lo.* Estudando bem nossas lições ele nos dá agora duas lições de ingles de tarde, apesar das que já tínhamos na semana... (Carta da aluna Leonor Gomes para a diretora Carolina Florence, que estava em viagem na Alemanha 15/10/1883).

Outro aspecto pedagógico que diferenciava o Florence das instituições particulares religiosas era o de ser um espaço de aprendizagem da vida cultural. Contrariamente aos internatos religiosos, onde o estímulo à educação se encontrava na assimilação e dogmas, rezas, abnegação, santificação da mulher, o Colégio Florence, por ter sido laico, tratava suas alunas como mulheres, para viverem no espaço privado e público. Não era uma vida *intra-muros.* Participavam, por exemplo, de acontecimentos festivos em outras instituições. Por ocasião das festas ginásticas, por exemplo, no Colégio destinado aos meninos - o Culto à Ciência - as alunas do Florence ao apreciarem o espetáculo teceram comentários a respeito da associação que os alunos daquele estabelecimento formaram:

> No colégio Culto à Sciência houve uma pequena festa no clube ginástico e atlético, que é uma associação dos alunos desse colégio. Nós lá estivemos e achamos bem divertido. Houve diversas párias entre eles, pária de carreira rasa, pulando barreira em velocípedes, em passo gigante sustentando barras de ferro e os que ganhavam recebiam prêmios. (Carta da aluna Leonor Gomes a diretora Carolina Florence, 15/10/1883)

Se, antes, no período colonial as mulheres eram enclausuradas em casa ou conventos, só conhecendo o noivo indicado pelo pai às vésperas do casamento, e, portanto, desconhecedoras do sexo oposto, nessa época ocorre uma certa abertura importante. Os colégios, e no caso, o Florence, levavam suas alunas a re-

creações em outros estabelecimentos masculinos e dessa forma elas não só tinham acesso a atividades na esfera pública, como observavam os corpos masculinos, através da grande ênfase que começavam a atribuir aos exercícios físicos.

A pedagogia adotada por Carolina Florence valorizava as habilidades manuais. Ao contrário do ensino jesuítico, que dava ênfase às Humanidades, a pedagogia sob influência pestalozziana recuperava a ação aplicada à realidade: *O exercício, a aplicação e o uso de suas forças nas situações e circunstâncias particulares da humanidade, constituem a educação profissional e de classe, sempre subordinada ao fim geral da educação humana.* (LUZURIAGA, 1980, p. 176).

A atividade, também importante, ensinava às crianças a trabalharem ao mesmo tempo em que aprendessem, ou melhor, a aprenderem trabalhando e fazendo. *Conhecimentos sem atividades práticas constituem o dom mais funesto que um gênio inimigo tenha dado á nossa época.* (idem, p. 176).

Carolina Florence visava incutir em suas alunas, através da educação adotada no Colégio, o sentimento do dever, a energia, a tenacidade, o espírito de observação e as boas maneiras. Nos exames públicos ao final de cada ano havia uma preparação que mobilizava alunas e professores da instituição. O objetivo era o de mostrar aos pais e interessados pela questão educacional, como os conhecimentos eram transmitidos e assimilados. A preocupação e a alegria dessas festividades é demonstrada em carta de Leonor Gomes, quando esta se encontrava na Alemanha em tratamento de saúde: ... *temos logo o fim de ano, sempre em que as professoras ainda mais precisam esforçar-se. Farão exame em dezembro? "Me lembro como tinha medo, mais do que as próprias meninas...* (grifo meu) (Carta de Leonor Gomés para Carolina Florence - 15/12/1891). Ou quando perguntou." *Haverá exame público no colégio agora em dezembro ou as meninas vão representar uma comédia? Oh, se eu pudesse estar lá...* (Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence. 11/11/1890).

Outras concepções educacionais geradas na Europa oitocentista, como Comenius e Montaigne e depois reelaboradas e aperfeiçoadas por Fröebel e Pestalozzi entre outros influenciaram a pedagogia do Colégio Florence. Já no século XIX, essas concepções adquirirão novo vigor com a introdução de novos métodos e técnicas de ensino e o início da pedagogia experimental.

> Brilham no séc. XVII vultos pedagógicos como João Comenius, o fundador do método intuitivo; os ilustres solitários de Porto Real; o grande La Baile; João Locke... E no séc. XVIII: Rosseau, o grande filósofo de Genebra, autor do *O Emílio* célebre romance pedagógico, que tamanho impulso deu nessa época, na Alemanha, à ciência do ensino, Frederico Rochow, o fundador das primeiras escolas rurais da Prússia; Oberlin, que instituiu as primeiras salas de Asilo da França; e tantos outros notáveis benfeitores da humanidade. No nosso século fulguram no mundo pedagógico, nomes gloriosos *como Pestalozzi,* incontestavelmente o fundador da Pedagogia Moderma; Froebel, o instituidor dos *jardins da infância*; e Almeida Garret, o primeiro português que escreveu um tratado sistemático de Educação, cujas idéias foram bebidas em Montaigne, Locke, Rousseau e outros escritores... (MORAES, 1982, p. 310).

Feitosa, professor do Colégio Florence, tinha consciência das transformações que ocorriam no campo educacional em função dessas novas idéias e as proclamava como elementos que contribuíram para as mudanças pedagógicas ocorridas na Europa e necessárias na Educação Brasileira do Segundo Império. Atribuía a Comenius a origem da intuição, tema básico da pedagogia de Pestalozzi:

> Já no séc. XVII, o imortal João Comenius lança as bases definitivas da Pedagogia natural. Dividindo os estudos em quatro graus ou escolas, institui o ensino enciclopédico, isto é, abrangendo a universalidade dos conhecimentos, cuja extensão variará segundo cada um desses graus. O menino nada aprenderá senão por meio de exemplos, regras e exercícios. Mas sempre os exemplos antes das regras. O ensino deve ser essencialmente concreto. As imagens suprirão a falta de objetos, que as crianças deverão ver.
> Comenius insiste na necessidade da educação física, e em que a educação moral deve acompanhar o desenvolvimento do espírito. Reclama um método natural em toda a instrução, isto é, um método que se adapte ao desenvolvimento natural

> e espontâneo da criança e que não lhe atrofie a individualidade. *Comenius é o fundador do ensino intuitivo* (grifo meu) e a sua tarefa pedagógica, cujo pensamento predominante é que a educação consiste no desenvolvimento do homem e que nesse desenvolvimento há de se tomar por norma a ordem da natureza. (idem, p. 310).

Nesse sentido, tanto a diretora como o corpo docente do Colégio Florence não introduziram uma pedagogia nova, inusitada ou pioneira. Procuraram, sim, realizarem o quanto que possível as lições do passado, fundamentadas na natureza humana e na experiência desses pedagogos preocupados com a valorização do ser humano, e não mais nos dogmas religiosos.

Enquanto diretor do Colégio *Culto à Ciência,* o prof. Pujol procurou introduzir essas novas concepções modernas de educação, resolvendo não mais premiar e dar menções honrosas aos alunos que tirassem primeiro lugar nos exames finais:

> Resolvemos suprimir de uma vez os prêmios e as menções honrosas, a fim de previnir os ciúmes e o desânimo dos fracos. Em um colégio, nenhum deles deve saber qual o primeiro. Uma doce amizade, diz Pujol, deve unir, todos os corações que não devem pertubar nem as rivalidades, nem a inveja, nem o orgulho. (MORAES, 1982, p. 32).

No Colégio Florence é provável que desde o seu início não tenha havido premiações. Ao verificar as várias notícias dos exames na instituição não encontrei menção a notas, lugares de honra etc. Ao contrário desse procedimento que só estimulariam a competição e a concorrência entre as discentes, os trabalhos finais culminavam com atividades elaboradas coletivamente. As exibições de comédias, dramas, operetas e musicais eram realizados sempre por alunas em conjunto.

Em 1886, por exemplo, nas festas realizadas em dezembro, as alunas das séries iniciais exibiram os seus cadernos com os primeiros rudimentos de desenho, ao lado dos mais evoluídos como forma de evidenciar que o desenvolvimento nas artes dependia de treinamento, ou seja, de que gradativamente as alunas aperfeiçoariam suas habilidades e conhecimentos.

Outra forma adotada no Colégio Florence de evitar rivalidade entre as alunas era não se dar diplomas de encerramento de curso. As alunas passavam para outras séries quando os professores as achavam em condições, mas isso não significava repetências de ano com o tom pejorativo da atualidade: ... *Eu passei agora na divisão de Celestine em Inglês e acho um pouco difícil porque aí as lições são maiores, mas por isso mesmo que eu me esforçarei quanto puder.* (Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence que se encontrava na Alemanha, 15/10/1883).

Não havia, pelo que pude constatar na documentação encontrada até aqui, diplomas ou certificados entregue às alunas, por ocasião de encerramento de sua instrução. O diploma poderia ter a função de estímulo ao mérito.

As *realschulen* alemãs e os liceus secundários franceses que tinham a cultura e o ensino fundamentado no enciclopedismo tiveram também influências na educação ministrada no Colégio Florence. O valor das assinaturas relativo a criação de uma revista das alunas do Florence deveria ter utilidade: *queremos que o seu producto, uma vez feita as despezas da impressão, seja entregue à directoria da Escola Correa de Mello, para applicar-se em benefício das aulas do sexo feminino.* (*O Diário de Campinas,* 17/10/1882).

> É a educação caminhando para o *útil,* o objetivo das sociedades modernas, objetivo do futuro da humanidade, ficando o agradável no 1° plano; para *o científico,* ficando em 2° plano o clássico. (MORAES, 1982, p. 312).

O método intuitivo também era apreciado por parte dos alunos, considerando o fato de que o discurso liberal, que livrava o aluno da rigidez dos castigos e punições severas, propunha-lhe que descobrisse o gosto pelos conhecimentos. A Educação seria algo mais agradável:

> A alma vivificadora de todo o nosso sistema de educação é a liberdade. Deixemos ao adolescente certa liberdade, de modo que possa algumas vezes praticar algum ato de energia pessoal, tomar um partido, uma resolução e executá-la. A vida escolar não deve, diz um notável educador francês, ser regulada pelo relógio, governada pela sineta, não deve ser uma

> sucessão de atos de obediência, evitando-se desenvolver nas crônicas o hábito e o gosto da passividade... Não se lhes deve recusar essa atividade da vida interior que é a sua força natural e a sua nascente dignidade.
> O menino deve se formar à liberdade pela aprendizagem dessa liberdade, à virtude, à justiça, à coragem, à bondade, pela prática delas, sob uma tutela familiar que o dirija sem o constranger. (MOMES, 1982, p. 312)

Essa liberdade educativa ligada à força familiar tinha possivelmente raízes no ideal educacional alemão. Na família alemã, espera-se dos filhos obediência absoluta e as crianças, de ambos os sexos, participam dos afazeres do lar, no qual o homem auxilia bastante à mulher. Apesar das relações de subordinação entre filhos e pais serem muito acentuadas, no que tange às representações coletivas sobre virgindade, relações pré-nupciais e o casamento ainda muito cedo, são diferentes dos padrões brasileiros. (*Fundação Carlos Chagas,* VI, p. 205-6).

Quanto à religião, Pestalozzi reconhece constantemente o valor da educação religiosa; embora sem o caráter dogmático e confessional. É uma religiosidade de aspiração ao aperfeiçoamento, que não se submete ao dogma ou à seita. Por essa razão não é necessário ser ensinada. *É um fato que a moralidade e a religiosidade não se adquirem por arte humana, e em si mesmos, tampouco necessitam disso. A educação religiosa baseia-se no amor materno e daí se eleva à crença e ao amor cristãos.* (LUZURIAGA, 1980, p.177).

Por ser uma idéia de religiosidade íntima, não confessional, não se sabe ao certo qual a religião professada pela diretora da instituição. Carolina Florence não deixou evidenciada em documentos sua opção religiosa. Na Monografia Histórica de Campinas, o autor Lourenço Rodrigues afirma que, segundo outras fontes não reveladas por ele, Carolina Florence *Era protestante, mas - pessoa de grande tato - não fazia do seu colégio instrumento de proseletismo sectário.* (RODRIGUES, 1952, p. 398).

No relatório de Luiz Silvério Alvez da Cruz, de 14 de outubro de 1869 para o Inspetor de Instrução Pública da Província de São Paulo, Diogo de Mendonça Pinto, ao referir-se as aulas de religião que Carolina Florence ministrava no seu colégio dizia: *directora de Religião protestante, apesar disto é a primeira a dar exemplo de respeito a religião do Estado... (sic) ensinava suas alunas o mais que possível nos princípios da Religião Cathólica e História Sagrada q'ella mesma ensina.* (Relatório de Luiz Silvério Alves Cruz... 14/10/1869).

Carolina Florence contribuiu para a construção de igrejas católicas durante a segunda metade do séc. XIX em Campinas: a Matriz Nova e a Igreja de São Benedito dos Pretos. Em ambas, encontramos recibos de suas contribuições.

Encontrei também, na documentação referente ao Colégio Florence, uma prece rezada pelas alunas desejando um melhor aproveitamento educativo:

> *Oração rezada no Colégio Florence em jundiaí, quando fui aluna no mesmo:*
> O' meu Deus esclarecei meu espírito, elevai minha alma, mostrai o verdadeiro caminho da sabedoria e bondade. Dai a todas que estão encarregadas de me instruir e guiar a coragem e a paciência necessária para me ajudarem a ficar. Vossa criatura bem amada concedei a saúde e a felicidade aos meus pais, aos meus bons parentes. Levai as almas para o céu. Dai a vossa santa benção. (Carta de Carolina Florence Meyer, Neta de Hércules Florence de seu 1° casamento) .

A religiosidade da diretora, provavelmente não influenciou o dogma de suas alunas. O sentimento religioso era o que importava, e não a seita professada. Em carta que Carolina Florence enviou a sua enteada, Candida (filha de Hércules Florence com Maria Angélica, a qual ela trata por *mana*) constata-se seu sentimento religioso, bem como a sua postura com relação ao colégio. *Responderei amanhã as duas cartinhas das meninas, das minhas filhas do colégio. "Queira Deus" que elas continuem a escrever-me pois a ingenuidade com que esprimem, me diz muita coisa* (grifo meu). (Carta de Carolina Florence para Cândida Florence - jun. 1883).

A carta é enviada da Alemanha, numa das viagens que a diretora faz à Europa. Cândida Florence, nesse tempo, colaborava com seus préstimos para o bom andamento da instituição:

> Meu pensamento quando encontro algo de agradável e belo é sempre: quantas vezes não tenho repetido estas palavras a

> minha mana e o que seria de mim se a estas saudades se unissem maiores cuidados do que sua presença no colégio só pode aliviar. Diga-me Cândida pois, sem faltar aos meus deveres para com Augusta se eu posso ficar até o mês de outubro. Diga-me francamente como você se acha no Colégio e se esta vida não a incomoda demais. (Carta de Carolina Florence na Alemanha para Cândida Florence. Cassel 7/6/1883).

Na continuação da carta, além da diretora revelar o apreço que tinha pelas discípulas que escreviam para ela contando os progressos feitos durante as aulas, também mencionava sua preocupação com o ensino básico utilizado na Alemanha:

> Como vai Yayá?
> Espero achá-la muito adiantada. Emílio saberá tirar proveito do talento que Iaiá possui para a música e isso será um grande estímulo para Celestina e as outras meninas. (...) Agora que estou servida por uma boa criada vou ocupar-me a estudar o ensino elementar *e os meios tão diversos que empregam para torná-lo interessante.* (grifos meus). (Carta de Carolina Florence em Cassel para Cândida Florence. jun. 1883).

Carolina Florence ainda manifestava um grande interesse em conhecer novos métodos do ensino elementar na Alemanha, apesar de já se encontrar com cinqüenta e cinco anos em 1883. A renovação dos conhecimentos é como a vida, como nos dizia Lourenço Filho anos depois:

> O ensino, como todas as manifestações da vida, não fica à espera das manifestações de uma nova filosofia, perfeita e acabada, para só então renovar suas técnicas, por novos princípios. O que muda é a vida. Com ela as manifestações gerais das técnicas e do pensamento. A educação é expressão inelutável da vida social e reflete, a cada passo as transformações da existência humana. Uma nova educação se constitui, em cada época histórica, acompanhando a variação da compreensão da vida. (MORAES, 1982, p. 325).

Dessa forma, Carolina Florence procurava absorver dos novos métodos que foram surgindo, contribuições para a melhoria do ensino no Colégio Florence. Para tanto, permitia que o corpo docente da instituição elaborasse seus programas

de ensino livremente. Nas escolas religiosas ou nas fundadas por associações, os professores ficavam sob o controle da direção.

No Colégio das irmãs de São José, em Itu, por exemplo, os objetivos educacionais misturavam-se a religiosidade:

> Além da doutrinação religiosa recebida em sala de aula e dos conceitos e valores morais ultramontanos, hauridos na leitura de textos prévia e conscientemente selecionados, as educandas eram envolvidas em práticas constantes de religiosidade, seja através de orações individuais ou coletivas, seja através de atos litúrgicos ou festejos de santos padroeiros ou devocionais. Em resumo, as alunas eram envolvidas por uma atmosfera de religiosidade, de devoção e piedade, de tal forma que essa religiosidade era incorporada à vida da educanda, no colégio ou fora dele. E esse era, de fato, o objetivo preponderante da educação ultramontana. (MANOEL, 1988, p. 202).

Como se vê, o programa de ensino nas escolas religiosas tinha como objetivo a religiosidade. As professoras (Irmãs) reforçavam a sociabilidade e a cultura com seu lastro religioso, e inibiam as matérias voltadas para o conhecimento científico. (idem, p. 203). Nos colégios leigos, criados por Associações filantrópicas, a situação, no que tange ao controle do que os professores podiam ministrar, não era muito diferente dos religiosos. O *Culto à Ciência,* por exemplo, tinha seus programas de ensino proposto pela diretoria, que muitas vezes limitava as iniciativas dos mestres e sua esfera de atuação pedagógica:

> Quanto aos professores, tudo indica que não participavam nem da elaboração do programa de ensino de sua própria matéria que, como se viu, era um encargo pessoal do diretor. A eles cabia apenas seguir as orientações a priori determinadas. Mas os estatutos isoladamente apreendidos, não permitem que se conclua sobre a quase ausência de autonomia do corpo docente no exercício de suas funções... indicando o férreo controle da diretoria que se estende aos mínimos detalhes da organização escolar. (MORAES, 1982, p. 256).

No Colégio Florence, a abertura às idéias que chegavam com novos professores sempre foram bem recebidas e apreciadas. O papel do professor implicava numa maior flexibilidade da instituição.

Desde a sua fundação o estabelecimento esteve aberto às novidades no que diz respeito aos métodos pedagógicos. Nos anos iniciais da década de 70, quando alguns propagandistas passaram pela Província de São Paulo, fazendo preleções sobre métodos de estudos, Carolina os trouxe para serem difundidos em sua instituição. Divulgaram na imprensa essas palestras, a fim de que a população interessada em Educação pudesse assistir. É o caso do Conde Zaba, que fez demonstrações de seu *Méthodo para estudar História Universal.* Consistia ele, em exibir um mapa dividido por quartos e estes por frações mínimas onde estão representados os anos, os homens e as coisas notáveis, refletindo-se em cores, de modo que as informações transmitidas através de imagens ficassem sempre à mão. (*A Gazeta de Campinas,* 25/3/1871).

João Kopke deu impulso as novas idéias em educação. Uma das suas primeiras atividades com às alunas do Colégio Florence, de fins filantrópicos, foi a criação de uma revista publicada trimensalmente, contendo trabalhos originais, resumo de leituras, descrição de gravuras, exercícios de construção etc. De acordo com o editorial do jornal *A Província de São Paulo* escrito por Rangel Pestana, essa publicação se apresenta como um arquivo de provas, de estudo e aplicação como um registro do adiantamento das alunas *de um colégio e das aptidões e esforços de um mestre tão distinto pelo seu saber quanto pela sua prática no magistério.* (*A Província de São Paulo,* 27/12/1882).

A publicação foi denominada *Revista Trimensal* e recebeu elogios de toda a imprensa. Editada na gráfica do Jornal *A Gazeta de Campinas* continha o reconhecimento pelos trabalhos efetuados por sua diretora ao longo de sua administração: *A Revista Trimensal é a melhor prova da proficuidade dos methodos e muito deve ter lisongeado o ânimo da exma. directora ao ver realisado tão cabalmente os fructos dos seus esforços.* (*O Diário de Campinas,* 17/10/1882).

No artigo de apresentação da revista, escrito por uma aluna, apareciam os objetivos culturais e filantrópicos da publicação:

> Publicamos a *Revista,* para afirmar que trabalhamos e que comprehendemos a vantagem do trabalho, nós quizemos que a

> sua publicação, deficiente em luzes, fosse ensejo a alguma boa obra. Deixamos por isso as condições de assignatura à generosidade do assignante, visto querermos que o seu producto, uma vez feita as despezas da impressão, seja entregue à directoria da escola *Correia de Mello,* para applicar-se em benefício das aulas do sexo feminino. (*Diário de Campinas,* 17/10/1882).

É necessário explicitar que a Escola Correia de Mello foi fundada por uma comissão de senhores e senhoras das classes abastadas e, em homenagem ao cientista Joaquim Correia de Mello[19], sendo o edifício, posteriormente, destinado ao ensino gratuito de ambos os sexos. Depois de muitas dificuldades financeiras, foi sustentado através de verbas do Coronel Quirino. Vivia de donativos para continuar a manter-se como obra assistencial. Nesse sentido, a colaboração arrecadada pelas alunas do Florence auxiliava na sobreviência da escola.

Além de sua característica filantrópica, a revista suscitou do jornalista Rangel Pestana observações sobre o mestre João Kopke e a iniciativa inédita de algo do gênero:

> (Colégio Florence) Não vemos alli a intenção de insufflar a vaidade, de crear para a mulher uma falsa gloria litteraria assente no charlatanismo do meio e na falta de modestia com que se traz hoje a publico escriptos *que deviam ser esquecidos na cesta de costura.* Foi outro o fim o illustre pedagogo, do moço que tem acompanhado, como bem poucos, a marcha do Ensino na Europa e na América. (...)
> Si nos fosse licito lembrar ao distincto professor uma idéia, lembrarlhe-iamos a conveniência de trazer cada escripto a edade da alumna, como nós ambos já vimos em provas das alumnas nos Estados Unidos. O conhecimento do tempo de aprendizagem conviria tambem indica-lo.
> Estas circunstâncias completam o valor da prova exhibida e influem muito no julgamento publico.
> Pela nossa parte, confessamos, a *Revista Trimensal* faz subir muito a capacidade do mestre e augmenta extraordinariamente a reputação do *collegio Florence.* (*A Província* de *São Paulo,* 27/12/1882).

Os artigos contidos na *Revista Trimensal* discorriam sobre temas dos mais variados. Infelizmente não conseguimos localizar nenhum exemplar dessa publicação. No entanto, o jornal *A Gazeta* de *Campinas* publicou a relação dos artigos conti-

dos na revista, que cito a seguir a fim de que o leitor possa ter conhecimento dos temas abordados:

I- *Trabalhos Originaes:* O amor materno dos animaes; As Flores; As viagens. A moda; A escolha de um tema; O Balão; Pezames.

II- *Resumos* de *leitura pelo professor:* Descrição de uma festa no Japão cumprimento do dever; Hypocrisia; Perseverança; Honestidade; A voz da Consciência.

III- *Descrição* de *Gravuras:* Um quadro; As Tres Irmãs; Scena militar.

IV- *Um acróstico em prosa:* Galeria Pedagógica: Sócrates.

V- *Resumo* de *explicações:* Fabricação de Cervejas.

VI- *Exercício* de *construção:* Descoberta da América.

VII- *Collaboração:* Um problema; O Oceano Pacífico; A pesca dos diamantes;

Aplicação ao Trabalho; Castigo da Imprudência. (*A Gazeta* de *Campinas,* 14/10/1882).

Todos esses artigos foram escritos pelas alunas do Colégio Florence. Há, junto com cada artigo, a relação dos nomes das alunas.

Carolina Florence, durante o lançamento dessa publicação, encontrava-se em viagem pela Europa. Na missiva que envia as suas discípulas pergunta pela continuidade da revista. Isso pode significar, que o professor João Kopke tinha a autonomia necessária para aplicar suas teorias pedagógicas com o aval da direção do estabelecimento, o que possivelmente não acontecia com os docentes de outras instituições que tinham suas ações pedagógicas controladas.

Infelizmente, subjacente a essa atividade, o modelo pedagógico adotado parece não ter tido repercussão nas outras instituições da cidade de Campinas. No entanto, o exemplo da revista foi seguido em outra província, que não só acatou a idéia do Florence, como enviou um exemplar à imprensa campinense como resultado da implantação desse tipo de trabalho:

... não nos consta que algum collegio desta província tenha introduzido os exercícios de composição nas suas classes de Portuguez, a exemplo do collegio campineiro. Mas, as ideias boas e úteis, uma vez dada á luz, não deixam de fructificarem em um lugar ou noutro. É o que agora se verifica.

A *Revista Escolar,* contendo exercícios de composição dos alumnos de 1° aula publica do sexo masculino da cidade de S. Gabriel, Rio Grande do Sul, publicada pelo retrospectivo professor Sr. João Pedrozo B. de Albuquerque sobrinho, da qual temos o número 1 á vista, é um fructo da *Revista Trimensal.* O digno professor, cujo nome escrevemos, tomou este modelo. (*A Gazeta de Campinas,* 30/1/1884).

Gazeta de Campinas

ASSIGNATURAS
CAMPINAS PARA FORA

PROPRIETARIO E DIRECTOR—CARLOS FERREIRA
GERENTE—PEDRO FRANZEN

ANNO XVI — QUINTA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 1884 — N. 3200

Correspondente em Paris
PARA ANNUNCIOS E RECLAMES
Oscar A. Lorette
RUE DE SAINT ANNE N. 31 BIS
PARIS

EUGENIO PELLETAN

COLLEGIO FLORENCE

Arquivo Edgar Leuenroth e Centro de Memória

Exemplar do jornal *"A Gazeta de Campinas"* Noticiando as festas realizadas no ano de 1884

Também realizavam visitas pedagógicas pela cidade. Essas atividades intelectuais eram relacionadas como exercicios físicos: A verdadeira ginástica, porém, é aquela que faz trabalhar os músculos por meio de movimentos frequentemente repetidos, jogos, esgrima, corridas ao ar livre, exercícios militares, *excursões nas cidades e vilas onde existam oficinas importantes, fábricas ou curiosidades naturaes.* (grifo meu) (MORAES, 1982, p. 315).

Em novembro de 1883, as discípulas foram acompanhadas pelo prof. João Kopke em visita à fábrica de chapéus dos srs. F. Hempel & Cia. O jornal noticiou o acontecimento da seguinte maneira:

> Alli chegando as 11 horas, achando-se presente um dos illustrados professores, daquele acreditado collegio,que nas *lições de cousas* que costuma dar, havia já se occupado com a fabricação de chapeos, as jovens alumnas percorreram as oficcinas, examinando com attenção as machinas, que cavalheirosamente foram mostradas pelos dignos industriaes, proprietários do estabelecimento, que viam dando as explicações technicas, precisas para bem comprehender-se o seu modo de funccionar. Não sendo dia de serviço,(...) os operários puzeram em actividade algumas machinas, evidenciando o interessante processo por meio do qual o pello de castor, recebido do estrangeiro, é naquella fabrica convertido em elegantes chapéos de todas as formas e gostos com uma facilidade relativa pelo emprego de vapor e dos aperfeiçoamentos que a machina tem introduzido. Assim, *vendo trabalharem os machinismos e ouvindo as explicaçoes que lembravam as lições dadas na aula* (grifo meu) as alumnas do Collégio Florence, estiveram na officina que visitavam até a 1 hora da tarde, em que se retiraram. (*A Gazeta de Campinas,* 27/11/1883).

As *lições de cousas* tratavam, possivelmente, de aulas práticas sobre situações do cotidiano que envolviam coisas úteis, como a fabricação de chapéus.

A propósito da visita a estabelecimentos comerciais, o Jornal *A Gazeta de Campinas* comentaria, sobre a importância de excursões para a educação. Dizia que os pedagogistas modernos que seguem as lições de Pestalozzi e de Froebel, não se cansam de repetir que o único ensino verdadeiramente proveitoso, que realmente prepara o ser humano para as lutas difíceis da vida, é o que

se adquire pela aplicação da própria faculdade de observação pela vista das coisas. Por isso aconselham os mestres a levarem seus alunos a visitar os jardins, museus, e, dessa forma, diante da realidade despertem o gosto pelas ciências naturais. Da mesma maneira, passeiem pelos campos e aproveitem para dar as explicações sobre os acidentes do terreno, dos cortes das terras, das pedras achadas, para dar-lhes lições de geologia, etc. Encerra o artigo com uma perspectiva pessimista, com relação ao aproveitamento das idéias das alunas do Colégio Florence:

> Infelizmente no nosso paiz não se seguem estes conselhos. Ainda ha pouco por occasião da exposição pedagógica na Côrte, os alumnos que a visitavam, entravam por uma porta - a segunda do fundo - e sahiam pela outra, do mesmo modo, sem ouvir uma só palavra do mestre! Em Campinas tem ecco as ideías pedagógicas modernas: a excursão que com prazer noticiamos o prova. É uma honrosa excepção. (*A Gazeta de Campinas,* 27/11/1883).

O professor João Kopke trouxe idéias pedagógicas que conseguiram influenciar não só o corpo discente do Colégio Florence, mas a população da cidade de Campinas. Além da publicação da Revista Trimensal e das Excursões Pedagógicas às fabricas, introduziu na instituição, as chamadas *Conferências sobre anatomia humana.*

Em junho de 1883, no encerramento das aulas do primeiro semestre do Colégio Florence, Kopke iniciou a primeira dessas conferências. Demonstrou a necessidade das noções que iria abordar, para o bom exercício das funções representadas pela mulher na família. Dessa forma pretendia dar a elas a oportunidade de conhecerem o corpo humano.

No recinto do estabelecimento havia muitos senhores e senhoras da sociedade campineira, pois essas explicações não eram apenas novidade para as suas alunas, mas também para a grande maioria da população instruída que tinha a curiosidade de saber como funcionava o corpo humano. Assim, de uma forma bem didática, João Kopke procurou mostrar como o alimento e o oxigênio têm papel fundamental como combustíveis. Demonstrou a oxidação e o movimento, através de ligeiras noções de anatomia. A largos passos, descreveu o corpo humano,

omitindo, sempre que possível, os nomes técnicos, usando dos vulgares e chamando a atenção sobre dois grandes centros: cérebro e coração. O comentarista, no jornal, sobre a conferência descreveria:

> Feito isso, constantemente em presença das grandes planches muraes de Gervais que representam fielmente os diversos orgãos e aparelhos do organismo animal, demonstrou que os musculos, solicitados pelo menos, produzem os movimentos, uma vez que o sangue os alimenta, e que a essa potência dos musculos chama-se vulgarmente força. (...) Comparando o sangue a um mercador que sae com o seu taboleiro sortido de mercadorias diversas e que atravessa o organismo de um a outro extremo; imagina que o musculo, o nervo, o osso, o tendão lhe compram oque precisão para o seu modo de viver, e lhe dão em pagamento aquillo que se lhes tornou inutil, e que elle vai tornar objecto de uma outra venda ou sujeitar a uma transformação proveitosa... (*O Diário de Campinas,* 19/6/1883).

No final da apresentação, agradeceu a presença do jornalista e professor Rangel Pestana, a sua vinda a Campinas para assistir à festa do Colégio, *o que bem atesta o seu amor á grande causa do ensino, e prometeu esforçar-se, tendo em vista um curso de hygiene domestica, mais e mais por tornar conhecidas em posteriores lições as maravilhas da machina humana, que, entre tudo o que o homem tem aprendido a conhecer, não tem superiores* (grifo meu). (*O Diário de Campinas,* 19/6/1883).

Kopke utilizava-se de outros aparelhos, novidades para a época, para suas explicações de anatomia, como o torniquete hidráulico e fonte de Hierão, efeitos de eletricidade como o bobine de Ruhmkorff, além de projeções com o Scioptikon, entre outros.

Além dessas conferências e demonstrações de aparelhos utilizados pelo método experimental, esse professor revelou um interesse muito grande pelo aperfeiçoamento das alunas.

Rangel Pestana, jornalista e proprietário do jornal *A Província de São Paulo,* na capital, esteve presente às festividades do Colégio Florence e o comparou com as realizadas nas instituições estrangeiras:

> As festas escolares nos paizes adiantados em civilização constituiem-se pontos de reunião para alegrias e observações.

> Uns procuram n'ellas o que ha de verdadeiramente de carater festivo; outros, o que atteste o método real do ensino, um bom systhema de educação e as condições do estabelecimento de instrucção que deêm a medida do seu valor na ordem dos fatores da civilização de um povo. N'esta qualidade, assistimos a festa que teve logar no *Collégio Florence* em Campinas. (...) (*A Província de São Paulo,* 21/6/1883).

Julia Lopes, colunista feminina de A Gazeta de Campinas em um de seus artigos descreve a festa, a partir da surpresa inicial: *Duas meninas, a primeira sentada a uma mesa e a segunda distante della e junto duma ardosia, comunicaram ao público por meio de um fio elétrico o seguinte telegrama: Vai principiar nossa conferência* (grifo meu). (*A Gazeta de Campinas,* 19/6/1883). A comunicação telegráfica representava a nova era da eletricidade e do desenvolvimento.

Depois disso entrou no palco um grande número de alunas que entoaram o canto da Ave Maria, de Mercadante, acompanhadas por colegas ao piano. Quando a música terminou, em frente a um planisfério, duas alunas, alternando-se, prenderam a atenção do público com a descrição das viagens feitas pelas *feiticeiras virgens* ao redor do mundo:

> Animando os nossos pensamentos que seguiam contentes as interessantes *touristes* através das maravilhosas terras onde se ostenta o alabastro e o porfhirio e onde se veem a par de enormes zimboriso os elegantes minaretes que apontam o céu azul (sumptuosos) com as suas agulhas finas, onde ha os mais simphaticos templos e onde o luxo e os costumes põem notas tão originaes na grande simphonia universal. E assim viajamos na civilisada Europa à Florescente América á luxuosa Asia á exuberante África, parando nos pontos principaes para conhecer sua população e riqueza. (*A Gazeta de Campinas,* 19/6/1883).

Pela descrição desses dados geográficos e a utilização das feiticeiras virgens, percebe-se que a questão dos dogmas religiosos estava posta de lado para as alunas do colégio. Enquanto as irmãs de S. José de Chamberry, do Colégio do Patrocínio de Itu, por exemplo, estabeleciam um clima de competição entre as discentes, para pertencerem ao seleto quadro

das filhas de Maria e que toda solenidade de ingresso de novas congregadas, era uma ocasião de extremo jubilo para as novas integrantes e de inveja e até humilhação para as que não conseguiam o ingresso, no Colégio Florence a preocupação era com narrações científicas, a geografia dos contornos do mundo, do social, etc.

Enquanto que para as meninas do Colégio do Patrocínio de Itú o trabalho profissional era rejeitado porque a instituição seguia as regras do *Ratio Studiorium* dos jesuítas e portanto faziam objeções ao novo, ministrando um curso de Humanidades, no Colégio Florence de Campinas a educação, principalmente dentro dos ensinamentos de Kopke, era baseada nas pedagogias modernas que surgiam através das ciências naturais e científicas.

Muitos pais de famílias abastadas, eram aversos a educação religiosa, e ao perceberem que o Colégio do Patrocínio de Itu tinha como objetivo a vida religiosa, de lá retiraram suas filhas e colocaram-nas em colégios leigos. D. Clélia Fonseca Lima, por exemplo, foi retirada por seu pai do Colégio do Patrocínio, porque sua prima, Olimpia Fonseca, em anos anteriores havia se tornado freira. O pai de D. Clélia, temendo o mesmo resultado, colocou-a no Colégio Florence. (RODRIGUES, 1962, p. 176).

Os jornais, freqüentemente traziam artigos a respeito dos partidarismos políticos relativos a questões educacionais. Contrários a educação em instituições religiosas, Rangel Pestana, proprietário do jornal *A Província de S. Paulo* assim como Quirino dos Santos, do jornal *A Gazeta de Campinas* eram republicanos e seus veículos de imprensa traziam a propaganda política do partidario[20].

O jornal *O Diário de Campinas* de Alberto Sarmento e Barcellos, era de cunho liberal e vez por outra, trocava farpas com os jornais republicanos.

Uma dessas deu-se em 1877, quando no jornal *A Província de S. Paulo,* apareceu um artigo sobre os colégios brasileiros. Dizia o texto que os mesmos deveriam ser dirigidos por brasileiros, o que na realidade era uma crítica aos *Irmãos universais,* dirigentes do Colégio do Patrocínio de Itu.

O jornal *O Diário de Campinas* após a publicação do

artigo no jornal da capital, criticou-o dizendo que os colégios brasileiros pouco duravam e os de estrangeiros eram melhores. Cita o fracasso de Rangel Pestana quando este tentou manter o Colégio Pestana em São Paulo e não conseguiu. O sucesso e a estabilidade do Colégio Internacional de Campinas e o Patrocínio de Itu, dirigidos por estrangeiros.

O jornal *A Gazeta de Campinas,* inserindo na discussão, intercedia a favor do jornal *A Província de S. Paulo* respondendo que os estrangeiros e brasileiros deveriam conviver tranqüilamente, desde que não fossem educados por religiosos. Em outras palavras, a educação da igreja destoava das novas propostas educacionais. Citava as instituições que foram criadas pela iniciativa privada, tanto por brasileiros e estrangeiros, que permaneciam ativas na cidade de Campinas, e, dentre elas, o Colégio Florence:

> Quaes são os estabelecimentos de ensino existentes na Província, que mais progressos tem apresentado no ponto de vista do adiantamento scientifico, e mais do que isso, no ponto de vista dos resultados práticos? Do sexo feminino, temos em Campinas, ha talvez 15 anos, dous provados collegios, aonde se tem formado muitíssimas mães de família, que ao mesmo tempo fazem honra a sí e as suas dignas preceptoras: são os collegios *Florence e Perseverança.* O que pode a difamação ultramontana achar para incripar a estes dous antigos e notáveis estabelecimentos de ensino, que tanta honra fazem à cidade de Campinas?
>
> (...) Saiba o articulista, que em Campinas pouquíssimas alumnas ha estudando no collegio *Patrocínio* dirigido pelas irmãs de caridade. E realmente o que é que se aprende naquelle estabelecimento, além das multiplicadas espécies de reza? Alli não há professores, as professoras que são as próprias congregacionistas de S. José, mal sabem ensinar algumas fábulas em idioma francez, cuja tradução é ensinada extremamente errada. (...)
>
> Acrescente a isto o facto muito censurável de aquellas meninas viverem com que segregadas do mundo social, entregues á direção de mulheres fanáticas, e cujo passado e origem são completamente desconhecidos, e temos dito tudo quanto pode influir para tornar bem claro o pronto aproveitamento que

este *jezoitico* collegio pode proporcionar ás pobres meninas que lá vão aprender. (*A Gazeta de Campinas,* 14/12/1877).

A resistência dos colégios religiosos em ensinar às alunas ciências naturais e exatas forçava muitos pais a não colocarem suas filhas nessas instituições. Adeptas do ensino jesuítico, as Irmãs de S. José de Chamberry procuravam manter-se dentro de uma educação voltada para a religião. Esse tipo de ensino se explicava da seguinte forma: *A especialização prematura nas ciências exatas, a técnica que predomina o caráter educativo nessas mesmas ciências de nada aproveita ao espírito feminino, mais apto para as ciências de cunho literário e até filosófico do que para os estudos de orientação profissional* (MANOEL, 1988, p. 208). Ensinavam portanto, cultura geral e religião e adaptaram pontos fundamentais das regras dos jesuítas. Disciplinas como literatura e estilo. Também incentivavam a competitividade entre educandas. De acordo com Ivan Manoel: *A técnica empregada pelas Irmãs de São José para estimular o estudo e o aperfeiçoamento moral das educandas, também encontrava respaldo no ratio. Tratava-se da emulação (competição) e da premiação.* (idem, p. 234).

O Colégio Florence ao contrário utilizando o método que incorporava novos conhecimentos necessários à vida social era elogiado pelos jornalistas:

> Resta-nos saudar o *Collégio Florence,* que, caminhando assim, nas modernas trilhas, esparge claridade nos espíritos das meninas que n'elle se abrigam, e em cuja mente dir-se-hia brilhar já este divino preceito - *aprender para ensinar* - (grifo meu). Desde aquella comunicação telegráfica a cargo de duas meninas até as narraçoes das viagens ao redor do mundo, tudo indicava que o Collégio Florence entrou no rumo moderno das verdadeiras casas de instrucção. Os conhecimentos alli se alargam, a mulher adquire uma somma de idéias úteis e a forma elegante e atrhaente da exposição. (*A Gazeta de Campinas,* 23/6/1883).

Houve um julgamento de provas dos educandos particulares de Kopke. Eram quatro alunas e um aluno. Todos fizeram exames e Rangel Pestana assistiu à prova. Como resultado

de sua apreciação, teceu comentários que retratam como esse republicano via a educação, e principalmente, como o professor foi avaliado na transmissão de seus conhecimentos:

> Nessas provas o valor do ensino, a aptidão e os conhecimentos do professor deviam ficar em evidência, porque tratava-se de alunos confiados inteiramente aos seus cuidados e sujeitos ao plano de ensino de sua livre escolha. (...) Dado um trecho por um dos juízes, o professor interrogou sobre grammática, prendendo as questões á análise dos mesmos trechos. Nas sciências um dos juízes indicava o ponto e por sucessão de factos ou relacionamento de ideas, o examinando era levado a muitos outros, o que deixa conhecer a força do alumno e o seu preparo para exame, mas um outro para entrar em cheio na vida, munido de uteis e variados conhecimentos.
>
> Não se achavam alli simples decoradores de pontos, machinas de fazer exames, repetidos sem comprehensão aquillo que decoravam. Antes das definições as mocinhas e aquele pequeno de 9 annos mostravam conhecer as cousas e depois davam quando necessário, a definição. (*A Província de S. Paulo,* 21/6/1883).

Os predicados que Rangel Pestana empregou em seu artigo para elogiar Kopke traziam implicitamente, críticas à forma como o governo monárquico encaminhava seu sistema educacional:

> O illustre professor que á sua custa possue hoje os melhores tratados de pedagogia da Alemanha, França, Inglaterra, Italia, Suissa e Estados Unidos, colleções de quadros para o ensino intuitivo, gabinete de physica e um pequeno laboratório de chimica, á sua inteligencia clara e facil de aprehender reune muito estudo e a experiência de annos no exercício do magistério.
>
> Quando se conversa com esse moço distincto e trabalhador apaixonado pela reforma dos méthodos de ensino, sente-se que n'este paiz não haja governo com a verdadeira comprehensão do serviço de instrucção pública.
>
> Alli está o verdadeiro professor de uma escola normal. A sua palavra hoje, tem a autoridade de um mestre pelo saber, pela experiência, pela prática, pela posição adquirida na luta por amor da reforma do ensino.
>
> Entretanto, o dr. João Kopke, apezar de sua notável competência para o ensino normal exerce o magistério particular na cidade de Campinas (*A Província de S. Paulo,* 21/6/1883).

A Revista Trimensal, as excursões pedagógicas e as conferências de anatomia do Prof. João Kopke, além das festividades que ocorriam ao final de cada ano eram consideradas atividades *extra-classe*. O programa das disciplinas que fazia parte do Curriculum do Colégio Florence era composto de matérias que eram modificadas ou acrescentadas de acordo com as necessidades do estabelecimento.

Programas de disciplinas

Os cursos eram seriados e regulares. Os conteúdos eram passados seqüencialmente, divididos em três graus: 1°, 2° e 3° classes, sendo que a aluna iniciante começava na 3° classe. Em carta de Isabel, filha caçula de Carolina Florence, e nesse tempo aluna iniciante, para Cândida Florence, a Zinha, que nessa época residia no sítio Soledade, as notícias de sua promoção na instituição, revelam com precisão a importância de se passar de séries:

> Querida Zinha:
> Eu sei que vosse ha de ter uma notícia que vos a de alegrar. Eu passei para a primeira classe. Até agora nao tomei nenhuma repreensão nem castigo. Eu quero fazer esforço para continuar sempre assim. Zinha, eu queria tanto ir para o sitio com a Tina porque eu tenho muitas saudades de você e Iaiá, eu estou com pressa por isso não posso escrever mais. Como estou na primeira classe tenho o que fazer... (Carta de Isabel Florence para Cândida Florence, em 16/1/1879).

De *1863* a *1871* os programas de disciplinas do Colégio Florence, arrolados pela Imprensa e Relatórios de Instrução Pública colocavam as disciplinas abaixo relacionadas como integrantes do conteúdo de ensino ministrado na instituição:

Doutrina Cristã, História Sagrada, Gramática Portuguesa e exercícios de estilo. História, Geografia, Aritmética, Geometria. Trabalhos de Agulha, Crochêt, Bordados e Leitura. Alemão, Inglês e Francês, Música, Canto, Piano e Desenho. (Almanaque... 1871; Relatório de Hércules Florence para o Inspetor de Instrução Pública, encontrado escrito de cabeça para baixo em seu livro sobre inventos, sem data, com o ano

de 1867). Hércules Florence relatava que haviam 42 alunas, sendo 23 internas, 7 meio-pensionistas e 12 externas. No relatório, encontram-se distribuídas as disciplinas entre os professores que lecionavam no período e o tempo de duração de cada matéria:

> Doutrina Chistã - Revdo. Padre Vieira Huma lição de huma hora por semana. História Sagrada - D. Ignácia Camargo. Duas lições de huma hora por semana. Grammatica Portuguesa e exercícios de estilo. Sr. Francisco de Almeida Sales - 4 lições por semana. História, Geographia, Arithmética e Francez.la.classe - D. Carolina Florence. 2° classe - D. Ignácia Camargo. Primeiras Letras - D. Carolina Pinto. Todos os dias 3 horas. Desenho - Hércules Florence. Piano e Canto - D. Virgínia. Todos os dias. Trabalhos de Agulha e Leitura - D. Carolina Florence e D. Carolina Ferraz. Todos os dias à tarde e à noite, excepto às quintas-feiras. (Relatório de Hércules Florence, Coleção Cyrillo Hércules Florence. 1867).

De *1873* a *1877* não há informações no quadro de disciplinas. Com relação ao número de alunas, em *1873*, haviam 50 discípulas. (Almanaque... 1873) .

Até *1878*, o colégio manteve o mesmo quadro de matérias: Na 3° classe as alunas iniciavam seus estudos com Noções de Geografia, História Natural, a divisão dos animais; História Sagrada, Aritmética, Leitura, de uma forma que pudessem ter um desenvolvimento das idéias em geral. (*A Gazeta de Campinas,* 19/12/1872).

Passando para a 2° classe, continuavam as noções de Aritmética, utilizando numeração dos maiores números; multiplicação de complexos e sua aplicação; em Geografia, também continuavam as noções gerais de geografia, América, Brasil em particular, Europa; em História Natural, os mamíferos em particular; História Sagrada, o novo testamento; e em História, a história antiga até as guerras púnicas. (*A Gazeta de Campinas,* 19/12/1872).

Finalmente, na 1° classe, em Aritmética trabalhava-se como conteúdos as frações ordinárias e decimais e seu uso para o sistema antigo[21] e métrico, com exercícios de aplicação das regras, *à vida prática*. Em Geografia, via-se clima, zonas,

longitude e latitude, e em História, a história da Ásia, em particular.

Em outra disciplina como Gramática Portuguesa utilizava-se de exercícios de estilo, gramática, verbos e declamação de poesias.

Infelizmente não tive acesso a registros do conteúdo. A documentação a respeito se restringe aos Almanaques da Cidade de Campinas, às notícias que os jornais publicavam após os exames, alguns relatórios do distrito enviados ao Inspetor de Instrução Pública da Província de S. Paulo e publicações de obras dos professores pertencentes ao corpo docente do Colégio Florence.

Havia ainda até 1878, aulas de Desenho, Geometria, Línguas: Francês, Inglês, Alemão. Aulas de piano (a quatro e seis mãos) aulas de canto, além das aulas de crochêt, bordados e trabalhos de agulha. Nesse mesmo ano de 1878 o jornal *O Diário de Campinas* noticia exames no estabelecimento. O Colégio Florence, nesse período, tinha 35 alunas. Durante as solenidades, houve uma festa, com declamação de poesias, trechos de prosa em português, francês e alemão. As discípulas representaram duas comédias em francês, trechos de música, e foram examinadas em análise gramatical, traduções etc. O Colégio tinha sete professores. Destacou-se entre as discípulas o desempenho de Isolina Soares e Julieta Cintra.

As disciplinas ficaram assim distribuídas:

> História Sagrada - ministrada pela diretora. Aritmética - Emílio Henking - Francez - Mll Serbst, com declamação - Geografia - pela mesma. Geografia - pela diretora. História Universal - pela diretora - Musica (piano) Mll Fasser. Gramatica Portuguesa - Amador Florence, com declamação - Allemão, por Mll. Serbst, com declamação – Desenho Mr. Florence -Trabalhos de agulhas, prendas, etc. (*A Gazeta de Campinas,* 18/12/1877).

Em *1879* não encontrei informações sobre o programa das disciplinas. Em *1880,* na comemoração dos dezessete anos da fundação da instituição, iniciou-se a divulgação, através dos noticiários da imprensa, das primeiras *soireés* literárias e artísticas.

Compunha-se o espetáculo programado no Colégio Florence de uma espécie de teatrinho montado numa vasta sala do colégio, onde pais das discípulas, senhores e senhoras da

sociedade campineira participaram como observadores dos exames das alunas da instituição.

O professor Julio Ribeiro escreveu uma peça expressamente para as alunas, denominada *A Corda, mimosa composição, cheia de belíssimos conceitos e de profunda moral retratando a vida no collégio onde há um ou outro espírito não diremos de maldades propriamente, mas de travessuras.* (*A Gazeta de Campinas,* 5/11/1880).

Descreve o jornalista que as cenas sucederam-se sempre de forma natural, cheias de animação, e perfeitamente coerentes, até o final, *onde o autor colocou na boca de uma das alunas preceitos acerca da educação da mulher. No final, um coro de alunas, cantaram uma composição do prof Giorgetti. Sobressaíram no final do primeiro ato, em cuja música o autor, com delicado gosto e fina penetração, soube imprimir as nuances do gênio juvenil.* (idem). Os profs. Julio Ribeiro e Emílio Giorgetti foram chamados a cena e calorosamente aplaudidos:

> Os resultados desse trabalho são bem patentes, para que tenhamos de os especificar aqui. As alunas, sem o pensarem, adquirem a boa dicção, a distinção de *maneiras indispensáveis a toda a senhora bem educada.* (grifo meu) . Nesse ano o colégio comemora o 17° ano de existência. A festa começou as 8 horas da noite e terminou as 11:30h. Houve recitação de algumas poesias escolhidas, entre as quais a do poeta Guerrera Junqueiro - *A Tragédia Infantil.* Uma cena em francês *Les Femmes saventes.*
>
> Um trecho de Fausto, com piano e violino por Giorgetti e J. Mauricio. Em uma das peças ao piano, o sr. Giorgetti foi acompanhado por diversas alunas, em uma composição tocada a 14 mãos em tres pianos, sendo o effeito da execução admirável. As alunas que mais se destacaram foram: Olivia de Moraes, Maria Angélica Florence, Maria Amelia Teixeira, Maria Salles, Isabel Florence. (*A Província de S. Paulo,* 6/11/1880).

Em *1881* não encontrei notícias sobre festas ou exames no Colégio Florence relacionados na Imprensa. No ano de 1882 inaugura-se no Colégio Florence, uma fase de expansão das atividades pedagógicas. As comédias e peças teatrais repre-

sentadas em outros idiomas, poesias indicam a preocupação em elevar à educação das alunas.

Em abril de *1882*, as comemorações na instituição foram realizadas no período noturno e incluiram uma Peça de Victor Hugo, muito prestigiado na época pelos brasileiros. O Programa constava de várias peças teatrais:

> Musa Colegial é o título do theatrinho onde as interessantes alunas do Colégio Florence dão suas receitas. Mon revê - peça a 4 mãos. Alunas Arabela e profa. Augusta Florence. Comédia em um ato - de Emílio Souvestre - La Viélle Cousine, ou Il nefant pas juger l'arbre d'aprés e 'ecorse. Em Francês. alunas: Arabela, Bettie Krug, Celestina Florence, Leonor Gomes, Isabel Florence, Maria Monteiro, Gertrudes Nogueira, Angelina Salles, Henriette Simon, Julia Mundt e Laura Mundt, Anna Queiroz, Carolina do Amaral e Leonor Backheuser. Também apresentaram uma peça para piano em italiano Souvenir d'Italie. *Peça de Victor Hugo - La grand'Mere* (grifo meu) recitada por Olivia Moraes. Uma noite sobre o lago maior - sentimental composição - As mães - poesia do sr. Hudson. Comédia em I ato - O dia dos sinos da vovó." (*A Gazeta de Campinas,* 6/4/1882).

No final desse ano, houve uma festa noturna promovida pelas alunas, que constava da comédia: *Uma antipatia* com as alunas Isabel Florence, Anna Krug, Julia Mundt e Arabela Albuquerque. Do musical - *Fantasias de óperas* - em que tomaram parte várias alunas. E finalmente seguido de uma opereta - *As orphansinhas* peça traduzida do italiano, pelo prof. João Kopke. O coro foi reprisado quatro vezes, a pedido do público que assistiu a festa. (*O Diário de Campinas,* 17/12/1982).

Em dezembro de 1883 os exames no Colégio Florence tiveram que ser realizados em dois dias. Havia um número excessivo de atividades a serem realizadas. No primeiro dia foram realizados os exames das disciplinas estudadas e ao segundo dia ficou reservada a parte artística e cultural.

Inicialmente o exame de línguas: As alunas reduziam mentalmente frases ditas em francês para inglês, italiano e viceversa. Foram recitadas poesias de autores italianos e franceses. Composições de Piano e Canto Composição de Delavigne - *Le trois jours de Colomb.* Também uma peça de teatro, de

Moliére, *Le Bourgois Gentilhome,* em forma de diálogo, entre duas meninas.

Como é possível constatar pelo programa, o Colégio Florence começava a incorporar a Educação Francesa aos seus conteúdos culturais alemães. Também acentuou-se a tônica nas disciplinas de história natural. A Imprensa registraria o êxito dos exames das matérias estudadas durante o ano de 1883:

> Em sciências naturaes, particularmente na botânica e zoologia, foram externadas noções muito seguras, e outro tanto se deve dizer acerca do exame de geographia, destacando-se a parte relativa ao Brazil e a Província de S. Paulo, em que as alumnas revelaram possuir conhecimentos minuciosos e profundados. Isto quanto ao elemento scientifico e litterario. (*O Diário de Campinas,* 7/12/1883).

Pelo lado artístico, houveram exibições de música, de desenho e prendas domésticas. No piano, alunas de todos os graus de adiantamento se apresentaram. Trechos de *D. juan,* da *Flauta Encantada,* de Mozart e *Sonata* de Beethoven.

Na parte de trabalhos manuais, havia uma sala de exposições com quadros, grande quantidade de trabalhos de agulhas, bordados, obras de talagarça, etc. A imprensa noticiava com satisfação os resultados do trabalho que era destinado às mulheres da época:

> nos quais revelam em toda a sua plenitude o prestimo e a delicadeza artística da mulher. Parabéns á digna directora do collegio, bem como ao illustrado corpo docente que ainda uma vez patentearam-se a sua competência e dedicação para uma das mais nobres profissões em que se pode exercer a atividade humana. (*O Diário de Campinas,* 7/12/1883).

Em 1884 também houve dois dias de exames, sendo que no período as discípulas apresentaram uma *soirée* com duas composições teatrais. No intervalo de uma peça a outra, foi executado um pequeno concerto, como noticiou o Jornal *O Diário de Campinas:*

> Principiou a soirée, sendo executado em ré maior de Mozart a quatro mãos pela exma. sr. d. Maria Candida Ribeiro e sr.

> Emílio Giorgetti, que iniciaram de modo brilhante a festa, que a todos devia sorprehender e enthusiasmar. (...) Passou-se depois a parte concertante que constou do seguinte programa: J. Burgumein, Tramway, a 4 mãos, pelas exmas. sras. dd. Lydia e Albina Simões, W Ganz, Vision du passé, reverie, pela exma. sra. d. Evangelina Florence, H. Benckhausen, allegro rondó, a 4 mãos, pela exma. sra. d. Luiza Ferreira e sr. Giorgetti; idem polonaise a 4 mãos, pela exma. sra. d. Rita Salles e sr. Giorgetti, Spindler, Le trot du cahier, morceau caracteristique pela exma. Cyra Proost, Mercadante; Il Sogno, Canto com acompanhamento de piano e violino, pela exma. sra. d. Maria Monteiro e srs. Giorgetti e Henrique Piquet, J. Burgmein, Babau, a 4 mãos, pela exma. sra. Arnaldina Ribeiro, idem E'Glantine, pela exma. d. Celestina Florence; Raverna, Perpetuo Movel, pela sra. d. Betty Krug, Chopin, polonaise, pela exma. sra. d. Anna Pinto, Gottshalk, Obéron de Weber, a 4 mãos, pelas exmas. sras. d. Armelina Lamaneres e Augusta Giorgetti. (*O Diário de Campinas,* 18/12/1884).

Findo o concerto, foi representado a opereta *Farfadette* em um ato. Letra de Francis Toute e Música de Georges Lway, representada em francês.

No final dessas apresentações, o jornal destacou que *o Coronel Quirino, um dos presentes ao espetáculo, ofereceu um ramalhete para a aluna que mais se destacou no programa: Maria Monteiro.* (*O Diário de Campinas,* 18/12/1884) .

No segundo dia dos exames, a festa começou com a comédia em 2 atos: *On ne prend pas les mouches avec du Vinaigne.* Em seguida foi desempenhada uma cena, *Geografia do Sentimento,* traduzida do Italiano pelo prof. Emílio Henking, em que tomaram parte as exmas. sras. d. Evangelina Florence e Adira Paula Souza.

O concerto constou das seguintes composições: Beethoven, sonata, a 4 mãos, pela exma. sras. Leonor Gomes e Emílio Giorgetti. Também outras alunas executaram outras peças como: *Bachman - Feuille au vent* (Maria do Carmo), *Burgmein - Pierrot e Pierret* (Hortência Brunnel, Maria Vergueiro, Risoletta Jorge e Evangelina Florence) *parojka e Bordogni* (Maria Monteiro) e finalmente - *Scherzo de Wollenkaupt* (Olivia Florence).

Todas essas composições tinham que ser ensaiadas com acuidade e perfeição, pois eram executadas para a sociedade de Campinas o resultado de um ano de aplicação aos estudos.

O professor de música era muito requisitado. No Colégio Florence, o prof. Emilio Giorgetti além de cumprir sua função como professor, compunha músicas adequadas a essas festas de encerramento das aulas, como comentava a Imprensa:

> Foi depois representada pela segunda vez a operetta *Farfadette,* terminando a festa com o côro *Vivam as férias,* música do sr. Emílio Giorgetti. A comédia foi muito bem desempenhada, assim como a cena do que na primeira representação, sendo bisadas a copla e côros finais. Também foi applaudidissímo o côro *Vivam as férias,* que por duas vezes foi repetido e sendo o autor da música senhor E. Giorgetti. Chamado à scena, as familias das alumnas e mais convidados receberam da parte da exma. sra, directora do Collégio as mais obsequiosas attenções, retirando-se todas gratíssimas pelo acolhimento que lhes foi dispensado. Agradecemos o amável convite com que fomos honrados; ao qual devemos o prazer de ter assistido a uma festa a todos os respeitos digna de sinceros louvores. (O *Diário de Campinas,* 18/12/1884) .

No ano de *1885,* o Colégio Florence comemorou os 22 anos de sua existência. Foi a data parabenizada por toda a Imprensa Campinense. O Jornal A Gazeta de Campinas teceu comentários a respeito do tempo que Carolina Florence tinha dedicado ao ensino:

> O acreditado estabelecimento que, sob aquelle titulo, funciona nesta cidade há nada menos que 22 anos sob a habil direcção da exma. sra. d. Carolina Florence, deu hontem ainda mais uma vez prova positiva e brilhante do resultado dos estudos que alli se fazem, submettendo as respectivas alumnas a exame das materias que constituiram seus labores escolares durante o ano que finda.
> Versaram esses exames sobre geografia, lingua portuguesa, arithmetica, lingua franceza, allemã, ingleza e italiana, história natural e história universal, respondendo as alumnas aos arguentes de maneira mais clara e prompta, o que prova ser excellente o methodo de ensino alli adoptado. Foram examinadoras as excellentissimas sras. dd. Armelina Lamaneres, Antonio Jesse e os srs. E. Henking, M. Feitosa e Giorgetti.
> Nos intervalos dos exames foram recitadas ao piano e cantadas diversas composições, na ordem de um programa impresso que foi distribuído, o que constitui uma secção amena

COLLEGIO FLORENCE

Programma

I. PARTE

J. Vogt — *Marche solennelle* - a 2 pianos por D. D. Elvira Barros, Maria Paula Junqueira , Maria Angelica Queiroz e E. Giorgetti.

T. Kirchner — *Polonaise* - a 2 pianos por D. D. Eugenia Almeida e Angelina Penteado.

"O LACAIO"

Comedia em 2 actos adaptada ao portuguez por D. Ruth Fonseca

PERSONAGENS

D. Clara Madureira — D. Narcisa Ferraz
Marina, Angelica } suas sobrinhas — D. Olympia Amaral, D. Gertrudes P. Souza
Dorinha (criada) — D. Orminda Teixeira
Suzana camponeza — D. Maria Candida Barros
D. Philomena (pedante) — D. Dalmacia Fonseca
D. Maruca (gaga) — D. Marianna Lima
D. Dorothea (amiga de D. Clara) — D. Hermogenia Pereira d'Araujo
Nênê (sua filha) — D. Theresa Rolla

1.º ACTO

Beethoven — *Egmont* — Ouverture a 2 pianos por D. D. Angelina Penteado, Noemia Cunha, Herminia Michaelis e E. Giorgetti.

Mendelssohn — *Fileuse*
T. Lack — *L'oiseau-mouche*
C. Reinecke — *Boléro*
D. D. Noemia Cunha e Maria Isabel Alves Lima.

2.º ACTO

II. PARTE

H. Hofmann — *Walzer* - a 2 pianos por D. D. Narcisa Ferraz, Carmen Queiroz, Ercilia Penteado e Arminda Pedroso.

C. M von Weber — *Op. 48 (Henselt) Grande duo concertant*—Allegro con fuoco — Andante con moto — Rondo - a 2 pianos por D. D. Noemia Cunha e Eugenia Almeida.

QUEM NÃO PÓDE ENCHER NÃO ESVASIA

SCENA COMICA

PERSONAGENS

D. Alice Silva e D. Alzira Ferraz

Herold — *Le Pré aux clercs* - Ouverture a 2 pianos por D. D. Lavinia Guimarães, Almerinda Engler, Luiza Alves Lima e Christina Rinaldi.

Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Programa artístico e literário referente à comemoração dos exames finais do Colégio Florence

e revelladora do aproveitamento dos estudos musicaes, feitos sob a direção da exma. d. Anna Pinto e o sr. E. Giorgetti. No programa figuraram entre as composições musicaes algumas de Beethoven, Mendelson, Spindler, Gorened, Denza e outros: entre as litterarias de F. Varella (Estrella dos Magos e A um sabiá) d. Adelina Lopes Vieira (Menina Au Flor) Victor Hugo (E a presence de Dier) Beranger (Les Lirondellas) Nogel (A volta ao Lar) Byron (Childe Harold). Findos os exames o sr. dr. Cassiano pronunciou uma allocução na qual fez bem saliente os benefícos resultados que tem produzidoa existencia desse colegio, declarando que, em seu relatório ao governo, mencionará este facto.

Acharam-se presentes muitas senhoras e cavalheiros, entre os quaes vários paes das alumnas, convidados e o representante desta folha... (*A Gazeta de Campinas,* 15/12/1885).

Em uma das salas do Colégio, de acordo com os comentários do jornal, encontravam-se trabalhos de agulha, lã, seda, bordados, quadros, desenhos, esboços a pena, crayon, aquarela, representado bustos de perfil e de frente, paisagens, entre outros.

Também havia dois trabalhos de alunas que aplicaram ao desenho, tintas de variadas cores sobre o veludo, circundado de bordadura a seda e uma reprodução fiel de chalet, feita de cortiça. (*A Gazeta de Campinas,* 15/12/1885).

Em *1886* aparece pela primeira vez, no Almanaque de Campinas para o ano de 1886 a menção de que o ensino oferecido no Colégio Florence é de nível Primário e Secundário. Registra ainda, 80 alunas o frequentando, contando o estabelecimento com uma biblioteca de 1.000 volumes.

A Imprensa que sempre noticiou as festividades ao final do ano letivo no Colégio Florence e outras instituições de ensino, nesse ano teve seu ponto máximo de atenção à educação produzida na instituição. Três jornais da cidade compareceram e escreveram sobre as festas realizadas no estabelecimento: *A Gazeta de Campinas, O Diário de Campinas* e o *Correio de Campinas.*

O corpo docente estava ampliado nesse período: Augusta Florence Giorgeti, Emílio Giorgetti, Armelina Lamaneres, Clara e Margarida Frey-Grand, Anna M. Pinto, Emílio Henking,

Amador Florence, Antonia Jesse, Leonor Gomes, Hentz Kupfer, Anna Krug Kupfer, Maria Kupfer e Miguel Alves Feitosa.

O programa artístico de *1886*, apresentado pelas alunas foi um dos mais extensos, incluindo a participação do corpo docente. Isso possibilitava a demonstração de suas aptidões individuais e conseqüentemente uma integração com o trabalho desenvolvido por suas alunas. O jornal *A Gazeta de Campinas* noticiava os exames da seguinte forma:

> As provas que as alumnas manifestaram, consequentes de seus estudos, foram a não se poder desejar melhores, o qué ainda uma vez confirma os justos créditos de que goza o referido estabelecimento. Como se pode ver do que abaixo damos, a festa constou dos exames propriamente ditos, sendo estes entremeados de peças de musica, executadas ao piano, coros, e poesias em portuguez e línguas estrangeiras. Uma festa brilhante, realmente, na altura do conceito do importante collegio, que conta com um corpo docente digno e habilitado. Eis em summa o resultado da festa a que tivemos o prazer de assistir: "Coro Marinesca", de Zucchelli. Aulla de Portuguez, 1°, 2° e 3° classes, professor sr. Feitosa e professora d. Armelina Lamaneres. D. Julia e Lydia de Barros - "allegro de Herkausen", para piano. D. Maria Caetana e Amélia Gomes - "arias de Lucrecia Borges". Poesias -" Trois jours de Christoph Colomb", d. Isidora França. "Retour de la patrie", de Beranger, d. Julia de Barros. Leitura e Noções de Botânica, professora d. Hentz Kupfer. Francez, professoras d. Jesse e d. Leonor Gomes. Coro "Fate la Carita", de Rotoli, musica esta de muito sentimento e escripta por occasião das innundações na Itália.
> "Serenado de pienot, d. Maria Vergueiro e sr. Giorgetti. "Serenata", de Splinder, d. Margarida Stein e sr. Georgetti. "Lorseaux chante", d. Edwina Schoch, Aritmetica, prof. Emilio Henking - Poesia, Sete de Setembro, d. Eulina Sampaio. "As duas estrelas'" (de d. Adelina Lopes) recitada por d. Anna Rita. Adieu de Marie Stuart, de Beranger, d. Luizita Sampaio. Geographia, professoras d. Armelina Lamaneres e d. Jesse. Musica -"Le bal de la poupé" - Burgmein, d. Noemia e d. Maria Engler. "Chanson Boheme" de Spindler, - d. Candida Ribeiro e E. Giorgetti - D. Maria Luiza Simão e E. Giorgetti. Melodia "Couppey" - e Lemoine, por d. Luiza Swuinerd e sr. Giorgetti. "La reveuse" - Lisberg, d. Alzira Lex. "Sur le lac" - Smith, d. Maria Augusta Vergueiro. Escolha e execução delicadas. Francez 1° 2° e 3° classes, professoreas d. Jesse e d. Leonor Gomes. História Natural, professor. s. M Feitosa. História Natural, professor E. Henking. Geographia 1° 2° e 3° classes - professoras d. Jessee d. Armelina Lamaneres. Poesia - "Para a festa da paz", "Zum Fliedensfest", poesia em alemão por d. Zulmira Pereira Barreto. "A mi madre", poesia em Italiano, de E. Amicus, por Alzira Lex. "Sonata (cinco notas) Danke, por d. Carolina Salles. "Esquisses Hongroises", de Walkeman, por d Clotilde Florence e sr. Giorgetti "Simphoniado Guarany" Simphonia do Guarani, d. Maria Augusta e E. Giorgetti. Poesia Saudades de Palmeiras (d. Adelina Lopes) por Lydia de Barros. Recitaram techos da Tragédia Infantil, de Guerra Junqueiros: Antonietta Moraes, Arnalda Cintra, Leonor Barreto, Sophia Dumont, Nerina Almeia, Delphina Cintra. Direção dos trabalhos de costura - d. Maria Kupfer. De desenho - d. Augusta Giorgtti. Estiveram expostos e foram devidamente apreciados interessantes trabalhos de desenho e crayon, lã, etc. Uma exposição rica de curiosidade. As pessoas presentes foi ofereccido um delicado lunch. Agradecemos cordialmente o convite que nos foi enviado e felicitamos a exma. directora pelo brilhante resultados dos exames. (*A Gazeta de Campinas*, 16/12/1886).

O programa trazia uma quantidade importante de peças musicais, poesias e exames de disciplinas. Era um período satisfatório, em que Carolina Florence pôde contar com boa parte de sua família prestando serviços pedagógicos. Desde sua irmã Anna Kupfer e suas duas filhas, recém chegadas da Alemanha, seus filhos Henrique, Isabel e Augusta e Leonor Gomes e o genro Emílio Giorgetti. Além desses, a diretora do *Florence* tinha como docentes, ex-alunas e professores de expressividade notória.

Em *1887*, os exames foram realizados durante o dia. O jornal *O Diário de Campinas* parabenizava os trabalhos realizados:

> a exma. diretora pelo magnifico exito obtido pelas alumnas do seu collegio nos exames de hontem effectuados. Em resultado confirma os créditos de que goza esse excelente estabelecimento de instrucção, certamente um dos melhores que no seu genero ha nesta província. (*O Diário de Campinas*, 15/12/1887).

O ano de 1888 seria o último em que o Colégio Florence comemoraria sua existência em Campinas, pois em julho de 1889, ele seria transferido para a cidade de jundiaí, devido a epidemia de febre amarela.

Completando 25 anos dia 3 de novembro, as alunas prestaram uma homenagem à diretora do estabelecimento. Promoveram uma festa aberta ao público:

> Para solemnisarem o 25° aniversário da fundação deste importante e acreditado estabelecimento de instrução, promoveram as alumnas do mesmo, no sabbado último, uma agradabilíssima festa dedicada á exma. sra. d. Carolina Florence, directora do referido collegio.
> Deu começo a festa uma magnifica composição musical para dous pianos, executadas pelas sras. dd. Anna Pinto Hartung, Armelina Lamaneres, Augusta Giorgetti e o sr. Emilio Giorgetti.
> Em seguida, a exma. sra. d. Leonor Gomes, antiga alumna e actualmente professora no mesmo collegio, pronunciou uma bella allocução, exaltando os serviços prestados pela provecta directora do collegio á causa da instrucção e educação das futuras mães de familia e, em nome de todas as alumnas, offereceu-lhe um magnífico ramalhete de flores naturaes. A exma. sra. d. Carolina Florence agradeceu comovidissima a prova de gratidão de suas alumnas, perfeitamente symbolisada na singeleza do mimo e na grandeza do sentimento que elle exprimia.
> Representaram-se depois o drama em um acto intitulado *A mendiga,* no qual tomaram parte diversas alumnas que desempenharam perfeitamente os seus papéis, e a comédia ornada de música, *A condessinha,* que foi interpretada muito graciosamente.
> Tanto o pequeno drama como a comédia agradaram muito, sendo ás alunmas calorosamente applaudidas pelo auditório e chamadas à scena. Foi bisado o côro final da comédia.
> As exmas. sra. dd. Adelaide Florence, Gertrudes de Arruda, Anna Bayeux, Maria Carolina de Lima, Ruth Fonseca e Amelia de Almeida declamaram poesias em portuguez e allemão.
> Nos intervallos foram servidas bandejas de doces e chás aos convidados. A impressão da agradavel festa collegial foi excellente, notando-se em todas as alumnas grande contentamento.
> Felicitamos sinceramente a distincta educadora, pelo 25° aniversário do seu collegio, e agradecendo-lhe a gentileza do convite com que fomos honrados. (*O Diário de Campinas,* 6/11/1888).

Em dezembro de *1888*, também ocorreram os últimos exames realizados no Colégio Florence, na cidade de Campinas. Iniciaram-se às dez da manhã, com a presença do novo

Inspetor de Instrução Pública, sr. Castro Prado, que substituiu Cassiano Noronha Gonzaga, falecido em 1887.

Os exames foram sobre: Português, Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Geografia, História Universal e Natural, Aritmética e Gramática.

Nos intervalos, como era costume, houve recital de poesias em várias línguas e peças de piano a 2 e 6 mãos. Também houve exposição de trabalhos de crochêt, bordados, missangas, lã, desenhos e aquarellas, trabalhos a nanquin e *imitações de marfin embutido de magnífico effeito e artisticamente dispostos* (*O Diário de Campinas,* 15/12/1888):

> Terminaram os exames pelas 6 horas da tarde, tendo deixado nos assistentes as melhores impressões, a ponto de fazerem esquecer inteiramente o tempo decorrido, no meio da viva alegria que se notava nas alumnas e que se communicava a quanto alli estavam reunidos para com os convidados, que sahiram todos captivos da affabilidade extrema e da gentileza de que foram alvos.
> Mil parabéns enviamos daqui a distincta educadora que dirige o collegio Florence, pelos exames de hontem, e enviamol-os também a todo o corpo docente do estabelecimento.
> Em particular agradecemos à sra. d. Carolina Florence a summa delicadeza com que nos tratou e honra do convite que nos deu ensejo para assistirmos aos exames.
> Hoje à noute haverá no collegio uma brilhante festa promovida pelas alumnas do estabelecimento, que amanhã entram em férias. (idem).

Considerações preliminares

No meu entender, as festas e exames no Colégio Florence refletiam a proposta educacional da instituição. Tanto professores como alunas preparavam meticulosamente as festividades e exames que eram apresentadas ao público, a fim de que a sociedade presente às solenidades, e principalmente os pais das discípulas, tivessem a melhor impressão dos resultados da educação praticada naquele estabelecimento.

Através dos anos, a instituição incorporou conhecimentos, técnicas e matérias que possibilitaram seu programa conter quatorze disciplinas durante o ano letivo.

A música, o canto, as peças encenadas contribuíram não só no que diz respeito a parte artística, mas fundamentalmente para o universo cultural. Para realizar essas atividades havia a necessidade de conhecer os outros idiomas, os autores, o conteúdo contido e conseqüentemente a cultura de outros países. Aprendia-se e assimilava-se uma gama de conhecimentos através do prazer que o trabalho artístico permitia. No programa teatral ou musical, as peças escolhidas requeriam aperfeiçoamento e portanto de exigência didática. Para tanto precisavam de tempo de treinamento para serem perfeitamente executadas. Teatrólogos como Moliére, músicos como Beethoven, Spindler, Chopin e outros representavam um desafio às alunas que contavam com a ajuda de professores.

Apesar da influência teuta, francesa, italiana e inglesa ser predominante na formação cultural e artística, parece que havia a preocupação em resgatar obras dos artistas brasileiros. Declamações da obra poética de Fagundes Varella, na música a execução da Sinfonia *O Guarani,* do maestro campineiro Carlos Gomes, entre outros.

Nos artigos que os jornalistas escreviam sobre as festividades realizadas no Colégio Florence, percebe-se que além dos fatos ocorridos, havia também a concepção da educação que se pretendia para às mulheres. O elogio as maneiras educadas, os trabalhos manuais como os bordados e crochêt sobressaíam aos comentários sobre os conhecimentos de botânica ou anatomia, que eram parte integrante das disciplinas examinadas.

As apresentações individuais eram sempre acompanhadas por algum professor, ao piano, ao violino, ou outro instrumento. Nas encenações das comédias, operetas ou dramas participavam geralmente várias alunas, utilizando temas relativos aos conhecimentos adquiridos em aula, de forma que o trabalho socializado visava, eliminar à rivalidade, inveja ou soberba. A pedagogia de Pestalozzi, por exemplo, pautava-se nesses princípios de cooperação entre os educandos[22].

Já o Colégio do Patrocínio de Itu, publicava mensalmente as melhores notas de suas alunas e essas tinham como praxe, o costume de oferecer seus cadernos à Superiora da instituição[23].

Não havendo premiação ou competição, as alunas

poderiam admitir suas limitações e defeitos, assim como manifestar o prazer por novos conhecimentos e atividades que envolviam a sociabilização.

Se a sociedade imperial desejava que a educação das mulheres fosse mais apurada para se relacionarem com grupos sociais distintos, além de aprenderem o que lhes era solicitado (línguas, música e trabalhos manuais) as alunas do Colégio Florence tiveram acesso a uma educação diferenciada das ensinadas nos colégios religiosos.

Constatei que a educação do Colégio Florence só pôde ser administrada para as filhas das familias abastadas. As mulheres empobrecidas ou mesmo da camada intermediária ficaram praticamente a margem do ensino[24]. O ensino primário, no período imperial, na cidade de Campinas, era subvencionada pela iniciativa particular[25]. As poucas escolas públicas enfrentavam dificuldades para se manterem. Mobiliário de má qualidade, remuneração deficitária aos docentes, e precariedade de material didático e teorias educacionais empregadas. Isso é registrado por Rodrigues:

> ...as aulas de primeiras letras, salvo raras exceções, não inspiravam a menor confiança, seja por parte do governo, seja por parte dos pais, pois a incapacidade dos mestres, assim como a mentalidade de que a freqüência às escolas públicas era reservada a alunos pobres e sem meios para terem em seus lares professores particulares, comprometiam seriamente a execução dos dispositivos legais. O ensino em S. Paulo tateava entre ensaios e erros. (RODRIGUES, 1962, p. 94).

Quanto ao material didático, os compêndios utilizados pelas professoras do ensino público, eram adotados aleatoriamente. Com exceção da Constituição do Império e do Catecismo de D. Antonio Joaquim de Mello.

> Daí encontrarmos, nos diferentes relatórios, uma variedade de títulos de livros. Todavia eram mais apreciados o Silabário Português de J. R. Galvão, A aritmética de Jardim, Gramática de Cyrillo, História Pátria de Américo Brasiliense e os livros de leitura, em três graus, de Abílio César Borges". (RODRIGUES, 1962, p. 94).

Ainda em 1886, quase no final do II Império, o Jornal *O Diário de Campinas* escrevia no seu editorial sobre os móveis escolares públicos. Isso porque, na visita que o Imperador fez à Província, e a cidade de Campinas, pode o monarca observar:

> o quanto é imprestável, indecente, e prejudicial a mobília fornecida às escolas públicas. Compõem-se ella na generalidade de bancos de pares mal feitos e incommodos para as pobres crianças que têm de permanecer na escola por espaço de cinco horas enfadonhas, que equivalem a um supplicio lento que o nosso governo impõe aos que precisam de sua parca e defeituosa instrução gratuita.
>
> As mesas destinadas para os alumnos escreverem ou são muito baixas ou então extremamente altas. E em algumas escolas públicas os caixões vasios cobertos com um panno servem de mesa e banco, pois as mobílias que ahi existiam desappareceram imprestáveis (*O Diário de Campinas,* 24/11/1886).

Todos esses fatores acima descritos demonstram a situação das escolas públicas.

No próximo capítulo, procuro explicitar como se deu a formação do quadro de docentes do Colégio Florence, dificuldades de contratação, bem como os professores realizaram suas atividades na instituição.

Notas

14- Durante o período colonial eram raros os casos de mulheres que procuravam estudar e produzir cultura letrada. D.Tereza Margarida da Silva e Horta foi a primeira romancista brasileira. Nascida em S. Paulo, foi freira no Convento de Trinas, Portugal, onde foi instruída em música e poesia, publicando em 1752 o livro: *Máximas de virtudes e formosura com que Diatanes, /Clymenea e Hemifrena, Principes de Thebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça/oferecidos à princeza/ Nossa Senhora/A Senhora D. Maria/Francisca Isabel josefa Antonia/ Gertrudes Rita joanna/Por/Dorothea Engrassia/Tavareda Dalmira. Lisboa/Na oficina de Miguel Manescal da Costa/Impressor do Santo qflicio/ Anno MDCCLII/Com todas as licenças necessárias.* Seu livro teve quatro edições, sendo todas raríssimas em Portugal e no Brasil mais ainda. (RIBEIRO, 1987, p. 80).

15- Luccock, viajante no princípio do séc. XIX diria que: *as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põem a nú sua falta de educação e instrução.* HAHNER, 1978, p. 32. Ver também KIDDER, 1941.

16- O piano foi, entre os instrumentos musicais, o mais procurado pelas famílias brasileiras, para representar a cultura musical das mulheres do II Império. Castro Mendes menciona que as vendas de piano em sua loja aumentavam de ano a ano: *Este sucesso foi tão intensificado ao ponto de ufanar-se a casa de ter vendido desde esse tempo, até agora cerca de 500 pianos, o que representa para uma cidade do interior de Campinas, vendas realmente muito apreciáveis.* (MENDES, 1926, p. 23). No livro *Salões e Damas do II Império,* Wanderley do Pinho também fala do piano como o instrumento de maior aceitação por parte das donzelas aristocráticas.

17- Haidar (1972) em sua obra *O ensino secundário no império Brasileiro* diria que a tarefa de educar mulheres estaria a cargo dos colégios particulares. Desobrigados de preparar para os cursos superiores, considerados ainda impróprios para as mulheres, revestiram-se de feições próprias, libertando-se dos vícios decorrentes do sistema de exames parcelados e da tradição que consagrara o predomínio das humanidades clássicas nos estudos preparatórios. Montados nos cursos não humanísticos e clássicos, os colégios particulares para meninas caracterizaram-se pela importância atribuída às línguas e às ciências, especialmente consideradas em suas aplicações práticas.

18- *Ao lado dos estabelecimentos particulares com fins comerciais e dos grandes colégios que compuseram a paisagem educativa campineira, foram*

criadas escolas totalmente gratuitas mantidas por *associações beneficentes. Várias destas, criadas pelas associações particulares, ofereciam cursos noturnos* e *tinham como objetivo alfabetizar* e *instruir profissionalmente adultos.* (FERREIRA, 1982, p. 188).

19- Joaquim Correia de Mello trabalhou, como prático, na farmácia do cirurgião-mor Francisco Alvarez Machado, (político e pai da 1° esposa de Hércules Florence) que se transferira de Porto Feliz para Campinas. Hércules Florence encontrou no boticário um valioso colaborador que o assistiu quando realizava as experiências para fixação de imagens por meio da luz solar. Nascido em S. Paulo, onde estudava direito quando lhe morreu o pai, veio para Campinas, trazido pelo cirurgião-mor, às expensas do qual, posteriormente, estudou farmácia. De volta de seus estudos, tornou-se sócio do seu benfeitor, dedicando-se então a estudos botânicos, especialmente a flora brasileira. D. Pedro II distinguiu-o, ao inaugurar-se a iluminação a gás em Campinas, em 1876, mostrando desejos de conhecê-lo. Da Corte, enviou-lhe, com dedicatória, a coleção da *Flora Brasilienses* de Martius. Faleceu em 1877. Em sua homenagem existe a praça Correia de Mello, onde, também em sua homenagem havia uma escola com o seu nome, demolida há alguns anos. Ficou conhecido como o "seu" Quinzinho da Botica. (*O Correio Popular,* 1978, p.2).

20- Em 1874, adotaria a *Gazeta de Campinas* uma posição republicana, o que contrariou os conservadores, que lançariam, a 25/3/1874 o *Constitucional,* sob a direção de João Gabriel de Morais Navarro. Esse senhor, que obedecia ao lema *Deus e a Pátria,* fecharia as portas do seu jornal em 1875, por falta de publicidade. Em 1885 aparecia o *Correio de Campinas* sob a direção de José Gonçalves Pinheiro, Eduardo Badaró e Gustavo Carge, lentes do *Culto à Ciência,* que iria explorar o noticiário das ocorrências do interior da Província. (GUIMARÃES, 1978, p. 32 e 52).

21- Não consegui maiores esclarecimentos sobre *o Systema antigo* aritmético utilizado pelo Colégio Florence, possivelmente trata-se de um sistema anterior ao Sistema Inglês.

22- Partidários destes princípios, este educador condena a emulação como procedimento pedagógico. Não se deve estimular em excesso a competição e a concorrência entre as crianças. - Os quadros de honra e os boletins acadêmicos publicados pela imprensa com a relação nominal dos alunos mais adiantados são abolidos, da mesma forma que os exames aparatosos e solenes. (MORAES, 1962, p. 322).

23- A prática do Colégio do Patrocínio, de Itu, facilitou muito o trabalho daqueles que pesquisaram a instituição, a fim de observarem o conteúdo das disciplinas. As alunas do Colégio Florence não deixaram registro de suas atividades nas mãos de sua diretora, tanto na documentação pesquisada, nas cartas e registros em poder dos descendentes da família não encontrei nenhum apontamento das disciplinas.

24- O Ato Adicional de 1834, que delegava as Províncias o ensino primário, propiciou uma educação pública precária e diferente. Além disso, no Brasil escravocrata, as mulheres negras não tinham acesso à educação e as brancas empobrecidas realizavam serviços como criadas ou muitas vezes se prostituíam.

25- Na cidade de Campinas, foram fundadas várias escolas gratuitas por iniciativa de associações particulares. Como exemplo, o Asyllo de Orfas, Escola Correia de Mello, Escola da Loja Maçonica Independência, entre outras.

O corpo docente do Colégio Florence

D. Carolina Florence e o Colégio Florence são dois capítulos da minha história que abro e releio quando o desalento começa a invadir minha alma. (João Kopke - 1884)

Desde o início, Carolina Florence procurou ter, em seu estabelecimento, professores qualificados, tanto no que diz respeito aos nacionais como aos estrangeiros. Viajou muitas vezes para a Europa para descobrir educadores que poderiam contribuir com as suas experiências no campo da educação e melhorar o ensino no Colégio Florence. Trouxe da Alemanha professoras novas e com boas idéias, além de exigir referências antecipadas. Dessas, muitas ficaram lecionando por muito tempo na instituição. Quanto aos docentes do sexo masculino, suas contratações ficaram restritas ao âmbito nacional.

A primeira professora alemã de que se tem registro foi a sra. Emília Krafth e, depois dela, vieram outras que aumentaram a experiência da diretora com a contratação de docentes eetrangeiros. Em 1895, em carta à Candida Florence ela reconheceria essa prática:

> Querida Candida:
> Com a mudança de professora (pois d. Emma e Elizabeth nos deixam por esses dias) tenho trabalho de guiar as novas professoras. Os modos de tratar as meninas na Alemanha são diferentes, mas as vezes esta senhora faz lembrar d. Emília Krafth, a primeira professora que veio da Alemanha. O que vale é a grande prática que temos no trato das pessoas que chegam novamente. (Carta de Carolina Florence a Candida, filha do 1° casamento de Hércules Florence. Jundiaí, 2/4/1895.)

Encontrei registros de duas candidatas residentes na Europa, à vaga de professora no Colégio Florence, quando a instituição ainda estava sendo estruturada. Os conteúdos traziam os questionamentos que estas mulheres faziam, quando pensavam em partir da *civilização ilustrada* para um lugar desconhecido, onde a esperança de conseguir um certo conforto era a mola propulsora de grandes mudanças. Em uma carta enviada logo

no início da criação do Colégio, em 1866, para uma pessoa incumbida de contratar uma professora para o Florence, uma candidata da Província de Hadelrsleben narra as condições financeiras e profissionais que possuía para a obtenção do emprego. Nesse relato interessante podem ser vistas as necessidades que o emigrante europeu sentia, suas dificuldades em entender o valor da moeda em diferentes países e também a sinceridade da proposta e seus objetivos concretos:

> Mme.:
> Minha mãe acaba de me comunicar o lugar no Brasil que está a alguns meses vago, porque a senhora que o havia aceitado desistiu do seu contrato. Ao mesmo tempo, entretanto, mamãe me faz conhecer as condições na qual você estaria autorisada a contratar uma ajuda a madame Florence. São estas, muito diferentes das que no tempo de Mlle. Eyler tinha dito. Em um mal entendido, ela tinha tomado 600 mil réis por 600 escudos da Espanha, o que resultaria um pouco mais do dobro do salário concedido por Madame Florence. Seiscentos mil réis são bons vencimentos para o Brasil. Isso não seria o mesmo para a Alemanha. Se eu aceitasse fazer uma viagem para o Brasil, nesses lados longínquos, seria pela perspectiva de poder lá reunir um pequeno capital a fim de me manter de alguma sorte, pois só assim eu deixaria tudo, pátria, pais, amigos, para viver no clima dos trópicos... Assim eu me decidiria partir logo, caso me garantisse um salário em torno de 150 mil libras esterlinas e pagasse a viagem inteira de primeira classe em barco a vapor e depois da estadia de alguns anos, me pagasse o retorno.
> Outra coisa seria necessário: ser hospedada com refeições e lavagem de roupa na casa. E em seguida, após um contrato definitivo, eu pediria um prazo antes de partir da Alemanha, de alguns meses. Esse tempo seria necessário, seja para me desligar do lugar que eu ocupo aqui, seja para me equipar.
> Mas na mudança, eu me encarregaria de ensinar tudo aquilo que é necessário a instrução de jovens moças. Assim tão bem quanto o ensino dos conhecimentos gerais tanto quanto das línguas alemãs, inglesas e francesas. Durante uma longa estadia na França eu tive, sobretudo, a ocasião de estudar a língua desse país e poderia por conseqüência ensiná-la especificamente. Quanto a música eu direi francamente que executo pouco, mas como conheço a teoria posso ter um certo sucesso dando as lições de piano e canto. Seria um pouco próximo

> da mesma coisa para o desenho. Ensino sem desenhar muito bem. Após o que acabo de dizer no começo de minha carta, proponho a aguardar o aceite ou não de minhas pretensões. Mas vos agradeço madame, que vós tenhais se dirigido a mim e ter-me permitido expôr minha opinião sobre esse assunto. Aceite meus sentimentos mais distinguidos. E. Abensar (Carta da Alemanha, 17/2/1866).

Os riscos para o contrato de uma educadora européia envolviam vários fatores que me permite supor que havia bons profissionais trabalhando no Colégio Florence. O vínculo empregatício era muito tênue e de graves conseqüências para a instituição. Havia a possibilidade de o docente não se adaptar e o contrato estar firmado por tempo determinado. A experiência profissional relatada em cartas não assegurava que o cotidiano da sala de aula tivesse sucesso. O feitio rígido da educação dos alemães contrapunha-se à forma com que as brasileiras deveriam ser educadas. Entretanto, as dificuldades inerentes a essas contratações não foram empecilhos para a diretora da instituição, buscar auxiliares da tarefa educativa, nos países europeus. Pensava ela, a meu ver, que com a ajuda desses educadores, que se formaram a partir dos mesmos princípios que ela, poderia solidificar uma instituição de ensino nos moldes que conhecia e acreditava.

Nessas contratações realizadas por Carolina Florence, havia casos de professoras que se encontravam em situações financeiras difíceis e a vinda, para o novo continente, estava atrelada à necessidade de se manter a si própria e àqueles que lhe eram dependentes:

> Paris, 15 mar. 1868 (Em francês):
> Madame, a carta aqui junto de Mlle. Winkelman vos explicará porque tomei a liberdade de solicitar vosso interesse em me encontrar empregada como educadora do outro lado do mundo. Como aluna de Melles. Biernatriski e Wilkeman, esta me encorajou de vos escrever essas linhas, além do mais eu sempre ouvi falar de vós pelas Mlle. Harries, minha prima que a encontrou em uma de suas viagens. Isso porque vos peço de se interessar, se for possível, em meu favor. Não há mais do que um ano eu me decidi a favor desse empreendimento. A morte de minha mãe quase me deixou sem parentes, excetuando minhas irmãs e irmãos. Alguns estabelecidos, outros estu-

dantes ainda. Como eu não tenho fortuna é preciso trabalhar com todas as minhas forças para obter a minha independência no futuro. De forma que é necessário tentar.

Eu compreendo que é preciso uma grande resignação para renunciar a inteligente sociedade da Europa, mas no nosso país uma educadora não consegue fazer economias. Por outro lado, para poder corresponder as pretensões é preciso ter bons conhecimentos e como eu vivi longo tempo numa família inglesa onde tive a oportunidade de aprender inglês, desejo aperfeiçoar-me aqui em Paris na língua francesa. Permita-me acrescentar que sei ensinar os diferentes ramos de uma educação esmerada. Uma experiência de vários anos em duas famílias, cujas filhas concluíram seus estudos sob minha direção, assim como em uma das primeiras instituições de Dresden me autorizam a produzir suficientes recomendações. Não me resta nada a dizer além de pedir perdão de vos haver incomodado por tão longo tempo. Aceite, madame, minhas saudações mais distinguidas. Marie Garolthausen. (Carta enviada da França, mar. 1868).

Com os qualificativos que os docentes contratados no exterior possuíam, os vencimentos que recebiam não poderia ser pouco, o que aumentava as despesas financeiras da instituição que tinha dificuldades em manter-se no início, por razões anteriomente já apontadas.

Professores do Colégio Florence

Durante os vinte e cinco anos em que o Colégio Florence permaneceu na cidade de Campinas, foram muitos os professores que por lá passaram e contribuíram para o aprimoramento do ensino. Infelizmente, não tive acesso às informações relativas as atividades de todos os professores.

No cabeçalho do corpo de um anúncio, a diretora especificava que o estabelecimento que dirigia tinha a intenção de proporcionar uma educação nos moldes europeus, bem a gosto do que a sociedade brasileira solicitava:

> O ensino e a Educação da mocidade tem-se tornado hoje uma questão do mais inconstestável interesse e que merece todo o nosso esmero, visto que nella repousam o progresso moral e a felicidade de nós todos. Animada por essa observação, tenho

Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Diretora do Colégio Florence ao centro e o corpo docente de Campinas. Acima o professor de música Emílio Giorgetti, do lado esquerdo, olhando a sua filha Isabel e do lado direitosua filha Augusta

> trabalhado constantemente para adequar meu collégio, as exigências da nossa época.
>
> Pela chegada de uma nova professora vindo da França, onde tem ensinado por vários annos depois de ter feito seus estudos na Alemanha, ser-me-ha possível dar mais desenvolvimento ao meu collegio e merecer de mais a mais a confiança dos pais que me encarregaram da educação de suas filhas. (*A Gazeta de Campinas,* 19/9/1872).

No mais antigo documento que informa sobre o colégio, encontrei nomes de alguns professores que podem ser considerados os precursores.

No Relatório enviado por Hércules Florence, ao Inspetor de Instrução Pública, Diogo de Mendonça, em 24 de dezembro de 1867, havia a menção de *D. Ignácia Camargo,* por exemplo, como professora de História Sagrada, Geografia, Aritmética e Francês. Posteriormente, essa senhora fundaria o seu próprio colégio para meninas.

Ao contrário dos colégios religiosos femininos que adotavam o princípio de terem como professores apenas religiosas, o Colégio Florence contratava docentes do sexo masculino e feminino.

Padre Vieira

Dos professores mais antigos, o *Padre Vieira,* que lecionava *História Sagrada,* tornou-se mais tarde o Bispo do Ceará.

Joaquim José Vieira, nasceu em Itapetininga, em 17 de janeiro de 1836. Filho de Manuel José Vieira e Maria Teodolinda de Souza, ingressou muito moço no Seminário Episcopal e foi ordenado por D. Antonio Joaquim de Melo em 1860. Foi nomeado vigário de Paraibuna de onde se transferiu para Campinas. Em 1883 foi indicado para a Diocese de Fortaleza e sagrado em 09 de dezembro de 1884 na cidade de Campinas. Faleceu em 8 de julho de 1917. (MANOEL, 1988, p.147).

Theodoro Jahn

No início da década de 70, ministrava aulas no Colégio Florence e na Escola Alemã[26], o professor alemão *Theodoro Jahn.* Lecionava, além de Música, Desenho e Aritmética. Era o professor de canto da cidade de Campinas. De acordo com o *Almanaque de 1871,* fez parte da primeira diretoria do Clube dos Alemães Concórdia, fundado em 17 julho de 1870. Anna Krug Kupfer cita-o em seu diário como um dos grandes incentivadores dos eventos sociais. Theodoro Jahn também foi diretor da Escola Alemã. É interessante notar que além de professor de música e canto, também publicou um livro na Alemanha em 1872, sobre os problemas aritméticos e como adequá-los às crianças:

> Publicação - O sr. Theodoro Jahn, distincto professor residente entre nós, acaba de fazer imprimir na Alemanha a segunda parte da sua colleção de problemas arithmeticos *para uso das escolas brasileiras* (grifo meu). É um pequeno livro este, mas de bastante importância attenta a sua real utilidade. Contém exercícios graduaes, sempre do mais fácil ao mais difícil, de sorte a desinvolver por um jogo adequado o desenvolvimento das faculdades mentaes da infância, num estudo de que só o methodo póde varrer o enfado para cabeças juvenis. Quanto nos pareceu de rapida leitura feita, o sr. T. Jahn alcançou no seu pequeno compendio tornar acessivel á tenra comprehensão das creanças as materias respectivas

> adaptando-lhes uma forma simples e estabelecendo na eschola dos problemas todos uma natural conexão, de modo que o seu trabalho presta um valioso serviço á causa da instrução popular. (*A Gazeta de Campinas,* 7/3/1872).

Emílio Henking

A partir de 1877, o professor de aritmética e de música da instituição Theodoro Jahn é substituído pelo austríaco *Emílio Henking,* que assim como seu antecessor também lecionava aritmética. Presumivelmente ficou no Colégio Florence até 1886. Também foi diretor da Sociedade Concórdia e esporadicamente era convidado para os exames finais em outras escolas. Um exemplo disso se deu no Colégio fundado por D. Ignácia Camargo, quando, em 1878, *examinou a classe de arithmetica* (*O Diário de Campinas* 1/1/1878). Também em 1878 aparece como professor das aulas noturnas da Loja Maçônica Independência: *A Gazeta de Campinas de 25 de abril de 1878 informa a ampliação dos cursos da aula noturna, que a partir de então constaria de gramática da língua portuguesa, aritmética, geometria, geografia e história pátria, lecionadas gratuitamente pelo sr. Emílio Henking.* (MORAES, 1982, p. 110).

Nesse mesmo ano, resolveu abrir, com exclusividade em Campinas, um curso de cítara, um instrumento ainda desconhecido da sociedade local:

> O estimável professor sr. Emílio Henking annuncia hoje por esta folha que pretende abrir um curso de cythara, manioso e poetico instrumento de corda que com a maior facilidade póde se aprender, O sr. Henking reside a muitos annos nesta cidade e goza justa fama de professor activo e habilitadissímo. Ao publico recomendamos os anuncios que se referem ao curso de cythara. (*A Gazeta de Campinas,* 21/3/ 1878).

Esse professor casou-se com a irmã de Carlos Gomes, d. Joaquina Gomes, também professora de música[27]. Dos filhos que tiveram, consta no jornal *A Gazeta de Campinas,* o falecimento de sua filha de 3 anos, coisa muito comum na época, considerando as dificuldades de prevenção de doenças no perí-

odo. Entretanto, desse matrimônio existiriam filhos que também foram músicos, entre eles, destacou-se Ormênio Gomes.

Emílio Henking também fundou, mais tarde, uma escola de música, em parceria com a esposa d. Joaquina, *que devido a epidemia de febre amarela na cidade de Campinas, mudou-se para Valinhos, onde o marido Henking faleceu. Mudando-se mais tarde para o Sacramento, Minas Gerais. Essa família parece ter se extinguido por completo.* (KUPFER, s.d.)

Campos da paz

Existiram dois Campos da Paz durante a segunda metade do século XIX trabalhando com Educação. As referências encontradas sobre o prof. Campos da Paz não esclarecem qual deles teria sido docente do Colégio Florence. (*Monografia...*, p. 398).

Diretor do Colégio Culto à Ciência, em 1881, (MORAES, 1982, p. 190) o Dr. Alfredo Augusto Campos da Paz, pertencia à maçonaria, com grau 09. Arthur Fernandes Campos da Paz causou grande polêmica em 1878 com suas compreensões modernas sobre a maneira de como educar uma criança. Dizia ele que deveria-se dar liberdade para descobrir suas verdadeiras inclinações através de seus próprios recursos, pela lei da natureza.

Arthur Fernandes Campos da Paz daria vários exemplos da Educação de Spencer, nos quais respaldava-se. Dizia ainda que o bom sistema de ensino não é fazer decorar e *explicar* o que o discípulo tem de cor, porque ele teria de decorar antes de compreender.

> o mais rasoável é explicar de modo que em o minimo esforço a creança possa comprehender, e feito isto comprehende o illustrado crhonista que a memória, sem que lh'o encomendamos, incumbirse-a de reter os conhecimentos adquiridos pelo raciocínio. (*A Gazeta de Campinas*, 13/7/1878).

A teoria propagada pelo dr. Campos da Paz era uma novidade pedagógica para a sociedade campineira que ainda não se encontrava familiarizada com métodos tão diferenciados dos empregados até então.

Quanto ao ex-diretor do Culto à Ciência e professor do Colégio Florence, Alfredo Augusto Campos da Paz, este mudar-se-ia para Lorena em 1882 e faleceria na Corte no ano seguinte. (*O Diário de Campinas*, 28/1/1883)[28].

Francisco Caldeira

Não tive até o momento dados sobre as atividades desenvolvidas pelo professor Francisco Caldeira. No entanto, o mesmo é citado na bibliografia como ilustre membro do Colégio Florence. (FLORENCE, 1974, s.p. e Relatório de Hércules Florence, para o Inspetor de Instrução Pública da Província de S. Paulo. Coleção Cyrillo Hércules Florence, 1867).

Rangel Pestana

Causou-me estranheza a passagem silenciosa de Francisco Rangel Pestana como professor dessa instituição apesar de ele ser citado como pertencente ao quadro docente. Não há notícias na imprensa ou nos registros oficiais, apesar de ter sido jornalista. É sabido que, em 1872, pouco depois da fundação do *A República*, jornal republicano, o jornalista e advogado em questão transferiu-se para Campinas:

> a dar créditos às notícias do jornal, o nº 6 de *A República*, tal transferência deveu-se por motivos de saúde. Evidentemente, Rangel Pestana, em Campinas, participaria do corpo de redatores da Gazeta de Campinas em 5/04/1872 estando já recuperado, Rangel Pestana retoma ao Rio de Janeiro. (GEBARA, 1975, p. 92).

Em outro depoimento sobre a passagem de Rangel Pestana por Campinas, o mesmo é relatado de outra forma: deixa o Rio de Janeiro em 1872 para fixar residência em Campinas, onde:

> exerce a função de professor nos colégios Morton e *Florence* (grifo meu), então famosos na província. Antes de ocupar o cargo de diretor da "Província" havia sido redator do jornal Correio de S. Paulo. Rangel Pestana é visto por J. M. dos Santos

como um dos elementos radicais do PRP (Partido Republicano Paulista) e sobre ele consta que "sendo casado numa família de agricultores campineiros, libertou-se sem demora alguns escravos herdados por sua esposa" e por causa de suas posições "chegou a sentir-se seriamente ameaçado em sua vida, conquanto jornalista, professor e homem público, estivesse longe de poder ser tido como fazendeiro. (SANTOS, 1942, p. 185).

Foi casado com d. Damiana, irmã de outro republicano importante da cidade de Campinas, Francisco Quirino dos Santos, seu antigo companheiro da Academia de Direito de S. Paulo e proprietário do Jornal *A Gazeta de Campinas.*

De acordo com a profa. dra. Maria Lucia Spedo Hilsdorf, que escreveu tese de doutoramento sobre Rangel Pestana, não foram encontrados indícios que comprovassem sua passagem nesse estabelecimento, a não ser da *Monografia Histórica sobre a cidade de Campinas,* de José Lourenço Rodrigues. Cita o fato de que é intrigante esse momento da vida de Pestana. O silêncio de sua atuação fica como um hiato na historiografia do colégio. Rangel Pestana não tratava de Educação nos artigos que escrevia nos jornais, ato que realizaria diversas vezes posteriormente:

> Em nenhum momento sua pena mergulhou na tinta espessa dos complexos problemas que envolviam a instruçao pública e particular da época. Não o faz nem como uma preocupação doutrinária, nem levado por razões circunstanciais. Mesmo tendo participado, por exemplo, da reunião na qual se decidiu pela criação do Colégio Internacional e assinada com os demais presentes a ata dessa assembléia, e posteriormente aí lecionado, R. Pestana não escreve sobre essa experiência. Mais tarde falará sobre sua vivência nesse colégio, um dos pouquíssimos relatos emocionados que encontramos nos seus escritos mas, em outro jornal, na Gazeta. Esse silêncio de Pestana é desconcertante, tanto mais que ele teria muitos motivos para escrever abundantemente sobre essa questão. Em primeiro lugar porque era uma "questão de atualidade", intensamente discutida pelas elites culturais da sociedade brasileira da época: o movimento em prol da instrução popular agitara o país impulsionado sobretudo pela iniciativa privada. Depois, porque ela era parte, como já vimos, de sua tradição jornalística desde os tempos da Academia, e também porque, durante esse

quinqüênio de 1870-74 Pestana vivenciou a prática pedagógica em vários colégios. (HILSDORF, 1986, p. 76).

No registro de Guimarães, relator de datas importantes do 2º Império sobre a cidade de Campinas, declara: Rangel Pestana, que lecionava língua Portuguesa e retórica no *Colégio Florence* (grifo meu) e no Colégio Morton, dirigia-se a Américo Brasiliense, pedindo-lhe que não se descuidasse de procurar uma casa (na capital) para a "Província de São Paulo". (GUIMARÃES, 1978, p. 32). Como essa obra é apenas de um registro de família, não contém informações complementares sobre o assunto. Parece interessante registrar esses dados por dois motivos: o primeiro é que parece confiável essa declaração, considerando que as datas registradas de outros eventos apresentam-se corretamente e, em segundo lugar, porque é o único informe que encontrei indicando as disciplinas que o mesmo ministrou no Colégio Florence.

Em épocas posteriores a esta, Rangel Pestana viria ao colégio como apreciador da conferência realizada - e já citada - pelo professor João Kopke, em 1883.

É interessante ressaltar que Rangel Pestana, assim como outros professores do Colégio Florence, anos mais tarde fundaria o seu próprio colégio - O Colégio Pestana - na capital da Província, destinado à educação de mulheres e que teve curta duração.

Julio Ribeiro

Muito ter-se-ia para falar do Professor Julio Ribeiro e sua importância para o Colégio Florence. Considerando o fato de que a instituição tinha dificuldades em contratrar um bom professor de língua portuguesa não poderia ter encontrado um dos melhores e dos mais prestigiados filólogos da época. Em 1876, Julio Ribeiro chegou a Campinas como professor dos colégios *Internacional, Culto à Ciência* e *Florence,* fixando residência nessa cidade até 1882. É interessante notar que, no ano seguinte, o jornal *A Gazeta de Campinas* noticiava uma denúncia sobre roubo e foi Julio Ribeiro que teve seus bens furtados e dentre os objetos que lhe tiraram indevidamente,

além de roupas, relógios, constava seu diploma da maçonaria, o que presumivelmente sugere seu envolvimento com essa entidade. (*Diário de Campinas,* 22/5/1877).

No final de 1878, o gramático mineiro anunciava no Jornal *A Gazeta de Campinas* que escreveria uma nova gramática portuguesa (*A Gazeta de Campinas,* 8/5/1878). Em 1880, tornou-se colaborador do Jornal *O Diário de Campinas* com artigos que dariam uma nova sustentação a essa publicação. Finalmente, em 1881, dedicou a 1° edição de sua *Gramática Portuguesa* a 15 pessoas, sendo 9 estrangeiros e 6 brasileiros. Dentre elas a diretora do *Florence,* Carolina Florence.

Consultado nas *Cartas Sertanejas* n° 10 sobre quem o havia ajudado na publicação da sua gramática e, percebendo que esta pergunta sugeria a benevolência dos republicanos, o mesmo responderia:

> Diz o campeão da transigência que eu publiquei a minha GRAMÁTICA com o *auxílio exclusivo* dos republicanos. Pois não terá mesmo pudor o homem? Só do venerando Visconde de Indaiatuba, de saudosa memória, e do ilustre mineiro Pereira Lima, recebi eu mais auxlios do que todos os republicanos juntos. *A adorável senhora Carolina Florence* (grifo meu), e o distintíssimo estrangeiro, Manoel José da Fonseca, subsidiaram-se largamente na publicação do trabalho. (TEIXEIRA, s. d., carta 25/4/1885).

O estrangeiro citado por Julio Ribeiro tratava-se do sr. Fonseca, residente em Jundiaí, grau máximo da maçonaria (33), professor da Escola Noturna da Loja Maçônica Independência e pai de Ruth Fonseca, ex-aluna e professora do *Florence*[29].

A Gramática de Julio Ribeiro teve boa repercussão na Província. As críticas favoráveis partiram de fora do país. Em 19 de fevereiro, o jornal *A Gazeta de Campinas* noticiava que dois homens eminentes de Paris, grande lingüista Abel Hovelaque e André Lefévre consideraram a obra de Julio Ribeiro um trabalho de valiosa significação. (*A Gazeta de Campinas* 19/2/1882). Em março, receberia elogios de um escritor Russo[30], para finalmente, em abril ser adotada no Colégio Pedro II e depois na Escola Normal da Corte.

No final de 1882, Julio Ribeiro se despedia do Colégio Florence, e fundava, na cidade de Capivari, um colégio com o seu nome. Assim como seus colegas docentes, tinha também a característica de escrever livros e fundar sua própria escola. Em maio de 1886, o jornal *A Gazeta de Campinas* anunciava-o como professor interino da Cadeira de Português da Escola Normal. (*A Gazeta de Campinas,* 8/5/1886). Entretanto, apesar da *Gramática Portuguesa* ter tido a relevância citada, Julio Ribeiro seria conhecido como o mineiro que escreveu o romance *A Carne.* (AZEVEDO, 1963, p. 343).

Miguel Alves Feitosa

Como substituto de Julio Ribeiro, o Colégio Florence contratou outro professor de língua portuguesa: Miguel Alves Feitosa. Figura de expressão, também participava como examinador a partir de 1885, sendo que, no ano de 1882, lançaria *A Gramática das Escolas.* O trabalho foi reconhecido como importante, pois em 1884, na 3° edição, diretores de escolas campineiras agradeciam sua obra através do noticiário de 16 janeiro de 1884, no jornal *A Gazeta de Campinas:*

> Gramática das escolas - a respeito desta excellente e popular grammatica do illustrado professor sr. Miguel Alves Feitosa, publicou o sr. Carlos de Escobar *no Correio de Campinas,* de hontem um magnifico artigo louvando, como é de justiça, esse utilissimo compendio que tamanha aceitação vae tendo em todas as nossas escolas. A Grammatica das Escolas, de A Feitosa, segundo o plano de Larousse, e pelo lado da grammaticologia, põe em prática as judiciosas observações de Fénelon:
> Parece-me que é preciso limitar-nos a um methodo curto e facil. Não deis a princípio senão as regras geraes. As excepções virão pouco a pouco. O grande problema consiste em conseguir d'um indivíduo, o mais breve possível, a applicação sensível das regras por uma prática frequente, depois esse acha prazer em observar as minudencias das regras que a princípio seguio sem as analysar. (*A Gazeta de Campinas,* 16/1/1884).

Divulgava entre seus colegas de docência o material didático por ele utilizado. Exemplo disso, é a carta localizada na Coleção Cyrillo Hércules Florence, onde Miguel Alves Feitosa

solicitava à diretora do Colégio Florence que entregasse alguns livros para d. Armelina Lamaneres, professora e colega de Miguel Alves Feitosa.

> Exma. Sra. Da. Carolina Florence:
> Tendo prometido hoje emprestar a d. Armelina meus livros de mme. Pape-Carpantier, leva-os ao portador destas linhas e peço a v. ex. o favor de entregá-lo a referida professora. Eu tinha prometido o *manual dos professores* (três volumes) de Carpantier. Acho porém, mais conveniente começar por estes a leitura dos magníficos trabalhos da illustre preceptora francesa. Esses trabalhos possuos quase todos. São cerca de trinta volumes. Faltam-me apenas duas ou três obras que por desleixo do comprador em Paris deixaram-me de ser remetidas quando os encomendei a quase três anos. São obras preciosíssimas. Todas essas obras da grande autora são de um interesse extraordinário por quem procura decididamente afastar-se das velhas rotinas do ensino brasileiro. Tomo a liberdade de apresentar a d. Armelina que tão brilhantemente revelou a tempos as vistas modernas de seu método de ensino a conveniência de encetar a leitura dos livros que tenho a honra de enviar-lhe pelo explêndido volume *Enseignement pratique dans tes saltes d'asitte.* Eu irei emprestando outros livros. (Carta de 17/7/1885, Coleção Cyrillo Hércules Florence).

A carta, enviada à diretora, revela a interação que havia entre professores e nessa troca, a vontade de aperfeiçoar o ensino ministrado. Feitosa, em continuação à carta acima, analisava a situação da educação no Brasil:

> Não pode ser novidade para v. exma. esse fato tristíssimo. Não são positivamente luminosos os horizontes do magistério nesse país. Cada dia, cada hora as nuvens de tristeza vão sombrar a fronte daqueles que se entregam entre nós a áspera e ingrata missão educativa. Só uma cousa me salva. Só uma cousa nos alenta e vivifica através desse lutar incessante e rude contra dificuldades de toda a espécie. É o exemplo da dedicação do inquebrantável heroísmo de que v. exa. sem lisonja alguma é uma das mais valiosas personificações. A sombra dessa dedicação e desse heroísmo é grato combater. Daí me vem a coragem. Com profundo respeito, subscrevo-me de v. exma. atenção. Miguel Alves Feitosa. (Carta 17/7/1885, Família Florence, S.P.).

Em 1887 Miguel Alves Feitosa fundava sua instituição de ensino - o Externato Feitosa - que também mudou-se para Jundiaí por ocasião da epidemia em Campinas. (*O Diário de Campinas,* 10/12/1887).

João Kopke

João Kopke é, por excelência, o professor que mais impulso trouxe para o Colégio Florence, em termos de atividades didáticas e recreativas, como de teorias pedagógicas e publicidade.

João Kopke, freqüentou Campinas durante muito tempo e sempre deixou marcas de seu espírito contestador nos lugares por onde passou[31].

De gênio arrebatador e criativo, já em 1873, quando cursava a Academia teve problemas com um pároco em Campinas durante uma missa, e numa atitude de desafio, noticiou na coluna do leitor a autoridade desenfreada do mesmo:

> O revdm. sr. padre Francisco de Abreu Sampaio fez retirar hontem da Matriz-Velha, onde fôra, com algumas pessoas da minha amisade, assistir ao officio da Paixão, por não poder eu ajoelhar-me em consequência de um tumor branco, que tenho no joelho, o que em alto e bom som, lhe declarei quando me intimou. Justamente indignado pelo procedimento de s. rvda. faço esta explicação pela imprensa, para que as pessoas que estavam presentes e que não me conhecem, não julguem mal de mim, e devidamente aquilatem o acto inqualificável de s. rvda. e decidam, se o escandalo esta da parte do fiel, que não podendo ajoelhar-se, assistia, contudo, ás cerimônias com o respeito que sabe prestar á religião que professa; se da parte do sacerdote que lança fóra do templo um fiel que não poder fazer aquilo que lhe é absolutamente impossível. João Kopke. (*A Gazeta de Campinas,* 17/4/1873).

Problemas com atitudes como as do padre Francisco de Abreu Sampaio e como de outros que aos olhos de João Kopke agrediam a liberdade individual dos cidadãos geralmente eram denunciados. Provavelmente. isso era um reflexo do ideal progressista dos jovens que freqüentaram a Faculdade

de Direito, como outros republicanos que imbuídos ainda do afã estudantil, quebraram amarras conservadoras em espaços públicos e que, mais tarde, seriam responsáveis pelas mudanças políticas que levaram à conquista da República no Brasil. (SCHWARTZ, 1987, p. 44).

Precoce nas articulações educativas, já em 1874 Kopke lançava um compêndio sobre o método rápido de aprender, para os seus alunos da Escola Americana:

> Instrucção pública - O sr. João Kópke, estudante da Faculdade de Direito acaba de obzequiar com a sua obra - Methodo rápido para aprender a ler, para uso dos alumnos da Eschola Americana de S. Paulo.
> Facilitar os meios pelos quaes se possam obter os conhecimentos, é uma tarefa digna de applausos e que se impõem ao apreço logo à primeira vista cresce de ponto o vulto de tal serviço, quando elle intende com a intelligencia tenra das creanças, procurando amenisar o trabalho de incutir os primeiros rudimentos do ensino em animos debeis e vacillantes ainda. O livrinho do sr. Kopke nos pareceu de summa vantagem para as aulas primarias. O systhema nelle adoptado é simples, e de tal modo nelle se estabelecem as regras, que parecemnos uns como degráus lógicos para a subida do espírito na escola dos primeiros estudos. O seu atho prestou, pois, um serviço real á causa da instrucção publica, e a nós ocorre o dever de chamar para a sua composição o cuidado e o interesse de nossos patrícios. (*A Gazeta de Campinas,* 22/11/1874).

Esse método de aprendizagem teve grande repercussão na esfera pública, tanto que, em 1879, o governo foi autorizado pela Assembléia a despender a quantia de até seis contos de réis para adquirir para todas as escolas públicas a obra do professor João Kopke. De acordo com Primitivo Moacyr:

> A lei 60 de 4 de maio autorizava o governo a contratar com o dr. João Kopke o fornecimento de cartões, aparelhos e o que mais necessário para a adoção do *Método racional e rápido de aprender* nas escolas publicas primárias. (MOACYR, 1936, p. 385).

Em 1881 pediu exoneração do lugar de professor substituto de Geografia, História e Filosofia do curso de pre-

paratórios anexo à essa mesma faculdade de Direito, na capital, e foi para Campinas. Assim como aconteceu com o professor Emílio Henking, em 1883, Kopke perdeu um filho ainda novo. É bem provável que a perda tenha sido um dos motivos de sua saída da cidade de Campinas. Em novembro de 1883, João Kopke, foi nomeado professor de História e Geografia do curso preparatório anexo a Faculdade de Direito, na cidade de São Paulo, curso em que ele havia lecionado como substituto, em anos anteriores.

> Realisou-se na capital o concurso para provimento da cadeira de historia e geographia do curso a academia. O candidato dr. João Kopke foi plenamente aprovado, sendo examinadores os drs. Justino de Andrade e Américo Brasiliense. (*A Gazeta de Campinas,* 3/10/1883).

Entretanto, como ele mesmo cita em carta enviada à diretora do Colégio Florence, seu convívio na Capital da Província seria por pouco tempo. Seguiu depois para o Rio de Janeiro, lugar onde não se sentiria confortável. A Corte, com seu ambiente competitivo, o forçaria a pensar em procurar uma situação mais compensadora em termos educacionais fora do Brasil. Kopke queria ir ensinar na Alemanha. É interessante observar na missiva enviada à Carolina Florence, como havia um clima de intimidade entre o professor e sua ex-diretora. Os questionamentos educacionais da vida de professor foram discutidos ao longo do texto. Alguém que se arriscava a seguir para o continente Europeu atrás da possibilidade de poder aplicar aquilo que aprendera. Nesse sentido, as preocupações eram pormenorizadas, principalmente em relação ao fato de ser um docente do Brasil no final do II Império, com idéias republicanas, e às suas dificuldades em adaptar-se à vida e aos costume de outro país:

> Rio de Janeiro, 13 janeiro de 1884
> Da. Carolina Florence:
> As vicissitudes da minha sorte põe-me as portas da Alemanha. Venho pois pedir-lhe um bilhete de introdução. É o caso que obrigado a deixar S. Paulo por motivos tão poderosos quanto íntimos, tenho sofrido no Rio de Janeiro as contrari-

> edades maiores da minha vida de professor por querer exercer um magistério honesto e digno. Sem crer que da luta possa sair um vencedor porque nessa sociedade sem dinheiro mesmo o atleta estão de antemão derrotado, ofereçem-se possibilidades de acompanhar a Europa alguns alunos de S. Paulo que aí vão demandar e que em seu país não encontram. Alheio porém ao conhecimento de todas as condições devida no ponto escolhido, a Alemanha e talvez Cassel, lembrei-me de pedir informações a sua bondade e aqui estou a solicitar a sua resposta aos seguintes quesitos: Poderei obter uma casa mobiliada em Cassel, por exemplo, para uma família de quinze pessoas? No caso afirmativo, em que condição de aluguel? No caso negativo, com que despesa relativa a poderia mobiliar com simplicidade? Quais os salários dos criados? A lavagem e o engomado costumam fazer em casa ou há economia em pagá-los fora? Com uma pensão de 3.600 marcos anualmente será possível dar um tratamento amoroso a um aluno e ter um lucro sobre ela? Qual esse lucro mais ou menos? Qual o melhor estabelecimento de instrucção, o Ginásio Swin ou Real Schule? Que conselho daria a um estrangeiro a localidade para ir bem dirigir a sua vida ignorante como ele e diante do meio em que vai residir? (Carta do Professor João Kopke à Carolina Florence, 13/1/1884, Família Florence, S.P.).

É interessante observar alguns pontos com relação ao serviço de casa. Era comum no Brasil escravocrata que os trabalhos manuais estivessem sempre na mão de criados, principalmente porque depois de trezentos anos sendo realizados por escravos e considerado algo degradante, natural era pensar que em outro país fosse ele semelhante às condições daqui. A mentalidade reinante fazia o professor Kopke refletir sobre essa questão.

Kopke procurava colocar-se como um professor que, apesar de suas decepções com o ensino no Brasil, acreditava na possibilidade de existirem instituições sérias. Tanto é assim, que elogia o trabalho realizado no Colégio Florence e suas relações pessoais com os docentes e os membros da família Florence:

> Me é grato no momento de minha vida como esse, achar como ponto de orientação aquele mesmo a quem tem vinculado as mais saudosas recordações do meu passado de professor. *D. Carolina Florence e o Colégio Florence são dois*

> *capítulos da minha história que abro e releio quando o desalento começa a invadir a minha alma.* (grifo meu). Nunca os fechei sem ter neles encontrado a animação procurada. Aquela adorável cadeia de alunas que me prendeu ao vão de uma janela do clube semanal... E como então desfolhei todas as folhas dos meus afetos cativos e agradecidos desfolha-la-eis para sempre nas festas íntimas de meu coração, através da ausência e através do tempo. Bem haja a senhora e bem hajam elas o quanto de amparo tem me servido em meio a minhas lides. (...) A senhora ponha ao fogo essas linhas e responda aos meus quesitos. É de hoje e não de ontem que devemos tratar. Peço-lhe que me recomende respeitosamente ao sr. Giorgetti, a d. Augusta, ao dr. Ataliba, a d. Leonor e a todas minhas antigas alunas a quem enviarei as minhas despedidas se porventura partir. (Carta do prof. João Kopke à Carolina Florence - 13/1/1884, Família Florence, S.P.).

Não se tem registro se Kopke foi para a Alemanha acompanhar seus alunos. Hilsdorf, ao realizar o levantamento das atividades desse professor nesse período, apresenta-o no cargo de professor do Curso anexo à Faculdade de Direito até o final de 1885. (HILSDORF, 1986, p. 231)

Em julho de 1886, mudou-se para o Rio de Janeiro definitivamente, (*A Gazeta de Campinas*, 3/8/1886) sendo que, nesse período, o Ministério do Império, reconhecia finalmente os préstimos. de Kopke na área da educação, declarando-o dispensado das provas de capacidade profissional, a fim de que pudesse ensinar as matérias que constituíam a instrução primária e secundária. Essa declaração foi enviada ao Inspetor Geral de Instrução Pública do Município da Corte e, a partir daí, sua batalha em prol da educação parece ter tomado novo rumo de ascendência. Nesse período, as idéias republicanas ganhavam força, e Kopke podia contar com o apoio de Rangel Pestana, que via em Kopke um verdadeiro educador. Hilsdorf o coloca como alter-ego (ou ego-auxiliar) de Pestana em assuntos de educação. (HILSDORF, 1986, p. 126.)

Militante que lutou pela melhoria da formaçao dos professores, Kopke em dezembro de 1886 fundava uma associação de docentes na Corte com o intuito de agregá-los a fim de implantarem o Ensino Normal para o magistério. (*A Gazeta de Campinas*, 12/12/1886).

Finalmente, no ano seguinte é designado para o cargo de membro substituto do Conselho da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte.

Como é possível verificar, sua trajetória durante o Segundo Reinado como educador baseava-se em lutas em oposição ao regime vigente, ocupando, porém, muitas vezes cargos por nomeação. Declaradamente republicano, procurou através de atos, demonstrar o quanto acreditava na instrução da mocidade. E o fazia em instituições privadas. Fernando de Azevedo diria que:

> Nunca, na história da educação nacional, o ensino particular teve tanto relêvo e granjeou tamanha autoridade como nesses e outros institutos que foram os pontos iniciais em que se assentou, para tomar impulso, o ensino secundário no país. (AZEVEDO, 1963, p. 590).

As províncias que a partir do Ato adicional de 1834 ficaram com a responsabilidade de fundar escolas de ensino secundário se sentiam limitadas para qualquer organização, não somente desse nível de ensino como dos demais. Os professores que se notabilizaram foram, portanto, oriundos das escolas particulares:

> É dessa época a plêiade notável de educadores, cuja tradição ilustre chegou até as gerações atuais: Um Barão de Tautphoeus, professor do Colégio Pedro II, um Freeze, *um Kopke, um Pujol.* (grifos meus). (idem, p. 590).

Kopke, como seus colegas docentes do Florence, também abriu uma escola na capital da Província de São Paulo, que denominava-se *Escola Neutralidade,* a qual também teve duração efêmera. Recebeu elogios da imprensa, daqueles que faziam oposição aos seus princípios e idéias, e dos membros do próprio governo monárquico. Tanto que em 1887, o presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves deixaria registado em relatório à assembléia provincial sua boa impressão com relação à escola de Kopke:

> Deixou-me a mais agradável impressão a Escola Neutralidade não só pelo sistema adiantado do ensino e pelo desenvolvimento que notei em crianças de pouca idade, senão também pela excelência das relações estabelecidas entre o aluno e o professor. (MOACYR, 1936, p. 431).

Emílio Giorgetti

Músico, italiano, natural de Luca, Emilio Giorgetti nasceu em 29 de março de 1854 e faleceu em Florença em 28 de abril de 1928. Não se sabe os motivos da sua vinda para o Brasil, mas sua chegada na cidade de Campinas foi noticiada na imprensa com seu expresso desejo de se estabelecer na cidade:

> Chamamos a atenção do publico para o annuncio que se faz hoje por este jornal, o Sr. Emílio Giorgetti, talentoso professor de piano que ha pouco tempo chegou a esta cidade, conforme já noticiamos. O Sr. Giorgetti é um moço distinto e está nos casos de firmar uma boa reputação como professor de música. (*A Gazeta de Campinas,* 2/4/1878).

Aos poucos começou a freqüentar a família Florence e a dar aulas no Colégio Florence onde conheceu Augusta, filha de Carolina que naquele ano regressava ao Brasil, depois de estudar na Europa. Dedicava-se à instituição, como sua mãe, nas aulas e na administração[32].

Nesse período de aproximação afetiva, Emílio Giorgetti começou a dar um novo impulso nas atividades artísticas do Colégio Florence, principalmente no estudo da música. Em 1880, casou-se com Augusta Florence, sendo que a festa foi anunciada por Isabel, irmã caçula de Augusta e ainda menina na época, aos irmãos que se encontravam estudando na Europa:

> Quando as férias começaram mãe estava constirpada. As férias começaram em 15 de junho e o casamento de Augusta foi no dia 22. Aquela noite foi bem divertida. O coronel Quirino foi também convidado e ele fazia graça depois do ato cerimonial. Nós fomos jantar e fizeram-se saúdes demais até. Depois do jantar nós dançamos. Eu que não sei dançar, dançei muito bem. (Carta de Isabel Florence ao seu irmão Guilherme, na Alemanha, do dia 11/7/1880).

Emílio Giorgetti não trabalhava apenas como professor de música. Por ser interessado, após o falecimento de

Hércules Florence, em 1879, passou a cuidar da administração da Instituição junto com sua esposa, Augusta. Em alguns documentos relativos a trabalhos e prestações de serviços referentes ao Colégio, encontrei assinatura do professor Emílio Giorgetti[33].

De temperamento dinâmico, este professor fundou junto com outros italianos residentes na cidade de Campinas, o *Circolo Italiani Uniti,* uma sociedade com fins filantrópicos, nos moldes daquela fundada por Theodoro Jahn e outros alemães dez anos antes: o Clube Concórdia. Presidente do "Circolo", reelegeu-se duas vezes, em 1884 e 1886, sendo que nesse último ano aparecia na relação como inspetora da escola fundada por essa associação, sua esposa Augusta Florence Giorgetti. (*A Gazeta de Campinas,* 1/6/1884 e 7/7/1886). Esse fato, ao lado de outros noticiados na imprensa, demonstra que a mulher começaria a desempenhar papel fora do espaço privado, principalmente tendo Augusta Giorgetti usufruído de uma educação nos moldes europeus.

Essa instituição filantrópica, o *Circolo Italiani Uniti,* assim como outras fundadas no período, foi de fundamental importância para o desenvolvimento social da cidade. Apesar da crise que o cultivo do café traria em poucos anos, as atividades beneficentes e culturais colocavam a cidade de Campinas como exemplo de modernização e avanço em um período em que o Império estava decadente. Por ocasião da vinda do Imperador D. Pedro II à cidade de Campinas, as associações filantrópicas fundadas pelos imigrantes estiveram presentes:

> Na rua da Constituição... estavam dispostos em alas os alumnos e alumnas dos estabelecimentos públicos e particulares, em número superior a 800: Banda de Musica Italiana, Sociedade 14 de Juillet, Hespanhola Mendez Nunez, Beneficente Lidgerwood, 8 de julho, Club MacHardy com sua banda e operários, Confederata Italiana e sua escola, Beneficiente Arens, Germania, Portugueza de Beneficiência, Circolo Italiani Uniti e suas escolas, Alunas do Asyllo de Orfans, Collegio de Carolina Florence, Sociedade M. P. Luis de Camões - escola, Collegio Culto à Ciência, Escolas Publicas de ambos os sexos, Escolas Ferreiras, Sociedade Alema Concordia. (*O Diário de Campinas,* 28/10/1886).

Das dezoito associações registradas como presentes a essa recepção, apenas uma escola pública representava o governo oficial vigente.

Hércules Florence

Hércules Florence, esposo e companheiro de Carolina Florence, cientista adepto de múltiplas realizações, cooperou com primor em atividades como principalmente administrador e contador do Colégio. Também foi professor de Desenho de altíssima perfeição, tanto que em excursão pelo Rio Tietê, desenhou toda a espécie de flora que viu e publicou esses desenhos junto com seus registros de viagem. Em 1875 no exame final, do Colégio Florence, os trabalhos que as alunas apresentaram impressioram os jornalistas que apontaram Hércules Florence como destaque entre os professores:

> Todas as provas correram de modo a justificar os créditos brilhantemente conquistados por aquelle estabelecimento, na educação da mocidade do sexo feminino, tendo atrahido a attenção dos espectadores a promptidão de muitas meninas, ao responder a certos pontos de portuguez, francez, geographia e *historia. Mereceram tambem particular mensão os desenhos executados por algumas discípulas, aula dirigida pelo sr. Hércules Florence.* (grifo meu). Ao que nos dizem, todos sahiram satisfeitissimos com o notável adiantamento apresentado, o que por si mesmo está a provar a illustração e competencia das distinctas professoras. (*O Diário de Campinas,* 17/12/1875).

É interessante observar as atitudes de Hércules Florence, considerando o fato de que viviam em um período em que aos homens cabia exclusivamente o domínio dos negócios. É difícil imaginar o marido tomando conta do colégio de sua esposa e dos filhos - problemas relativos à esfera privada e que de acordo com a mentalidade da época, de responsabilidade da mulher - enquanto esta se encontrava ausente do país tratando de problemas relativos à esfera pública.

Mas se pensarmos que se tratava de um casal de estrangeiros, esclarecidos, preocupados em construir algo juntos,

cuidar da educação dos filhos e realizarem-se enquanto pessoas, o comportamento de ambos justificava-se e corroborava a tese de por que o Colégio Florence, apesar de todas as dificuldades que enfrentou, assim como outros colégios, não permaneceu pouco tempo e não fracassou. Sua permanência por vinte e cinco anos na cidade de Campinas e a importância que atingiu são fatores ligados ao fato de que a família que o administrava tinha como diretora alguém que de fato entendia de educação e um esposo que apostava nas mudanças e desenvolvimento do ensino e incentivava os projetos pessoais de sua companheira. Nas cartas Hércules Florence colocava sua concepção sobre educação e retratava o cotidiano da instituição. Em 1870, já com idade avançada, possuía pleno vigor físico para o trabalho administrativo:

> (Caro) Lina:
> Ensinar as crianças é começar a conhecer toda a amabilidade da qual nossa espécie é capaz. Eu destaco que o comportamento das segunda e terceira classes são tranqüilas, obedientes, todas sob cuidado de M. Jahne, tanto sob as ordens das mestras. (...) M. Silvério Jordão veio antes de ontem para matricular D. Laura (...) Faça o possível para encontrar uma substituta. D. Miquelina é uma o... (como você diz) mas ela é uma dirigente como aquelas do capitólio. Em suma, é preciso reconhecer algo de bom. Ela não diz quando deixará o colégio. Eu creio que D. Matilde estará aqui um pouco antes. Mme. Maret veio pagar sua conta. Você sabe que a encontrei muito disposta a contar suas doenças. *As mesmas dores que você sofre.* Todos os sintomas que ela descreve são os mesmos. Augusta chorou de novo quando eu li suas palavras. Mas foi de alegria. Isabel é de um encantamento surpreendente para uma criança, mas falta-lhe algo. Porém não adiante seu retorno por causa dela. M. José dos Campos Negreiros veio ontem com M. dr. Salles, eles pediram para ver todo o colégio. A pequena virá amanhã. Augusta desejava te escrever, mas M. Jahne a chamou para a lição de piano. (Carta de Hércules Florence para sua esposa Carolina Florence, escrita em francês, 12/5/1870).

Anos mais tarde, em 1876, durante uma outra viagem que Carolina Florence fazia à Europa, Hércules Florence contava mais detalhes da vida cotidiana do Colégio Florence

e das atividades de cada profissional atuante. Essas cartas tornam-se documentos importantes porque por meio delas é possível recuperar o lado informal da instituição, aspectos que documentos, como os relatórios ou registros da imprensa não focalizam:

> Lina:
> O colégio vai como sempre. O número de alunas é de 32 a 36. Eu estou contente com Mlle. Casselman, cujas excellentes qualidades fazem esquecer alguns pequenos defeitos. Mlle. Zerbst tem um genio tenso, D. Joanna é um pouco quadrada, mas ela não falta jamais com as suas obrigações. Nós temos uma faxineira alemã que é de uma grande atividade. Para o momento eu não tenho do que me queixar. (Hércules Florence para sua esposa Carolina Florence, em 16/9/1876).

Infelizmente, em 27 de março de 1879 Hércules Florence faleceu. Homem que contribuiu muito para a sociedade da época, foi reconhecido pela imprensa com uma *illustração pouco vulgar.* Na nota de falecimento que os Jornais *O Diário de Campinas* e *A Gazeta de Campinas* publicaram no dia posterior ao falecimento encontrei alguns indicativos favoráveis aos seus trabalhos:

> Dotado de muita observação, de muito amor ao estudo, trabalhador incançável, inventou mais o sr. Florence a pulvographia, genero de pintura por meio da qual os objectos se fixam pelo pó. Muitas pessoas desta cidade possuem bellos espécimens desses trabalhos. Ultimamente, inventou o papel inimitável, que tivemos occasião de vêr, o que sem dúvida poderá ter apllicações excellentes. No desenho era o sr. Hercules Florence habilissimo. Há tempos demos notícias aqui de alguns quadros seus, em que o Sr. Florence se revelava muito conhecido da perspectiva linear e dos effeitos do collorido. Ouvimos dizer, por essa occasião, que sua magestade o Imperador, quando aqui esteve viu os seus trabalhos e não lhe poupou elogios. (*O Diário de Campinas,* 28/3/1879).

Quanto à sua vida familiar, Hércules Florence, diferentemente da grande maioria dos homens de seu tempo, ao que os dados indicam, teve um comportamento íntegro durante sua exis-

tência. *Hércules Florence era o typo completo de homem e devotado á religião do trabalho* (*A Gazeta de Campinas,* 28/3/1879). Apegado à sua prole, realizou inúmeras tarefas junto à ela, aliando trabalho intelectual aos necessários ao cotidiano:

> Com sua exma. família, fundou nesta cidade um collegio para o sexo feminino, frequentado pelas meninas das melhores famílias de Campinas. Não cançava aquella organização de ferro. Entre os cuidados da direcção de uma fazenda, que possuía neste município, o magistério e seus estados particulares, dividia a seu tempo, sempre ultimamente empregado até a hora em que o destino implacável lhe cercou o fim da existência.
> Descança em paz o prestantissimo cidadão. *A sua vida immaculada* (grifo meu) resumiu-se neste trabalho constante, e no aperfeiçoamento para si e para os outros. É um quadro bem eloqüente, de vêr-se em ancião, já embaciados os olhos, depois de uma longa existência de luctas, poder paraphasear as palavras de Tito – *Não fiz mal a ningúem!* Receba a sua exma. família nossos sinceros pezames. (*Diário de Campinas,* 28/3/1879).

Amador Bueno Machado Florence

Outro Florence, professor do Colégio, era o filho mais velho de Hércules, de seu primeiro casamento. Amador Bueno Machado Florence foi professor e diretor do Colégio Culto à Ciência em 1884. *Professor e homem público, tendo sido um dos fundadores do Instituto "Culto à Ciência" de Campinas cuja Câmara Municipal presidiu, ao tempo do Império.* (SILVEIRA, 1982, p. 149). Ministrou aulas de Português, Francês e Desenho durante muito tempo. Presidente da Câmara Municipal de Campinas, desempenhou com afinco obras em favor de melhoramentos urbanos. Também pertencia à maçonaria da cidade: *Amador Bueno Machado Florence era Grau 12. Lecionava Latim, Francês e Desenho no Culto à Ciência.* (MORAES, 1982, p. 189).

Para além das atividades desempenhadas no Florence, no Culto à Ciência e na Câmara Municipal, Amador Florence encontrava tempo para ministrar aulas particulares, conforme o anúncio que colocou na imprensa em 1877:

> Licções de francez, portuguez e desenho. AMADOR FLORENCE ensina materias em sua casa á rua da Cadeia em frente ao nº 24, das 4 as 6 horas da tarde, e das 7 as 9 horas da noite. Os preços serão tratados por licções de 1 hora, ou por mes. Ensinará também em casas particulares nas horas e pelos preços que se convencionarem. (*A gazeta de Campinas,* 25/2/1877).

Amador Florence também escrevia crônicas. Em 1882 publica na imprensa, sobre a revolta dos paulistas em 1842, quatorze capítulos, mostrando o levante político contra a monarquia do Império. (GUIMARÃES, 1978, p. 47).

Henrique Florence

O terceiro filho de Carolina e Hércules Florence, engenheiro formado na Alemanha, certamente herdou do pai a habilidade para o desenho. Em exame do ano de 1885, encontramos menção a seus préstimos enquanto professor de desenho do Colégio Florence. (*A Gazeta de Campinas,* 15/12/1885).

Henrique Florence, que casou-se com sua prima, Evangelina Florence (Yayá), foi o filho que esteve sempre perto da mãe durante o tempo que o Colégio ficou na cidade de Campinas. Foi o responsável pela metragem das ruas de Campinas: *De acordo com a recente medição das ruas de Campinas feita pelo engenheiro Dr. Henrique Florence, essas ruas tem ao todo 30 km de extensão ou 6 léguas métricas.* (*O Diário de Campinas,* 4/11/1888). Mapeou também na cidade a rota da febre amarela, trabalhando com afinco para socorrer àqueles que caíam doentes. Em 1888, teve participação na criação do edifício do Instituto Agronômico de Campinas: *Foi autorisada a entrega da quantia de 6.000$000 ao prof Franz Dafert pelo exercício de 1886-1887 para as obras da estação agronomica de Campinas, contractadas com o dr: Henrique Florence.* (*O Diário de Campinas,* 19/2/1888).

Augusta e Isabel Florence

Além da própria Carolina Florence, suas duas filhas também foram educadoras. Iniciando seus estudos no próprio

Colégio fundado pela mãe, completaram-os na Alemanha, como diria sua tia e irmã de Carolina, Ana Krug Kupfer, residente na Europa: *Duas sobrinhas vindas do Brasil nos foram entregues. Augusta e Isabel Florence. A primeira todos os corações por sua graça e amabilidade e até hoje ela tem lugar no meu coração como filha. Casou-se ela mais tarde com o professor de música o Sr. Emílio Giorgetti, que vivem em Florença.* (KUPFER, s.d. s.p.).

De acordo com depoimento de familiares, registrado em cartas, Augusta tocava muito bem piano. Quanto à Isabel Florence, a caçula da família, muito apegada à Carolina Florence, não se casou e seria a acompanhante em viagens e eventos até o falecimento da mãe, em 1913.

Em cartas, percebe-se que teve uma infância feliz, compartilhando com os irmãos mais velhos suas peraltices e brinquedos de menina. As brincadeiras que Isabel Florence registra em carta ao irmão Willy (Guilherme), que naquele momento se encontrava em estudos na Alemanha, evidencia a rotina da família em dias de lazer no sítio *Soledade* e a tranqüilidade dos divertimentos das crianças:

> Depois da chegada ao sítio; Nós deitamos logo naquele dia, porque estávamos cansados da viagem. No dia seguinte eu levantei cedinho e fui no quarto de Zinha pois eu dormia com mãe. Lá ainda achei Iaiá e Tina deitadas. Sozinha estava levantada e se vestindo. Conversei um pouco e fui beber leite - e como era gostoso. O dia eu passei bem e todos os dias a mesma coisa. Alguns dias nós brincávamos em cima das árvores você sabe o brinquedo que Paulo, você, Leonor e eu brincávamos. Um era leão, outro mico e assim sempre, não se lembra?
> Assim nós brincávamos. Iaiá era macaco, Tina era mico e eu lobo. Eu pegava um pau de gancho e apanhava mexiriqueiras e maracujás e ia levar de presente para o sr. macaco e mico dizendo que era caça deliciosa e dizia que era carneiro e lebre. Sempre tínhamos nossos brinquedos. A vida lá era bem dizer a do Paraíso. (...) O sr. Giorgetti gostou tanto do sítio que até compôs uma música intitulada *A Soledade*. Nós partimos de manhã cedo para a cidade, ficamos uma semana e depois começaram as lições. (Carta de Isabel Florence para seu irmão Willy, 11/6/1880).

Isabel Florence foi também aluna no período em que o Colégio esteve em pleno desenvolvimento pedagógico. Participaria da Revista Trimensal, editada pelas alunas da instituição, da encenação de peças teatrais e de uma convivência tranquila com suas colegas de estudos.

Paulo, Guilherme, Jorge e Ataliba

Paulo e Guilherme Florence, gêmeos, nasceram em 19 de junho de 1864. Ambos fizeram seus primeiros estudos no Colégio Morton, em Campinas, onde foram alunos de Julio Ribeiro e completaram seus estudos no Ginásio Cassel, na Alemanha.

Guilherme Florence (apelidado pela família de Willy) estudou na Escola de Minas de Glausthal, transferindo-se para a Academia de Berlim. Formou-se em Engenharia de Minas e Metarlugia, em 1889. Trabalhou em metalurgia na Silésia e África do Sul. Em 1893, voltou a São Paulo, passando a trabalhar na Comissão Geográfica e Geológica. A Guilherme deve-se o aproveitamento econômico das jazidas de apatita do Ipanema, onde conseguiu-se fabricação de superfosfatos de qualidade, ao estrangeiro, perspectivas para o futuro aproveitamento das jazidas

Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Carolina Krug Florence com os filhos Isabel, Paulo e guilherme Florence

de fosfato, estando, por exemplo, o atual beneficiamento da apatita em Jacupiranga, baseado nos resultados obtidos por Florence em Ipanema. 14/6/1964

(Centenário do nascimento de Paulo e Guilherme Florence - (*O Correio Popular),* Também a ele se deve:

> o levantamento da planta geológica do Estado, traçando os limites da formação permo-carborífera, com base formada pelas rochas cristalinas nas folhas de Campinas, Jundiaí e Itu. Em colaboração com Jovino Pacheco, foi Florence o autor da carta geológica do Estado de São Paulo na escala de 1:.1000.000. Publicada no ano de 1929, trabalho este que se classifica como o mais importante e precioso até hoje feito sobre a geologia de campo, em termos das dificuldades, para executar levantamentos geológicos, eram bem mais numerosos e pesados que os de hoje. (*O Correio Popular,* 14/6/1964).

Paulo Florence fez seus estudos de música, composição, regência e instrumentação, na Alemanha e Itália. Compôs músicas de orquestra de cordas, para canto, piano e violino, para trio e quarteto. Percorreu vários países da Europa, sendo pianista de famoso quarteto de músicas de Câmara, juntamente com os famosos Pablo Casales, violoncelista e Rafael Dias Albertino, violinista. Compôs vários hinos, dentre os quais um dedicado a Antonio Carlos Gomes. Conhecia profundamente matemática. Deixou vários trabalhos musicais, um deles denominado *Música e Evolução* foi traduzido para o inglês pelo musicólogo Hugo Heimann. Falava e escrevia corretamente, como seu irmão Guilherme, onze línguas. (*O Correio Popular,* 14/6/1964). De acordo com Oberacker:

> Em São Paulo, não poucos elementos teutos de valor dedicaram-se à musica. Paulo Florence (1864-1949), de Campinas, filho de mãe alemã (Carolina Krug), e o qual tinha sido maestro nos teatros de Ulm e Kiel, tornou-se co-fundador do Instituto Musical e compôs música de Câmara, peças para piano e canções. No grupo Coral Meldelssohn, na Sociedade Germânica que, em 1890, encerrou *a ópera Martha* de Flatow, no coro Schubert, na sociedade Bach, fundada em 1935. (OBERACKER, 1985, p. 439).

De maneira indireta, os dois irmãos gêmeos ajudaram, quando possível, nas atividades do Colégio Florence, principalmente Paulo Florence, em relação à apresentação de Concertos, na cidade de Jundiaí.

Jorge Florence era farmacêutico assim como seu tio, Jorge Krug. Estudou em Heidelberg e auxiliava a instituição com sua botica. Os remédios e aviamentos de receitas para as alunas eram fornecidos por seu estabelecimento comercial.

Ataliba Florence foi o primeiro filho de Hércules com Carolina Florence. Também formado em Heidelberg, especializou-se em oftalmologia. Residiu muitos anos em São Paulo, e depois foi para a Alemanha, onde foi Cônsul do Brasil em Dresden. Casou-se com Olivia de Moraes Florence, ex-aluna do Colégio Florence.

Ana Krug Kupfer e suas filhas

Em regresso da Alemanha para o Brasil, em 1880, por tempo limitado, a irmã de Carolina Florence, Ana Kupfer e suas filhas exerceram atividades no Colégio Florence. (*O Diário de Campinas,* 16/12/1886).

Anna Kupfer e suas filhas trabalharam no Florence, ao lado da irmã e tia Carolina Florence, das primas Isabel e Augusta, dos primos Henrique, Amador Florence entre outros. Enfim era uma família voltada para a educação e o ensino. A solidariedade dos parentes contribuiu para que a permanência de Anna Kupfer e sua família, em Campinas fosse amenizada, conforme o diário de Anna Kupfer:

> Em Campinas fomos recebidos pelos irmãos e seus filhos muito amavelmente como também alojados até que nossa moradia fosse arrumada convenientemente com tapetes e mobílias trazidos. Num espaço de tempo muito curto Maria aprende a língua do país, Annche concluiu estágio junto a famíia de um enteado de minha irmã Carolina Florence. Depois entravam nossas duas filhas como professoras no Instituto muito expandido *Colégio Florence.* Sem essa atividade regular a vida para essas duas deveria ser muito enfandonha. (KUPFER, *s.d.,* s.p.).

Num ambiente familiar, desligado das interferências do poder público de um governo que poucas verbas destinava à educação, o Colégio Florence pôde ser bem sucedido.

Armelina Lamaneres

Sempre muito citada em documentos da família sobre o Colégio Florence, *D. Armelina Lamaneres* também foi aluna do Colégio Florence e posteriomente docente. Foi colega de turma de Isabel Florence e estava sempre presente na representação das peças teatrais e execução das músicas.

Por ocasião da grande epidemia de febre amarela, refugiou-se com outras professoras na cidade de Amparo. Isso porque algumas de suas alunas residiam nessa localidade e, em um momento tão grave da enfermidade, a solidariedade era necessária. Hospedou-se na casa de D. Anna Carolina Penteado, ex-aluna e muito amiga de Carolina Florence, que tinha nessa época suas filhas estudando no *Florence*.

> o melhor alvitre a tomar na nossa triste posição é aprontar roupa e tomar um destino certo. Ontem comprei em nome de D. Ana uma dúzia de lenços que vou começar a marcar hoje mesmo. D. Ana gosta de pagar as suas contas a vista e como tem uma quantia determinada para passar o mês me custa pedir-lhe qualquer soma. Já está na costureira um vestido meu que comprei muito barato pelo qual a senhora que o faz pede apenas 8$000. É vestido de sair as ruas. Toda roupa que eu precisar, eu mesma a farei. Continuamente vem pessoas nos visitar, temos saído a passear com muitas moças agradáveis. As cunhadas de Maria Lima nos convidam para irem as suas casas e se não temos feito mais vezes é por faltar vestido. O calor daqui tem sido abrasador como em Campinas. Ouvi dois casos de febre amarela e nenhuma preucaução se tomou contra a terrível enfermidade. Adeus, d. Carolina, tenhamos coragem e paciência, nem sempre o mal é tão grande quanto se afigura no princípio. PS. D. Anna, Nicota e d. Emma muito se recomendam a senhora e a todos da família. Sua agradecida amiga d. Armelina. (Carta de D. Armelina Lamaneres para Carolina Florence, de Amparo, 13/3/1889)

D. Armelina ainda trabalhou por muitos anos no Colégio Florence, contribuindo para que suas alunas pudessem receber uma educação com esmero e proficuidade.

Leonor Gomes

Assim como Armelina Lamaneres, Leonor Gomes foi aluna do Colégio Florence e, mais tarde, professora. Companheira de estudos de Isabel, filha caçula de Carolina Florence, Leonor foi adotada pela família ainda muito cedo. Dedicou-se com afinco à instituição e manifestava verdadeira adoração à Carolina, a quem tratava por *mãe*. Nos programas de final de ano do Colégio, nas cartas de recomendação de professores e amigos havia sempre menção a sua pessoa. Infelizmente, ainda moça teve problemas pulmonares que se transformaram em espécie de tuberculose, o que fez Carolina enviá-la, junto com uma funcionária do Colégio Florence, para a Alemanha. Fez tratamento durante alguns anos, mas faleceu nesse país no ano de 1892, em decorrência do agravamento da saúde. Em seu diário, Ana Kupfer comentou que Carolina Florence adotou-a depois que seus pais a abandonaram. (KUPFER, *s.d.*, s.p.).

Outros professores

É difícil mencionar todos os docentes que tiveram participação importante na vida do Colégio Florence. Entre as preceptoras estrangeiras não encontrei cartas ou outros registros que pudessem relatar suas experiências e é possível supor que uma grande parte do trabalho realizado na instituição coube a elas. Também entre os nacionais houve docentes que se tornaram conhecidos por sua inteligência e .que participaram da instituição depois que esta deslocou-se para a cidade.

D. Ruth Fonseca, ex-aluna, exerceu durante muito tempo a docência no Florence de Jundiaí, tornando-se conhecida por sua cultura: *a distincta educadora, viajada e culta, conhecedora de sete idiomas (inclusive esperanto) faleceu a 26 de fevereiro de 1953, com 84 anos de idade.* (Coleção Cyrillo Hércules Florence; SILVEIRA, 1968, p. 151). Maria Celina de Vasconcellos Florence, também ex-aluna e que lecionou no Colégio Florence de Jundiaí, mais tarde criou o seu próprio estabelecimento de ensino na cidade de Mogi Mirim, *denominado Vasconcellos Florence*. Posteriormente ingressou na ordem das

Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

A ex-aluna e professora do Colégio Florence, Ruth Fonceca com seus alunos, os dois filhos do Sr. Scott

Missionárias do Coração de Jesus, onde permaneceu até o seu falecimento. (idem, p. 151). Também, Adelaide Augusta Florence trabalhou na instituição nessa mesma época e era irmã de Celina, ambas netas de Hércules e Carolina Florence, filhas de Amador Bueno Machado Florence, que conforme mencionei, também foi professor.

Novas considerações preliminares

Quando se observa o quadro docente do Colégio Florence, percebe-se a qualidade que possuíam seus professores. A formação pedagógica extrapolava os muros do estabelecimento. O conteúdo que transmitiam às suas alunas, trazia implicitamente a cultura de que provinham. Esses profissionais eram equipados de excelente formação didática e pelos registros que deixaram, acreditavam no valor da tarefa educativa.

Os professores nacionais, alguns com formação superior, declaradamente adeptos das novas teorias que surgiam no continente europeu, também deixavam claro a opção política definida pelo anseio de transformar o país em um polo de cultura. Participaram, muitos deles, do partido republicano paulista e foram membros da maçonaria, como evidenciei anteriormente.

Os docentes oriundos de países europeus traziam a herança da cultura, a experiência de vários anos ensinando em diferentes ramos do ensino e o anseio de estabelecer-se no novo continente. Ao renunciarem a *inteligente* sociedade da Europa, deixando família e o conforto para iniciar uma carreira profissional da qual pudessem retirar a sobrevivência, faziam-no dedicando-se com afinco às causas da educação. Com eles, emigravam novas idéias que encontravam acolhimento no Colégio Florence. Há entre eles, características semelhantes: geralmente adeptos das novas teorias educacionais, desvinculadas de religiosidade, puderam ter presença atuante no cenário político, social, econômico e cultural do país.

Nas cartas que pesquisei, percebi que o Colégio ao reunir professores, que posteriormente teriam atuação no cenário nacional brasileiro, criou condições de aumentar sua credibilidade e confiança à instituição, proporcionando, de fato, uma educação de qualidade às discípulas. Foi através da escolha e recrutamento

de seus administradores, seja na pessoa da própria Carolina Florence, seu esposo Hércules e posteriormente de seus familiares, que se pôde reunir uma pleiade pedagógica de grande porte. Investiram ao contratarem docentes de excelente qualidade, não só nacionais, muitos no início de suas carreiras, como fora do país, conforme se pode ver nas cartas de solicitação de empregos que exemplifiquei anteriormente.

A instituição, livre de dogmas e aberta às novas idéias, possibilitou aos profissionais que contratou o desenvolvimento de suas potencialidades, de seus programas inovadores, sujeitos à crítica da imprensa, que considerava-o polêmico para a época.

Métodos tão diferenciados, conseguiam ser livremente executados no Colégio Florence e, muitas vezes, a imprensa registrou-os como prova de seus progressos pedagógicos. Não se pode esquecer, entretanto, que esses jornais também eram adeptos das idéias republicanas e da educação enciclopedista, motes da propaganda política contra o ensino tradicional disseminado pela monarquia.

Entre os professores que estiveram à frente das atividades de ensino no Colégio Florence, chamou-me a atenção o fato de que uma parte deles, teve semelhantes características: fundaram posteriormente suas próprias escolas, escreveram, publicaram livros e eram maçons. Isso pode ter resultado do trabalho desenvolvido nesta instituição.

Quanto à família Florence, percebe-se que o interesse pela profissão de educador tem como gênese Carolina Florence e se estende à maior parte de seus familiares. Tendo o próprio marido como colega de profissão, esta reinicia em Campinas, carreira docente, interrompida sua vinda ao Brasil. Ao fundarem o Colégio Florence iniciam um fio condutor que agregará filhos, enteados, genros, sobrinhos, netos, entre outros. Através do resultado do trabalho na instituição, conseguem enviar os filhos, para o aperfeiçoamento na Europa. Posteriormente, serão eles, seus descendentes, os responsáveis pela fundação de outros estabelecimentos de ensino.

Na cidade de Campinas, participaram ativamente como profissionais liberais e prestadores de serviços à comunidade.

Falar de cada professor e suas qualificações foi pertinente, nesse trabalho porque, através de suas aptidões e ações, percebe-se o conjunto dos docentes como um elemento fundamental para a durabilidade e credibilidade do Colégio Florence.

Remuneração dos docentes

Os professores do Colégio Florence possuíam uma remuneração compensadora se considerarmos os valores pagos aos docentes do ensino público. O fato de importarem mão de obra qualificada e contratarem o melhores educadores do país os obrigava a pagarem com dignidade e pontualidade.

As docentes contratadas já vinham com suas condições de pagamentos acertadas. Os valores eram variados. No livro de contabilidade do Colégio Florence, escrito por Hércules Florence, constam variações nos salários, possivelmente em função da qualificação e horas de trabalho.

Por exemplo, Frau Catarina Huffenbecher recebia 50 mil réis por trimestre, de maio a agosto de 1873, totalizando 200 mil réis por ano. Seu tempo de trabalho devia ser parcial e as aulas reduzidas, pois nesse mesmo ano a encontramos como diretora da *Escola Alemã* (ala feminina) (*almanaque...* 1873). Mathilde Beyrodt, por sua vez, entrou em agosto de 1870 ganhando 500 mil réis por ano, sendo que D. Sophia Zoega, dois anos depois ganhava 400 mil réis anualmente. Desses pagamentos excluíam-se moradia, lavagem de roupa e refeições diárias. Algumas docentes residiam no estabelecimento, como era o caso das professoras estrangeiras. Suas despesas eram pagas antecipadamente e descontadas no ato do pagamento.

Uma aluna em regime de internato pagava ao Colégio 125$000 trimestralmente, o que correspondia a 500$000 anualmente. Portanto, o pagamento de uma aluna era o equivalente ao salário de um professor. Mesmo assim, essa remuneração não era considerada baixa, se considerarmos o valor pago ao professor que trabalhava no Ensino Público. Em 1880, por exemplo, um professor público recebia 70 mil réis mensalmente e não tinha moradia. Em relação ao que ganhavam os docentes do Colégio Florence, os salários eram realmente irrisórios.

Tanto que D. Pedro II, em uma das visitas que fez à cidade de Campinas, recebeu críticas dos salários que eram pagos aos professores públicos, do despreparo e das condições de trabalho que eles enfrentavam:

> Por occasião da visita que fizeram às nossas escolas s. m. o imperador e o presidente da Província sr. Baptista Pereira, disse-lhes o sr. Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga, que era-lhe impossível cumprir os seus deveres como inspector de Instrucção Pública visto que o governo dispensava esse ramo de serviço publico ao ponto de acharem-se as escólas desprovidas dos objetos que lhe são mais necessários. *Explícou o sr. dr. Cassiano que os salários dos professores era tão insignificantes que mal davam para a subsistência destes e de suas famílias. Que os 70$000 mil réis que o Governo paga por mez a esses empregados iam-se quasi todos em aluguel de casa.* (grifo meu). Sobre o cadastramento dos meninos disse que causava lastima: nada sabiam! Finalmente o sr. dr. Cassiano expôz o estado em que se achavam as escolas públicas e terminou dizendo que nellas tudo faltava, até o pote d'água. (*O Diário de Campinas,* 29/12/1880).

Moraes diria em seu trabalho sobre o Colégio Culto à Ciência que em 1877, um professor público recebia 5 vezes menos que um docente daquela instituição, sendo que alguns também trabalhavam no Colégio Florence.

Apesar de o valor de uma anuidade paga por uma aluna representar muitas vezes o salário de um professor, o colégio várias vezes passou por dificuldades. Os riscos que enfrentava uma administração desse porte eram muitos. Professoras contratadas muitas vezes não se adaptavam ao calor dos trópicos e adoeciam, ou retornavam à Europa. Outras vezes alunas desistiam das aulas no meio do ano letivo, ou os pais as retiravam por motivos de mudanças, má colheita, etc.

Os criados

Os criados eram preferencialmente alemães. No jornal *A Gazeta de Campinas* apareciam anúncios de moças européias se oferecendo para serviços domésticos. Isso pode ter explicação no Sistema de Parceria que fracassou. As famílias de origem teuta

procuravam emprego na cidade e começavam a instituir o trabalho domestico remunerado, antes só cabível às negras escravas. O interessante é que muitas vezes esses serviçais tinham uma cultura acima da dos patrões e patroas. Era comum ler anúncios como esse: *Criada alemã se oferece para serviços domésticos com boa instrução* (*A Gazeta de Campinas,* 25/12/1870).

Outras vezes, a solicitação dos serviços domésticos partia dos próprios interessados que, ao perceberem os aspectos positivos de uma trabalhadora livre ao desempenhar suas tarefas, começaram a remunerar uma estrangeira: *Precisa-se de uma criadinha alemã para serviço doméstico. É casa de pouca família; para informações na rua do Bom Jesus, 10.* (*A Gazeta de Campinas,* 23/10/1873).

Carolina Florence, por ser proveniente da Alemanha, parece que sempre tratou com amabilidade seus auxiliares, tanto em casa como no colégio. Numa carta enviada por uma antiga criada que, anos depois, servindo a parentes de Carolina (a nora Iaiá Evangelina), e seu filho, Henrique Florence, no Rio de Janeiro, por ocasião da febre amarela em Campinas, escrevia com um português deficitário à sua antiga patroa, revelando nesse gesto o grau de afeição e intimidade que se estabelecia entre elas:

> D. Carolina, nós vainda bem. A "senhora" tem muita saudade da senhora. Ela pença que a sinhora tá duente. Nós teve duente. Dias passam. Amanhã nois sai do Rio as 10 horas. D. Senhora foi na cidade hoje com seu Henrique. Quando nois chegar na Bahia eu manda noticias da senhora. Para hoje eu não tenho nada de novo. Eu também manda muita lembrança a d. Augusta. Eu desejava que ela tá melhor. Faça favô de dá lembranças dessa sua criada. Katrina Rorke. (Carta. Rio de Janeiro, 1/3/1890).

Os valores eram pagos pontualmente aos criados, e as despesas eram descontadas no decorrer dos meses. O jardineiro da instituição, Anselmo, em 1873 ganhava 30 mil réis mensalmente. Os valores dos salários das criadas, assim como os professores, variava conforme o serviço contratado.

No capítulo que se segue, trato dos aspectos relativos as alunas que freqüentavam o estabelecimento.

Notas

26- A Escola Alemã é atualmente a *Escola Rio Branco* localizada no Distrito de Barão Geraldo, em Campinas.

27- D. Joaquina Gomes tocava muito bem piano. Em 4 de fevereiro de 1871, quando Carlos Gomes regeu no Teatro São Carlos com a grande orquestra da Sociedade Artística Beneficente, o bailado do Guarany, executou juntamente com ele, a quatro mãos a peça ao piano. (GUIMARÃES, 1978, p. 27).

28- Os documentos pesquisados referem-se ao professor que deu aulas no Colégio Florence como "Dr. Campos da paz" (Monografia..., p. 398). Existindo dois Campos da paz no período, não consegui maiores informações sobre qual seria o docente do Colégio Florence.

29- Manuel José da Fonseca, republicano, foi professor do Colégio Culto à Ciência, assim como Julio Ribeiro. Além de dar aulas gratuitas na Escola Noturna da Maçonaria Campinense: *Foi saudado por iniciativa do sr. Francisco Glicério como o estrepitoso e unanime viva! - o sr. Manoel José da Fonseca, espírito cheio de dedicação pela causa do progresso e talentoso professor, que, por mais de seis meses tem dirigido a aula com a maior generosidade, sem estipendio algum, enquanto a loja não tem em exercício o professor efectivo.* (Por ocasião da inauguração da escola Noturna Maçônica Gratuita). (MORAES, 1982, p. 107).

30- O escritor russo Plutão Lwovitch de Vanccel, que, em S. Petersburg escreveu em português os "Quadros da Literatura da Russia", mandou a Julio Ribeiro uma importante obra de economia política: *Ao exmo. Sr. Julio Ribeiro, em testemunho de estima e gratidão, - o tradutor. S. Petersburg, 14/26 janeiro de 1882.* (*Gazeta de Campinas*, 5 mar. 1882).

31- Em 1880, quando Alfredo Campos da Paz era diretor do Colégio Culto à Ciência, o professor João Kopke foi convidado a dar aulas nessa instituição: *contratado como professor o Dr: João Kopke, responsável pela montagem do Gabinete de Física com aparelhos importados dos EUA. Como era estrangeiro, não tinha grau na maçonaria, mas está registrado no livro de comprovação e purificação como benemérito.* (MORES, 1982, p. 190).

32- No relato de Isabel Florence, filha mais nova de Carolina Florence, por ocasião do bi-centenário da cidade de Campinas a mesma dizia sobre a irmã: *Em 1878 voltava da Alemanha a filha mais velha, que aí concluíra seus estudos, passando a dedicar-se incansavelmente em ajudar sua mãe. Para bem aquilatar a energia de Carolina Florence, basta mencionar-se que conseguiu levar a bom termo a ingente tarefa que se tinha proposto, durante longos anos, com a educação de todos os seus filhos, na Alemanha e na Suíça.* (FLORENCE, 1974)

33- Em uma carta de Leonor Gomes, quando ainda aluna do Colégio, há uma citação da organização que Giorgetti procurava estabelecer na instituição: *O sr. Giorgetti mandou fazer um armário para guardar as músicas com quarenta prateleiras e mandou também fazer pastas. De sorte que não se vê mais música sobre o piano.* (Carta de Leonor Gomes de Campinas, para Carolina Florence, em viagem à Alemanha, 15/10/1883).

As discentes do Colégio Florence

Procurem pois desenvolver seus espíritos, também a curiosidade de aprender tudo que é útil. (...) Estudem com zelo as línguas, procurem-se adiantar a elas o mais possível como no comportamento. (...) De sua afetuosa mestre e amiga Carolina Florence. (Carta de Carolina Florence às alunas. Cassel, 1883)

A educação feminina relativa ao nível secundário de ensino, durante o período do II Império, estava restrita às mulheres de famílias abastadas. Os custos de uma escola particular eram altíssimos, pois incluíam os contratos de mestres, auxiliares, serventes, além de gastos com mobílias, vestuários, mantimentos, etc.

Em 1872 o Colégio Florence tinha já seu preço avultado. As alunas internas pagavam adiantado, trimestralmente, 125$000 réis; meio pensionistas, 60$000 réis e as externas de todas as aulas, 24$000 réis. Havia ainda as ditas de primeiras letras que pagavam 15$000 réis a cada três meses. A lavagem das roupas custava 18$000 réis e as lições de música 25$000 réis. (*A Gazeta de Campinas*, 19/9/1872).

Em 1876, o valor das mensalidades pagas pelas alunas sofreria alteração em função das modificações por que a instituição passou. Era o momento em que a diretora, Carolina Florence, viajava para a Alemanha em busca de novas preceptoras e novos métodos para reestruturar o Colégio. Alterava-se o valor das trimestralidades em função das mudanças que aconteciam. Nos anúncios em que a diretora do Colégio publicava o início das aulas, geralmente em dezembro, é possível ler a justificativa do valor a ser pago pelas alunas:

> Este antigo estabelecimento, fundado em 1863, recebe alumnas internas, meio pensionistas, e externas, dispondo de um corpo docente dos melhores professores bem como de *várias professoras estrangeiras internas* (grifo meu) que coadjuvam a directora no ensino e educação das alumnas. O cuidado contínuo da directora tem sido de introduzir no collegio melhora-

mentos, seguindo os progressos de ensino na Europa e especialmente os de sua pátria, a Allemanha. (*A Gazeta de Campinas,* 17, 19 e 22/12/1878).

Quanto ao valor das trimensalidades, o Colégio Florence, em função do seu alto investimento no contrato de professores, tornou-se um dos mais caros em relação a outros estabelecimentos destinados à educação feminina na cidade de Campinas e na Província de São Paulo. As alunas internas passaram a pagar 150$000 réis, as meio-pensionistas, 75$000 réis e as externas de primeiras letras, 30$000 réis. As lições de piano começaram a custar 25$000 réis, separadamente. (*O Diário de Campinas,* 10/07/1878).

Nos anos que se seguiram o valor permaneceu o mesmo. As aulas de música eram optativas e o seu preço, cobrado à parte. Parece que todas as discentes as freqüentavam. Para as ex-alunas, Carolina Florence criou cursos de reciclagem, novidade que foi anunciada no ano de 1879:

> Curso de portuguez, francez, italiano e desenho para as senhoras que ao acabar seus cursos escolares, desejam-se aperfeiçoar nestas materias, nas terças e sexta-feiras da 1 ás 3 horas. Preço por trimestre 30$000. (*A Gazeta de Campinas,* 8, 11 e 13/12/1878).

Para se ter uma idéia de como esses valores eram elevados, observo os preços fixados por outros estabelecimentos na época. O *Colégio Pestana,* por exemplo, na cidade de São Paulo, cobrava dos internos 125$000 réis por trimestre e 40$000 de jóia no ato da matrícula para gastos com objetos fornecidos pelo colégio. Os semi-internos 100$000 e os externos, freqüentando três ou mais filhos 40$000. (idem, 19/6/1879).

No Colégio Internacional de Campinas, no mesmo ano, os alunos e alunas internos pagavam 125$000 por trimestre, os externos de 1° letras 30$000 e os externos de 2° e 3° letras 60$000 semestralmente. As internas que iniciavam as aulas pagavam também uma jóia de 30$000, valor referente a camas, lavatórios e outros utensílios fornecidos pelo colégio. Os externos pagavam 10$000 por esses serviços. A lavagem de roupa importava em 6$000 por mês e papel, tintas, cadernos e materiais de desenho importavam em 10$000 semestralmente. (*A Gazeta de Campinas,* 4/7/1879).

Em relação à anuidade, tanto o *Colégio Pestana* em São Paulo, como o *Internacional* de Campinas, cobravam 500 mil réis anualmente contra os 600 mil réis do Colégio Florence. No entanto, as cobranças nesses estabelecimentos, se somadas às exigências de jóias quando da entrada da estudante, perfaziam, um valor que aproximava do cobrado pelo *Florence.* De qualquer forma, este último cobrava o preço mais elevado em relação a outros estabelecimentos.

Ao situar o valor referente ao pagamento das anuidades solicitadas por essas instituições, notei que seus preços estão abaixo dos do Florence e, infelizmente, depois de 1879, Carolina Florence adotou a fórmula de não imprimir em seus anúncios o preço da anuidade[34].

No entanto, Moraes, ao reportar-se ao preço cobrado pelo Colégio Culto à Ciência em 1882, cuja taxa fixada era de 200$000 réis a menos do que o cobrado pelo Colégio Florence, e já considerado pela autora avultado, diria:

> Para avaliar o quanto é caro o ensino no Colégio Culto à Ciência, é útil saber, que, 1882, o alojamento do trabalhador no Rio de Janeiro, numa estalagem composta de um quarto, uma sala, de três metros quadrados cada peça, e uma cozinha bem menor, custava o aluguel de 14.060 a 22.496 por mês (...) Nesse ano, um servente de pedreiro ou carpinteiro recebia em média 49.400 e se tivesse família teria de despender uma média de 11.248 réis de aluguel de quarto de cortiço, o que representava 22,8% da sua renda mensal. (MORAES, 1982, p.291).

Outro dado importante é que, se houve momentos de crise financeira no Colégio Florence, isso não prejudicou o desenvolvimento e expansão da instituição. Acompanhando sua vida cotidiana através das notícias dos jornais ou por cartas, percebe-se que, a cada ano que passava, o Colégio Florence progredia sempre. O número de alunos girava em torno de setenta e as modificações que Carolina Florence introduzia, tanto nos aspectos pedagógicos como na estrutura física, davam mais credibilidade ao colégio junto às famílias abastadas da cidade de Campinas e região, chegando mesmo a possuir em seu qua-

dro discente, alunas provenientes de outras províncias, como de Minas Gerais.

Procedência das alunas

A clientela que freqüentava o Colégio Florence, desde quando este iniciou suas atividades em 1863, era constituída basicamente por discentes provenientes das famílias de fazendeiros de café, imigrantes e profissionais liberais.

Foram muitas as alunas que se destacaram na instituição, durante os anos em que esteve sediada em Campinas e posteriormente em Jundiaí. Muitas delas, depois de casadas, trouxeram suas filhas para serem educadas no mesmo lugar em que aprenderam as primeiras lições, e dessa forma, gerações de mulheres dentro de uma mesma família foram sucessivamente, recebendo a educação propiciada por uma mesma instituição.

O registro da matrícula das alunas era feito em um livro numerado e datado. É o mesmo onde localizei o pagamento efetuado aos professores e criados. Escrito de próprio punho por Hércules Florence, entre 1870 a 1874, foi o único encontrado até o momento.

Nele, pude encontrar o nome das filhas de senhores influentes na região, muitos dos quais, com o advento da República desempenhariam papéis decisivos no quadro político do país. Nos anos anteriores e posteriores a esse período, encontrei nos jornais, e apenas neles, menção da permanência de outras discentes, mas infelizmente, não é possível descobrir nome dos pais, apenas por alusão aos sobrenomes. Abaixo, exemplos dos nomes, relacionados no livro de tombo de Hércules Florence, de pais ou parentes responsáveis pela matrícula das alunas, e também o nome das alunas que freqüentaram o *Florence* de 1870 a 1874: (veja relação nas páginas seguintes)

Na relação dos responsáveis encontram-se comendadores, barões, juízes, políticos, entre outros. Muitos residentes fora de Campinas.

Os teutos tinham a opção de colocar suas filhas na *Escola Alemã* de ambos os sexos. O ensino, no entanto, não tinha o mesmo grau de desenvolvimento. Procuravam dessa forma o

PAI ou TUTOR	ALUNA	ANO
tenente Antonio Rorz de Almeida	Antonia Augusta de Almeida	1870/1/2
capitão Lino José de Freitas	Domingas (12 trim. 74-ausente).	1873
comendador Francisco Vilela	"	(ilegível) 1873
fazendeiro José de Campos Negreiros (Rio Claro)	Amélia Leoncio Negreiros	1870/1
boticário Gustavo Schaumann (Cunhado de Carolina)	Isabel	1873
fazendeiro José Libaneo Abreu Soares	Laura, Josephina e Isolina	1873/4
comerciante Antonio Carlos Sampaio Peixoto	Luiza, Leonor e Jozima	1870
fazendeiro Antonio Xavier Goto (Amparo)	Ana Carolina da Silveira	s/d
médico Dr. Vieira Pereira	EugeniaXavier	1871
comerciante Madame Teixeira do Hotel do Comércio	externas: Minervina e Joanna	1871
inspetor de Instrução Publica Cassiano B. Nogueira Gonzaga	Luiza e Brasilina	1871
comerciante Joaquim Alves de Almeida Saltes	Cecilia, Maria Luiza e Branca	1872/3
comerciante sr.Harbech	Etelvina e Margarida	1873/4
comerciante sr.Heidtmann	Bertha	1871
coronel Joaquim Quirino dos Santos (fazendeiro)	Ana Franciscade Oliveira e Manoela Las Casas	1872/3
político Francisco Glicério	Maria de Cerqueira (externa)	1874
comerciante Tomás Gonçalves Gomide	Maria do Carmo e Augusta	1874
fazendeiro Manoel de Moraes Saltes	Antoninha - interna Etelvina - externa	1874
"Meo compadre Cristiano Mayer" - *comerciante*	Filha Maria	1873
fazendeiro Antonio Elias de T. Lima (Mogi Mirim)	Amália Augusta de Toledo Lima - interna	1872
comerciante Joaquim Ferreira Penteado	Joaquina	1874
José Rorz do Amaral	Placidina	1872
Antonio Leite de Barros	Gertrudes	1872
comerciante José Maria Lamaneres	Armelina (Foi professora do Colégio Florence)	1872
comendador Joaquim Ferreira Penteado	Candida	1873
fazendeiro Diogo de Moraes Salles	Chiquinha	1872

PAI ou TUTOR	ALUNA	ANO
fazendeiro Tristão Campos (Amparo)	Maria da Conceição	1874
fazendeiro José Egydio de Souza Aranha	filhas: Escolástica e Josephina	1872
comerciante Madame Edmundo Maret	Alexandrina	1872
comerciante Madame Pimenta	Maria-externa	1872/3
médico Dr. Melchert (Piracicaba)	sua irmã, D.Maria Candida	1874/6
fazendeiro Luciano Teixeira Nogueira	Maria Teixeira	1874
delegado de polícia Alberto Müller	Maria Müller	1872
fazendeiro Joaquim Paulino Barbosa Aranha	Luiza	1873
fazendeira Antonia Francisca do Prado	Zezinha e Isaltina	1874
fazendeiro Francisco de Queiroz Telles	Escolástica Meio-Pensionista	1874
fazendeiro Antonio Pinheiro de Ulhoa Cintra	Filhas: Maria,Clotilde e Julieta	1873/4
alfaiate Pedro Lopes	Filha: Maria	1874
juiz de Direito Belarmino Peregrino da Gama e Mello	Belarmina	1873/4
propriet do Jornal "A Gazeta de Campinas"		
Francisco Quirino dos Santos:	D.Joaquina- interna	1873
fazendeiro Barão de Ataliba Nogueira	Filha Adelaide Luiza - interna	1873/4
fazendeiro Francisco da Cunha Bueno (Rio Claro)	Maria, Francisca e Joana	1873
fazendeiro Sistema de Parceria Joaquim Teixeira Nogueira	Enteadas:Isabel e Anna Bueno	1873
"Meo compadre Domingos Leite Penteado" *fazendeiro*	Candida da Rocha	1869/70
fazendeiro José Teixeira Nogueira	filha adoptiva Leonor	1870
capitão Bento Bicudo	Brasilisa	1873/4
fazendeiro João Joaquim da Silveira Cintra (M. Mirim)	D. Rita	1874
comerciante Julio Lehmann	Julia e Honorina	1870/1/2
comerciante Madame Wibeck	Anna	1873
comerciante José de Salles	Cunhada Vicenti	1874
fazendeiro Francisco Emilio Pompeu	Thereza e Maria	1872
fazendeira Ana Maria Ferreira	Brandina	1872

Colégio Florence, a fim de que suas filhas tivessem uma educação mais completa.

As mulheres ficavam muitas vezes responsáveis pela educação das filhas por razões de viuvez ou de os esposos estarem em constantes viagens.

Há, na lista de Hércules Florence, o nome de três mulheres que aparecem nessa situação, encaminhando suas filhas para a instituição. Provavelmente não somente assumiam essa tarefa, mas também aquelas ditas masculinas, como é o caso da Madame Teixeira, proprietária do Hotel do Comércio, em uma época ainda incipiente para o trabalho administrativo que o sexo feminino poderia desempenhar. As mulheres ficavam restritas à esfera do lar. Cândida Florence, filha de Hércules Florence do primeiro casamento, ao escrever uma carta a Paulo Florence, diria em relação ao seu papel feminino: *eu pouco valho e o que faço é procurar ser o menos incômoda para eles (a família). E isso não é tão fácil aqui no Brasil onde as mulheres são quase escravas.* (Carta de Cândida Florence a Paulo, 1885).

As alunas matriculadas eram, além das filhas naturais, adotadas, cunhadas, irmãs, enteadas, sobrinhas etc. Os laços familiares, naquele período, se mostravam estreitos e muitos se responsabilizavam financeiramente pelos custos de uma educação formal.

Carolina Florence teve muitas alunas que eram parentes. Tanto Krugs como Florences. Infelizmente não saberia informar se havia cobrança de anuidades, pois no livro caixa não há menção ao nome dos parentes.

As vezes, os pais tinham necessidade de interromper a instrução das filhas por motivos outros, o que provavelmente acarretava desequilíbrios na contabilidade da instituição. Em 1870, por exemplo, Tomás Gonçalves Gomide, inscrito na lista como pai, envia uma carta para Carolina Florence com o intuito de comunicar a saída da filha do estabelecimento, na metade do 1° semestre:

> Ilma. Sra. D. Carolina.
> Por circunstâncias que pedi ao irmão Jorge de comunicar a senhora, minha filha interrompe por algum tempo com os estudos. Desejo prestar conta dos atrasados que devo a fim de permanecer de modo satisfatório. Muito tenho agradecido a

delicadeza que tem tido comigo e o aproveitamento da menina. (Carta de Tomás Gomide para Carolina Florence, 5/4/1870).

Os pais tinham, às vezes, grandes dificuldades econômicas, com as crises vividas com a colheita do café, mas procuravam, na medida do possível, manter suas filhas estudando, pois sabiam o valor do trabalho e do bem que representava ser instruída.

Um bom exemplo de que os pais sabiam da importância e do valor que a educação poderia representar para uma mulher encontra-se na carta que um pai remeteu às filhas que estavam no colégio, interno, no período das férias. Provavelmente elas ficaram no estabelecimento nesse período exatamente por não poderem ir à casa do pai, porque o mesmo se encontrava viajando:

> Minhas queridas e adoradas filhinhas:
> Tenho recebido diversas cartas vossas e muito tem-me alegrado por nellas interpretar alegria e satisfação em minhas queridas filhinhas. Também já noto ao mesmo tempo mais adiantamento e isso tudo constitue uma felicidade grande para mím que só vivo de vocês e para vocês. Isto eu creio que é exatamente o que também compreendem e a não ser assim como explicar tanto sacrifício que faço? Acabando com minha saúde e sacrificando a profissão vivida em viagens com o fim somente ou por este modo adquirir recursos para a Educação que vos dou? Assim pois charas filhinhas continuem a ser estudiosas, aprendão tudo que puderem e isso preencherá meos desejos. (Carta de Arthur dos Santos - Coleção Cyrillo Hércules Florence 31/12/1884).

O pai continuava a missiva dizendo que as encontraria somente depois que pudesse concretizar seus negócios, provando que o compromisso com o trabalho exigia disciplina de tempo. Se muitos senhores de posse, como é comum pensar, viviam comodamente em suas fazendas, nem todos podiam viver dessa forma. O pai reclamava, na carta, da vida que levava e o desejo de encerrar tamanho sacrifício que o trabalho em viagens lhe tomava:

> Hoje acho-me no interior da Província de Minas - de onde vos escrevo e só irei ter o prazer de vos abraçar em fins de janeiro e princípio de fevereiro que é quando meos afazeres hão de

> permitir me algum descanço. Preciso mesmo vêr de não viajar mais, visto como esta vida já me pesa bastante - Apesar das commodidades com que ando por aqui e aonde já foi recente das irregularidades de faustos vigores. Peço pois a minha queridas filhinhas que sempre escrevão para ajudarem e com suas cartas attenuam tanta cousa que me encommoda. A suas exmas. professoras e professores - appresentem meos cumprimentos pelas boas festas - aos este que passo com vocês eu manifesto esse prazer com um bem numeroso de beiginhos e abraços. A suas colleguinhas mais intimas também uma visita pelas felizes entradas e esperançoso anno - fazendo-o mais particularmente a d. Leonor Gomes.
> Queridas filhinhas - acceitem em nome de Deos uma benção que lhe lanço e até breve. Vosso Pae e amigo Arthur Santos. São Sebastião do Paraíso. - Em viagem - 31 dezembro 1884 (Sul de Minas). (Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Às vezes, Carolina Florence tinha problemas de disciplina com algumas discípulas internas e a forma de contornar essas questões deve ter sido muito discreta, pois a compreensão demonstrada pela carta de uma mãe sobre a má conduta da filha, fornece pistas de que não havia formas severas, castigos exibicionistas, como punições por mau comportamento:

> D. Carolina
> ... não sei como lhe manifestar o meu mais profundo reconhecimento pela extrema bondade que a sra. tem tido para comigo. Guardo indelevel gratidão, pois além de prestar tão grande auxílio em educar minha filha, *sei que ela não tem se comportado bem no colégio o que me tem desgostado bastante. Não será por falta de bons conselhos que lhe dou. Peço-lhe me desculpar os aborrecimentos que ela causou-lhe.* (grifo meu). De sua altíssima servidora e afetuosa amiga Eulalia Vaz de Souzas. Araras, 27 janeiro de 1895. (Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Infelizmente não foi possível verificar quais motivos fariam com que uma mãe escrevesse uma carta com esse teor de reconhecimento do trabalho que uma filha poderia ter dado à Carolina Florence, ou seja, que tipo de *arte* a aluna poderia ter realizado.

Não encontrei pistas de castigos no Colégio Florence. Entretanto, na época o próprio governo brasileiro, em suas leis,

instituía junto aos professores, a prática de punir alunos desobedientes. Em 1836, o regimento interno das escolas, referente a Província de São Paulo ditava que: *os professores de primeiras letras poderão castigar moderadamente os seus discípulos, quando as penas morais forem ineficazes.* (MOACYR, 1936, p. 311).

Em Campinas, um professor ficou famoso nesse tempo, por dar *bolos* nos alunos. Malachias Ghirlanda, que nasceu em S. Paulo, em 1871, mudou-se para Campinas e abriu a sua escola à rua Regente Feijó, 32. Em torno do professor Ghirlanda formou-se uma verdadeira lenda por causa da sua severidade. Em sua *Campinas de Outrora,* à página 183, o Sr. Raphael Duarte diz o seguinte:

> Da escola do Ghirlanda conheço a muitos respeitáveis chefes de família, carregados de filhos, cujas unhas se tostaram ao calor da milagrosa *Santa Luzia*. A sabatina, em sua escola, era uma verdadeira fábrica de bolos, desafio qualquer ex-aluno daquele saudoso mestre (sic) que impugne esta asserção. (*Monografia Histórica do Município de Campinas,* p. 400).

Por ocasião da vinda de professoras alemãs para a cidade de Jundiaí, em 1895, a fim de lecionarem na instituição, Carolina Florence manifestava seu receio em relação aos castigos que estas poderiam impor às alunas do Colégio Florence:

> Zinha:
> Receio que não seja tão feliz desta vez como tenho sido ordinariamente. Ao menos preciso de bastante paciência com uma delas, *pois as meninas estranham suas maneiras e severidade.* Os modos de tratar as meninas na Alemanha são diferentes. (Carta de Carolina Florence para Candida Florence (Zinha) de Jundiaí, 2/4/1895) .

Ao contrário dessas situações de repreensão, os dados indicam que o pai, ao colocar a filha nessa instituição, adquiria a tranqüilidade e a garantia de à menina obter uma educação sólida e segura.

> Minha comadre Carolina:
> Não respondi com brevidade devida a sua referida carta porque razões econômicas obrigaram-me a adiar as respostas.

> Essas razões desaparecerão com a venda de minha fazenda que fica neste município. Estou, pois no caso de fazer maiores despesas e resolvido definitamente de confiar a sua severa educação as minhas filhas, Licinia e Siberia. Sua comadre está fazendo algumas roupas, mas torna-se necessário que minha comadre tenha bondade de enviar uma relação do que for necessário e, bem, assim fazer-me ciente de quanto incinda as férias de São João para levar as minhas filhas. Seguiremos depois para Jacutinga, nossa nova residência, tranqüila com a educação de nossas filhas por ficarem elas a cargo de uma pessoa que sempre nos mereceu a mais ampla confiança.
> Aceitando as nossas recomendações e transmitindo a Augusta e as pessoas de sua familia. De seu parente e compadre respeitador Joaquim Meason Teixeira. (Carta para Carolina Campinas. 20/6/1891).

Dificuldades com professoras e alunas

A responsabilidade com as internas envolvia toda ordem de problemas existentes na vida cotidiana. Doenças, por exemplo, eram dificuldades que requeriam mais cuidados, um certo grau de preocupação e também motivo de abandono do Colégio. Em uma carta, escrita em francês, uma mãe se desculpa pela retirada da filha, por motivos de saúde:

> Cara Mme. Florence:
> Desde que o médico declara que é mais prudente guardar Mary ainda algum tempo aqui para poder melhor observar a causa de sua indisposição, eu me decidi a colocá-la em escola aqui e esperando para não perder seu tempo. Eu desejo então vos avisar de me enviar como encomenda suas roupas assim como seus livros, músicas, etc. que lhes pertençam. (H. Shimengton. São Paulo, 14/8/1894).

Havia famílias que preferiam deixar as filhas doentes sob a guarda da diretora do Colégio Florence, principalmente em uma época em que as receitas médicas traziam diagnósticos nem sempre precisos. Pode-se imaginar quantos problemas tiraram o sono dos responsáveis por instituições de ensino e pela saúde de suas internas. Carolina contava com os parentes que auxiliavam-na, com seus conhecimentos sobre saúde, e suas farmácias.

Leonor Gomes, no início de sua doença, recebeu os cuidados da diretora e diria anos depois: *Nunca esquecerei que durante quatro meses a senhora deixou seu quarto, seu sono só por mim. Não, isso não é pouca cousa...* (Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence. 27/11/1890).

Assim como hoje, os problemas decorrentes dos ciclos menstruais traziam preocupações para mães e filhas. As tão propaladas cólicas recebiam tratamentos que muito diferem dos atuais. Questões da saúde da mulher, sua sexualidade, esclarecimentos sobre a fecundação possivelmente estavam incluídas na educação das moças e implicavam auxiliares competentes para esses cuidados e quando não, da própria diretora da instituição.

As cartas tratavam de assuntos relativos à maternidade. Diferentemente de um colégio religioso, onde as freiras não vivenciavam essa experiência e nem a vivência direta com a sociedade, os colégios particulares femininos, mantidos por mulheres que participavam da mesma realidade dos parentes próximos das alunas, favoreciam um diálogo mais aberto entre diretora e responsáveis pelas discípulas. Ensinavam-se assim, as primeiras noções de higiene, os cuidados necessários com a vida sexual e a prevenção de doenças, entre outros.

Nas cartas, encontrei, por exemplo, o caso da saúde das filhas de Anna Carolina Penteado, residente em Amparo, amiga e ex-aluna de Carolina Florence, que muito ajudou as professoras do Colégio Florence, em 1889, quando houve a epidemia de febre amarela. Suas filhas, Angelina e Ercília, tinham problemas ginecológicos que deveriam ser tratados durante a permanência das mesmas no Colégio:

> D. Carolina:
> Desejava ou pretendia ir até esta nesse mês para visitar as filhas e levar-lhes essas receitas, mas como não me é possível ir logo porque estamos muito ocupados com a colheita de café, vou incomodá-la pelo que peço desculpas. Angelina desde que esteve aqui de férias, que tem estado incomodada. As regras vem-lhe e duram muitos dias com corrimento e mau cheiro. Sente às vezes palpitações e atordoações para o que vão essas receitas que a senhora terá a bondade de mandar aviar e fazê-la tomar segundo a indicação. Ercília tem sempre dor de estômago, arrotos chocos e todas as noites prisão de ventre e irregularidades nas menstruações. Que vem um mês e no seguinte, ou dois meses falha. E quando vem traz muita cólica, e às vezes tem insônia, o que não é próprio da idade. A senhora terá a bondade de fazê-la tomar esses remédios, durante dois meses, segundo o médico me disse. E se nesse tempo elas não ficarem boas será preciso consultá-las de novo, o que espero não acontecerá. Elas deverão suspender o uso do óleo de fígado de bacalhau. Peço-lhe o favor de comprar em São Paulo, duas tocas impermeáveis para elas usarem durante os banhos. Perguntei ao médico se havia inconveniência em elas aprenderem o canto, e ele me disse que não. Pelo contrário, quando se canta como deve, com a boca aberta, só podiam tirar proveito. E para Angelina pode fazer sarar a garganta. Por isso elas podem continuar a tomar lições particulares de canto o que pedi ao sr. Giorgetti. Peço-lhe recomendar-se a Isabel e a Augusta, e outras conhecidas e dá saudades as filhas. Desejando-lhe muita saúde, abraço-a amiga obrigada e sincera. Anna Carolina Penteado. (Carta à Carolina Florence, de Amparo, Estação Feres Rodrigues, 22/8/1894).

Na documentação analisada, localizei a receita do médico dr. Silveira Cintra, muito prejudicada pelo tempo: *Recomendações: Ambas usarão chuveiro pela manhã, sem molharem a cabeça, servindo para enchugarem uma toalha felpuda. Darão em seguida um pequeno passeio antes de encerrarem as horas do dia.* (Coleção Cyrillo Hércules Florence, s.d.; receita do dr. Silveira Cintra). Muitas vezes, as meninas se machucavam ao brincarem no colégio, mas parece que, depois de alguns anos, as professoras se acostumaram com as quedas e as peraltices, pois Augusta, filha de Carolina Florence, e nesse tempo professora, que também tinha sido aluna, relata um acidente no pátio com a experiência de quem já tinha presenciado várias vezes tais situações. Diria à sua tia Zinha:

> Ontem as meninas nos causaram um grande susto. Ouço de repente gritos e choros, corro para ver o que há e já vem uma ao meu encontro com a cara coberta de sangue. Tinha sacudido um pau de cerca e este caiu-lhe sobre a cabeça fazendo uma brecha como a minha há vinte anos atrás debaixo da figueirona. Felizmente não é de conseqüência. (Carta de Augusta para sua tia Zinha, s.d.; provavelmente 1880).

Às vezes, eram os pais que se tornavam problemas em comportamento, prejudicando as filhas que se encontravam no estabelecimento. Era necessário, nesses casos, muita diplomacia. Alguns eram homens de conduta intempestiva e tomavam atitudes negativas. E o caso do dr. Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga. Político, pertencente ao partido liberal, serviu na Guerra do Paraguai e atuou em dois cargos municipais de Campinas. Em 1879 foi Juiz Municipal e até a sua morte em junho de 1887, foi Inspetor da Instrução Pública de Campinas.

Consta no jornal *A Gazeta de Campinas* de 22 de janeiro de 1874 uma carta na seção particular, que denuncia que Carolina Florence demitiu suas duas filhas, Luiza e Brasilina do Colégio Florence:

> Tendo a Ilma. sra. d. Carolina Florence despedido hoje as minhas filhas do seu collegio *por causa de uma carta que lhe dirigi* (grifo meu) a respeito da educação das mesmas, vou pedir-lhe que se digne publicar pela Gazeta essa carta a fim de que o publico sensato faça de mim o juizo que mereço como pae. Campinas, 20 jan. Dr. Cassiano. (*A Gazeta de Carnpinas,* 22/1/1874).

Provavelmente essa notícia deve ter causado muito transtorno para a diretora do Colégio Florence, visto que tornou pública uma decisão drástica, tomada por uma mulher estrangeira, em relação à atitude de um homem de influência na cidade de Campinas. Uma decisão que poderia ter conseqüências sérias na credibilidade do estabelecimento, caso sua diretora não tivesse autoridade e competência, como educadora. Ele, um homem público, brasileiro, pertencente à sociedade onde os homens tinham muita credibilidade e eram detentores de poder. Ela, uma mulher, estrangeira, dependendo necessariamente de uma boa reputação de que seu colégio precisava gozar para permanecer com uma instituição acreditada. Poderia ela, Carolina Florence ter respondido ao apelo público e explicitar os motivos de tão séria atitude? Estava no seu direito, no entanto e manteve-se no silêncio, apesar da curiosidade da imprensa em saber os motivos que a fizeram agir assim. Aguardou, na segurança dos seus atos, que as circunstâncias falassem por si próprias. Tanto foi assim, que, em

fevereiro do mesmo ano, nessa mesma seção particular, o dr. Cassiano retoma à esfera pública revelando que sua carta tinha um teor de ultraje, reconhecia sua atitude intempestiva, e, finalmente, acatava a decisão da diretora do Colégio Florence:

> ...uma declaração de motivos pelos quaes foram despedidas minhas filhas do seu collégio, pela rasão de que um dos vampejos da honra alheia, um desses miserabilissimos que desde muito tempo lisongea o meu orgulho, abocanhando-me por todos os meios, dando-me a paternidade de misérias só dignas delle e de seus *cyrineus* e me intrigando com pessoas sérias que infelizmente lhe dão crédito por não o conhecerem talvez, propala *urbe et orbe que essa carta contém expressões improprias de um cavalheiro que se dirige á uma senhora.* (grifo meu).
>
> Tomarei seu silêncio já mui significativo da ilma. sra. d. Carolina como prova de procedimento franco e cavalheiroso que tive como pai que só almeja a boa educação de suas filhas, e como uma rolha á boca do vampiro que só me inspira o sentimento de nojo, e donde só transuda a calumnia que é o delírio do odio, e muitas vezes a vingança da inveja.
>
> Páro aqui, pois só inspira-me dó e piedade, esse abatimento das almas que Deus criou para a elevação! 31 jan. Dr. Cassiano. (*A Gazeta de Campinas,* 1/2/1874).

Essas desavenças parecem ter tido um final conciliador pois, onze anos mais tarde, já como Inspetor de Instrução Pública de Campinas, o dr. Cassiano faria pronunciamentos elogiosos ao colégio, por ocasião de festas de exames finais ocorridos naquele estabelecimento:

> ... Findos os exames o dr. Cassiano pronunciou uma allocução na qual fez bem salientes os benéficos resultados que tem produzido a existência desse collégio, declarando que, em seu relatório ao governo, mencionará este facto. (*A Gazeta de Campinas,* 15/12/1885).

As dificuldades que alguns pais criaram eram compensadas, por aqueles que respeitavam o trabalho de Carolina Florence e seu Colégio.

Recorriam à diretora da instituição, quando mostravam interesse em enviar os filhos do sexo masculino para faze-

rem o curso superior no exterior, já que às meninas, impossibilitadas de cursá-los, tinham seu estudos encerrados no curso secundário.

Carolina Florence tinha experiência nesse assunto. Seus filhos, por exemplo, foram todos estudantes na Alemanha e, por isso, representavam um modelo que muitos pais brasileiros gostariam de seguir. Através de uma carta Anna Penteado solicitava informações sobre educação e alojamento na Alemanha para os alunos do sexo masculino:

> D. Carolina,
> Venho por meio desta incomodá-la pedindo-lhe desde já muitas desculpas, pois não tenho outra pessoa a não ser a senhora que poderá me prestar esse grande serviço. Desejando mandar meu filho Alcides que tem quatorze anos e completará quinze em agosto próximo para um internato ou um bom estabelecimento de instrução na Alemanha e como a senhora teve lá seus filhos e tem seus parentes peço-lhe favor de arrumar um lugar e recomendações para ele, onde a senhora achar melhor. Desejo que ele fique interno no estabelecimento e sujeito aos regulamentos. Apesar de ser muito desenvolvido ele sujeita-se pois é criança e tem estado em colégio onde tem sido obediente. Desejo muito mandá-lo para o estrangeiro e meu marido também assim o quer. Tinha vontade de mandá-lo agora com meu mano que se casa e segue esse mês para lá, mas como ele não tem conhecimento lá e não arranjamos lugar ficará para seguir logo que a senhora arranjar. Esperamos que a senhora me fará esse favor, desde já muito lhe agradeço. As meninas e eu muito lhe recomendamos. Sua amiga e obrigada. (Carta de Anna Carolina Penteado, do Amparo, 29/1/1896).

Despesas do colégio com alunas

As despesas feitas pelo Colégio Florence eram das mais diversificadas. Além de suprir as necessidades da manutenção de sua estrutura, incluía em seus gastos, objetos utilizados no dia -a-dia pelas alunas, professores e funcionários.

Esses dispêndios eram pagos pelo Colégio com o dinheiro que o mesmo recebia adiantado pelo pagamento dos trimestres. Posteriormente, no livro de contas, onde estavam debitadas as

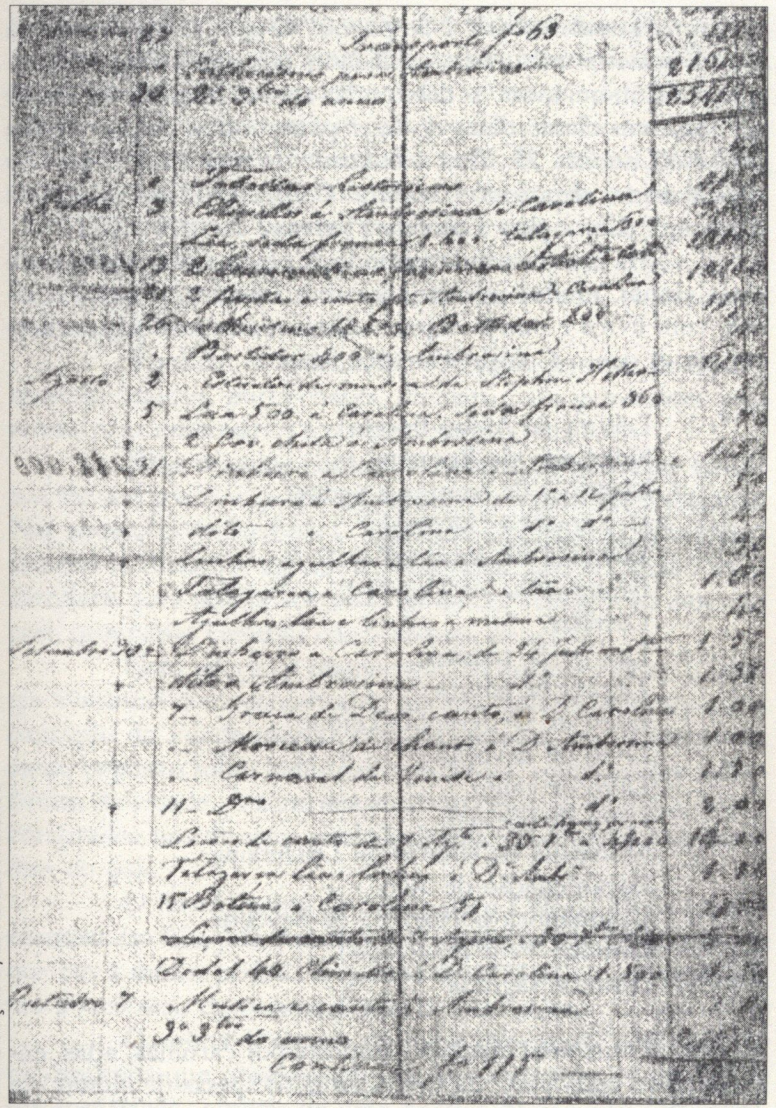


Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Livro de tombo de Hércules florencecom a relação dos gastos que as alunas tinham no colégio

compras, faziam-se com os pais ou responsáveis esses ajustes financeiros.

No livro de contabilidade de Hércules Florence, há apenas um caso de débito que não foi pago. Há um risco com letras

de forma grande escrito: *Não pagou!!* O que comprova que a grande maioria tinha responsabilidades por suas contas e, assim que podiam, quitavam os débitos das alunas: *Faço-lhe ciente de que hoje em diante deixa de fazer parte do seu colégio minha afilhada Candida. Ps. Terá a bondade de mandar a conta dos dias vencidos depois do trimestre. Comadre Maria da Rocha Camargo.* (Carta para Carolina Florence, de 15/1/1871).

Há uma lista muito grande de objetos comprados para essas alunas, muitos relacionados com vestidos, panos e tecidos, com livros e outros objetos. Abaixo, descrevo alguns desses gastos que o Colégio Florence fazia:

Leitura de Abilio Borges
Syllabario de Roquete
Materiais de escripta e pedra
Grammatica Nacional
Methodo de Arithmetica
Grammatica de Pinheiro
Cartilha
Licções de música
Licções de leitura
Livro de Geographia-Lejone
Livro de devoção
Livro de canto
Livro de allemão
Morceaux de leituras de Leiclerking
Encardenação de atlas
Grammatica portuguesa de Sevenne
Larousse Petit Encicloped
História Sagrada

O material didático composto por cartilhas, atlas, enciclopédias, fazia parte da descrição de despesas de alunas em 1870. Dez anos mais tarde, muitos livros seriam substituídos por outros mais modernos, além dos próprios elaborados pelos professores do Colégio Florence, como as gramáticas de Julio Ribeiro, Miguel Alves Feitosa e João Kopke.

Também encontrei, na documentação referente aos gastos do Colégio Florence notas fiscais de compras de artigos,

materiais utilizados para as aulas de trabalhos manuais, também objetos e adereços que eram solicitados pelas alunas, a fim de trajarem-se convenientemente como ditava a moda da época. Aliás, a moda é algo que tem uma participação fundamental nas despesas com objetos de ornamentação: lã, crochêt de Tunes, linhas, pentes e escovas, fitas, chita, lavagem de roupa, metros de Alpaca, avental, Baetilha para saia e palitó, miudezas, feitio de vestido, tecidos (escócia, morim, bordado etc) engomagem, talagarça, miçangas, fita branca, meias, veludo, chalezinhos, botinas inglesas, entre outros.

Também com dentistas, boticários, xaropes de Quina, quadros infantis, porta-chaves, dinheiro para guloseimas, presentes para aniversários (como charuteiras, etc.).

Pelas despesas também é possível verificar que as alunas faziam passeios pelas redondezas da cidade de Campinas. Nas anotações encontramos *Viagens à Valinhos,* estância hidromineral a 10 km da cidade de Campinas, que era muito recomendada para restabelecimento da saúde. Também há despesas com programas culturais como *bilhetes de teatro.*

Com relação a manutenção da estrutura física, o colégio consumia com: consertos de calçada, portões, impostos para captação do Fundo escolar, taxa de escravos, encanamento de água, impostos sobre indústrias e profissões, contribuições à Prefeitura da cidade. A alimentação assim como os remédios, eram comprados nos diversos estabelecimentos da região e também fora do país.

O fornecimento de pães para o Colégio Florence, por exemplo, era feito pela Padaria e Confeitaria de Ulrich Baenninger, que em 4 meses, perfazia a quantia de 177$700, o que equivalia um pouco mais da trimestralidade de uma aluna.

Carolina Florence também procurava cercar-se de mecanismos que protegessem um investimento tão alto como sua instituição, através de uma apólice de seguros, na qual é possível constatar que seu segurador, sr. Alberto Müller era também alemão e pai de alunas do seu colégio. Para aquele tempo era esta uma atitude pouco comum porque poucos brasileiros faziam seguros de residência e os prejuízos eram freqüentes, considerando-se a fragilidade das construções.

O imposto pago pelas casas que compunham o edifício do Colégio era de 36$000 réis anuais, para cada uma.

Para a compra de livros, a diretora da instituição, utilizava-se da loja *Au Monde Élegant* de A. Genoud, loja com modas francesas[35]. Ou também em São Paulo, na loja de A. L. Garraux, que ficou famoso com a introdução dos envelopes, como nos conta Leda Rodrigues:

> Maior sucesso tiveram, a partir de 1870, os romances em francês importados pela livraria Garraux. Até 1860, o livreiro Anatole Louis Garraux instalara-se, à rua Spetenctrional, n. 3, Cidade de Santos. Além de grande sortimento de papel de cartas de pequeno e grande formato, papel para comércio, todos os objetos de escritório, coleção de *steroscopos* com vistas de todos os países e de todos os genêros vendia livros de direito, de medicina e de autores clássicos da França. Transferindo-se para a capital, à rua Imperatriz, ele introduziu duas novidades: *os envelopes,* pois até então usava-se o papel duplo, dobrado e sobrescritado por fora, e os romances franceses muito do agrado das damas paulistas. (RODRIGUES, 1962, p. 169).

Quanto aos envelopes, ao manusear as correspondências dirigidas à diretora do colégio, foi possível verificar vários tipos de impressão, como também nas cartas. Para essas compras, utilizava-se também a loja de Castro Mendes, que além de vender pianos e partituras de músicas, tinha uma gráfica, onde se encardenavam livros e se vendiam papéis e envelopes.

Problemas com a insalubridade já haviam encerrado nesse período. Em 1886, por exemplo, a instituição não estaria mais sobre o brejo que tantas queixas causou no passado. Depois do aterramento e das reformas no local, era tido como um dos lugares mais higiênicos de Campinas: *situado em uma das partes mais convenientes* e *salubres da cidade,* e *dispõe de um grande edifício construído para esse fim, de uma vasta área, jardim com fonte* e *casa de banho; enfim de todos os commodos próprios para* a *educação physica das alumnas.* (*O Diário de Campinas,* 14/1/1886).

A instituição continuava a prestar serviços, mesmo quando a aluna já havia terminado seus estudos e se encontrava

fora do estabelecimento. O contato com os Florence continuava. Havia sempre uma ex-aluna solicitando, através de cartas, já que na época a telefonia ainda não dispunha de recursos necessários a longas distâncias, partituras de músicas e livros entre outros: *Hoje é o dia do aniversário da pequena Isabel (filha de Carolina) e da qual não pense que esqueci. Eu envio a ela este presente. E eu vos peço de me enviar dois trechos de música fáceis e queira me saber o preço. Sou discípula e amiga Ambrosina.* (Carta enviada de Boa Vista, 22/10/1867).

Relacionamento das alunas na instituição

O reconhecimento pela formação recebida no Colégio era manifestado pelas alunas, que percebiam o quanto haviam retido em suas vidas de lições tiradas na instituição. Quando uma aluna, por exemplo, encerrando seus estudos, retornou à casa paterna, escreveu para a sua antiga diretora agradecendo pelos ensinamentos ali recebidos e desculpando-se por inconvenientes que causou quando lá esteve:

> Escrevo-lhe para agradecer-lhe bem como aos meus mestres e mestras o trabalho que tomaram comigo o tempo que aí estive. Aproveito tambem esta para ao mesmo tempo pedir-lhe desculpas pelas tolices que cometi e pelos aborrecimentos aos que tantas vezes causei-lhes. peço-lhes de crer que sou-lhes muito agradecida. Muito estimarei que a senhora e o sr. Florence gozem de saúde. Meus pais e minhas manas vão passando bem. Peço dar saudades minhas ao sr. Florence, aos mestres e mestras e aos colegas aceitando os mesmos de sua discípula reconhecida. Isolina Soares. (Carta de 3/2/1879).

Essa aluna, Isolina Soares referida na carta acima, figurou durante quatro anos junto com outras discípulas, em apresentações de final de ano, em peças e trechos musicais, tanto que seu nome apareceu com destaque nas festas realizadas em junho de 1878, comprovando que de fato o trabalho coletivo era o ponto em que culminavam as teorias práticas do *Florence:*

> Ante-hontem, teve lugar o encerramento dos trabalhos semestraes no collegio Florence. As alumnas declamaram

vários trechos de poesia e prosa, revelando pela dicção correcta e notável desembaraço grande aproveitamento. Entre todas, tornaram-se notaveis as exmas. sras. dd. Domingas Freitas, *Isolina Soares* (grifo meu), e Julieta Cintra, tanto pelo castigado da pronúncia, como pelo enthusiasmo com que se houveram no desempenho dos trabalhos que lhes estavam incumbidos (*O Diário de Campinas,* 16/6/1878).

As crianças desenvolviam-se com uma liberdade que provinha da concepção pedagógica que a diretora e os mestres acreditavam: *Iaiá está correndo outra vez com sua bola pela classe...* (Carta de Augusta Florence para sua tia Zinha, s.d.; provavelmente 1880). Dentro dessa concepção pedagógica, as alunas desenvolviam-se integralmente. As *diabruras,* as peraltices das alunas eram coisas tão comum como no nosso tempo.

Em carta da filha mais velha de Carolina Florence, Augusta, escrita na Alemanha, quando a mesma estudava lá, percebe-se em um trecho que, na meninice, quando aluna, a mesma se reconhece uma criança feliz e brincalhona. Espanta-se com a mudança que sofreu na passagem para a vida adulta. Relata suas reflexões à Cândida (Zinha) Machado Florence, 7° filha da primeira núpcias de Hércules Florence, madrinha de Yayá (Evangelina)[36], e tia muito íntima que conviveu com Augusta naquele tempo: *Dizem-me que às vezes eu sou por demais séria. Você também acha? Eu creio que não. Lembra-se do barulho que eu fazia no páteo com Iaiá, e você precisava me repreender...* (Carta de Augusta Florence para Zinha (Cândida Florence) da Alemanha, de 18/1/1874).

As filhas de Carolina Florence como parentes e discípulas, tinham uma responsabilidade que era assimilada desde muito cedo a fim de que pudessem, através do trabalho, compreenderem a realidade e contribuírem para melhorá-la.

Considerando-se que as tarefas existentes no Colégio eram exaustivas e cercadas de problemas, poderia-se pensar que eram feitas com pesar. No entanto, a rotina do dia-a-dia do Florence era realizada com satisfação. Em uma carta de Isabel Florence, ainda menina, há uma descrição desses momentos:

> Mãe está atualmente em São Paulo. Ela foi no dia 19 para lá e tencionava voltar dia 21, mas veio só o Emilío. O qual tinha

> ido acompanhar mãe e Augusta. E nos disse que mãe voltará daqui a oito ou dez dias. No primeiro instante ficamos bem triste, Leonor e eu. Mas depois nos alegrou a notícia, pois vimos que esta era por causa da saúde de Augusta. (...) Leonor, Celestina e eu estamos aqui como pequenas ajudantes (tendo o Emilío e as professoras como conselheiras em qualquer caso que precisarmos). Até agora foi tudo muito bem. *E somente agora é que vimos quanto mãe não deve estar cansada de andar aqui e acolá.* (grifo meu). Pois mal começamos qualquer coisa que vem alguém nos chamar para ver isso ou aquilo, mas nós não nos cansamos tanto, pois ainda somos meninas e na idade de mãe o cansaço se torna ainda mais sensível. Nós ajudamos tanto quanto pudermos.
> Mãe agora não tem mais dispenseiras, nós trocamos entre nós as semanas. (Leonor, Celestina, Clotilde, Tida e eu) e olhamos para que o almoço e o jantar sejam a hora certa e nada falte a mesa. De manhã arranjamos os lampiões. (...) Estou tocando uma sonata de Beethoven, e também estou compondo uma canção em alemão com d. Jesse, nós rimos dos erros, principalmente os verbos... (Carta de Isabel Florence, em francês, para os irmãos na Alemanha, de 24/10/1884).

As meninas levavam a sério e com empenho as tarefas escolares. Provavelmente brincavam em momentos próprios e não descuidavam de suas aplicações em deveres e lições. Em carta de Augusta, quando já professora do *Florence* à sua tia Zinha, escreveu ela, contando os progressos e as peraltices de Yayá (Evangelina Florence) no colégio:

> Quero apenas acrescentar algumas palavras a cartinha de Iaiá que contém somente saudades, mas em verdade ela esta sempre brincando e alegre desde que as aulas começaram. Ela está na segunda classe e é como nunca tinha pensado. Sempre está ocupada. Eu gosto de vê-la entre as outras meninas pulando atrás da bola de goma elástica com as outras. Dá-se muito trabalho para escrever bem os seus ditados e o seu francês. (...) (Carta de Augusta Florence a sua tia Zinha, s.d.; provavelmente 1880).

O relacionamento com as alunas e a diretora era de afetividade. A procupação pelo estudo, o esforço e o entusiasmo era comunicado nas missivas que Carolina Florence recebia. Por ocasião do fechamento do estabelecimento durante a

Febre Amarela, sua aluna, Lucila Egler conta os progressos realizados em casa:

> D. Carolina
> Faz tempo que eu quis escrever a senhora, não é por falta de amizade que não lhe escrevo. Fiquei contente em saber que no dia primeiro abre-se o colégio. Agora entra Almerinda. Também ela está muito satisfeita de ir conosco para o colégio. Eu me adiantei bem no alemão, chegando em Campinas vou pedir outros livros a senhora Wirth eu já tenho. Papai mandou buscar no Genoud, Geographia e Gramática francesa e um Atlas de La Marche. Eu quero adiantar-me muito, quero ver se em dezembro eu passo para a primeira classe. Eu estive de cama uma semana inteira, mas estou boa agora. Todos aqui estão com saúde. Ruth disse que está com inveja de mim por estar estudando com D. Emma. Em casa dela é ela que está cozinhando para todo o pessoal da fazenda. (...) a senhora queira aceitar muitas saudades dessa discípula que muito estima. Lucila Egler. (Carta de jaguary, 9/6/1889).

Alunas notórias

Muitas alunas tiveram notoriedade anos mais tarde, por razões que independeram de suas habilidades. Leda Rodrigues conta em seu livro *A instrução feminina em São Paulo* afirma que as irmãs de Santos Dumont estudaram no Colégio Florence. Infelizmente não consegui encontrar, até o momento, nenhum documento que pudesse comprovar tais informações e que foram conseguidas pela autora através de entrevista com d. Clélia Fonseca Lima.

> Aberto em 1865 (sic) pela espôsa do cientista Hércoles (sic) Florence, natural de Mônaco, o Colégio de d. Carolina Florence permaneceu 25 anos em Campinas, beneficiando bom número de alunas. *As irmãs de Santos Dumont estudaram lá.* (RODRIGUES, 1962, p. 176).

No jornal *Gazeta de Campinas* de 1886, existe um anúncio de casamento de Guilherme de Andrade Villares com Virginia dos Santos Dumont, porém não pude certificar-me que seria essa uma das irmãs do inventor que obteve notoriedade mundial. (*A Gazeta de Campinas* 18/8/1886).

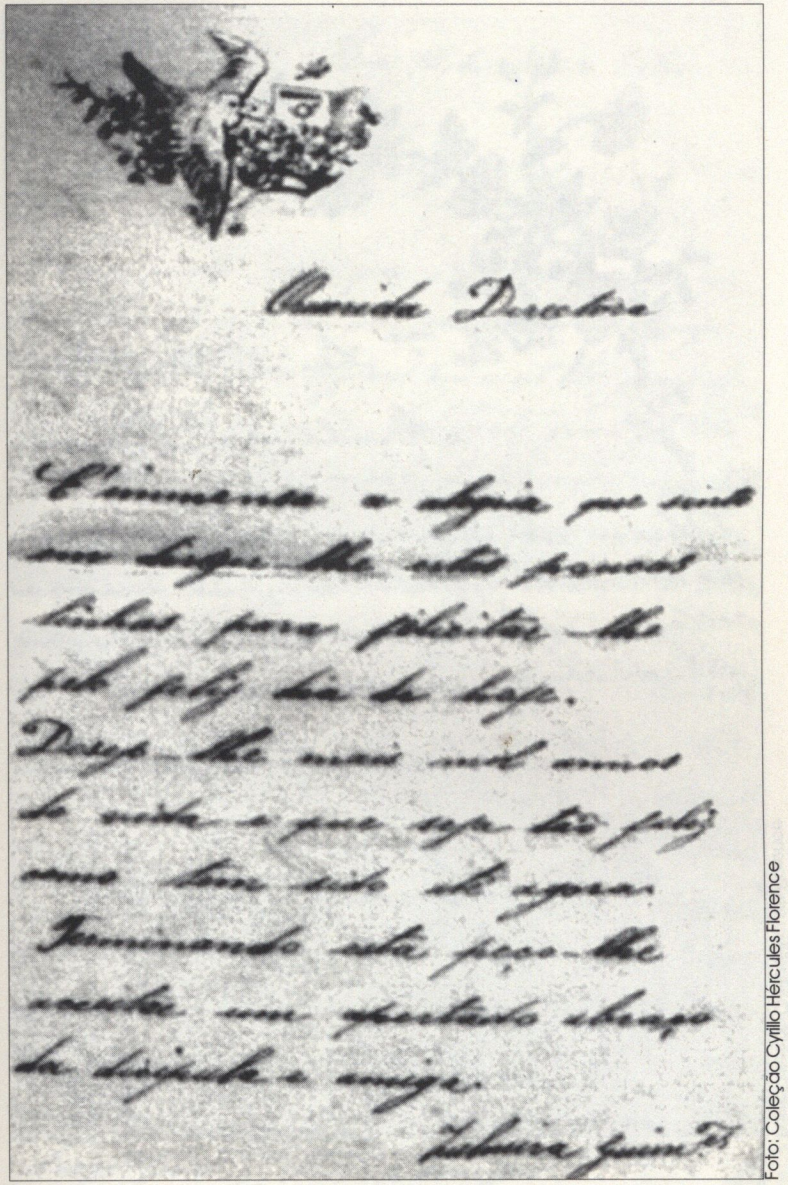


Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Carta de aluna enviada à diretora Carolina Florence

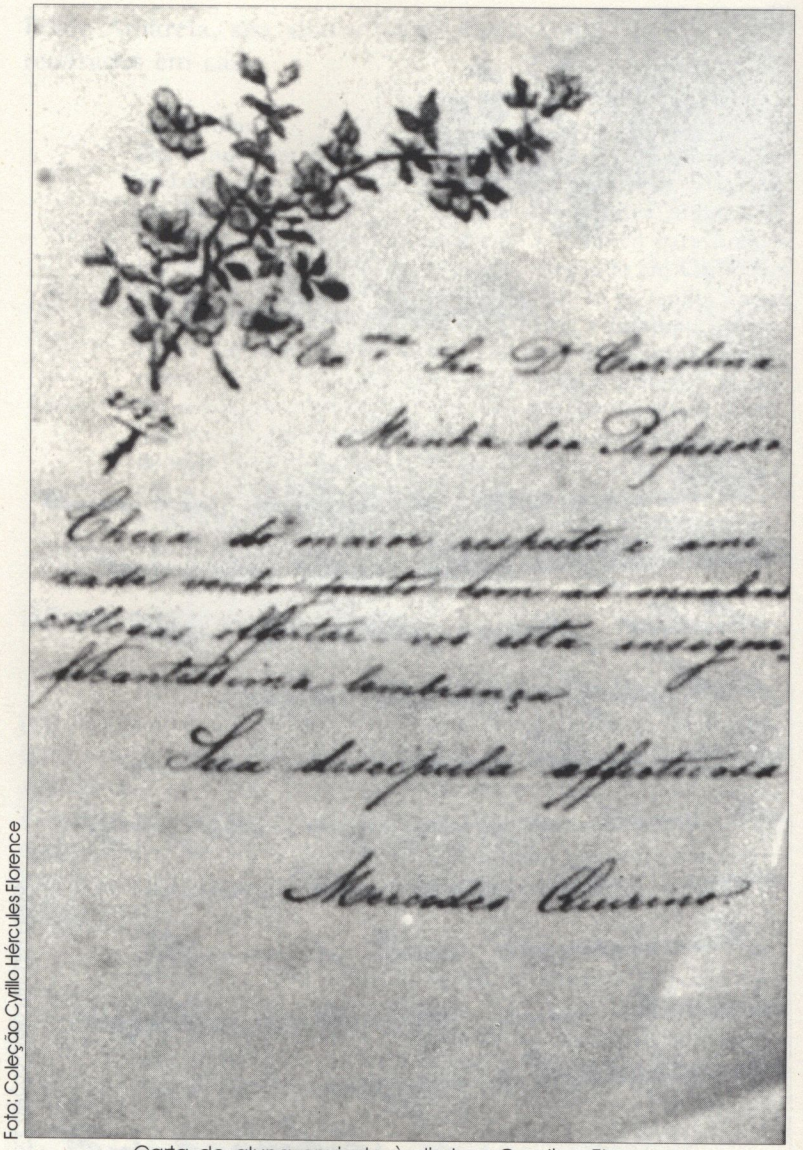


Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Carta de aluna enviada à diretora Carolina Florence

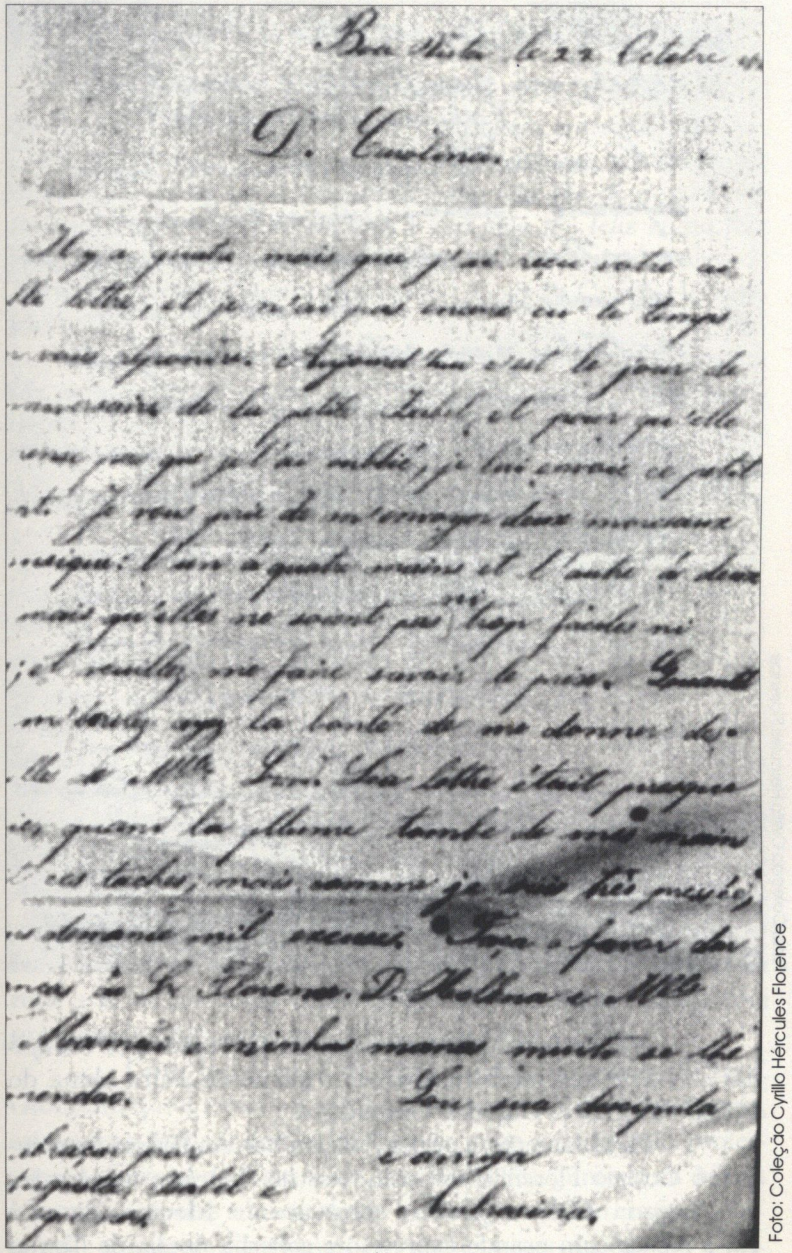
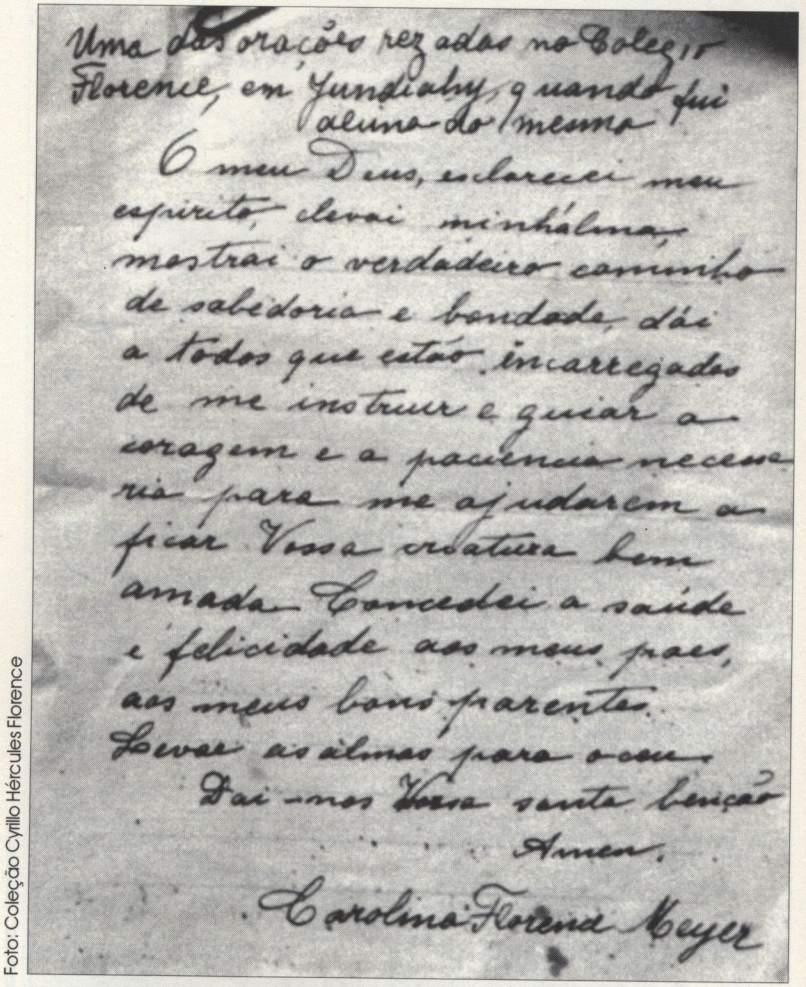


Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Carta de aluna enviada à diretora Carolina Florence



Uma das orações rezadas no Colegio Florence, em Jundiahy, quando fuí aluna do mesmo

O meu Deus, esclarecei meu espirito, elevai minhalma, mostrai o verdadeiro caminho de sabedoria e bondade, dái a todos que estão incarregados de me instruir e guiar a coragem e a paciencia necessaria para me ajudarem a ficar Vossa creatura bem amada. Concedei a saúde e felicidade aos meus paes, aos meus bons parentes. Levae as almas para o ceu. Dai-nos Vossa santa benção

Amen.

Carolina Florence Meyer

Foto: Coleção Cyrillo Hércules Florence

Oração rezada no colégio

No livro de Archimedes Pereira Guimarães, *A Campinas de meus pais* também aparece o nome de outra aluna do Colégio Florence: Zulmira Guimarães.

Paralelamente, a prima Zulmira Barreto Pereira freqüentava o Colégio Florence, esmerando-se no francês e no alemão, que chegaria a falar e escrever corretamente. Menina, levara o Pai a recitar com grande expressão e soberba poesia de Tomas Ribeiro na festa da Caridade, por ocasião do aniversário da Sociedade Portuguesa de Beneficiência, a 29/6/1886. (GUIMARÃES, 1978, p.72).

Nos cartões de felicitações por ocasião do aniversário de Carolina Florence, em 21 de março, encontrei os votos de Zulmira Guimarães: *Querida diretora, é imensa a alegria que dirigo essas linhas para felicitar-lhe pelo feliz dia de hoje. Desejo-lhe mais de mil anos de vida e que seja tão feliz como tem sido até agora. Terminando esta peço de aceitar um apertado abraço da amiga Zulmira Guimarães.* (Coleção Cyrillo Hércules Florence).

Além de Zulmira Guimarães, muitas alunas escreviam, por ocasião do aniversário da diretora, felicitando-a. Algumas ex-discípulas, outras no próprio colégio.

Maria Monteiro

Entre as muitas alunas que o Colégio Florence educou, destaca-se a figura de Maria Monteiro que nasceu a 16 de janeiro de 1870, na cidade de Campinas. Zica Monteiro, como era chamada por seus familiares, era filha do professor de música José Francisco Monteiro e de d. Joaquina Leopoldina de Andrade Monteiro. Desde pequena começou a receber as lições de voz, o que, aliado ao próprio dom que possuía, deu-lhe uma voz de excelente contralto.

Quando aluna no Colégio Florence, desde o início se distinguiu de suas companheiras de canto, como diria o *Almanaque de Campinas de 1901: No collegio Florence sempre se distinguio por sua grande apllicação ao estudo, desenvolvendo dia a dia seus dotes artísticos como uma explendida rosa a se desabrochar à luz do sol de uma bella intelligencia primaveril.* (*Almanaque...*, 1901, p. 177).

Com treze anos de idade, aluna de canto do prof. Giorgetti, que a ensinava a impostar a voz sempre com maestria, estreou na Sociedade Carlos Gomes, com esse mesmo professor. (*A Gazeta de Campinas,* 24/10/1883). Junto com Maria Monteiro, outras alunas dessa instituição deram muitos recitais na cidade de Campinas, em clubes e associações, no sentido de fazer daquela sociedade um local de encontros culturais.

No livro *Recordações,* de Leopoldo Amaral, há menção do nome das meninas que coadjuvavam a Sociedade Carlos Gomes, entre elas, muitas pertencentes ao Colégio Florence: Augusta Florence, Anna Pinto, Maria Monteiro, Ruth Fonseca (a maioria professoras do Colégio) além de Adelaide Lopes e Julia Lopes, que era colunista social no *espaço feminino* do jornal *A Gazeta de Campinas. (Revista...* n. 65, p. 116).

O fato, porém, que a tornaria uma cantora lírica famosa seria decorrente de uma das visitas do Imperador D. Pedro II e sua esposa à cidade de Campinas e ao Colégio Florence, em 1886.

Nessa ocasião, foi desacompanhado da Imperatriz assistir a um recital em sua homenagem, no Colégio Florence, e ao ouvir Maria Monteiro, ficou impressionado com a sua voz.

> Tivemos n'essa ocasião ensejo de admirar a mais fresca, bela e symphatica voz de contralto que de ha muito nos é dado ouvir. Perfeitamente um thesouro escondido a encantadora voz da gentilissima menina, que conta com apenas 15 annos, e possue já uma adoravel voz e canta com a maxima correção e sentimento. (...)
> S.M. o Imperador, que, como nós também é susceptível de commover-se e que não sabe negar aos justos applausos a quem a elle tão brilhantemente faz jus, externou a agradavel impressão que recebera e teve esta phrase: *Esta menina pode vir a ser uma grande cantora.* (*Diário de Campinas,* 3/11/1886).

Pedro II gostou tanto da voz da aluna do Colégio Florence que retornou à instituição com a Imperatriz, que ao ouvir elogios à voz da aluna, fez questão de conhecê-la também.

> Diante da respeitavel senhora foi novamente cantado o côro a um solo pela intelligente jovem, acompanhado a violino e piano pellos sr. Santanna Gomes e E. Giorgetti. As músicas tiveram delicada interpretação. Os imperantes foram alli recebidos pel exma.directora e membros da distincta família Florence, achando-se o interior da casa convenientemente ornado. (*A Gazeta de Campinas,* 31/10/1886) .

Quando se retiraram da apresentação, D. Pedro II prometeu facilitar a realização de uma viagem e estadia de Maria

Monteiro a Europa, a fim de que a menina pudesse aperfeiçoar seus dotes naturais.

Por ocasião da partida da jovem para a Corte, com destino a Milão, os jornalistas escreveram um artigo no qual, apesar de se reconhecerem republicanos e contra o regime vigente - a monarquia - elogiaram o gesto pessoal do Imperador em proporcionar essa oportunidade a uma estudante brasileira de talento:

> Parte hoje para a capital do Império, a fim de embarcar com destino à Europa, esta distincta jovem.
> Vae à Italia, paiz das artes, vae estudar em Milão, as expensas do sr. D. Pedro II, que expontaneamente offereceu-lhe este valioso auxilio, quando aqui ultimamente esteve.
> Merecem ambos sinceros appplausos: elle, pelo interesse que revelou no intuito de não ficar em completa obscuridade o talento de sua jovem patricia, tão esperançosa e brilhante: ellla, pella digna e graciosa galhardia com que acceitou o offerecimento.
> É tão raro em nosso paiz um acto desses; tão poucas vezes se tem visto uma senhora brazileira dar o heróico passo de apartar-se saudosa de seu lar para ir em demanda do velho mundo afim de cultivar o seu espírito, que chega a ser deveras uma sorpresa a notícia que ora damos. Enfrentamos com um período histórico em que o ruido das tempestades politicas abafa tudo e faz-nos esquecer, algumas vezes por amor dos problemas pueris, o problema complexo da instrucção e educação da mulher, de quem podemos esperar a fucturas transformações sociais que tanto almejamos. (...)
> Para que a iniciativa de sua viagem não partisse unicamente desta provincia, e que fosse preciso vir o sr. D. Pedro II fazer aquillo que a nós unicamente devia estar reservado.
> Contudo, não desconheceremos que o acto daquelle respeitavel cidadão é digno de louvores, e se é certo que combatemos em todas as nossas forças o prejudicialissimo principio monarchico, não é menos verdade que fazemos justiça ao homem, não pelo que elle materialmente costuma despender com essas iniciativas, porque afinal é o dinheiro da nação, mas pelas boas intenções que revela, assim em artes como em literatura. Resta-nos felicitar a cidade de Campinas por mais este facto. A par do nome de Carlos Gomes, ha de figurar um dia na Europa, temos a certeza o nome da distincta e talentosa moça que como amadora tanto se distinguio na

nossa sociedade, conseguindo chamar sobre si attenção de artista e professores. (*A Gazeta de Campinas,* 6/7/1887).

Também em 1875 D. Pedro II visitou o Colégio Florence. No seu Diário escreveria sobre as alunas e professoras: *Collegio de Mme. Florence, com três professoras, Mlles. Schimid, Kasselmann e Zoega, sueca. Ouvi meninas em alemão e francês.* (GUIMARÃES, 1978, p. 35).

Todo o esforço que o monarca fez por Maria Monteiro assim como por Carlos Gomes[37], a fim de que os mesmos expandissem seus dons, era uma atitude louvável, porém no nível estritamente pessoal.

Na Itália, Maria Monteiro prestou exames no Conservatório de Milão, e ingressou no segundo ano de canto lírico. Já em 1890, a imprensa noticiava o sucesso que a cantora lírica alcançava na Europa, através de menções lisongeiras dos jornais italianos, e as distinções por ela conseguidas no Conservatório de Música. (*O Diário de Campinas,* 15/5/1890).

Maria Monteiro, porém, passaria por dificuldades financeiras após a derrubada da monarquia no Brasil. Quando D. Pedro II perdeu o trono para os Republicanos, na listagem dos bens a que o Monarca tinha direito não constava o envio de pensão a Maria Monteiro. A perda desses proventos tornou-se um problema de difícil contorno. (idem, 24/5/1890). Foi aí então, que os campineiros resolveram organizar um sarau beneficente com o intuito de arrecadar fundos para a manutenção de Maria Monteiro. Felizmente, pouco tempo depois, o Governo Republicano restabeleceu a pensão e a ex-aluna do Colégio Florence pôde dar continuidade aos seus estudos líricos. Apresentou-se em diversos países e teve uma vida agitada. O *Almanaque de Campinas de 1901* cita-a cantando no Teatro de Peruggia e em outros teatros italianos bem como na Espanha e Áustria.

Maria Monteiro, entretanto, teve vida curta. Contraindo núpcias na Itália ainda muito nova e não sendo feliz no casamento, faleceu em Gênova em 13 de fevereiro de 1897, na idade de 27 anos. (*Almanaque...,* 1901).

Além da cantora lírica Maria Monteiro, provavelmente muitas outras ex-alunas tiveram papel de destaque na vida social de Campinas e outras regiões.

Muitas continuaram solteiras, contrariando o papel que lhes era destinado: o de serem boas mães e esposas. Isabel Florence, por exemplo, não se casou e acompanhou a mãe até o final de sua vida. Moça extremamente arguta, inteligente, poliglota, tinha todos os encantamentos necessários para o casamento. No entanto, preferiu viver ao lado da mãe e trabalhar com a família.

Também foi o caso de Laura e Julia Mundt. Filhas de Max Mundt, grande colaborador para a construção das estradas de ferro na província de São Paulo, deu às filhas uma educação arrojada e incentivou o gosto pela música. Laura não se casou. Permaneceu ao lado dos pais e parentes.

Atividades artísticas e culturais

Essas duas alunas, Julia e Laura Mundt, em conjunto com outras colegas fundaram, em 1886, uma associação cultural com a finalidade de tocarem diversos instrumentos musicais e apresentarem-se em casas de famílias. O clube literário foi denominado *Club Amisade.* Composto somente por jovens cantoras, pianistas, vionilistas, entre outras, elas faziam recitais a fim de mostrarem seus dotes artísticos bem como valorizarem a arte através de uma atividade social, atingindo assim a esfera pública.

Essas reuniões aconteciam em suas casas, interagindo as famílias através desses atos artísticos. Assim, em 1886, em junho, o jornal *A Gazeta de Campinas* noticiava a fundação dessa agremiação:

> *club amisade* - Assim se denomina uma associação composta de um limitado numero de distinctas jovens desta cidade, e cujo fim especial é o estudo de línguas, sciencias e bellas artes.
> Ha tempos que existe, mas sem ostentação sem rumor essa sympatica sociedade e na noite de sabbado realisou ella uma agradabillissima reunião em casa de residência do estimavel cavalheiro sr. John Sherrington, constando o sarau de duas partes musicaes e dansante. Fizeram-se ouvir ao piano e cantaram em côro as exmas. sras. d. d. Julia Mundt, Hermantina Langaard, Laura Mundt, Leonor Gomes, Anna e Elisabeth Krug, Grace Sherrington e Isabel Florence.

> Pela exma. sra. Isabel Florence foi intelligentemente recitada a poesia *Andorinhas* do nosso colega Carlos Ferreira.
> Além disso, houve uma verdadeira sorpresa para a maioria das pessoas presente: duas das exmas. dd. Anna Krug e Julia Mundt, secundadas no piano pela exma. sra. d. Laura Mundt fizeram-se aplaudir em um delicado andante e allegrette, executando em violinos, essa composição devida ao sr. Beazek. (*A Gazeta de Campinas,* 1/6/1886).

Os convites enviados a cada participante eram confeccionados em cartões impressos e neles constava o endereço da residência onde se realizaria o programa cultural. Em carta de Isabel Florence para Iaiá (Evangelina Florence) ela perguntava sobre o recebimento do convite e trocava informações sobre as recentes composições músicais que chegavam às suas mãos.

> Você recebeu o convite? Quinta-feira *o soircézinho* em casa de Ana. Se for possível você vir, venha sem falta. Eu arranjo o quarto aqui para você. Não causa-me nenhum transtorno, você sabe o quarto antigo de d. Sofia? Ficou agora sendo chamado de *A República* pois arranjamos este quarto para você. Zinha vem para a semana santa?
> Nós vamos tocar a marcha *Chineza* conhece? É muito engraçada. É uma das últimas novidades. (Carta de Isabel Florence a Evangelina Florence, 22/3/1887).

Além desse clube literário composto por alunas do Colégio Florence, Campinas tinha outros semelhantes que diferiam apenas no aspecto da seleção das músicas tocadas, mas o objetivo era o mesmo: reunirem-se para tocar e ouvir uma boa música, bebericar um chá enfim, conviver socialmente[38].

Havia, entre outros, o clube familiar *Vinte de Setembro,* que realizava sua partida mensal no *Largo do Teatro,* como noticiava o *Diário de Campinas,* de 13 de julho de 1884; o Clube Mozart, que tinha como organizador o sr. Luiz Pádua, excelente músico da época[39].

Também já foi citada a Sociedade Carlos Gomes, na qual encontrei Maria Monteiro como membro efetivo, participando diversas vezes de seus recitais.

Geralmente essas associações se apresentavam no Clube Semanal que tinha seu prédio próprio desde janeiro de

1873, tendo sido fundado em 1857 e existindo até os dias de hoje com o nome de *Clube Semanal de Cultura Artística.* Bailes, festas de casamentos eram algumas das atividades que aconteciam nessa instituição cultural. O casamento do filho de Carolina Florence, Ataliba, com uma das alunas do Colégio, Olívia Moraes, foi realizado no Club Semanal:

> Em a noite de 23 do corrente, deu-se nesta cidade, na casa *Club Semanal* (grifo meu) consorcio do distincto médico sr. dr. Ataliba Florence, com a exma. sra. d. Olivia de Moraes Bueno, filha do sr. Domingos Francisco de Moraes. Á cerimônia religiosa, serviram de testemunhas: por parte da noiva o sr. Francisco Paulino de Moraes e sua exma. esposa, e por parte do noivo a exma. sra. Candida Florence e o sr. Amador Florence. O salão achava-se repleto de damas e cavalheiros e adornado elegantemente. Pouco depois do casamento deu-se começo ao baile que esteve esplendido, até a hora em que findou, cerca das 3 da madrugada. (*A Gazeta de Campinas,* 25/8/1884).

Essas festividades da sociedade campineira que ocorriam com certa freqüência serviam de ponto de agregação da elite que necessitava expandir para o espaço público, costumes e maneiras, que, antes, estavam atrelados somente ao espaço privado, ou seja, ao lar. A moda, então, tinha papel de relevância nessas circunstâncias.

Se, antes, o ideal doméstico imputava às mulheres sua condição de submissão, nesse período (final do Brasil Monárquico) elas tinham a necessidade de freqüentar os espaços públicos. Em não existindo, elas os criavam, seja através de fundação de clubes literários, seja organizando festividades comemoradas com toda a pompa solicitada por elas.

A mentalidade dessas jovens, parece-me, era cercada de muita criatividade e bom humor. Em cartas entre amigas, foi possível verificar o grau de afetividade e amizade que as unia: *Tida, Vita, Isabel e Anna Krug estão aqui hoje, de maneira que eu faço sacrifícios escrevendo. Você bem sabe o que é ter um bando de gralhas ao redor. Elas mandam lembranças.* (Carta de Minotta para Yayá (Evangelina Florence), de 3/9/1886).

O Colégio Florence servia nessas circunstâncias, de local reservado à reunião de mulheres da elite da província, fun-

damentalmente de São Paulo, sociabilizavam-se vivenciando conhecimentos provindos da cultura européia. O resultado representou uma maior abertura de oportunidades de transitarem pelo espaço público, exibindo seus dotes culturais e intelectuais, assimilados durante o tempo em que freqüentaram a instituição educacional.

A função do Colégio Florence, portanto, apresentava-se duplicada. Além de fornecer instrução às mulheres, proporcionava-lhes a oportunidade de uma experiência de vida cotidiana que incluía a introdução na esfera pública. Aprender a se apresentar em público, era uma das regras da instituição para depois, aos poucos, irem se apresentando à sociedade.

Isso talvez justifique as festas por ocasião dos exames finais, para os quais Carolina Florence convidava, além dos pais, senhores e senhoras da sociedade campineira que apreciavam a boa educação, além de jornalistas e grandes educadores.

Alunas e professores exibiam seus talentos e em continuidade a essas atividades, fundaram clubes literários e quando casadas, muitas delas foram responsáveis por associações filantrópicas.

Não era apenas uma educação preocupada com conhecimentos de geografia, geometria, ciências naturais, etc. que a instituição oferecia. Davam-se também condições de as mulheres da elite da província de São Paulo se prepararem para terem uma vida social mais ativa, realizando aquilo que lhes era proposto enquanto filhas das famílias abastadas. A elas não estava destinado o trabalho profissional, isto somente ocorreria quando estivessem com seus bens em risco, como casos de viuvez, etc. Aos poucos reproduziram o papel desempenhado pelo sexo masculino, fundando escolas, colégios, associações, entre outros. Funções que exigiam atitudes condizentes as responsabilidades financeiras, morais, etc. que extrapolavam a esfera doméstica.

O Colégio Florence, na medida em que ensinava a função do trabalho como forma de aprimoramento do espírito, preparava às mulheres para estarem à frente dos negócios da família, junto ou não dos respectivos maridos.

As festividades na instituição, além de representar um *debut* para as jovens introduzirem-se na sociedade, era a ocasião propícia para o encontro de ex-alunas, agora mães de família que

procuravam reciclar-se e permutar informações sobre os mais variados assuntos. Em 1933, Isabel, filha de Carolina Florence, já com idade avançada, escreve uma carta de Florença, na Itália, perguntando a um parente, a respeito de um livro de receitas, onde é possível verificar pelos nomes que cita, quem foram suas colegas de colégio, e a comunicação que estabeleceram depois de terem seus estudos encerrados na instituição:

> O livro de cozinha que deixei aí (ainda está escrito: por Vicentina e Noemia Bierremback e o meu nome). Este livro é muito bom. Escrito por uma senhora da família Ferreira em Campinas. Quero também pedir que dê a receita de Champagne de Abacaxi para Placidina e Madame Meyer, ou uma das filhas de Anninha Pinto ou Laura Soares, talvez também Noemia Bierrembach do Amaral. Mais fácil para você perguntar a Noemia ou a uma das filhas de Anninha. A mais velha se chama Matilde. Talvez também a d. Henriqueta Sherrington. (Carta de Isabel Florence, de Florença para destinatária não identificada, 2/5/1933).

As ex-alunas do Colégio Florence, anos mais tarde, puderam colocar em prática a solidariedade que aprenderam a cultivar na instituição. Por ocasião da epidemia de febre amarela, por exemplo, quando a população da cidade de Campinas, de acordo com a imprensa, foi reduzida drasticamente, essas mulheres tiveram ocasião de mostrar o quanto aprenderam no Colégio Florence. Com um grau de mortandade elevado, muitos orfãos ficaram a ermo pela cidade, andando atrás de comida e abrigo, e, nessas circunstâncias, saqueando casas e estabelecimentos comerciais.

Observando essa situação calamitosa, muitas mulheres originárias das classes abastadas se reuniram e formaram uma comissão para a arrecadação de donativos para a fundação de um asilo. Essa era uma função que elas aprenderam a exercer desde os tempos do Colégio Florence, quando utilizaram as verbas da Revista Trimensal para ajudar na manutenção da Escola Correia de Mello. Nesse caso, realizaram um festival artístico e literário:

> Para os orphãos:
> Os benemeritos cidadãos que tratam de obter os meios para

a manuntenção de um asylo a que se recolham as destitosas crianças que por esta cidade arrastam a miseria de suas orphandades.
Gentilissimas senhoras da sociedade campineira (...) realisarão em setembro ou outubro, um brilhante festival artístico e litterario, bem como uma grande Kermesse, que se effectuará, provavelmente, no salão do Club Semanal. (...)
Distinctas senhoras, acolhendo seus magnanimos corações os pequeninos desgraçados, constituiram-se suas protectoras. A comissão compõem-se de Josephina Sarmento, (...) Laura Mundt, Grace Sherrington, Maria Gomes Pinto, Luiza Langaard, Ana Krug, Arabela Nogueira, Maria Luiza Quirino dos Santos, Celestina França, Izabel Florence, Leonor Gomes, Anna Gonzaga, etc. (*O Diário de Campinas*, 28/7/1889).

O grupo principal dessas mulheres filântropas era formado de ex-alunas do Colégio Florence.

Provavelmente, a gênese do processo da filantropia campineira que mantinha associações com esse fim, por senhoras da alta sociedade, que não podiam trabalhar como seus maridos, iniciou-se através dessas atividades e da organização de entidades que hoje encontram-se solidamente estruturadas. Talvez não restasse outra alternativa para essas senhoras do que serem assistencialistas. Não solucionavam os problemas dos empobrecidos, porque o conflito de classes estava acima dessas intervenções e auxílios beneficientes, apenas aliviavam o sofrimento. De acordo com Águeda Uhle: *A diferença entre a caridade e a filantropia é que esta última busca o socorro útil. Sem a natureza de investimento, se inspira na moral da poupança. Mais do que doações materiais, dá-se conselho, "educação" e bom exemplo.* (UHLE, 1992, p. 275).

As ações realizadas por essas mulheres, no entanto, não poderiam ocorrer de outra forma, enquanto classe no poder. Eram pertencentes a elite imperial. A questão econômica lhes permitia apenas a via do assistencialismo, situação que lhes possibilitou a inserção no espaço público.

Notas

34- O anúncio do Colégio em janeiro de 1886 dizia que *Será enviado um programa minucioso ás pessoas que o pedirem.* O que significava que havia uma nova forma de atrair os interessados sem que houvesse necessidade de expor a alta mensalidade exigida. (*Diário de Campinas,* 14/11/886).

35- De acordo com A. Guimarães: *Acentua-se na década de 60 a 70 uma corrente de elementos franceses, que iria influir n comércio com as "chitas francesas"; o "morin"francês, "cavours" (...) Lojas como "Notre Dame"; "AuMonde Élegant"; "La Ville de Vienne", etc.* (GUIMARÃES, 1978, p. 21).

36- A coleção de documentos CYRILLO HÉRCULES FLORENCE permaneceu conservada graças aos cuidados e zelo de Evangelina Florence. Já em seu tempo, quando solicitada fornecia subsídios e informações da história da família Florence para escritores/pesquisadores.

37- De acordo com o livro de D. Vitalina de Souza Queiroz, Maria Monteiro era prima do Maestro Carlos Gomes. (QUEIROZ, 1951, p. 35).

38- As moças na cidade de Campinas possuíam vida cultural intensa, como é o caso de Minotta: Maria Angélica Florence Caversazzi, neta de Hércules Florence (1° casamento), que relata suas idas a programas artísticos: *Temos tido algum divertimentozínho e soirées do Culto a Ciência, do Club Amisade. Eu tive o prazer de ir com mamãe e Bertico a um recital da Companhia D. Maria II, D. Marques de Villemer. Que boa Companhia, asseguro-lhe que fiquei maravilhada. Todos os atores excelentes,joão Augusto, Rosa, Virginia sublimes.* (Carta de Minotta para laiá (Evangelina Florence), 3/9/1886).

39- Foi realizado no Club Mozart a execução de composiçõcs de peças por algumas senhoras da sociedade campineira. *Nos intervalos houve serviço de doçes, chás e café a todas as pessoas presentes.* (*O Diário de Campinas,* 8/8/1884). Ou a citação sobre o objetivo do Club Mozart: *No 11° concerto do Club Mozart no club semanal (...) houve diversas alterações no programma, devido a incommodos de saúde que imperdiram algumas senhoras de comparecer. (...) O Club Mozart está destinado a produzir muitas e boas pianistas, se, como acreditamos, nenhum obstáculos se oppuzer à sua marcha.* (idem, 8/7/1884) .

A mudança do Colégio Florence para Jundiaí e seus desdobramentos posteriores

Nem todos que morreram estão mortos.
(Carolina Florence 1828-1913).

Várias vezes, no decorrer deste trabalho citei a epidemia de febre Amarela que assolou a cidade de Campinas. Faz-se necessário retomar esse acontecimento porque ele será o responsável pela transferência do Colégio Florence para a cidade de Jundiaí.

Em 1889, no dia 02 de fevereiro, o jornal *O Diário de Campinas* trazia notícias de que na Corte do Rio de Janeiro estava havendo um surto de epidemia de febre amarela, com um número elevado de doentes e mortos. No dia 15 de fevereiro, em meio às notícias corriqueiras, o mesmo noticiário trazia uma que abalaria o desenvolvimento de uma das cidades mais progressistas no interior da província de São Paulo. O jornal relatava a morte de Rosa Beck, uma senhora de origem teuta, que falecia na cidade de Campinas, vítima da febre amarela, após ter sido infectada na Corte. Seu objetivo era muito parecido ao das muitas preceptoras que vieram para o Brasil, exercer a profissão de educadora: *A fallecida era de nacionalidade alemã e viera para esta cidade no intuito de empregar-se como professora.* (*O Diário de Campinas,* 15/2/1889).

Com a notícia, houve um alarido na cidade e o receio de contágio começou a criar divisão entre os médicos. O dr. Eduardo Guimarães, em 24 de fevereiro, anunciava na imprensa que um doente sob seus cuidados, de 9 anos de idade, que nunca havia saído da cidade de Campinas, havia sido contaminado pela doença e que falecera. O garoto de nome Urbano, morava perto do local onde Rosa Beck havia se instalado, quando na cidade chegou.

Esse local era de propriedade do fornecedor de pães para o Colégio Florence, a Padaria Suissa do Sr. Baenninger: *A bem da saúde pública, julgo meu dever participar a v. que tenho sob a minha assistência medica, um doente gravemente afectado de febre amarela...* (Eduardo Guimarães, *O Diário de Campinas,* 24/2/1889).

Houve polêmica no jornal, entre os médicos, pois alguns afirmavam que o colega havia errado no diagnóstico e que isso apenas criava pânico na população. O médico Walter I. Hammond vai à imprensa e diz que talvez não fosse febre amarela, como alguns "clínicos" dizem e dessa forma deixavam a população incomodada. (idem, 26/2/1889).

As previsões do *clínico* infelizmente estavam certas. Tendo sucumbido os dois primeiros contaminados, a enfermidade começou o seu efeito devastador. O dono do estabelecimento de pães e seu filho também faleceram e, assim, sucessivamente, a cidade entrou em um processo de mortes ininterruptas, atingindo principalmente imigrantes que se tornavam vítimas mais fáceis devido à falta de imunidade a essa doença.

Fevereiro, carnaval, faleceram Maria Laurinda, de 20 anos, filha de José Baeta Neves, Juiz da Comarca e também d. Carolina Camps, 35 anos, esposa do sr. François Camps.

No dia 8 de março, com o receio de contaminação das alunas que estavam sob a responsabilidade do Colégio Florence, Emílio Giorgetti, genro de Carolina Florence, tomou uma atitude enérgica e rápida diante da calamidade e convenceu a diretora da instituição a fechar temporariamente o Colégio. Avisou os pais e responsáveis por telegrama, enviando, como medida de urgência, as alunas juntamente com suas professoras, para as cidades vizinhas, a fim de se afastarem da contaminação.

A atitude do Colégio Florence foi elogiada pela imprensa e serviu de exemplo para que as outras instituições tomassem as mesmas medidas, numa manifestação de prudência.

> Por causa da febre amarella que se tem dado em Campinas, diversos casos, a exma. sra. d. Carolina Florence, directora do acreditado Colégio Florence, resolveu fechar por algum tempo o referido collégio, fazendo recolher as alumnas a casa de seus paes. Esta prudente deliberação é digna de applausos e demonstra o cuidado que a exma. directora possue pela saude de suas alumnas. (*O Diário de Campinas,* 8/3/1889).

Os habitantes da cidade de Campinas, principalmente os de origem teuta, foram os que faleceram com maior freqüência: Leon Blazeck, professor de música, Antonio Exel, proprietário da empresa de urnas fúnebres da cidade, e entre eles, o irmão de Carolina Florence, o cônsul Francisco Krug, com 57 anos.

De acordo com Anna Krug Kupfer, Francisco Krug foi *vitimado pela febre amarela, pois não quis abandonar seu posto e seus afazeres profissionais sendo acompanhado por sua senhora d. Helena Backheuser.* (KUPFER, s.d., s.p.).

Os médicos que trabalhavam no combate à doença eram também alemães, como o dr. Melchert, que muito contribuiu, incansavelmente, para amenizar o mal que assolava a cidade. Assim também trabalharam, o farmacêutico Jorge Florence, seu irmão Henrique como engenheiro de saneamento, entre outros. Entretanto, a febre fazia cada vez mais vítimas. Em fins de março a estatística era de 467 cadáveres enterrados no mês. (*O Diário de Campinas,* 2/4/1889).

O editorial do Jornal *O Diário de Campinas* revelava o estado de calamidade pública que reduziu Campinas a um imenso sepulcro:

> A cidade, uma monotonia em seu abandono, entregue a devastação da peste e sitiada pela morte, adquiriu um aspecto lúgubre. As ruas despovoadas os edifícios fechados, o commércio paralysado, tudo contribui para o desânimo geral, tudo indica o estado de aniquilamento desta população laboriosa e activa. Aqui e ali crepitam, sob a espessa nuvem de fumaça negra, fogueiras de alcatrão. A cidade assemelha-se a uma enorme câmara mortuária. Os carros fúnebres em desusada furia, conduzem os despojos da peste a este pavoroso sorvedouro, - o cemitério, que dia a dia insaciavelmente abrindo espaço as victimas do flagello. Os enterros de classe, como os dos indigentes, não tem acompanhamento. As grandes calamidades não têm acompanhamento. (idem, 3/4/1889).

O Circolo Italiani Uniti, que tinha como um dos fundadores o prof. Emílio Giorgetti - professor do Colégio Florence e genro de Carolina Florence - com outros italianos, abriu uma enfermaria para os cuidados com os doentes, ficando como médico dr. Costa Aguiar. Com o passar do tempo, por excesso de trabalho, Costa Aguiar e uma freira da ordem das Irmas de S. José de Chamberry, Irmã Serafina, morreram da febre[40].

A fábrica de Chapéus que as alunas do Colégio Florence visitaram em 1882, transfere-se para a capital. (idem, 14/4/1889).

O caos era de tamanha ordem na cidade que o jornal *A Gazeta de Campinas,* órgão responsável pela publicação das notícias sobre a cidade de Campinas desde 1869, abruptamente, suspende sua publicação por falta de pessoal, reabrindo para suas atividades em 25 de maio de 1889. Muitos funcionários morreram ou abandonaram a cidade. O único jornal que veiculava as notícias das mortes, nesse período, era o *O Diário de Campinas.*

Também o filho farmacêutico de Carolina Florence, Jorge Florence, que até então era o único que continuava com a farmácia funcionando, adoece e dessa forma o seu estabelecimento também necessitou de interrupção temporária:

> Estando o nosso sócio Jorge Florence doente há 6 dias, e estando nossos empregados adoentados em conseqüência do trabalho excessivo, vem-nos forçados a fechar temporariamente nossa pharmacia depois de ter empregado em vão nossos esforços para supprir a falta de empregados. J. Florence & Com. (*O Diário de Campinas,* 14/4/1889).

O jornal sendo o único veículo de informação sobre os acontecimentos provenientes da epidemia era esperado com ansiedade e receio por todos aqueles que se encontravam refugiados em outras cidades, a ponto de noticiar essa situação:

> Quantos casos novos? Quem está doente? - Morreu algum conhecido? ou exclamando Meu Deus? O que será de Campinas? (...) todos os que sahiram da cidade suppunham que a epidemia não se prolongasse por tanto tempo. (...) (*O Diário de Campinas,* 17/4/1889).

Em 18 de Abril, Henrique Florence apresentou ao Presidente da Província, o mapa do caminho que a epidemia havia trilhado pela cidade, mostrando com fidelidade os pontos e ruas em que a moléstia atacou primeiro: *Aqui, nos disse ele, mostrando um dos pontos mais elevados da cidade, teve lugar o primeiro caso da molestia, e, daqui irradiou-se como uma mancha de azeite sobre o papel pelos diferentes bairros da cidade.* (*O Diário de Campinas,* 14/4/1889).

Em maio foram sepultados 373 cadáveres; em abril, 890; em março, 467; e em fevereiro, 223. De janeiro, portanto, até o começo de junho foram enterrados 2.205. Emigraram da cidade três quartos da população. (*O Diário de Campinas,* 1/6/1889).

As mortes foram declinando na medida em que o calor, que durante esses meses fora abrasador, ia amainando. A temperatura foi caindo a ponto de diminuir as possibilidades de contaminação pelo mosquito da febre amarela.

As mulheres - muitas ficaram viúvas - começaram a assumir o trabalho dos maridos falecidos, como foi o caso da cunhada de Carolina Florence, d. Helena Berckeuse Krug:

> Viúva Francisco Krug participa aos srs. fregueses da antiga casa Francisco Krug que a dita casa continua no antigo regime com o mesmo ramo de negócio debaixo da firma Viúva Francisco Krug sob a gerência do sr. Henrique Florence a quem foram dados plenos poderes. Viúva Krug. (*O Diário de Campinas,* 23/7/1889).

A transferência do Colégio Florence para Jundiaí

O Colégio Florence, entretanto, foi uma das instituições, assim como as fábricas e outros estabelecimentos de ensino que não retomaram suas atividades na cidade. Passada a epidemia, Carolina Florence, com a ajuda de alguns moradores residentes na cidade de Jundiaí, entre eles, pais de suas alunas, resolve estabelecer definitivamente o Colégio Florence naquela cidade. Primeiro porque a epidemia poderia voltar no verão dos anos seguintes, como de fato aconteceu, causando muitas mortes. Também porque o clima e o local onde se encontrava Jundiaí favorecia a transferência para essa região, que ficava muito próxima à cidade de Campinas.

Assim, de forma precária, abriria a instituição no mês de agosto de 1889, depois de ter permanecido por vinte e cinco anos em Campinas. As contas e negócios relativos ao colégio ficaram sob a responsabilidade da sua cunhada Helena, de quem tinha muita estima e confiança. Tanto assim que colocou anún-

cio no jornal autorizando-a a ser representante de suas contas. É intessante registrar esse fato porque Carolina Florence tinha outros parentes e poderia delegar a eles esses poderes. Preferiu designar uma mulher, sua cunhada, como administradora de seus bens: *Autoriso a casa Viúva Francisco Krug a receber importes das contas com o Collegio Florence.* (idem, 7/8/1889).

Já estabelecidos em Jundiaí, Isabel Florence, filha de Carolina, envia carta ao seu irmão Paulo, estudante na Europa, contando os sofrimentos e flagelos vividos durante o período da epidemia e o retrato fiel do que se perdeu com os cinco meses em que houve mortes e abandonos:

> Paulo,
> Temos passado uns meses bem tristes e com bastante cuidados. Felizmente nada houve para com nossos três irmãos que tão nobremente fizeram o seu dever. Jorge ficou bem doente.
> (...)
> Quantos conhecidos e até nosso bom tio Francisco foram levados por esta peste que trouxe luto para tantas famílias. Entre outros, os Langaards, que perderam o único filho e ainda a irmã Tina, amiga minha tão boa, tão bonita, o ídolo dos pais, o encanto de quantas a viam. Nunca me esquecerei dela e o tio Francisco.
> E nós aqui na chácara sem poder impedir tanta desgraça. Fez-se o que se pode. De todos os pontos mandavam recursos aos campineiros. Só a Imprensa Fluminense organizando festas sobre festas para socorrerem as vítimas de Campinas arranjaram sessenta e sete contos de réis. Os fazendeiros mandavam sacas de mantimentos para que não morressem de fome. Era tanta a miséria. Henrique nunca nos contou nada. Ao contrário, fazia graça, ria-se para animar-nos. As dádivas espontâneas, a generosidade franca que nunca se esquecem. E quem viu como campineiros e outros que ajudavam os pobres e os doentes terá sentido um alívio, terá pensado que é impossível haver egoísmo nesse mundo. (Carta de Isabel Florence para seu irmão Paulo, 27/6/1889).

Na estatística de Domingos Freire a epidemia de 1889 foi a primeira e mais forte das que se seguiram por quase dez anos: De 20.000 habitantes reduziu-se a população para 4.000 mil durante o flagelo. Muitos entre esses fugiram para outras regiões e desses 4.000 restantes 1.200 foram vitimados pela febre amarela, um terço da população daquela época. Portanto, o município de Campinas, que em fevereiro de 1889 possuía vinte mil habitantes, em cinco meses viu-se apenas com duas mil e oitocentas pessoas. (*O Diário de* Campinas, 9/2/1890)[41].

Isso representou um descompasso no desenvolvimento do município que naquele período era um dos mais progressistas da província, não deixando nada a dever à capital. Aliás, muitos republicanos que contribuíram para as mudanças políticas no Brasil residiam em Campinas, além de a cidade possuir os fazendeiros mais bem sucedidos economicamente e que ajudavam a capital a possuir escolas, edifícios, etc. Acredito, pela documentação que analisei até aqui, que se não tivesse havido a grande epidemia de febre amarela em 1889, sucedida por tantas outras, Campinas teria tido grandes chances de se tornar tão desenvolvida quanto a capital.

A diretora da instituição achava-se tranqüila com a resolução que havia tomado. Campinas representava riscos que envolviam a morte. Sendo ela responsável pela vida de muitas discípulas, considerava a hipótese de voltar a residir na cidade totalmente descartada. Em 1892, na terceira vez que a epidemia retomou a cidade, Helena Krug, sua cunhada, revela as apreensões de Carolina Florence: *Vejo que você considera um horror, pelas suas cartas, estar nessa ocasião aqui em Campinas, pois eu lhe asseguro que para mim é menos penoso estar nesta calamidade do que estar longe dois anos. Também você pode acreditar que as coisas não estão tão ruins como se pintam por fora. O número maior de mortes num dia foi 31.* (Carta de Helena Krug para Carolina Florence, em Jundiaí, 10/3/1892).

Helena Krug resistia em abandonar a cidade por razões que envolviam também a questão econômica. Com a morte do marido, era necessário que ela permanecesse para tocar em frente os negócios da família: *Não vejo por ora motivo para fugir porque tanto posso ficar aqui doente como em outra parte, a minha posição é crítica em casa. Se eu saísse todos os trabalhadores abandonariam o trabalho que não combina nesse momento em que temos algumas obras a entregar com dinheiro adiantado.* (Carta de Helena Krug para Carolina Florence, 7/3/1890).

Da mesma forma que Helena Krug assumiu a coordenação dos negócios da família, num posto de chefia que a

princípio deveria ser ocupado pelo sexo masculino naquela época, Carolina Florence, também viúva, teve que recomeçar a montar toda a infraestrutura do estabelecimento.

> A casa em frente agora está em boa ordem. Cinqüenta camas estão colocadas ali. Faltam, entretanto serventes e uma professora, o que incomoda muito, porque por ora não pude arrumar pessoa conveniente. Agradeço muito o bom quarto de carneiro que recebemos. (Carta de Carolina Florence para Candida Florence (Zinha) de Jundiaí, 09/2/1891).

O mobiliário do estabelecimento teve que ser comprado e Carolina Florence fez uma pesquisa na cidade para ver qual era o preço acessível em relação as camas, portas e demais mobiliários para a instituição. Em várias cartas, percebe-se seus acertos financeiros com Helena Krug, sua cunhada:

> Agora uma outra coisa: Desde quando você está acostumada apagar uma mercadoria antes de recebê-la? Eu estou contente quando me paga depois de mandar a conta em duas ou três vezes. A vista de seu interesse de mandar as camas para o colégio aceito nas mesmas condições de Luiz de Tullio, isto é vinte e oito mil réis cada com colchão feitas com a mesma solidez das dele. Mandarei na próxima semana João Barlh tomar medida e observar bem o trabalho que sejam feitas tal qual. Eu conheço as camas, e se for o caso eu tenho algumas ainda aqui no seu colégio. Fica mais fácil tomar medida aqui. Informe-me a respeito. Augusta lhe entregará dinheiro que o sr. Bruleming cobrou de contas do colégio. Para regularidade dos negócios será bom que você acuse o recebimento pois penso que até agora o sr. Brumeling não teve carta sua a esse respeito. (Carta de Helena Krug de Campinas à Carolina Florence, em Jundiaí, 11/9/1889).

Em continuação a essa carta, Helena Krug revela as dificuldades por que vinha passando depois da morte do marido e do fato de ela assumir o cargo do esposo. Tratam elas de assuntos que envolvem seus trabalhos, a dificuldade de manter os filhos estudando, entre outros. Pede que Carolina receba para o colégio pães em troca de um empréstimo:

> Eu não receberia esse dinheiro de sua mão, e deixava para descontar a minha dívida com você que tanto me aflige. Responda francamente sem nenhuma cerimonia. (...) Estes e outros querida Carolina são os negócios que tenho que cuidar. (...) coragem não me faltaria se em vez de vestido tivesse calças... Você me compreende... A Educação dos meus filhos tomou-me a mão sobretudo... As minhas casas, excepcionando duas, estão todas por alugar. (Carta de Helena Krug à Carolina Florence, 11/9/1889).

Os filhos de Helena Beckeuse tiveram, apesar da morte do pai, Francisco Krug, uma educação esmerada. Tornaram-se eles ilustres conhecidos na cidade de Campinas e deram continuidade aos negócios[42].

A última década do século XIX seria infelizmente, o tempo das enfermidades coletivas. Além da febre amarela, outras doenças contagiosas e desconhecidas surgiriam[43]. Passado o susto com o boato do surto de febre amarela, em abril de 1890 o colégio sofreria o contágio de um vírus denominado *Influenza*. Quase todas as alunas e professoras no estabelecimento adoeceram:

> Aqui esta tudo regularmente, quase todas já estão frequentando a aula. Eu só desejava que as que não ficaram com a *Influenza* a tivessem agora para não esperarem a entrada do inverno. D. Armelina já levantou-se fazem dois dias. Hoje com muita teima dela foi a classe. As criadas todas estão de novo em pé. Mila foi a ultima que caiu. D. Helena e d. Augusta estão incansáveis, tudo vai muito bem e a senhora pode estar descansada. (Carta de Leonor Gomes para Carolina Florence, 25/4/1890).

Em agosto desse mesmo ano o contágio seria pelo sarampo. Em carta de um parente de Carolina, a pergunta aparece com a preocupação de quem conhecia os problemas pelos quais o colégio passava nessa época, com doenças contagiosas. *Como vai o sarampo no colégio? Vi com prazer que d. Cecília Almeida está com saúde...* (Carta de Theodorina para Augusta F. Giorgetti, 24/8/1890).

Finalmente, depois de 33 anos de trabalho com educação, Carolina Florence resolveu afastar-se da direção do Colégio Florence. Na direção do estabelecimento ficaram d. Hermínia Michaelis e Cecília Almeida, antigas professoras da instituição, juntamente com sua filha Augusta.

Helena Krug, em visita a Alemanha, escreve a Carolina Florence sobre os colégios alemães:

> Um outro estabelecimento que muito me agradou é o Fachoule de que Maria faz parte. Vi o estabelecimento em vários compartimentos. Sala de bordados (Colégio Florence apresenta mais variedades e gosto) sala de costura branca bem boa, sala de vestidos a onde estão uma dúzia de moças cortando, alinhavando e cozendo na máquina. Estas são bem feitas, as que vi. Estive na dispensa e na cozinha. Num grande quarto existe um fogão em largura maior do que você recebeu daqui cuja chaminé está colocada por baixo do assoalho no depósito de carvão está no mesmo fogão ao lado. (Carta de Helena Krug para Carolina Florence. 29/9/1895).

Isabel Florence, a filha caçula de Carolina, ainda cuidava das apresentações musicais do Colégio. A mesma tinha a intenção de realizar um concerto musical, com um músico amigo da família. Em carta ao irmão Paulo, músico, coloca as questões que sempre permearam a vida do estabelecimento. Durante o período do Carnaval, a permanência das alunas era muito fraca. O número de alunas tinha aumentado muito:

> Paulo:
> Eu fui ao colégio falar a respeito do concerto. Disseram-me as moças que as meninas só pouco a pouco vão chegando. Caso queira o prof. Albertini esperar até depois do Carnaval será mais lucrativo para ele. Por enquanto estão reunidas no colégio só cinqüenta, preferindo a maior parte das alunas passar ainda o Carnaval em casa. Não será melhor realizar-se o concerto, em princípio ou mesmo em meados de março. Julgam até as diretoras do colégio que na semana santa, sábado de aleluia, haverá maior concorrência, estando por esta ocasião mais pessoas na cidade. (Carta de Isabel Florence para seu Irmão Paulo, em São Paulo, 11/2/1901).

Em 1904, residindo em São Paulo, Carolina Florence retomou à cidade de Campinas, para prestigiar a homenagem que o *Centro de Sciências e Letras e Artes* da cidade, realizou por ocasião do centenário do nascimento de seu falecido esposo, Hércules Florence. O orador, no momento da homenagem, agradeceu o trabalho que Carolina Florence prestou a educação em Campinas:

> Hércules Florence contraiu segunda núpcias, em 4 de janeiro de 1854, com a exma. sra. d. Carolina Krug, a venerável matrona que alli está, com a cabeça embranquecida pela neve dos annos - a mesma que prestara outrora á sociedade campineira os mais assignalados serviços. Pois bem - ella que foi esposa exemplar, de cuja qualidade acaba de dar mais uma prova, vindo especialmente de S. Paulo para assistir a esta sessão, presença nesta sala como a mais bela flôr de homenagem que prestamos à augusta memória de seu saudosissímo esposo. (*Revista...*, 30/4/1904).

Em 1907, a ex-diretora do Colégio, partiu para a Europa por motivos de saúde. Já há alguns anos que estava sofrendo da vista, com catarata nos dois olhos. Dirigiu-se à terra natal, a Alemanha, a fim de aí submeter-se a uma operação, cujo êxito infelizmente não foi completo. Não podendo mais ler, passou algum tempo na Alemanha, ora com sua irmã, ora com o filho mais velho, que então se mudara para Dresden e, também, na Itália, onde em Florença, residiam Emílio Giorgetti e sua filha Augusta. Agradando-lhe o clima da Itália, decidiu-se estabelecer-se definitivamente com sua filha mais moça, em Florença. *Teve aí o prazer de receber as visitas dos filhos e mais parentes, assim como de várias antigas discípulas, pois como mãe exemplar e amiga dedicada conservou, mesmo longe, o maior interesse para com todos.* (KUPFER, s.d., s.p.).

Falecimento de Carolina Florence

Em abril de 1913, com a idade de oitenta e cinco anos, Carolina Florence faleceu, sendo enterrada no cemitério protestante de Agli Alloni, em Florença.

No dia 3 de novembro desse mesmo ano o Colégio comemorava seus cinqüenta anos de existência. A diretora da época, d. Rosa Fradt convidava as pessoas amigas do colégio para uma festa nos mesmos moldes do tempo em que Carolina Florence permanecera à frente da instituição. Ao comentar o convite, o jornalista do *Jornal de Jundiaí* diria sobre o Colégio Florence de Jundiaí:

> Bons tempos os do nosso Colégio Florence de muita cultura, bons costumes e educação aprimorada. De todos os nomes

citados nos lembramos de d. Aydee Domangin, falecida esposa do Dr. Pedro C. Monjola e autora do hino de Jundiaí. Colégio para meninas, até nas peças teatrais os papéis masculinos eram desempenhados pelas alunas. (*Jornal de Jundiaí,* s.d.; Biblioteca de Jundiaí)

Em 1914, após a morte de Carolina Florence, seu filho Guilherme solicitava ao irmão Henrique que procurasse desenhar, a pedido da família, um esboço do monumento que ex-discípulas e diretoras gostariam que fosse colocado no túmulo da ex-diretora do Colégio Florence. No diário de Anna Kupfer, irmã de Carolina, constam os últimos detalhes sobre sua vida:

> Não cheguei a ver minha querida Lina. No dia em que resolvi fazer a viagem ela falecia de um surto cerebral sem ter estado doente terminando assim uma vida cheia de trabalho e abençoada. No lindo cemitério florentino, está ela descansando junto ao túmulo de Bocklin, a inscrição de seu túmulo é: Nem todos que morreram estão mortos. Que se adapta perfeitamente a minha irmã. (KUPFER, s.d., s.p.).

O Instituto Histórico de São Paulo também lhe prestou homenagens. Educou as mais distintas famílias paulistas. (...) O dr. Luiz Piza discorre sobre a individualidade de d. Carolina Florence, salientando a cultura de seu espírito e demonstrando influência que tão veneranda senhora exerceu sobre a sociedade paulista. (FLORENCE, 1913, p. 637).

Desdobramento do Colégio Florence

Quanto ao Colégio Florence, depois da direção das sras. Hermínia Michaellis e d. Cecília Almeida, o mesmo foi dirigido por d, Elisa Sampaio, Rosa Fladt e Regina Martins (D. Guina). Em 1928, precisamente em 04 de abril, foi transformado o Colégio em *Escola Normal Livre,* tendo começado a funcionar sob a direção de d. Anna Pinto Duarte Paes, antiga professora do Colégio Florence[44]. O anuário de Jundiaí mencionaria o Colégio Florence, em 1928, como uma instituição ligada à Escola Normal:

> O ensino particular largamente desenvolvido, conta com um explendido collegio para moças, o Collegio Florence, muito antigo e afamado em todo o Brasil, tendo, agora, annexa uma Escola Normal, reconhecida pelo Governo do Estado, com dois óptimos gymnasios, o José Bonifácio e o Rosa (anuário de Jundiahy, n. 1, 1928).

No ano de 1930 foi diplomada a primeira turma, constituída de 10 professoras. No fim do mesmo ano, todas as escolas normais livres foram extintas por ordem do governo. Assim, em 30 de dezembro de 1930, era publicado no Diário Oficial o decreto estadual 4.794 que estabelecia as condições para a reorganização das escolas normais livres. Em fevereiro de 1931 foi reorganizada a escola de acordo como o referido decreto. (OLIVEIRA, 1965, p. 52).

A escola compunha-se de cursos complementares e normal. Em 1934 foi o curso complementar transformado em curso ginasial estadual, e em 1935, conseguiu a escola inspeção preliminar federal, para o curso ginasial que passou a ser designado pelo nome de *Ginásio Alvares Azevedo.*

Após o reconhecimento federal, ficou a Escola Normal Livre de Jundiaí constituída dos cursos ginasial federal e cursos estaduais primário e normal.

Durante quinze anos de sua existência esse educandário diplomou 240 professores. Em 1946 foi o estabelecimento incorporado pela Prefeitura Municipal que o transferiu para o governo do estado, com a denominação de *Ginásio Estadual e Escola Normal,* depois *Instituto de Educação* e *Colégio Estadual de Jundiaí.*

Atualmente o antigo Colégio Florence, fundado em 1863, permanece com a denominação de *Instituto de Educação Experimental* (idem, p. 52).

O ressurgimento do Colégio Florence na Capital

Em 1957, D. Zulmira Mendes Pereira Florence, esposa do neto de Carolina Florence, Cyrillo Hércules Florence, filho de Henrique com Evangelina (Yayá) Florence, fundou na

cidade de São Paulo, o *Instituto de Educação Florence*, na av. Pompéia, 634.

Sete anos após o início das atividades desse instituto, d. Zulmira Mendes Pereira Florence programou as comemorações do Primeiro Centenário da Fundação do Colégio Florence, contando para isso com a presença de antigas alunas, além dos descendentes de Hércules e Carolina Florence. Esse instituto permaneceu na cidade de São Paulo até meados da década de 80, quando encerrou suas atividades por motivos de ordens diversas.

Notas

40- Soror Irmã Serafina, uma das freiras que veio com Madre Voiron para fundar a Congregação das Irmãs de S. José de Chambery, da França. Fundou o Lazareto Guanabara. (*O Diário de Campinas*, 16/4/1889).

41- A história da febre amarela na cidade de Campinas durante o ano de 1889 foi escrita no jornal *O Diário de Campinas* por Alfredo Carneiro, 11/7/1891.

42- Na Revista do Centro de Ciências e Letras encontramos os seguintes dados sobre os filhos de Helena B. Krug com Francisco Krug, por ocasião da reunião que fizeram para fundarem o Centro de Ciências e Letras de Campinas: *A residência de um dos confidentes, dr. Edmundo Krug, foi escolhida para a realização do primeiro cenáculo iniciador, tendente a concretizar os anseios de uma equipe de amigos da ciência. (...) Lá se encontravam os dois irmãos, Edmundo e Alexandre Krug, engenheiros arquitetos e industriais, gerentes do antigo estabelecimento industrial fundado em 1853 por Francisco Krug.* (*Revista...*, 1953).

43- Em julho de 1889, a imprensa anunciava com grande alarido uma nova moléstia, que nos dias de hoje nos é tão comum: a gripe. Porém, na época representava o temor pelo desconhecido e suas reações: *Em uma das últimas sessões da Academia Imperial de Medicina, o sr. Carlos de Vasconcellos entrou em consideração sobre uma nova epidemia de que estamos ameaçados e que lhe parece já existente na corte. Denomina-se ella pelo nome de Grippé, e caracterisa-se ora pela simples rhinite, ora pela rhino-laryngite, rhino-trackeite, rhino-tracheo-bronchite.* (*O Diário de Campinas*, 28/7/1889).

44- As escolas normais estavam até o momento, a cargo do Governo Central. Apenas em 1927, houve a possibilidade das escolas particulares adquirirem o direito de serem reconhecidas como Escolas Normais: *O respeito à organização traçada no início da República e a especial atenção com que o poder público distinguiu o ensino normal parecem ter influído tardiamente, ou seja, em 1927, o Governo deixou tardiamente de exercer o monopólio do preparo de professores para as escolas primárias da rede estadual. Nesse ano estendeu-se as particulares e às municipalidades o direito de fundar escolas normais livres eqlliparadas às oficiais.* (TANURI, 1979, p. 10).

Considerações finais

A análise que realizei do processo educativo das mulheres de famílias abastadas na cidade de Campinas, durante o século XIX, teve como propósito obter o maior número possível de informações, a fim de que uma primeira etapa da historiografia educacional feminina dessa localidade fosse evidenciada.

Essa análise contemplou uma instituição de nível secundário, de origem laica e de iniciativa particular, que possuía aspectos específicos que o diferenciavam de uma grande parte de seus contemporâneos.

Para analisar a educação feminina na cidade de Campinas, durante o II Império, foi necessário fazê-lo através do resgate da trajetória de uma instituição privada. Isso porque no Brasil, o ensino secundário para o sexo feminino só começou a constituir-se na segunda metade do século XIX, graças aos esforços da iniciativa particular. (HAIDAR, 1972, p. 231).

Sendo criados por particulares, a história dos colégios envolve a história de seus fundadores.

Os poucos colégios[45] femininos que se animaram a organizar cursos completos e regulares de instrução secundária no decorrer dos anos 60 e 70 não encontraram a receptividade que lhes teria permitido levar adiante a sua obra pioneira. Por falta de alunos, viram-se tais estabelecimentos na contigência de cerrar as portas ou de reformular os cursos adequando-os ao gosto geral.

Haidar, no histórico que realizou das escolas secundárias criadas na Corte do Rio de Janeiro e nas capitais das províncias, retrata as dificuldades dos colégios particulares para se manterem. Cita o Colégio Pestana criado em 1876 em São Paulo por Rangel e sua esposa Damiana e vendido em 1878. As causas do malogro do empreendimento apontavam como principal fator do insucesso *o modernismo exagerado do jornalista* que tivera a pretensão de educar a mulher na liberdade. (HAIDAR, 1972, p. 241).

O Colégio Florence, que foi criado por imigrantes de origem germânica, ao contrário de muitos contemporâneos, manteve-se como o estabelecimento de ensino de maior dura-

bilidade dos tempos imperiais. Essa estabilidade e desenvolvimento decorrem possivelmente, de diversos fatores: a mentalidade e a cultura de seus fundadores, o fato da diretora ter adquirido uma grande experiência pedagógica no país de origem e, também de ter encontrado na cidade de Campinas o terreno propício para o desenvolvimento da educação.

Procurei tratar dos aspectos formais e informais da educação feminina no II Império brasileiro e, particularmente, na cidade de Campinas. As idéias propagadas durante a segunda metade do século XIX e divulgadas pela imprensa, diziam que as mulheres possuíam o cérebro menor e mais frágil do que o dos homens e que biologicamente, a aquisição de conhecimentos, lhes era limitada.

Entre os defensores do aprimoramento da instrução feminina destacavam-se aqueles que, animados por idéias evolucionistas apontavam a ignorância da mulher como um importante fator de retardamento do progresso da humanidade. Entre eles, Tito Livio de Castro, com o livro *A mulher e a sociogenia* e Tobias Barreto. (idem, p. 246).

A campanha em favor do aprimoramento da instrução feminina no Brasil não tinha como objetivo, elevar a mulher a culminância científica e literária. Também não se pretendia prepará-las para funções profissionais, ainda consideradas incompatíveis com a sua capacidade intelectual e desnecessárias à missão que lhe fora reservada pela natureza: a maternidade.

Desobrigados, portanto, de preparar para os estudos superiores em geral, ainda considerados impróprios à mulher, o ensino secundário montado no fim do Império, em alguns poucos estabelecimentos particulares, adquiriu feição própria. No caso do Colégio Florence, liberto da tradição secular que vinha consagrando o predomínio das humanidades clássicas nos estudos preparatórios, caracterizou-se pela importância atribuída às línguas modernas e às ciências, especialmente consideradas em suas aplicações práticas.

Com a ausência de registros de Carolina Florence sobre a pedagogia utilizada em seu colégio, as informações ficaram restritas às cartas e as notícias divulgadas pela imprensa. Ao serem analisadas, essas informações revelaram aspectos do grau de intimidade e cordialidade entre professores e alunas.

Tomaz Tadeu da Silva, em seu livro *O que produz e o que reproduz em educação* afirma que a educação cria e recria os elementos que contribuem para fabricar o novo e os elementos que contribuem para manter o existente. Ao dizer que a escola possui também outras características mais prosaicas e cotidianas, além das macro-características estruturais, cita elementos como a arquitetura e a configuração da sala de aula como tal a concebemos, a divisão em séries, a administração do tempo através de períodos, a divisão e a classificação do conhecimento pelas diferentes disciplinas e matérias como contribuições para se entender a educação. (SILVA, 1992, p. 64). Nesse sentido, a vivência das relações produzidas no cotidiano do Colégio Florence nos dão elementos para percebermos uma gama variada das formas de execução do trabalho escolar e da aquisição do conhecimento produzidos e reproduzidas na época.

As cartas e jornais trazem à tona informações sobre a atuação das alunas na sala de aula, no páteo de recreações, nas apresentações em festas públicas, na assimilação dos conteúdos ministrados por seus professores, dificuldades, doenças, etc. Retratam o meio em que viviam e o cotidiano escolar do século XIX.

Nesse sentido, no que diz respeito ao conteúdo ministrado, procurei no segundo capítulo arrolar as disciplinas adotadas no Colégio Florence e a relação dos programas festivos nos finais de cada ano com o intuito de evidenciar o adiantamento das alunas. Através de cursos completos e regulares compostos de estudos de várias línguas, disciplinas como geometria, ciências naturais e trabalhos artesanais é possível verificar o grau de aperfeiçoamento, destreza e aplicação adquiridos na instituição. A natureza do padrão de trabalho que as alunas realizavam possibilitava-lhe obter informações imediatas sobre os seus resultados porque, freqüentemente, apresentavam-se ao público[46].

O papel da Imprensa, foi ressaltado como elemento fundamental de apoio às atividades educacionais particulares, considerando o fato de que o governo não se interessava pelo ensino secundário.

No terceiro capítulo, referente aos professores que lecionaram no Colégio Florence, destaquei os mais expressivos, considerando a dificuldade em possuir uma relação com-

pleta dos mesmos. Assim, omiti as atividades das preceptoras alemãs por não ter podido obtê-las. Nas cartas, no entanto, os autores sempre se referem a elas, permitindo, assim, notar a importância que tiveram na instituição.

Dos docentes masculinos, uma grande parte, posteriormente, contibuiu para a estruturação e a solidez do ensino público no período republicano. Criaram os primeiros livros didáticos brasileiros, muitos utilizados no ensino público, como as obras de Julio Ribeiro e João Kopke. Também tentei, através das cartas, mostrar as dificuldades por que passavam e o desânimo que a educação as vezes lhes imputava.

No quarto capítulo procurei resgatar a origem das alunas do Colégio Florence e as dificuldades que a instituição enfrentava com pais, alunas, doenças entre outros. As anuidades eram muito mais caras do que em outras instituições, no entanto as despesas com a infraestrutura, alimentação, livros etc, retiravam boa parte do lucro arrecadado.

Entre as alunas que mais se destacaram, Maria Monteiro corrobora a credibilidade da instituição, quando na Itália, o conservatório de música reconhece seu adiantamento no treinamento da voz. No entanto, muitas tornaram-se professoras ou diretoras de escola.

As atividades culturais desenvolvidas pelas discípulas na sociedade campineira, através de *soirées,* clubes literários tiveram sua origem nas festividades promovidas pelo Colégio Florence, que as preparava para viver na esfera pública. Os bilhetes de teatro encontrados na relação das despesas das alunas indicava a freqüência com que participavam dessas atividades culturais, o que as diferia das alunas das instituições religiosas.

O Brasil transformava-se e com ele a sociedade da época. As festas da corte passaram a fazer parte da vida das mulheres das famílias abastadas, e fez com que aumentasse a necessidade da educação para as mulheres de elite. Nas outras províncias, a produção do que ocorria na Corte levava os fazendeiros ricos a imitarem, reproduzirem as novidades, desde a moda, danças, músicas, edificações suntuosas etc.

Na província de São Paulo, no entanto, a vida social ainda era muito pacata, mesmo depois da segunda metade do século XIX. Alfredo d'E Taunay, nas cartas à família, daria notí-

cias da vida social paulista em 1865, dizendo que não lhe agradou a cidade e o retraimento característico das mulheres paulistas. As igrejas pobres, os edifícios pequenos; as construções de taipa; embora limpas, as ruas mal calçadas e pouco movimentadas onde quase não se via uma mulher.

No teatro, a freqüência era quase inteira de homens e poucas famílias nos camarotes. Nenhuma festa ou homenagem. *Não lhe agradou a cidade* (...) *Das damas paulistas pouco poderei dizer por enquanto, pois muito pouco as tenho avistado. São as famílias aqui muito retraídas, como bem sabemos; pouco saem a passeio.* (PINHO, 1970, p. 102).

Na cidade de Campinas, parece no entanto, que a sociedade tinha um ritmo cultural mais desenvolvido. Taunay diria que: *Esse retraimento da gente da capital fazia contraste com a expansão e a cortesia da sociedade de Campinas onde tudo exigia elogio do missivista. Na cidade, que já tinha seus dez mil habitantes, próspera e rica, em pleno desenvolvimento, com notável movimento comercial, alguns sobrados excelentes, ostentavam aparência luxuosa.* (PINHO, 1970, p. 103).

Diria ainda que em Campinas as moças eram mais amáveis, conversavam animadamente, e que já não sabia a quantos saraus, bailes, jantares e festas tinha ido. Isso demostra o quanto a educação já contribuía para que cidade de Campinas possuísse mulheres da elite local desinibidas e desenvoltas. A educação formal e informal possibilitava-as conviver com desenvoltura na sociedade campineira. Seus conhecimentos no entanto não ficaram apenas naquilo que era solicitado. Avançavam quando davam utilidade a essa educação, quando aprendiam muito mais do que a vida social lhes exigia. Nesse sentido, reproduziam o que a sociedade da época solicitava, mas também produziam uma nova forma de convivência, pautada nos ensinamentos assimilados nos estabelecimentos do tipo do Colégio Florence.

Finalmente, no quinto capítulo, coloco as razões da transferência do Colégio para a cidade de Jundiaí e a febre amarela como fator de redução das potencialidades que Campinas sofreu.

Nos anos em que o Colégio Florence permaneceu na cidade de Jundiaí, o acompanhamento da família, mesmo com a diretora tendo se afastado, foi contínuo.

A transformação que o Colégio sofreu em 1928, em Escola Normal Livre e depois, passando à responsabilidade do Estado de São Paulo tornou-o instituição pública, até os dias de hoje.

Finalmente, encerrando o trabalho a que me propus, qual seja o de analisar a trajetória do Colégio Florence, e conseqüentemente a educação feminina na cidade de Campinas, retrato a tentativa de ressurgimento da instituição na capital, por descendentes, com o nome de *Instituto Florence,* no ano de 1957. Este, no entanto, teve suas atividades encerradas na década de 80, deste século.

Por essa análise do Colégio Florence espero ter conseguido passar ao leitor alguns aspectos da história da educação feminina no século XIX, na cidade de Campinas.

A contribuição da iniciativa particular foi necessária para a constituição e manutenção do ensino secundário feminino durante o II Império, já que o governo monárquico ausentou-se dessa tarefa.

É preciso não se esquecer que na Corte do Rio de Janeiro, anteriormente à instalação da Escola Normal, em 1880, os poderes públicos só ofereceram às crianças e adolescentes do sexo feminino a instrução primária. Nas províncias, as escolas normais que se criaram a partir da reforma constitucional descentralizadora, em geral, franquearam suas portas à população escolar feminina. A instrução oferecida por tais estabelecimentos, cujo número só principiou a ampliar-se a partir da década de 70, via de regra, entretanto, não chegou a ultrapassar o nível primário superior. (HAIDAR, 1972, p. 238).

Em relação ao ensino secundário de um modo geral, as mudanças ocorreram somente a partir do ato adicional de 1834. Até então, era fragmentado em aulas avulsas, à moda das aulas régias. O aparecimento de liceus provinciais a partir de 1835, e a criação do Colégio Pedro II na Côrte, em 1837, representaram, no campo do ensino público, os primeiros esforços no sentido de imprimir alguma organicidade a esse ramo do ensino.

Em 1854 tentara a reforma Couto Ferraz ampliar a função dos estudos secundários colocando-o na base das especializações técnicas. Animado pelo surto industrial e a extinção do tráfico negreiro, pretendeu articular o curso de estudos do

Colégio Pedro II, não apenas com os estudos superiores, mas com cursos comerciais e industriais oferecidos pelo Instituto Comercial e pela Academia de Belas Artes. Visando tal objetivo, o Ministro do Império do Gabinete Paraná, de acordo com Haidar, dividiu o curso do Colégio Pedro II em estudos de 1° e 2° classe, confiando aos primeiros a missão de fornecer a cultura básica para as especializações técnicas e atribuindo aos segundos, montados sobre os anteriores, a tarefa de preparar para o ingresso nas Academias. A medida, inspirada nas mesmas intenções que haviam levado à criação das Realschulen prussianas, não encontrou, entretanto, em nosso país, o grau de desenvolvimento comercial e industrial que condicionara o êxito extraordinário do empreendimento nos estados alemães. (idem, p. 261).

As condições sociais e econômicas que haviam conduzido ao malogro a inovação tentada por Couto Ferraz em meados do século não se haviam alterado significativamente ao fim do Império. Os estudos secundários continuavam a ter por missão a preparação para os cursos superiores. (idem, p. 261).

Assim, a Reforma Leôncio de Carvalho, em 1878, consagrou os estudos fragmentários definitivamente ao manter as matrículas avulsas e ao introduzir a freqüência livre aos exames vagos no Externato d. Pedro II. (idem, p. 260).

O ensino secundário público, dessa forma, teve durante o período do Império, o caráter de propedêutico, fragmentário e destinado ao sexo masculino. Quanto ao ensino secundário masculino privado, também este, se tornou preparador para as Academias: *Os estabelecimentos particulares, cujo renome era em geral função do êxito de seus alunos em tais exames, com pouquíssimas e honrosas exceções que confirmam a regra, limitaram o currículo dos estudos secundários às disciplinas preparatórias e consagraram os estudos avulsos.* (idem, p. 16).

Desobrigados de preparar o sexo feminino para o ensino superior, o ensino secundário fornecido pelos estabelecimentos particulares puderam dar às mulheres um ensino fundamentado no enciclopedismo, libertandose dos vícios decorrentes dos exames parcelados e preparatórios.

O Colégio Florence obteve influências múltiplas das pedagogias propagadas no período. Além de Pestalozzi, Spencer,

entre outros que viam a educação caminhando para a vida prática, as *realschulen* alemãs e os liceus secundários franceses que tinham a cultura e o ensino fundamentado no enciclopedismo (SILVA, 1969, p. 10 1) também influenciaram a educação ministrada no Colégio Florence.

Hércules e Carolina Florence, oriundos da classe média, fundaram uma instituição de ensino através de seus esforços. Em cartas percebe-se que ambos tinham dificuldades para pagar os estudos dos filhos e manter a instituição com a qualidade que exigiam. Tinham um padrão de vida superior porque eram originários de classe média germânica e francesa, que instalada em Campinas, montaram negócios. Porém, trabalharam para manter suas rendas, ao que parece, sem espoliar seus subalternos. É preciso não se esquecer o sucesso que teve a propriedade de Hércules Florence no Sistema de Parceria.

Carolina Florence sabia que os pais, assim como a sociedade imperial, desejavam que suas filhas adquirissem apenas uma educação que fosse suficiente para o convívio social, no entanto, seu estabelecimento ultrapassou essa educação *ornamental* desejada, quando preocupava-se em absorver os métodos pedagógicos que surgiam na Europa, além de permitir que o corpo docente da instituição elaborasse livremente seus programas de ensino, diferentemente dos colégios religiosos ou de associações que controlavam seus docentes.

Dessa forma, o Colégio Florence reproduzia o ideal da educação feminina que a sociedade da época solicitava, mas avançava quando acrescentava novos conhecimentos que tornavam suas educandas mulheres que assumiram, posteriormente, atividades profissionais como professoras, fundadoras de escolas, instituições de caridade ou simplesmente filântropas.

Carolina Florence conseguiu criar um estabelecimento educacional em um período em que a educação feminina ainda se encontrava em gestação, envolta em concepções que achavam desnecessário um ensino mais aprimorado para as mulheres. Conseguiu também mantê-lo funcionando por vinte e cinco anos na cidade de Campinas, com credibilidade e confiança dos pais, o que era muito difícil para o período.

A mudança da instituição para Jundiaí se deu em fun-

ção da preservação da saúde de suas alunas, e não por motivos de má administração. Na cidade de Jundiaí manteve-se com o mesmo progresso e foi transformado pelo governo, em instituição pública até os dias de hoje, com a denominação de *Instituto de Educação Experimental.*

Finalmente, concluo acreditando que seja possível que futuras investigações acrescentem às reflexões aqui registradas, muitos aspectos que venham a preencher a lacuna que a área da História da Educação apresenta. Pesquisas sobre os outros colégios femininos existentes no período complementariam o quadro da educação feminina na cidade de Campinas durante o Império Brasileiro, por exemplo.

Até o presente momento procurei colocar nesse trabalho aquilo que me foi possível captar, portanto as críticas a serem feitas constituirão a única forma de enriquecê-lo.

Notas

45- O Ensino francês foi o que restaurou a denominação *Colégio, que passa a ser usado, em lugar de escola secundária, para designar os estabelecimentos criados e mantidos pelas comunidades ou particulares. Colégios, Como se sabe, eram de início, na Idade Média, espécie de pensionatos onde se alojavam os estudantes das universidades e que posteriomente se transformaram em locais de cursos.* (SILVA, 1969, p. 129).

46- T. T. Silva, ao pesquisar uma escola particular diria sobre essas vivências: *A própria natureza do padrão do trabalho escolar predominantemente nas classes observadas garantia que as crianças obtivessem informação imediata e freqüente sobre o resultado de seus trabalhos. Uma vez que elas freqüentemente tinham que relatar os trabalhos na frente da turma ou fazer alguma outra forma de apresentação pública dos resultados dos projetos que estavam realizando, ou tinham que dialogar com a professora, a oportunidade para o feedback estava de certa forma embutida nas próprias atividades que elas tinham que executar.* (SILVA, 1992, p. 116).

Bibliografia

AGUAYO, A. M. *Didática da Escola Nova.* Trad. por J. B. Damasco Penna e Antonio D'Avilla. S. Paulo: Nacional, s.d. (Série A. 3a Atualidades Pedagógicas. Vol. I5. Biblioteca Pedagógica Brasileira).

AMARAL, L. *Campinas, Recordações.* São Paulo: Seção de Obras Raras do Estado de S. Paulo, 1927.

ARQUIVO da Câmara Municipal de Campinas Registro de Casamentos Acatólicos realizados nesta cidade 1869-1889. Campinas: Camara Municipal, 1889.

AMARAL, L. M. C. *Cidade de Campinas em 1900.* Campinas: Imprensa a Vapor Livro Azul, 1899.

AZEVEDO, F. *A Cultura Brasileira.* 4 ed. Brasília : UNB, 1963.

ALMANAQUES de Campinas organizados por:
ANOS: 1870 - José Maria Lisboa
1872 - Jose Maria Lisboa
1873 - José Maria Lisboa
1878 - José Hypolito da Silva Dutra
1879 - Carlos Ferreira e Hypólito da Silva
1886 - Henrique de Barcellos
1892 - Francisco Cardona e José Rocha
1901 - Francisco Cardona

ALMANAQUE administrativo comercial da Província de S. Paulo. JORGE SECKLER. 1886 e 1887.

ALMANAQUE Histórico e Artístico de Campinas 1914. Org. Benedito Otávio e Vicente Melillo. Biblioteca Municipal de Campinas.

ALMANAQUE de Jundiahy ano: 1912. Org. Tiburcio Estevan de Siqueira e João Baptista de Figueiredo. Segundo Anno. Jundiaí, A Folha, 1912.

ANUÁRIO de Jundiahy. Org. João Baptista de Figueiredo e Alceu Pinto. Ano 1, n.1 Jundiaí, A Câmara, 1928.

BARBOSA, I. *Socialização e Relações Raciais:* um estudo da família negra em Campinas. São Paulo: USP.

BARROS, R. M. S. de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade.* São Paulo: USP/FFCL, 1959.

BERGO, A. C. O *positivismo como superestrutura ideológica no Brasil e sua influência na educação.* Campinas: UNICAMP. (Tese)

BINZER, I. V. *Os meus romanos:* alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BRITO, J. *História da cidade de Campinas.* Campinas: s.n., 1969.

BRESCIANI, M. S. ARAÚJO, H. *Campos Salles:* a prática política de um propagandista republicano através da Gazeta de Campinas (1873-1883). Separata de Revista de História, n. 52.

BORGES, W R. *A profissionalização feminina:* uma experiência no ensino público. São Paulo: Loyola, 1980.

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em S. Paulo.* São Paulo: Difel, 1977.

CARELLI, M. *A la decoubérte de la amazonie.* França: Gallimard, 1992.

CIPOLATTO, A. O Colégio Florence na história de Jundiaí. *Jornal de Jundiaí,* p. 13, jun. 1980.

II COLÓQUIO de Estudos Teuto-Brasileiro. Recife: UFPE, 1974.

III COLÓQUIO de Estudos Teuto-Brasileiro. Porto Alegre: URGS, 1974.

COMEMORAÇÃO do centenário do nascimento de Hércules Florence, *Revista do Centro de Ciências e Artes de Campinas,* Ano 3, n. 2, 30 abr. 1904.

COSTA, E. V. da. *Da monarquia à república:* momentos decisivos. São Paulo: Grijalbo, 1977.

DAVATZ, T. *Memórias de um colono no Brasil (1850).* trad., pref. e notas de Sérgio Buarque de Hollanda. São Paulo: Itatiaia/ USP, 1980.

DAUNT: R. G. Reminiscências do distrito de Campinas em bairro, freguesia e vila. (1879) . *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo,* n. 40.

_____. *Os primeiros tempos de Campinas.* São Paulo: Tipographia Paulista. 1879. (Catálogo da Primeira Exposição Regional do Município de Campinas, dez. 1885).

DEBRET, J. B. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.* 6 ed. São Paulo: INL, 1975.

DIAS, M. O. L. da S. *Quotidiano e poder em S. Paulo no século XIX* Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DUARTE. *Campinas de outrora.* Campinas: Typographia Andrade e mello, 1905.

DUBY, G. *Idade Média, idade dos homens:* do amor e outros e ensaios. Trad. por Jônatas Batista Neto. São Paulo: Cia. Letras, 1989.

ENNES, E. Thereza Margarida da Silva Orta. *Revista de História.* S. Paulo, n. 114, 31- 45, jan./jun., 1983.

EXPILLY, C. *Mulheres e costumes do Brasil.* São Paulo: Nacional/INL, 1977.

FAORO, R. Os *donos do poder.* 3. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. 2 v.

FEITOSA, M. A. *Páginas contemporâneas.* Campinas: Tip. Livro Azul, 1901.

FERREIRA, S. B. B. X. *A expansão escolar campineira e a grande lavoura no fim do Império. (1860-1889).* Campinas: Unicamp, 1982. (Dissertação de Mestrado).

FLORENCE, A. Municípios paulistas e seus centenários. *Revista Arquivo Município S. Paulo,* LXII, p. 179.

FLORENCE, C. Falecimento da educadora. Votos de Pesar, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo,* n. 18, 22 abr. 1913.

FLORENCE, E. *Relíquias da lembrança.* São Paulo: Diário, s.d. (Família Florence).

FLORENCE, I. Carolina Florence (Biografia). *Albúm de Comemoração do Bi-Centenário da Cidade de Campinas.* Campinas, 1974.

FLORESTA, N. *Opúsculo Humanitário.* São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, G. *Nós e a Europa Germânica.* Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do séc. XIX. Rio de Janeiro: Grifo, 1971.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS - Mulher Brasileira. Bibliografia Anotada. São Paulo: Brasiliense, 1987. 2 v.

GEBARA, A. *Campinas 1869-1875* - republicanismo, imprensa e sociedade. São Paulo: FFLCH/USP, 1975. (mimeo.).

GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura.* Rio de janeiro: Civilização, 1982.

GOMES, G. L. *Evolução da educação escolar no Rio Grande do Sul* (A Educação feminina no Instituto de Educação de Porto Alegre). Campinas: Unicamp, 1985. (Tese de doutorado).

GOULART, E. *Campinas:* ruas da época Imperial. Campinas: Maranata, 1983.

GUIMARÃES, A. P. *A Campinas de meus pais (1870-1892).* Belo Horizonte: Gráfica Tamoyos, 1978.

HAHNER, J. *A mulher no Brasil.* Trad. por Eduardo F. Alves. Rio de janeiro: Civilização, 1978.

HAIDAR, M. de L. M. *O ensino secundário no Império brasileiro.* São Paulo: Grijalbo/USP, 1972.

HILSDORF, M. L. S. *Francisco Rangel Pestana:* educador, político e jornalista. São Paulo: USP, 1986. (Tese de doutorado).

JORNAIS:

JORNAL DE JUNDIAÍ - JUNDIAÍ - (1978)
O CORREIO DE CAMPINAS - Campinas - (1885 a 1889)
O CORREIO PAULISTANO - São Paulo (1863 a 1875)
O CORREIO POPULAR - Campinas (1964 e 1978)
O CONSTITUCIONAL - Campinas (1875 e 1876)
O DIÁRIO DE CAMPINAS - Campinas (1875 a 1891)
A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO - São Paulo (1875 a 1889)
A GAZETA DE CAMPINAS - Campinas (1869 a 1887)

KIDDER, D. P. *O Brasil e os brasileiros.* (esboço histórico e descriptivo). Trad. por Elias Doloniti, rev. notas de Edgar Sussekind de Mendonça. São Paulo: Nacional, 1941. 2 v.

KOSSOY, B. *Hércules Florence - 1833.* A descoberta isolada da fotografia no Brasil. São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Anhembi, 1977.

KUPFER, A. K. *Diário.* São Paulo, s.d. (Documentação em poder da Família Florence em S. Paulo).

LAPA, J. R. do A. História de Campinas: tarefa para os próximos dez anos. *Revista de História,* São Paulo, v. 54, n. 107, p. 221-40, jul./set., 1976.

_____. Primeiras notas para uma bibliografia da história de Campinas. *Revista de Estudos Históricos,* n. 5 e 6, Marília, 1966.

LE GOFF, J. Memória. Documento/Monumento. *Enciclopédia Enaudi.* Lisboa: Imprensa Nacional, 1984. v. 1.

LOMBARDI, J. C. *Marxismo e história da educação:* algumas reflexões sobre a historiografia educacional recente. Campinas: Unicamp, 1993. (Tese de doutorado).

LUZURIAGA, L. *História da educação e da pedagogia.* Trad. e notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

MARIANO, J. *História da Imprensa em Campinas. Campinas,* SP, 1972.

MARIANO, J. *Campinas de ontem e ante-ontem.* Campinas: Maranata, 1970.

_____. *Badulaques.* São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

MACEDO, J. T. de. A escola de Froebel e os jardins da infância. *Novos apontamentos de origem alemã para os estudos da questão relativa à Educação Nacional.* Rio de Janeiro: Nacional, 1880.

MANOEL, I. A. *Igreja e educação feminina:* os Colégios das Irmãs de São José de Chamberry (1859-1919). São Paulo: USP, 1988. (Tese de doutorado).

MARX, K. *Sobre a Mulher.* São Paulo: Global, 1981.

MENDES, A. de C. *Casa do Livro Azul:* memorial comemorativo dos 50° aniversário de sua fundação. 1876- 1926. Campinas: Tip. Livro Azul, 1926.

_____. *Efemérides campineiras.* Campinas: Graf. Palmeiras, 1963.

MOACYR, P. *A instrução e o Império.* São Paulo: Nacional, 1936. V. 2 : 1854-1888; V. 3 : 1854-1889.

_____. *A instrução e as Províncias.* (Subsídios para a história da educação no Brasil) V. 2 : Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso. São Paulo : Brasiliana, s.d. V. 147 -A.

MONOGRAFIA Histórica do Município de Campinas. Rio de Janeiro : Serviço Gráfico do Inst. Histórico e Estatístico, 1952.

MORAES, C. V. de. *O ideário republicano e a educação.* O Colégio Culto à Ciência de Campinas (1869-1892). Campinas: Unicamp, 1982. (Dissertação de mestrado)

MULHER CAMPINEIRA. Documentários. Prefeitura Municipal de Campinas. Biblioteca Municipal. Recortes de Jornal.

OBERACKER, C. *H. A contribuição teuta à formação da nação brasileira.* 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1985. 2 v.

_____.*A Imperatriz Leopoldina.* Sua vida e sua época Ensaios de uma biografia. Rio de Janeiro: Dpto. Imprensa Nacional, 1973.

OLIVEIRA, Comendador A. J. de. *Memórias de um magistrado do Império.* Revistas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Nacional, 1943.

OLIVEIRA, A. R. de. *História geral de jundiaí.* Jundiaí : Gabinete Literário, 1965. (mimeo.) .

OCTAVIO, B. *Campinas e a independência.* Campinas: Lisotypia da Casa Genoud, 1922.

_____.& MELLILO, V. *Almanach Histórico e Estatístico de Campinas.* Campinas: Typographia da Casa Mascotte, 1914.

PARIS, M. L. *A educação no Império:* o jornal e a Província de São Paulo. 1875-1889. São Paulo: USP, 1980. (Dissertação de mestrado)

PAULA, C. F. de. *Culto à Ciência:* colégio, ginásio e colégio estadual. Campinas. 1946. (Monografia Histórica) .

PATEO, L. *História oral, universo mágico da lembrança.* Campinas: Unicamp/IFCH, 1991. (mimeo.).

PESTALOZZI. *Enciclopédia Larousse.* Tomo V. Rio de Janeiro: Delta, 1962.

PRADO JR, C. *História econômica do Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1949.

PIGNATARO, L.C. *Mudança estrutural da família tradicional campineira.* Campinas: PUCCAMP, 1970. (Tese de doutorado)

PINHO, W do. *Salões e damas do Segundo Reinado.* São Paulo: Martins, 1970.

PRIORE, M. del. *A mulher na história do Brasil.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989.

PUPO, B. B. *A margem da História de Campinas.* Campinas: Palmeiras, 1973.

PUPO, C. M. de M. *Campinas, município do Império:* fundação e constituição, usos familiares, a morada, a sesmaria, engenhos e fazendas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1983.

_____.*Campinas, seu berço e juventude.* Campinas: Academia Campinense de Letras, 1969.

QUEIROZ, V. P. de S. *Reminiscências de Campinas.* Campinas, s.n. 1951.

RELATÓRIO da profa Carolina Florence ao Director da Instrução Pública de São Paulo. 31 out. 1889 - Arquivo do Estado de S. Paulo - Instrucção Pública ordem 5068.

RELATÓRIO do sr. Hércules Florence ao Inspector da Instrução Pública de São Paulo. 24 dez. 1867 - Arquivo do Estado de S. Paulo. (Família Florence Documentos).

RELATÓRIO do sr. Quirino Campos do Amaral ao Inspector da Instrução Pública de São Paulo. 25 out. 1870 - Arquivo do Estado de S. Paulo - ordem 5068.

RELATÓRIO de Luiz Silvério Alves Cruz ao Inspector da Instrução Pública de São Paulo. 14 out. 1869 - Arquivo do Estado de S. Paulo - ordem 5068.

REVISTA DO Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Campinas, ano 52, n. 58. 1953. "Discurso da fundação do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas" por Carlos Francisco de Paula.

_____. Campinas, ano 57, n. 65, ano 1954. "Centenário de nascimento de Hercules Florence" - Autores: Edmundo Souza Queiroz; Paulo Florence; secretário José de Campos Novaes e Amália da Silva. Coord.: Edmundo Souza Queiroz. (Revistas encadernadas do nº 60 a 75).

RODRIGUES, J. L. Subsídios para a História de Campinas. *Monografia Histórica de Campinas,* Rio de Janeiro : Gr. Ins. Hist. Est. 1952.

RIBEIRO, A. I. M. *A Educação da mulher no Brasil - Colônia.* Campinas: Unicamp, 1987. (Dissertação de Mestrado)

RIBEIRO, J. A. dos S. *Octícia bilbiográfica e Histórica da Pucc.* Ano 5, n. 48, 1973.

RODRIGUES, L. M. P. *A instrução feminina em S. Paulo:* subsídios para a sua história até a proclamação da República. São Paulo: Sedes Sapientae,1962.

SAFFIOTI, Heleyeth. A mulher na sociedade de classes: mito ou realidade. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SAMARA, E. de M. *A família na sociedade paulista do séc. XIX (1800-1860).* São Paulo: USP, 1980. (Tese de doutorado)

SANTOS Fo., L. de C. *Campinas (evolução histórica)* Campinas, s. n., 1969.

SANTOS,J. M. *Os republicanos paulistas e a abolição.* São Paulo: Martins, 1942.

SCHWARCZ, L. M. *Retrato em branco e negro:* jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final no século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SESSO Jr., G. *Retalhos da velha Campinas.* Campinas: Palmeira, 1970.

SILVA, G. B. *A educação secundária.* São Paulo: Nacional, 1969.

SILVA, T. T. *O que produz e o que reproduz em educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SILVEIRA, C. da. *et alii. Notas genealógicas e outras notas.* São Paulo: Inst. Hist. Geogr. S. Paulo, 1968.

SNIDERS, G. A pedagogia em França nos séc. XVII e XVIII. *Debesse, Maurice e Miliaret, Gaston. Tratado das Ciências Pedagógicas.* v. 2

TAUNAY, v. de. *Homens e cousas do Império.* Rio de Janeiro: Cayeiras, 1923.

_____.O *Senado do Império.* Brasília : Senado Federal, 1978.

_____. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas. s.d.*

_____.*A zoofonia.* Rev. Inst. Histórico Geográfico Bras. Tomo 39, n. 2,1876.

TANURI, L. M. O *ensino normal no Estado de S. Paulo.* São Paulo: USP, 1979.

TEIXEIRA, A. M. *Cartas sertanejas.* 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica, s.d.

TOMANIKI, G. O Colégio Florence, uma tradição na cultura jundiaiense. *Jornal de Jundiaí,* p. 5, 10 mar. 1978.

TSCHUDI, J. J. *Viagem às Províncias do Rio de janeiro e São Paulo.* São Paulo: Martins, 1954.

UHLE, Á. B. A filantropia e a educação. *Educação e Sociedade.* n. 42 p. 274-9 - Ago. 1992.

VIDIGAL, A. C. *Folclore em Campinas:* artesanato. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

VIELLIARD, J. *A zoofonia.* Campinas, s.n., 1993.

VISÃO de Campinas ao tempo em que Carlos Gomes aqui viveu. *Correio Popular, Suplemento Especial,* Campinas, p. 2, 11 jul. 1978.

VOLKART, C. *Monografia de Campinas para uso dos alumnos da instrucção Preliminar por Crhisthiano Volkart, professor normalista, Director do 1° Grupo escolar.* Campinas: Tipographia a Vapor Livro Azul, 1903.

ZALUAR, A. E. *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861).* São Paulo: Martins, 1913.

ZIMMERMANN, M. E. M. *O PRP e os fazendeiros de café;* um estudo sobre as estratégias e as propostas do partido republicano em S. Paulo 1870-1889. Campinas: IFCH/ Unicamp, s.d. (Dissertação de mestrado)

WILLENS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil,* estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2. ed. ampl. e ilustr. São Paulo: Nacional/INL, 1980.

Considerações
Prof. Dr. José Roberto do Amaral Lapa
(in memorian)

UNICAMP

Campinas, 12 de maio de 1994

Prezada Arilda,

respondo a sua carta de 13 de abril pp. Junto segue a parte da minha argüição que talvez possa interessar-lhe. A parte inicial não tem praticamente observações críticas e com ela, caso a tese um dia seja publicada, poderá render-me quem sabe se uma resenha.. por isso não lhe mando.

Aproveito para consultá-la sobre o seguinte: o CMU tem uma Coleção Campiniana, que ficou no primeiro volume por falta de recursos, cuja temática é de livros que abordem Campinas. Agora, a Prefeitura daqui criou um Prêmio Estímulo que contempla várias categorias inclusive a de co-edição. Pelo que verifiquei, o Centro de Memória teria chances de concorrer nessa categoria com um pacote de originais de livro, com boas chances de obter o prêmio, o que nos permitiria reativar a Campiniana. Nesse caso, o CMU bancaria as edições e ao longo de uns dois anos conseguiríamos lançar até doze livros na coleção. Entre os originais que me parecem merecer figurar na Campiniana está o seu. Então, estou consultando se você tem interesse e nos autorizaria incluir o seu original entre os que vão concorrer ? Em caso afirmativo, peço-lhe que me responda logo, pois já temos 11 originais autorizados pelos autores, o seu seria o 12º.

Se ganharmos o prêmio, então programaremos as edições, ficando cada autor com tempo suficiente para alterar o original no que desejar. Para a Prefeitura, apresentaríamos os originais como se encontram, advertindo entretanto que poderão ser alterados.

Na expectativa do seu consentimento, mando-lhe um abraço muito cordial

J.R. Amaral Lapa

Ilmª Srª
Profª ARILDA INÊS MIRANDA RIBEIRO
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Rua Roberto Simonsen 305
Caixa Postal 957
19060-900 PRESIDENTE PRUDENTE SP.

PS: convido-a a colaborar no Boletim do CMU, que vai melhorar graficamente a partir do proximo numero. As condições para as colaborações estão na última capa do exemplar

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAIXA POSTAL 1170
13083-970 - CAMPINAS - SP - BRASIL

TELEFONE PABX (0192) 39-7786
TELEX (019) 1150

O recorte que o texto nos passa é de uma mulher competente, aberta, inclusive sob o ponto de vista religioso e educacional, permitindo que os professores elaborassem seus programas livremente (fls.68). Em sendo a mulher de Hércules Florence, um cientista inquieto e versátil, cujos inventos vêm merecendo celebração nos últimos anos, o resgate de sua memória feito por você foi válido, pois ela podia permanecer em certo anonimato, penumbrada pela fama que o marido ganhou nesta posteridade. Entretanto, vemos agora que se tratava de uma mulher com desenvoltura, culta, voluntariosa, com firmeza e autonomia suficientes para tocar um colégio com a colaboração da família e dos amigos, sobre os quais exercia inegável influência.

Questionamento

Como contribuição crítica ao seu trabalho, gostaria a seguir de apontar algumas pequenas questões preliminarmente, para a seguir abordar algumas questões mais de ordem geral.

Sobre a família Florence e sobre Campinas, nos primeiros capítulos a tese se resume numa narrativa descritiva que acrescenta pouco ao que já é conhecido, ainda que o acesso que teve a fontes primárias inéditas permita esclarecer mais, mas sem reflexões críticas e questionamentos, que acreditamos dariam outro alcance ao seu trabalho. Na verdade, volta a abordar a família e a cidade em outros capítulos, mas sempre mais como registro do que interpretação. Algo escapa a essa aparente superficialidade, quando faz referência às dificuldades que os colonos alemães passavam em Campinas, muitos se suicidando, se embriagando, como está na fls. 33, ou quando refere-se aos sacrifícios feitos pelos Florence para mandarem seus filhos estudarem na Europa (fls.38).

Passo a uma série dessas pequenas questões, algumas ditadas mais pelo meu interesse de pesquisador, outras para provocar um possível diálogo com você nesta oportunidade:

- o fato da Loja Independência não dar acesso aos seus arquivos prejudicou realmente sua pesquisa ? quem era maçom dos Florence ?
- ao falar do atendimento à moda em termos do vestuário das alunas, dá-nos entender que não tinham uniforme, é isso mesmo ? (fls.210)
- quando afirma, na fls.4, que os jornais da época são fonte histórica complexa, pois a elite os considera "fórum de opiniões sobre as questões centrais da época", o que afinal quis dizer ? os jornais são comprometidos por terem opiniões tão importantes? as elites se vêem nelas ? mas, as alunas do Florence não represent

essa elite ?

- diante de uma simples menção que encontramos ao pagamento pelo Colégio Florence, de taxa de escravos, perguntamos se nada mais encontrou sobre escravos servindo ao Colégio? (fls. 210). Examinamos há pouco na USP uma tese que tratava de recolhimento de mulheres, na qual a autora nos revelava questões interessantes ligadas ao trabalho escravo nesses recolhimentos, como em Campinas na época há escravos servindo em hotéis, estabelecimentos comerciais, hospitais, etc., seria importante saber como se praticava a escravidão num colégio interno de meninas ricas;

- uma questão que nos instigou está nas fls. 43 e 44. É mencionada por você uma lei de 1827 que excluia a geometria do ensino de Matemática que se ministrava às meninas, que se limitava às 4 operações ! Ora, o que haveria por trás dessa decisão do governo ? Embora, isso felizmente não ocorresse no Colégio Florence, como você mostra na fls. 231, trata-se de uma questão entre outras que devia merecer mais atenção numa tese na área de educação. A suposta inferioridade biológica da mulher - cérebro menor e mais frágil que o dos homens - limitando a assimilação de conhecimentos, no que acordavam o saber médico científico e o saber político durante boa parte do século XIX, poderia ter sido mais explorada por você em face do ensino que se ministrava no Colégio Florence, mas não é. Vai aparecer apenas de passagem nas conclusões de fls. 266. Vemos que médicos e educadores defendem convictos essa inferioridade, como está na fls.58/59. Entretanto, o que pensariam a respeito a educadora Carolina Florence e os seus cultos colegas de magistério do colégio que dirigia ?

- já disse que você soube muito bem trabalhar com a riqueza das fontes de natureza particular que teve acesso, graças à família Florence. São fontes produzidas pela própria Carolina Florence, pela sua família, pela instituição que dirigiu, com as quais você coteja a imprensa, os almanaques e cronistas da cidade. Ora, a origem das fontes familiares, tão zelosamente guardadas pela família, o que é algo de excepcional no Brasil e deve ser louvado, coloca-nos, por outro lado, uma questão em relação à ausência de colocações críticas e auto-críticas. Isto não teria induzido você em

em suas conclusões ? traçando-lhes um perfil tão favorável ? Destila por todo texto uma admiração confessa pela fraternidade, pelos laços de amizade, de coleguismo, de sociabilidade até não só dessa família excepcional, como de toda a comunidade que com ela convivia por força do colégio;

- há algumas pequenas incorreções no texto, para algumas das quais chamo a atenção, apenas para evitá-las para efeito de eventual publicação:
  - na fls. 122, 1º §, ao falar ao que tudo indica em peças musicais, que exigiam "alto grau e grandes compositores musicais como Beethoven e Chopin e outros, coloca no meio deles Molière, que é um teatrólogo...
  - na bibliografia (fls. 281) troca José por Antonio Castro Mendes ao atribuir a autoria das Efemérides Campineiras, que foram escritas pelo José e não pelo Antonio, que era dono de livraria e não escritor;

- ao lermos a linguagem e o vocabulário da época, sempre presentes em suas transcrições, às vezes surpreendemo-nos com expressões curiosas. Este é bem o caso de uma carta escrita por Hercules Florence à sua mulher, a quem trata afetuosamente de Lina, em 16-9-1876 (fls. 165), na qual ele qualifica várias das professoras com as seguintes expressões:

  "Eu estou contente com Mlle. Casselman, cujas excelentes qualidades façem esquecer alguns pequenos efeitos. Mlle. Zerbst tem um genio tenso. D.Joanna é um pouco quadrada, mas ela não falta jamais com as suas obrigações". Que falta de qualidade seria essa de nossa D.Joanna, atarraada de corpo, de inteligência limitada, atrasada, burra, conservadora, como diríamos hoje em dia ? Fiquei realmente curioso, ainda vou recorrer a algum dicionário da época para verificar a que se refere o quadratismo definidor do nosso Hércules Florence, para a sua colega de magistério !

- na fls. 181, você alude apenas a dificuldades financeiras pelas quais o colégio teria passado. As fontes adiantam alguma coisa mais sobre isso, além do pouco que nos passa a respeito ?

- agora, deixa-me falar um pouco sobre o marido de da. Carolina Florence, que é sem dúvida a personagem maior de sua tese. Refiro-me a Hércules Florence: você mostra em mais de um momento, que formavam um casal igualitário, com padrões de convivência e partilha de responsabilidades, que não eram nada comuns em termos da sociedade brasileira daquela época e de outras épocas. Ele a ajudando no colégio e ela administrando a casa e o colégio e com certeza colaborando substantivamente para o povimento da família. Ele cientista, professor, fazendeiro, fazendo a contabilidade do colégio e ela educadora, mãe de prole numerosa, pois aceitara os enteados de primeiro casamento de Hércules, tratando-os como filhos. Portanto, um casal XX na Campinas do século XIX ! Ora, apesar de Hércules Florence ocupar a nosso ver em sua tese o espaço que lhe é devido, ele sai de repente destas páginas, mais do que discretamente, sem que o leitor se dê conta disso. Não há um resigro sequer, do que sua morte pode ter significado. Lá pela fls. 248, ficamos sabendo, muito de passagem, que da. Carolina ficou viúva. E é só. Nesse passo, você demora aliás em mostrar as dificuldades que Helena Krug, cunhada de Carolina Florence, enfrentava pela morte do marido, mas nada fala de Carolina ou de seu falecido marido...

Quero agora referir-me a algumas questões mais gerais e às conclusões com que você fecha sua tese. Faço isso mais na qualidade de historiador, se é que ser historiador envolva alguma qualidade...

Em nossa maneira de entender a contextualização que foi tentada em diferentes momentos de sua tese obedeceu a dimensões que a limitaram. Deixe-me explicar melhor o que penso com isso. Estudar uma instituição, tenha ela a natureza que tiver, envolve sempre um risco que acaba por marcar os estudos desse tipo, i.e., uma narrativa descritiva que se perde na estrutura burocrática interna, sua constituição e itinerário cumprido, as relações humanas e educacionais no caso que se travam no seu interior, sem se dar conta que o tema abordado a partir de um enfoque de história social e cultural, o que evidentemente não exclui a história da educação, embora mais difícil e complexo oferecerá explorações capazes de percepcionar reações e questionamentos mais sutis na interação do colégio com e sua dinâmica interna com a sociedade da qual e para a qual vive.

Nesse sentido, não sentimos muito no texto que resultou de suas pesqui-

se o Colégio Florence na efetivação de sua proposta pedagógica oferece momentos de resistência, de questionamento crítico, de compromisso, cumplicidade ou simples subserviência em relação aos estímulos e imposições que lhe vem de fora.

Por ser uma instituição particular, destinada a meninas ricas, teria pura e simplesmente se curvado ao que a tradicional sociedade brasileira esperava dele ? Há indícios, e você os aponta, que não. Ao contrário do ensino oficial tão precário naquele momento e do ensino religioso, tão ultramontano, o CF seguindo uma orientação pestalozziana introduz inovações no quadro provincial de então: professores homens, visitas das alunas a instituições diversas da cidade, serviços públicos de extenção cultural, etc.

Não obstante, o leitor fica um pouco interiorizado também no Colégio, isto é com a impressão que entre as paredes do CF não repercutem muito as mudanças que ocorrem lá fora. Ou realmente o Colégio era invulnerável a elas ? Não acredito.

O que quero dizer é o seguinte: o período da existência do Colégio é para o Brasil e particularmente para Campinas, de mudanças estruturais: a grande imigração, a urbanização, a Abolição, a mudança do regime político, a modernização capitalista e burguesa, que se abatem sobre certa área do país, da qual Campinas era um polo representativo, não parecem ter tido qualquer repercussão naquele colégio que permanece imune a elas.

Seria nesse sentido recomendável encarar também o CF como uma estrutura social de dominação e resistência, cadenciado pelos seus rituais de troca e comunicação.

Para além do exercício do poder institucional de que dispõe o colégio, é preciso verificar até que nível ele reproduz a ordem social vigente lá fora.

É importante considerar que um colégio que contava em seu corpo docente intelectuais como Rangel Pestana, Julio Ribeiro, Miguel Alves Feitosa, Hércules Florence e João Kopke, entre outros, como os próprios irmãos Florence, com certeza dependendo de suas idéias sobre educação e a mulher deviam em suas aulas apurar o senso crítico das alunas. São homens politizados e alguns com prática de cargos políticos, integram uma elite dirigente, são escritores, dominam o ensino de línguas, sendo poliglotas, têm idéias avançadas quanto à educação, dominam várias áreas do conhecimento, que lecionam, são jornalistas ou colaboram regularmente na imprensa, são engenheiros, médicos, advogados, republicanos e maçons.

No capítulo da disciplina, sobre a qual a sua pesquisa logrou pouco adiantar-nos, nada ficamos sabendo sobre punições. O colégio é uma instituição disciplinar e suas regras - regimento interno - com certeza tem pontos identificáveis entre a sua missão educacional e o papel que está reservado às suas alunas por aquela ordem social em transição. O que lhes é permitido e o que lhes é interditado ?

Essas sintonias, você fica nos devendo, pois apenas de passagem alude a um caso de possível indisciplina (fls. 197). Aliás, baseada em que você afirma que no CF não havia punições violentas ? (fls. 198). As fontes é que não revelaram nada nesse sentido ?

Essa aparente ausência de castigos e punições com um impecável corpo discente bem comportado, é discretamente denunciada, aqui e ali, por alguma confissão como a da ex-aluna Isolina Soares, que escreve a sua diretora em 3-2-1879 (fls. 213) nos seguintes termos:

> "Aproveito também esta para ao mesmo tempo pedir-lhe desculpas pelas tolices que cometi e pelos aborrecimentos aos que tantas vezes causei-lhes"

o que mostra que ao contrário do que nos dá a entender sua tese, as meninas estavam longe de ser santinhas... Talvez as até não se limitassem a inocentes diabruras e peraltices, como se lê na fls. 214.

Se as fontes permitissem, seria interessante analisar sob essa ótica para não nos ficar uma imagem tão serena de uma diretoria maternal com seu rebanho de alunas submissas...

Uma outra colocação que quero fazer é a seguinte: dada a origem das alunas, do ensino que lhes foi ministrado, seria interessante que a pesquisa pudesse, por ventura, ter conseguido acompanhá-las depois de formadas, para verificar não apenas casos de revelação de talento, como é o caso de Maria Monteiro, como de posturas e comportamentos críticos perante a sociedade ou exercício de funções antes reservadas aos homens. As duas filhas de Carolina - Augusta e Izabel Florence (fls. 167) - sobre quem você nos dá alguma notícia, que acabaram lecionando no colégio, são exemplos do que digo, como também Armelina Lamaneres e mais a enteada de Carolina, Cândida que ao escrever ao irmão Paulo em 1885, considerava que "aqui no Brasil, onde as mulheres são quase escravas" (fls. 194). Devia estar possivelmente movida por algum ressentimentos familiar, mas em todo o caso revela a sua observação crítica e inconformismo.

Que se trata de uma sociedade machista - a imperial - e discriminatória contra a mulher, as explicitações do seu trabalho são muitas e o que é importante foram recolhidas diretamente da boca dos personagens que você

estuda, como naquela confissão da viúva Helena Krug que às voltas com o legado do marido, que agora tem que administrar, afirma desanimada à fls. 250:

"coragem não me faltaria se em vez de vestido tivesse calça..."

As relações de amizade e afeto entre professores e alunas se estendiam para além do colégio. A confissão do prof. João Kopke numa carta a da. Carolina Florence, quando se refere "Aquela adoravel cadeia de alunas que me prendem ao vão de uma janela do clube semanal..." (fls. 154), faz-nos pensar em um convívio bem mais significativo que o profissional e disciplinas do colégio.

O Clube Semanal de Cultura Artística era o espaço de lazer, paquera, danças, saraus e chás da alta sociedade campineira. O professor ao referir-se com familiaridade e reticências à diretora do colégio onde lecionava ao seu quase <u>voyeurismo</u> da janela do clube não é gratuito e tão inocente assim como parece. Entre as ex-alunas e os professores e a Diretora a amizade permaneceu demonstrando que o convívio dos anos passados no colégio marcou aquelas vidas.

Quanto às alunas do CF, fica evidenciado pela alta trimestralidade que este cobrava, que a sua origem é da alta camada senhorial. Se es ta é a verificação e se a imagem que se nos passa da mulher em aquela sociedade é de uma posição secundária, o que significa e justifica tão alto investimento das famílias abastadas na formação e educação de suas filhas? onde usariam o que aprendiam ? o retorno para a família viria de um bom casamento, para o qual a moça devia qualificar-se ? seria apenas isso, ou a camada senhorial escravista se metamorfoseando em burgesia capitalista agora queria realmente uma nova mulher, dela esperando muito mais do que o convencional ?

No mais, que funções a sociedade reservava a essas mulheres ricas que exigiam tal refinamento cultural ? Fora de casa, quando muito o magistério era-lhes acessível, no mais profissões como a advocacia, a engenharia e a medicina e mesmo o comércio e a incipiente indústria não contavam com mulheres em suas esferas de decisão.

Por que então a soma de recursos, cuidados, disciplina, rigor, treinamento, esmero na educação dessas meninas ? que oportunidades futuras teriam de aplicar ou demonstrar tais conhecimentos ? Por que uma educação tão completa e desse nível ?

Na fls. 195, você mencionav que aqueles "pais sabiam da importância e do valor que a educação poderia representar para uma mulher", mas fica nisto. Ora, o que há por trás desse investimento ? no qual se empenham pais mesmo em meio de dificuldades financeiras ?

À fls. 223, verifica-se que o CF correspondia ao ideal republicano, que considerava "o problema complexo da instrucção e educação da mulher, de quem podemos esperar as ducturas transformações sociais que tanto almejemos". São novos tempos que a ordem social burguesa procurava por em prática e para a qual o CF estava preparado desde que inspirado em modelos europeus.

A mulher vai assim ganhando o espaço público, onde pode exibir seu talente aurido justamente em locais como o CF

Para esse entendimento, a contribuição que sua tese trax é relevante

Por último, quero fazer um agradecimento: Arilda pesquisou no Centro de Memória, que tenho a ventura de ter fundado e dirijo até hoje. Deu àquel Casa generoso crédito em seu texto, mas mais do que isso resolveu terminado o trabalho, doar ao acervo do CMU o riquíssimos material que utilizou na pesquisa: as fichas de levantamento sistemático que fez nos jornais de 1870 a 1892 sobre Educação, Mulheres, Carolina e o Colégio Florence, com transcrição integral de documentos da família Florence - 150 cartas gravadas, diários, documentação sobre Campinas, almanaques, etc.

Sei como pesquisador que sou, o que isso significa. Em nome de todos que trabalham no Centro de Memória, quero deixar-lhe um agradecimento comovido pelo seu gesto.

Gráfica Central da Unicamp

Há leitores menos avisados, mesmo na academia, que não costumam perder seu tempo com a leitura de um prefácio. Com alguma freqüência, o prefácio parece ser desnecessário e apenas uma cortesia que alguém presta a(o) autor(a).

Embora os tais leitores menos avisados não leiam os prefácios, dirijo-me inicialmente a eles para confessar que não estou em condições de fazer este tipo de cortesia. Faço o que estou fazendo, por responsabilidade acadêmica.

A autora, formada em Biblioteconomia, pouco a pouco despertou-se para a pesquisa historiográfica. A ela se dedicou em suas investigações durante os cursos de mestrado e doutorado que realizou na Faculdade de Educação da Unicamp.

Parte do longo percurso da Arilda encontra-se presente nesta obra. O que ela nos oferece?

Caso o ilustre leitor sinta-se frustrado pela antecipação da resposta, solicito também, desde já, minhas desculpas: Arilda nos oferece o grande exemplo da persistência do pesquisador. Não há pesquisa historiográfica sem trabalho! Sem muito trabalho peculiar!

Uma vez escolhido o objeto da pesquisa, uma vez delimitados o espaço e o tempo em que se deseja investigá-lo, inicia-se um infinito processo de construí-lo, naquele contexto, com os instrumentais teóricos e técnico-científicos disponíveis hoje.

A autora, mulher, bibliotecária, pesquisadora que se envolve com o objeto eleito e apaixonadamente, na medida em que o identifica, que o entende pela análise, que o explica pelas suas múltiplas relações, nos apresenta-o.

Como não proceder deste modo, exatamente quando se deseja resgatar a história de uma instituição destinada às mulheres e recuperar aspectos relativos à educação feminina no século XIX?

Como não vibrar com o resgate, com a recuperação daquilo que historicamente foi sinal de mudanças qualitativas nas relações entre os homens?

Pois bem. E com toda essa força que a presente obra nos traz, primeiro, rico material de fontes primárias levantadas, recuperadas do anonimato ou da esfera privada, para compor o quadro que caracterizou a existência do Colégio Florence de Campinas (1863-1889). Sustentando esta existência há um contexto que, generosamente apresentado, possibilita ver aspectos de uma sociedade da segunda metade do século XIX.

Em segundo lugar, mas não segundo em importância, está presente o principal: os aspectos da educação feminina voltada para as mulheres de uma certa origem social e dentro das características dominantes, na época, do que se considera ser uma educação adequada.

O leitor, com certeza, posicionar-se-á face a esta obra, mas independentemente do posicionamento que vier a assumir, terá autora no universo dos seus interlocutores. Por que? Porque os resultados aqui apresentados somam-se a outros de natureza semelhante e sugerem a necessidade de que maior produção, cada vez de qualidade superior, seja efetivamente estimulada. Somente assim a historiografia da educação brasileira continuará a ser construída.

JOSÉ LUÍS SANFELICE - FE/UNICAMP

ISBN 858556228-5

9 798585 562280

Centro de Memória UNICAMP

UNICAMP